



número dedicado aos C.^{os} F.^o do
Gazeta dos
Caminhos de Ferro
Vale do Vouga



VIDROS E CRISTAIS
FRASCARIA PARA LABORATÓRIOS

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE CRISTA-
LARIA DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

ESTIRAGEM MECÂNICA DE TUBO DE
VIDRO — EM MONTAGEM (Única no País)

SÉDE:

Centro Vidreiro do Norte de Portugal

OLIVEIRA DE AZEMEIS

Telefone P. B. X. 12 e 21

Telegramas: CÊVÊ

Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVIGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Seca, 7, 1.º — LISBOA — Telefone: P B X 2 0158; Direcção 2 7520

Premiada nas Exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pórtó, 1897 e 1904
Liège, 1906; Rio de Janeiro, 1908. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, Estados Unidos, 1904

Delegado no Pórtó: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 5 — Telefone 898

1363

1—OUTUBRO—1944

ANO LVI

Número avulso: Esc. 3\$00. Assinaturas: Portugal (semestre) 30\$00

África (ano) 72\$00. EMPREGADOS FERROVIÁRIOS (trimestre) 10\$00

O PRESENTE NÚMERO CUSTA 25\$00

REVISTA QUINZENAL

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSELHO DIRECTIVO:

General RAÚL ESTEVES

Coronel ALEXANDRE LOPES GALVÃO

Engenheiro RAÚL DA COSTA COUVREUR

Engenheiro AUGUSTO CANCELA DE ABREU

Engenheiro LUIZ FERNANDO DE SOUZA

DIRECTOR-GERENTE:

CARLOS D'ORNELLAS

SECRETÁRIOS DA REDACÇÃO:

Engenheiro ARMANDO FERREIRA

AMÉRICO PRAGA LAMARES

REDACÇÃO:

MIGUEL COELHO

ALEXANDRE SETTAS

REBELO DE BETTENCOURT

Professor JOSÉ F. RODRIGUES

COLABORADORES:

General JOÃO DE ALMEIDA

Coronel de Engenharia CARLOS ROMA MACHADO

Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES

Coronel de Engenharia ABEL URBANO

Capitão de Engenharia MÁRIO COSTA

Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN

Capitão de Engenharia JAIME GALO

Major HUMBERTO CRUZ

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

ANTÓNIO MONTEZ

Engenheiro ADALBERTO FERREIRA PINTO

Dr. MANUEL MÚRIAS

RAÚL ESTEVES DOS SANTOS

COLABORADOR ARTÍSTICO:

STUART DE CARVALHAIS

SUMÁRIO

«Gazeta dos Caminhos de Ferro», número dedicado ao Vale do Vouga	377
Caminhos de Ferro, pelo Eng.º <i>T. Ferreira d'Almeida</i>	383
Caminhos de Ferro do Vale do Vouga	389
Espinho à vista! . . ., por <i>Carlos de Morais</i>	410
Espinho, por <i>Benjamin da Costa Dias</i>	414
«Liga dos Interesses Gerais de Espinho», por <i>R. de B.</i>	416
Vila da Feira	429
Arrifana (de Santa Maria), por <i>Vicente Rebelo de Sousa Reis</i>	442
S. João da Madeira, por <i>José Soares da Silva</i>	450
S. João da Madeira, por <i>Belmiro António da Silva</i>	452
S. João da Madeira, por <i>A. P.</i>	460
Vila de Cucujães, por <i>A. A.</i>	481
Cucujães, por <i>João Domingues Arede</i>	482
S. Tiago de Riba-Ul, por <i>J. M. Pinto</i>	488
Oliveira de Azemeis	491
Oliveira de Azemeis e os pintores das suas paisagens maravilhosas, por <i>Rebello de Bettencourt</i>	495
Vale de Cambra	501
A indústria de Lacticínios de ontem e de hoje, por <i>A. R.</i>	504
Empresa de Transportes Gandra, L.ª, por <i>M. A.</i>	507
Albergaria-a-Velha	511
Sever do Vouga, por <i>Luciano Lobo</i>	520
Pessegueiro do Vouga, por <i>Joaquim Martins</i>	523
«Sociedade Industrial do Vouga, L.ª»	526
Oliveira de Frades, por <i>A. M.</i>	528
Breves apontamentos sobre a história e turismo de Vouzela, pelo Dr. <i>José Coutinho</i>	533
A Vouzela . . . pelo Vale do Vouga, por <i>J. Moreira Vinhas</i>	535
S. Pedro do Sul e as suas termas, por <i>A. Barbosa</i>	542
Termas de S. Pedro do Sul	549
Viseu, centro de turismo, por <i>Lucena e Vale</i>	551
Valongo do Vouga, por <i>J. S. Souza Baptista</i>	573
Agueda, pelo Dr. <i>Fausto Luiz de Oliveira</i>	578
Agueda, a linda, por <i>António Serêno</i>	581
Aveiro, a cidade da Ria, por <i>Eduardo Cerqueira</i>	590
O que o visitante deve ver em Aveiro.	594
A grande actividade dos estaleiros de Manuel Maria Bolais Mónica	607
Companhia do Caminho de Ferro de Benguela	613
Engenheiro Cancela de Abreu	614
Carlos d'Ornellas	614
Caminhos de Ferro Coloniais	615
O ramal da Sociedade Estoril para o Estádio	615
Ateneu Ferroviário.	615
Há 50 anos	615
A Guerra e os Caminhos de Ferro.	616
Parte Oficial.	618
Espectáculos.	619

«Gazeta

dos

Caminhos de Ferro»



O presente número

é dedicado à região

do

VALE DO VOUGA

A presente edição especial da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* é consagrada a uma das regiões mais belas e industriosas de Portugal — ao VALE DO VOUGA. Esta expressão acorda na mente recordações saúdosas de paisagens encantadas ou inspira o desejo irresistível de visitar os lugares de sonho que nos indica.

Mas, ao mesmo tempo, fala-nos duma zona de trabalho que se impõe pela sua qualidade e grandeza, e persistência da sua gente laboriosa, hospitaleira e boa.

A dar vida, amplitude e riqueza, à for-

mosa região lá está a Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga, que tanto tem contribuído, não só para a prosperidade local como para a economia do País.

O nosso número especial, de 256 páginas, é naturalmente dedicado também aos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga. À importante Companhia devemos em grande parte o êxito desta edição.

Não podia, portanto, a *Gazeta* deixar de dirigir os seus melhores agradecimentos ao Conselho de Administração da Companhia, ao seu digno director, engenheiro Constantino de F. Cabral, ao seu competentíssimo director de Exploração, engenheiro F. Tristão de Almeida, de quem publicamos um artigo notável, sem esquecer o Inspector Ferreira de Almeida, bem como todo o pessoal da Companhia, pelo auxílio que nos dispensaram para a organização do presente número.

Para a prestigiosa Empresa, na pessoa

dos seus mais categorizados membros até aos seus mais humildes colaboradores, vão, pois, as nossas mais calorosas homenagens, com votos de crescente prosperidade.

Sem a acção da Companhia, o Vale do Vouga não seria o que é hoje, principalmente nestes difíceis tempos de guerra, em que o Caminho de Ferro veio resolver problemas que meios de transporte mais «modernos» não souberam solucionar.

A indústria e o comércio florescentes do Vale do Vouga devem importante parte do seu triunfo aos Caminhos de Ferro da região.

Mas é justo acentuar, também, o esforço admirável dos industriais e comerciantes, que muito têm trabalhado pelas suas respectivas terras e zonas de actividade, no Vale do Vouga.

Todos ou quasi todos se fizeram representar no presente número, em lugares de honra, nas páginas consagradas a

Espinho, Vila da Feira, Arrifana, S. João da Madeira, Vila de Cucujães, S. Tiago de Ribas-Ul, Oliveira de Azemeis, Vale de Cambra, Albergaria-a-Velha e Albergaria-a-Nova, Sever do Vouga, Pessegueiro do Vouga, Oliveira de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul, Viseu, Valongo do Vouga, Águeda e Aveiro.

A todos, bem como aos industriais e comerciantes de Lisboa e Pôrto, que nos honram com a sua presença, agradecemos, reconhecidamente, a sua prestimosa colaboração moral e material.

Resta-nos agradecer a todas as demais entidades, que nos auxiliaram na nossa árdua tarefa, o seu concurso desinteressado, a sua boa vontade e disposição.

Do nosso esforço, sempre norteado por princípios que só podem bem servir a colectividade e a Nação, compete aos outros julgar e ao seu juízo nos submetemos, conscientes de que nos esforçámos por fazer o melhor que pudemos e soubemos.

CAMINHOS DE FERRO

PRIMEIRO BALANÇO DO TEMPO DE GUERRA

Pelo Eng.º T. FERREIRA D'ALMEIDA

SERÁ ainda motivo de interesse falar de Caminhos de Ferro? Esta pergunta tem, parece-me, justificação, porque não vai longe o tempo de tão forte derrotismo—mesmo naquêles que tinham, por muitos títulos, o dever de serem homens de forte fé ferroviária que, falar de caminhos de ferro, era quasi motivo de trôça, pelo menos de aborrecimento, assunto que parecia destinado só às lucubrações de conspícuos arqueólogos...

São agora outros os tempos, ao que parece, por muitos e variados motivos ou sintomas a que adiante se fará referência; mas que não fôsem, nem por isso, ou talvez por isso mesmo, deixaria de julgar oportuno dizer o que vai seguir-se.

Não será de estranhar que me refira em especial ao Vale do Vouga, que está vivo e rijo, mesmo depois de quasi 5 anos de trabalho intenso como nunca tivera, no meio de dificuldades crescentes e tantas vezes aflitivas, isto tudo, de resto, como todos os outros; e que, também como todos os outros, continua a fazer pela vida própria e de muitos que dêle usam, quantos podendo bem dizer-se que só por meio dêle vivem, embora nem sempre o reconheçam.

Porque êsse período de dificuldades de tôdas as ordens ainda não acabou—e acabará breve?...—não é possível desde já fazer um balanço ou apreciação definitivos da maneira como os Caminhos de Ferro, corresponderam e satisfizeram os interesses e necessidades das regiões respectivamente servidas, da economia geral e

outros altos interesses da nossa terra. Não, sabemos, é verdade, o que ainda virá, mas sabemos, de certeza, o que já temos feito, e perante os números estatísticos encontrados julgo poderemos afirmar, sem receio de qualquer espécie, que se conseguiram resultados senão óptimos ao menos muito acima do que seria lógico esperar, dado, primeiro, as precárias condições a que mais ou menos todos tinham chegado em Setembro de 1939, e, depois, o acréscimo de trabalho e dificuldades a que houve de fazer face.

É tempo de dizê-lo e dizê-lo bem claro, creio eu, tanto mais que já isso se disse de bem alto...

Na verdade, em Setembro de 1939, ao iniciar-se a guerra e com ela o intenso período de trabalho e tremendas dificuldade com que temos lutado, todos os caminhos de ferro tinham chegado a difficil situação, em crise que, mais ou menos acentuada para cada Empresa, começara 10 ou 12 anos antes.

Foi o período negro do caminho de ferro, material e moralmente: repararam-se as estradas e cresceu o número de veículos automóveis, o que seria óptimo para todos em geral, se desde logo se coordenassem devidamente os dois meios de transporte levando e estendendo a enorme vantagem do transporte mecânico em comum a todos os recantos do país e se não se tivessem permitido—pelo contrário—a multiplicidade dos meios de transportes nas zonas ricas que o caminho de ferro criara ou desenvolvera... Projectas de má morte agoiravam o desaparecimento próximo do caminho de ferro, «velharia ruidosa, fer-

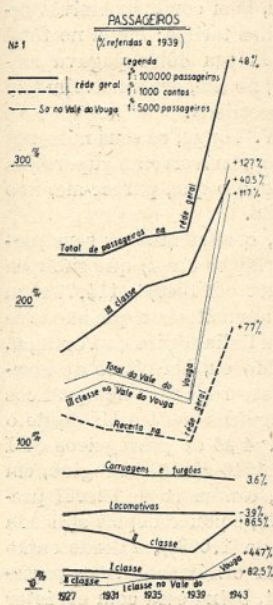


GRÁFICO N.º 1

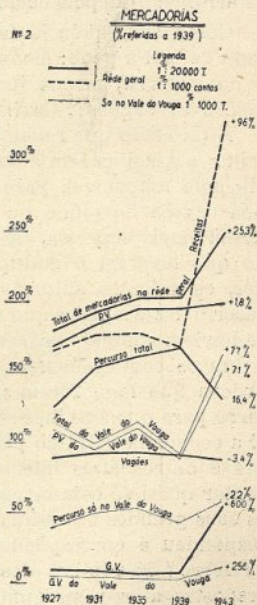


GRÁFICO N.º 2

rugenta e fumegante», teimosamente apegada tanto aos carris como a obsoletas fórmulas de inconcebível rigidez... A velha locomotiva, «esse pesado veículo todo de ferro» — como não sei quem um dia lhe chamou com sentido depreciativo — ia desaparecer para ser substituída, em tudo e por tudo, pelo livre, novo e aliciante automóvel. Muitos assim o acreditaram, derrotismo grave de que resultou abandono sem luta de muito do nosso terreno a dar-se razão àqueles maus agoiros quando, em verdade, desde princípio e desde logo, se devia ter lutado, forte e decididamente, para que se estudasse e estabelecesse devidamente a boa coordenação dos diferentes meios de transporte, deixando, reservando e impondo a cada um o que técnica e economicamente a cada um deve pertencer.

Dessa multiplicidade de meios de transporte nas melhores zonas antes servidas só pelo caminho de ferro ao passo que outras zonas pouco ou nenhuns tinham, resultou, antes de mais, a divisão por dois do tráfego geral do país, sempre tão reduzido que mesmo para um só não era grande coisa, e, conseqüentemente, inevitável diminuição de receitas em queda mais ou menos rápida mas para todos grave. E tudo tão grave e tão alarmante que chegou a criar-se um tal ambiente de descrença nas condições e possibilidades de vida do caminho de ferro que aconteceu quando de discussões entre ferroviários novos que queriam lutar e ferroviários novos que queriam lutar e ferroviários velhos já de todo vencidos alguns destes disserem para aqueles: «não vale a pena lutar, isto deu o que tinha a dar: para nós ainda chegará; vocês, novos, por cá se arranjarão depois como puderem!»...

Como conseqüência fatal e inevitável, tudo ia indo de mal a peor: menos boa conservação da via e do material, menos locomotivas, menos vagões, menos carruagens... assim se ia e se chegou a 1939.

E foi então que rebentou a guerra e começou a faltar a gasolina sem a qual se não mexe o livre e aliciante automóvel, para o qual é intragável uma boa cavaca de pinho ou sôbro nacionais... Mui-tíssimo mais depressa, em muitíssimo menos tempo do que levaram a multiplicar-se, por essas estradas, os veículos automóveis começaram a desaparecer delas e aqueles que nos seus deliciosos braços se haviam confiado cegamente começaram a ver-se a braços com tremendas dificuldades de tôdas as ordens que logo foram apresentar ao caminho de ferro para que este lhas resolvesse num instante... E a economia geral do país, tôdas as suas actividades e outros altos interesses tiveram de passar a contar quasi só com os carris para satisfazer tôdas as suas grandes necessidades em transportes. Como respondeu e correspondeu a tudo isso o caminho de ferro? Nas linhas dos gráficos juntos estão as respostas a essa pergunta que esclarecerei com alguns comentários a cada um deles.

Dois destes gráficos, n.º 1 e 2, têm várias linhas umas relativas a passageiros e mercadorias em toda a rede portuguesa, e outras a passageiros e mercadorias só do V. V., isto para melhor apreciação do que no V. V., se passou e consta mais em detalhe e só quanto a passageiros, dos outros dois gráficos (n.º 3 e 4).

PASSAGEIROS (gráficos n.ºs 1, 3 e 4)

De 1939 para 1943 houve os seguintes aumentos da quantidade e receita de passageiros:

	Em toda a rede	Só no V. V.
I classe	459.500	93.800
mais	82,5%	447%
II classe	2.143.300	Não tem II
mais	86,5%	—
III classe	8.299.300	742.600
mais	40,5%	117%
Total	12.155.100	836.400
mais	48%	127%
Receita	79.000 contos	3.400 contos
mais	77%	119%

O gráfico n.º 1 refere-se ainda aos anos de 1927, 1931 e 1935 de que se não citam aqui os respectivos números, por ser bastante a linha do gráfico para dar ideia do modo como se vinha seguindo. São de notar e comparar as linhas relativas às quantidades, em especial a de III, com a linha relativa à receita: aquela sobe e esta desce, o que deve ser devido à fuga dos passageiros, de I e II em especial, para outros meios de transporte, e dos passageiros de longo curso, bem como sucessivas reduções de preço em muitas tarifas: havia no total mais passageiros, mas cada um deles pagava menos... e tanto menos que, no fim, era sensivelmente menor a receita total arrecadada.

Pelo que respita ao V. Vouga, os seus números — em % é evidente — são sensivelmente superiores aos da rede geral do país, o que, parece-me, não deixa o V. V. mal colocado.

É notável, sobretudo, o aumento dos seus passageiros de 1.ª classe (gráficos 3 e 4) que subiram de 21.000 em 1939 (20.200 em 1940) a 114.794 em 1943 ou seja mais 447%, aumento este que não teve similar em qualquer outra linha férrea de Portugal.

Este caso merece, cuido eu, um pouco de atenção. Para boa compreensão repare-se nos gráficos n.º 3, relativo aos passageiros de I e III desde o início da exploração e n.º 4 só de passageiros de I por mezes nos anos de 1940 a 1943. Atingido, em aumento quasi contínuo, o número de 62.087 passageiros de I e II em 1923, é pouco depois aplicada nas tarifas a sobretaxa de 1.000% e desde então não mais deixa de baixar o número desses passageiros até Março, de 1941, baixa essa com carácter alarmante em 31 e 32, quando concluída a repara-

ção da E. N. Lisboa-Pôrto, o que também se fez sentir nos de 3.ª que, entretanto, depois se mantiveram com pequenas oscilações.

Com a supressão da II classe e redução de preços da I em 1932, (gráfico n.º 3) diminuiu a velocidade da queda por forma sensível; em 5/3,941 começaram a circular as automotoras no V. V. e a partir desta data tem subido, e muitíssimo mais depressa do que havia caído, o número de passageiros de I, como se vê nos gráficos n.ºs 3 e 4 detalhadamente.

Para mim a causa principal de tão extraordinário aumento do número de passageiros no V. V. e o reduzido preço da sua I classe, ligeiramente inferior ao da II das outras linhas, circunstância esta de que resultou passar à I classe exponencialmente muitíssima gente que habitualmente andava em 3.ª mais e mais, à medida que nesta faltavam lugares; depois, como segunda causa, as automotoras, as quais, sem a menor dúvida, chamaram de novo ao caminho de ferro muitos dos que se haviam habituado ao automóvel e por nada queriam o combóio, devendo ainda considerar-se, como 3.ª

causa, o facto de termos melhorado o horário de antes da guerra.

Tal aumento de número de passageiros confirmou, para mim ao menos, a opinião que há muito tinha de que a causa principal e fundamental da baixa do número de passageiros de I e II, daquela em especial, foi a aplicação da sobretaxa de 1.000%, sem alteração das bases respectivas das diferentes classes, do que resultou ficar a 1.ª com preço muito elevado em relação à 3.ª sobretudo tendo em atenção as possibilidades económicas da grande maioria

da nossa população. Somos um país de economia senão pobre ao menos muito modesta, onde não há muito quem pague preços elevados para se transportar, sem grandes vantagens compensadoras em comparação com os que pagam muito menos; e tudo isso se agravou com o desenvolvimento do automóvel, pois uma grande parte dos que podiam pagar mais substituíram o combóio pelo automóvel próprio ou de aluguer, conforme os casos.

Julgo pois, por tudo isto, que em qualquer modificação das tarifas de passageiro a fazer algum dia se devia considerar este facto, estudá-lo e ver até que ponto convirá subir os preços de 1.ª e de 3.ª e, ainda, considerar o caso da redução das classes a 2 apenas, hipótese esta de que resultaria a economia imediata do transporte de muitos milhões de toneladas brutas, pêso morto que se anda arrastando em muitos combóios por esse país fóra com aproveitamento mínimo.

MERCADORIAS
(gráfico n.º 2)

De 1939 para 1943 houve os seguintes aumentos no tráfego de mercadorias, expressas

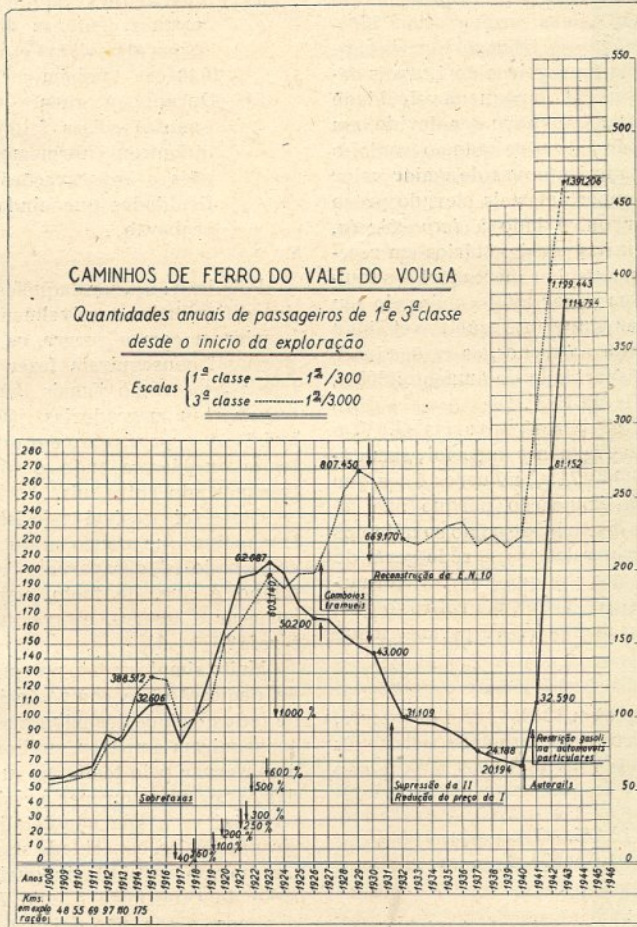


GRÁFICO N.º 3

em milhares de toneladas e de contos:

		Em toda a rede	Só no V. V.
G. V.	mais	962,0	8,7
		600 %	256 %
P. V.	>	69,6	63,5
		1,8 %	71 %
Total	>	1.032,6	72,3
		25,3 %	77 %
Receita	>	160,8	3,3
		96 %	139 %

Do exame do gráfico n.º 2 e dos números que se acabam de citar verifica-se que no transporte de mercadorias se deram, embora não tão acentuados, fenómenos idênticos aos que se verificaram no transporte de passageiros: de 1927 a 35 subiram as quantidades e receitas totais, estas menos rapidamente do que aquelas e de 35 a 39 as receitas baixaram acentuadamente, apesar, das quantidades ainda aumentarem; e de 1939 para 1943 as quantidades aumentaram 25,3%, e as receitas totais 96%, notando-se maior aumento no transporte mais caro como aconteceu com os passageiros de 1.ª, pois enquanto a G. V. aumentou 600%, a pequena velocidade apenas aumentou 1,8%. Isto deve ser devido, em boa parte, a terem aparecido e voltado ao caminho de ferro muitas mercadorias novas de maior valor que mais facilmente suportam mais elevado preço de transporte, e por outro lado à *impaciência*, digamos assim, de muitos consignatários em receber o mais depressa possível as mercadorias adquiridas, não hesitando em pagar muito mais pelo seu transporte. Devo dizer entretanto que ficam ainda por explicar, para mim ao menos, as razões inteiras de tão grande disparidade de aumento: 600% na G. V. e apenas 1,8% na P. V.

Quanto ao V. V., só por si, teve em G. V. o aumento de 256%, sensivelmente superior, sem dúvida, ao da P. V., apenas 71%, números estes que têm muito mais fácil explicação porque não há entre eles tão grande disparidade como se nota nos números acima citados, relativos à rede geral do país. Pode, creio eu, dizer-se que no V. V. foi menor a *impaciência* a que acima me refiro, o que, parece-me, não deixa mal o V. V. perante a sua região.

* * *

Resumindo, direi que em 1943, 4.º ano de guerra, os caminhos de ferro do continente português transportaram mais, em relação a 1939, último ano de paz.

Passageiros, mais 12.155.100 ou seja mais 48 %;
Mercadorias, mais 1.032.600 Ton. ou seja mais 25,3 %.

É, sem dúvida, alguma coisa de notável; mas, para tudo se avaliar melhor e mais justamente, sobretudo para mais segura lição se tirar desses números, como é de esperar que se tire, é preciso dizer, notar e reparar bem no seguinte:

- 1) — Em 1939 os caminhos de ferro vinham desde há 10 ou mais anos em crise de receitas mais ou menos acentuada ou grave, o que os impediu de proceder à reparação e conservação do seu material e via tão bem como seria de desejar;
- 2) — As locomotivas a vapor e outros meios de tracção em serviço em 1943 eram todas das

já existentes em 1939, a maior parte das quais com ou muitas dezenas de anos de serviço e centenas de milhares e até milhares de quilómetros de percurso;

- 3) — De 1939 a 43 adquiriram-se algumas dezenas de carruagens novas, mas demoliram-se muitas outras, de modo que o seu número total era menor em 1943;
- 4) — Igualmente se adquiriram durante a guerra algumas centenas de vagões, mas outros foram demolidos e o seu número total em 1943 era também menor do que em 1939;
- 5) — Durante a guerra tem faltado tudo — e quantas coisas faltaram de todo? — o que dificultou enormemente tôdas as reparações e conservações de via e material, dificuldades que ainda se não sabe quando acabarão...

Pois bem: apesar-daquêles maus antecedentes e das dificuldades terrivelmente agravantes que sobrevieram com a guerra, os caminhos de ferro de Portugal conseguiram fazer face às exigências de transportes como já mais lhe haviam sido feitas e transportou mercadorias, passageiros, tropas, material de guerra, etc., em quantidades tais que de longe excederam tudo o que até então se tinha transportado entre nós.

Como foi possível tudo isto com um sistema de transporte que pouco antes muitos consideravam condenado a desaparecer em breve espaço de tempo e que, de facto, como se disse acima, ao começar a guerra, estava mal preparado para tal tarefa?

Muito simplesmente porque prodígios de técnica, de dedicação, de competência e brio profissional de todos os que trabalham nos caminhos de ferro conseguiram amparar, melhorar e assim prolongar e conservar pelo tempo as suas características fundamentais de segurança e resistência, aproveitando ao máximo a sua adaptabilidade às mais difíceis circunstâncias, capacidade transportadora e eficiência magníficas ainda inegaladas qualquer outro meio de transporte e cujo *limite de elasticidade*, digamos, ainda não foi encontrado; de tal modo que a «velha» locomotiva — algumas de véras velhas, em verdade! — o tal «pesado veículo todo de ferro», «fumífero», «estridente» e «barulhento», cansada de anos e trabalhos, menos bem cuidada, troçada e ridicularizada por tantos e tantos, afirmou ainda uma vez o seu altíssimo e insubstituível valor e as suas inexcedíveis possibilidades, com tal segurança e firmeza que não devem ter ficado dúvidas a quem tenha de ver e resolver o futuro que a espera... e nos separa...

Parece haver sintomas de que, em verdade, aqueles tempos mudaram. O primeiro desses sintomas foi a comunicação do Ministério da Guerra

publicada em 14-10-943 logo que terminou a concentração de tropas para as manobras e da qual se transcrevem alguns períodos:

«Com a chegada às estações de desembarque dos últimos combóios de tropas, terminaram os transportes de grande envergadura...

Salvo o que respeita à requisição de viaturas automóveis cuja execução veio revelar sérias deficiências...

Menção muito especial merecem os servi-

foram de «eficiência notável» e «precisão inexcusável».

Nada me interessa saber porque se deu ou como foi tal deficiência; verifico apenas o facto, o contraste ressaltante daquela comunicação oficial entre os serviços de um e outro meio de transporte e em que eu vejo qualquer coisa de reparação ou desforra para o caminho de ferro...

Melhor, bem melhor, porém, é o que disse o deputado Prof. Amorim Ferreira, na sessão de 4/4/944 ao discutirem-se as Contas do Estado de 1942, relativamente ao caminho de ferro. Referiu-se à desordem completa da camionagem nos seus primeiros tempos e tardio remédio do Decreto 23.499 quanto à concorrência ao caminho de ferro, de que resultou o agravamento do «deficit» dèstes e a conseqüente má situação em que estavam em 1939, de tal modo que, diz o Prof. A. Ferreira: «O esforço era, à primeira vista, desproporcionado com os recursos disponíveis. A maneira como os caminhos de ferro se comportaram veio novamente demonstrar que eles são ainda o meio de transporte por excelência para grandes cargas a grandes distâncias e com velocidade que podem tornar-se superiores às de qualquer outro sistema de transporte terrestre. A redução dos transportes pesados por estrada começa a fazer-se sentir em 1940; e logo se manifesta a acção dos caminhos de ferro no sentido de diminuir as suas conseqüências. Os meios de acção eram precários, mas os resultados excederam as previsões mais optimistas.»

Dá depois números relativos aos resultados obtidos em 1942, indica sumariamente o material disponível dos caminhos de ferro e o seu estado deficiente e aponta a necessidade de quanto antes se tratar de melhorar tal situação, estudando convenientemente o problema dos transportes, completar a rede ferroviária, conjugar devidamente caminho de ferro com camionagem, etc. E termina afirmando que quem resolver tal problema «prestará um grande serviço à economia nacional». Poucas semanas depois, em 10 de Maio, foi nomeada uma Comissão para rever o plano da rede ferroviária, donde há que concluir que o problema está de facto a ser estudado no sentido, não de levantar os carris e mandar as locomotivas para um museu, como há anos se dizia, mas no de pôr as coisas no seu lugar.

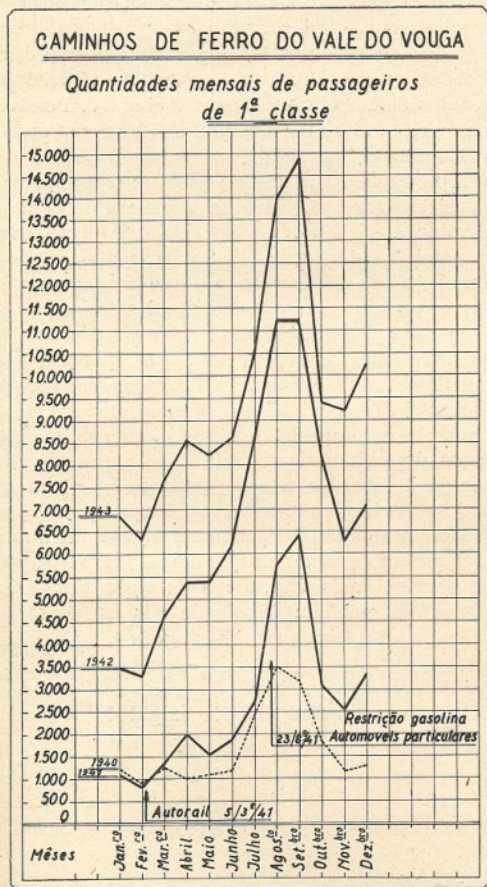


GRÁFICO N.º 4

ços ferroviários portugueses que executaram tôdas as disposições do plano de transportes com eficiência notável e precisão inexcusável.»

Pertence à C. P., justíssimo é dizê-lo, o melhor daquêlê louvor, pois a ela coube a maior parte, quási totalidade, dos transportes feitos. E daquela comunicação se vê que houve deficiências nos serviços automóveis, enquanto que os ferroviários

Na relatividade de condições e possibilidades o que acaba de dizer-se da rede geral do país, pode dizer-se também do V. V. que em 1943 transportou mais do dôbro dos passageiros de 1939 e quási o dôbro de mercadorias, fazendo tudo isto exactamente com as mesmas locomotivas, com os mesmos vagões e com as mesmas carruagens que tinha em 1939, e, mais, apenas as três automotoras

que construiu nas oficinas de Sernada e pôz em serviço até Dezembro de 1943.

Sem receio afirmo que se fez *alguma coisa* que julgo merecedora de boa nota e que se deve na máxima parte ao esforço, dedicação e aptidões profissionais do pessoal respectivo, desde Chefes de Serviço ao mais humilde agente do V. V., aos quais, todos, aqui deixo o meu louvor bem merecido.

Poderá dizer-se que seria preciso muito mais; talvez, mas *isto* ainda não acabou e até ao fim é tempo de se ver tudo o que se fará... Para já, o que pode verificar-se é que, de um modo geral, não houve quem fizesse mais pelo que lhe competia do que o V. V. fez pela sua região; resta saber, e isto é o que mais importa, para futuro sobretudo, o que a tal respeito pensam aquêles que utilizam os nossos serviços.

Nos últimos anos antes da guerra, principalmente por causa da multiplicidade dos meios de transporte, tôdas as Companhias fizeram maiores ou menores reduções de preços, deram facilidades e assumiram encargos vários para assegurar tráfego e aconteceu que muitos dos assim favorecidos abandonassem, apesar de tudo isso, o caminho de ferro, logo que tiveram reconstruída a estrada que lhes passava à porta.

A alguns dêses que me apareceram a pedir especial atenção para a sua indústria, mal viram que iam parar os seus caminhões por falta de gasolina, disse eu que não se admirassem nem se zangassem comigo se lhes dissesse que êles tinham grave responsabilidade no que acontecia ou seja deficiência dos nossos serviços, porque abandonando o caminho de ferro junto do qual se haviam fixado e com o qual tinham prosperado, tiraram a êste os meios de poder desenvolver-se também e melhorar paralelamente o seu material e serviços. Concordaram e alguns me disseram que não se esqueciam da lição que de bom grado aceitavam; o futuro dirá até que ponto dela se lembraram, êstes e todos,

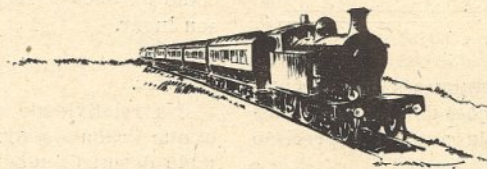
tantos outros, que de igual modo haviam procedido...

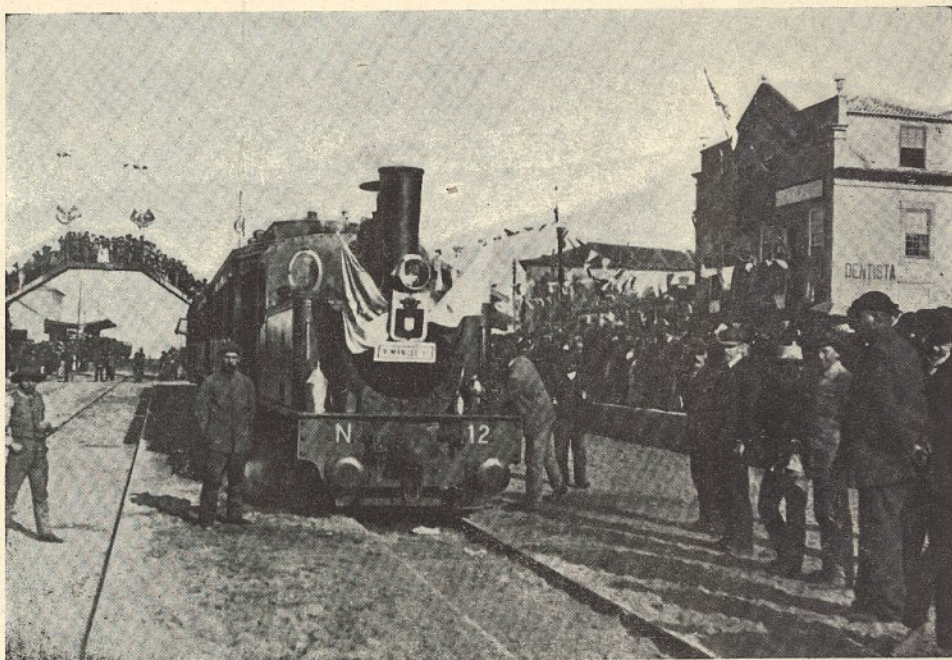
Não esqueçam: os carris não se mudam ao sabôr das conveniências de cada dia... Onde se montam *ai ficam para sempre, defeito e valor magníficos do caminho de ferro.*

* * *

Tudo isso está certo, dizem os *derrotistas* em primeiro lugar e, depois, muitos outros, que parecem pessoas de bom senso; mas quando esta guerra acabar — oxalá em dia próximo! — e, se não começar outra que nos traga maiores complicações, breve se começará a restabelecer a normalidade de todos os transportes, o que trará para o caminho de ferro novos dias de «apagada e vil tristeza» de antes de 1939 ou mais graves ainda... Possivelmente, se tudo voltar a ser ou a ficar como era ou estava antes dêsse ano...

Aqui é que está a grande questão: se êste grande e decisivo ensinamento que a guerra deu quanto ao valor, à eficiência, à adaptabilidade e resistência do caminho de ferro foi devidamente notado e apreciado e se dêle se tiram desde já as conseqüências que parecem devidas. Por mim creio que sim e que nisto se verão, também, um dêstes dias «coisas novas em Portugal», até mesmo porque, se se reconheceu que o caminho de ferro prestou, em circunstâncias tão difíceis, o mais alto serviço à economia em especial e ainda a outros altos interesses do país, seria êrro dê visão a que não estamos já habituados, não lhe proporcionar, remodelando-os e renovando-os, meios, de qualquer ordem, que lhe permitam, normalmente ou em outra qualquer circunstância difícil que algum dia surja, prestar serviço mais alto, de mais valia ainda. Que outros que venham depois de nós não sintam as dificuldades que nós sentimos agora e, mais felizes, possam, melhor do que nós — por terem melhores meios mas não melhor boa vontade — satisfazer melhor ao que então lhes fôr exigido!





Combóio Real de inauguração do trôço de Espinho a Oliveira de Azemeis, em 21-12-908

Caminhos de Ferro

do VALE do VOUGA

PRIMEIRA PARTE

I

Natureza da linha e sua ligação à rede geral

OS Caminhos de Ferro do Vale do Vouga são constituídos por uma linha e um ramal de grande valor económico e militar, incluídos no grupo de via reduzida da rede a norte do Mondego.

Estão ligados à rede geral de via larga nas estações de Espinho e Aveiro, da C. P.; e em Santa Comba Dão, por intermédio do ramal de via reduzida de Santa Comba a Viseu, da C. N., à linha da Beira Alta, pondo assim toda essa rica região em comunicação directa com a zona marítima do centro do país. Encravados entre duas linhas de via larga, obrigados a trans-

bordos, o que constitue encargo e complicação grave, sobretudo nas suas relações com o Pôrto, só adquirirão o pleno desenvolvimento quando tiverem a sua «testa» marítima, no pôrto de Aveiro, em plena eficiência e, principalmente, acesso directo ao Pôrto pela linha de Arrifana à Trindade, para os ligar, também, à rede de via reduzida do Minho e pôrto de Leixões.

Para a realização destes objectivos têm já construído o pequeno ramal de Aveiro ao Canal de S. Roque, utilizado largamente para transporte de pedra para as primeiras obras deste pôrto, em 1933 e 1934, cuja conclusão, parece, só a guerra actual tem impedido; e têm também feitos os primeiros estudos e longamente instado pela construção da linha de Arrifana, que é de fundamental importância para a economia da região e do maior interesse para a vida da Companhia, tais e tão graves são os efeitos do

transbordo em Espinho, em especial por causa da curta distância a que se encontra, do Pôrto e de Leixões, a melhor zona industrial do Vale do Vouga ou seja de Espinho a Oliveira de Azemeis.

II

*História da concessão. Início dos trabalhos.
Abertura à exploração*

Em 1889 foi pedida pela primeira vez, pelo dr. Basílio de Castelo Branco, a concessão gratuita pelo prazo de 99 anos, de uma linha de caminho de ferro de via reduzida, que, partindo de Espinho, deveria passar por Vila da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Sever do Vouga, Couto de Esteves, Oliveira de Frades e Vouzela e fôsse entroncar no caminho de ferro de Viseu a Santa Comba Dão, na estação de Torre Deita ou na de Viseu; e de um ramal, saindo da linha principal nas proximidades de Sever do Vouga, em direcção a Aveiro. Por alvará de 11 de Junho desse ano foi dada a respectiva concessão ao requerente, no nome de Frederico Pereira Palha, não conseguindo êles organizar companhia que a levasse a efeito. Por decreto de 16 de Fevereiro de 1900 foi a linha do Vale do Vouga incluída na rede complementar de caminhos de ferro a norte do Mondego, permitindo-se que à sua concessão fossem exten-

sivos os benefícios da lei de 14 de Julho de 1899, mas nem com êste auxílio se conseguiu levar a efeito a sua construção por falta de capitais. Para obviar a esta dificuldade foi assinado, a 15 de Abril de 1905, um contrato provisório baseado em subvenção por garantia de juro e depois aprovado pela lei de 20 de Dezembro de 1906. Nesse mesmo ano tomou de trespassse a concessão a *Compagnie Française pour la Construction et l'Exploitation des Chemins de Fer à l'Etranger*, iniciando os trabalhos de construção em fins de 1907.

A linha foi aberta à exploração no trôço Espinho-Oliveira de Azemeis, numa extensão de 32,750 km., em 21 de Dezembro de 1908; o trôço Oliveira de Azemeis ao km. 52,700, na extensão de 19,959 km., em 1 de Abril de 1909; daqui a Albergaria-a-Velha, numa extensão de 2,238 km., em 10 de Fevereiro de 1910; o trôço Albergaria-a-Velha—Sernada, com a extensão de 6,703 km., em 10 de Setembro de 1910; o trôço de Sernada a Aveiro, — Ramal de Aveiro —, com a extensão de 34,558 km., em 8 de Setembro de 1911; o trôço Sernada a Rio Meão, com a extensão de 4,000 km., em 29 de Maio de 1913; o trôço Rio Meão a Ribeiradio, na extensão de 14,861 km., em 4 de Setembro de 1913; o trôço Bodiosa a Viseu, com a extensão de 11,114 km., em 5 de Setembro de 1913; o trôço Ribeiradio a Vouzela, na extensão de 25,695 km., em 30 de Novembro de 1913; finalmente o trôço



Inauguração do Caminho de Ferro do Vale de Vouga — Chegada do combóio Real a Espinho

(Foto de Ricardo Ribeiro, publicada no «Ocidente», de 10-12-908)

Vouzela a Bodiosa, com a extensão de 23,090 km., a 5 de Fevereiro de 1914.

III

Extensão e condições gerais da linha

A linha do Vale do Vouga tem actualmente a extensão total de 177,600 km., correspondendo 140,5 km. à linha Espinho-Viseu, 34,600 km. ao Ramal de Aveiro e 2,5 km. ao Ramal do Canal de S. Roque.

A sua *bitola* é de 1 m.; a distância entre as vias nas estações é de 4 a 5 m..

As condições gerais da linha são essencialmente as mesmas em todos os tróços ou secções, caracterizadas por um perfil acidentado, com rampas que vão com frequência a 25 mm., excepção feita no Ramal de Aveiro, que apenas tem uma rampa com aquela inclinação máxima antes da estação da Mourisca e uma de 20 mm. além da estação de Eixo.

Para bem servir a região aproximando-se das povoações e galgar as diferentes cumeadas que separam as linhas de água e descer ao rio Vouga adaptando-se ao terreno, apresenta o seu traçado em planta uma série de curvas e contra curvas, muitas das quais de raio inferior a 100 m.; isto originou-lhe um desenvolvimento enorme em relação às distâncias que em verdade separam os principais centros servidos directamente pela linha férrea. Ainda o acidentado das regiões que atravessa obrigou à construção de numerosas pontes e viadutos e à abertura de fundas trincheiras e numerosos pequenos tuncis, o que, tudo, elevou o preço da sua construção e agora agrava mais ainda os encargos de exploração.

Os centros de população e indústria escalonados ao longo da linha, são servidos por *estações, apeadeiros e paragens*, dotados dos necessários meios e que dia a dia vão sendo melhorados e desenvolvidos, até mesmo com as suas estradas e vias de acesso.



Coordenação de transportes... — Quando a linha chegava só ao quilómetro 52, pouco antes de Albergaria-à-Velha, os passageiros seguiam até Viseu na antiga diligência da carreira



Excursionistas em Oliveira de Azemeis, pouco depois da inauguração da linha, em 1908

SEGUNDA PARTE

O traçado

I

O traçado em geral

O Caminho de Ferro do Vale do Vouga tem a sua origem junto da estação de Espinho da C. P., segue na direcção geral de SSE até à estação de Sernada, servindo a industriosa região de Vila de Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis e Albergaria, etc. Toma depois a direcção leste seguindo no vale do rio Vouga até S. Pedro do Sul, do qual se afasta para subir até Viseu, servindo assim a populosa e rica região de Lafões e a sua capital de distrito. Da Sernada parte o ramal de Aveiro, na direcção SSE até à vila de Águeda, onde inflete para O, até ao seu terminus, Aveiro, onde estabelece outra ligação com a C. P.

Assim, a linha principal Viseu-Sernada-Espinho estabeleceu ligações da tóda essa região com o Pôrto e norte do país, enquanto que o ramal de Aveiro as estabeleceu com o centro e sul.

II

O traçado em planta

A linha do Vale do Vouga, servindo regiões muito montanhosas e acidentadas e em que a população se encontra diversamente espalhada em manchas e nódos por vales e encostas, apresenta um traçado extremamente sinuoso, com muitas curvas e lacetes formando por vezes «raquettes», cujos raios chegam a descer a 90 m, e até menos.

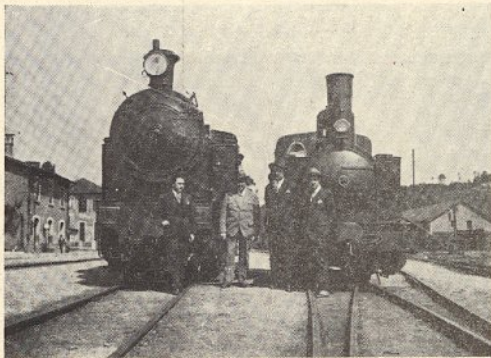
Linha Espinho-Viseu

A linha parte de Espinho-P, ao lado da da C. P. até Espinho-Vouga e toma nos 4 primeiros quilómetros, a direcção SE; caminha depois para E, passando por Oleiros, durante uns 5 km., e inflete para ESE,

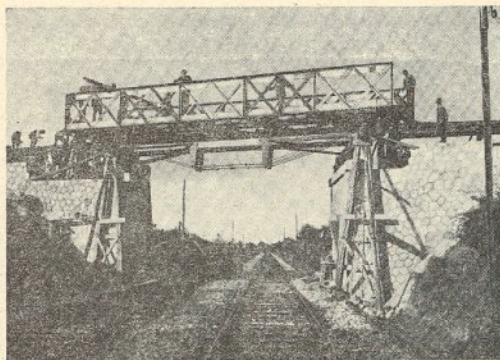
para passar junto de Paços Brandão, até ao Rio Meão, km. 12 e São João de Vêr, ao km. 14. Dali segue para SE, até ao km. 17,500 encurvando abruptamente para S, até à estação de Vila da Feira, afim de se aproximar desta povoação. Corre a seguir para SE, até à Arrifana onde inflete para SSE, até S. João da Madeira, e depois ainda mais pronunciadamente até Oliveira de Azemeis, km. 33, sendo a característica deste primeiro trôço largas curvas cheias de sinuosidades.

A partir de Oliveira a linha inflete ora a O, ora a E, ora a S, passando junto de Ul e Pinheiro de Bemposta, onde a direcção geral para S mais se acentua, até atingir o km. 55 em Albergaria-a-Velha. Daqui até à Sernada, onde atinge a margem direita do Vouga, toma a direcção geral de SE, mas descrevendo curvas em todos os quadrantes em dois pronunciados e amplos lacetes, para vencer grande diferença de nível.

A partir da Sernada a linha segue para NE, junto da margem do rio Vouga, cruza o rio Caima num pontão metálico, atravessa o Vouga na magnífica ponte do Poço de S. Tiago, próximo de Pecegueiro; onde começa a afastar-se do rio, subindo a encosta, até ao km. 74, além da estação de Paradela. Inflete depois para NNE até ao km. 79, onde toma a direcção E até ao km. 102, antes de Vouzela, subindo sempre, até ao km. 91, em pronunciadas curvas e ora em fundas trincheiras ora em ásperos taludes e abruptas encostas, com fortes muros de suporte. A 4 km. antes de Vouzela a linha começa a descer, inflete para NE, na mesma disposição do traçado, até à estação de S. Pedro do Sul, convergindo com o Vouga que atravessa em duas belas pontes de alvenaria, antes e depois desta última estação, onde a linha deixa o vale do Vouga, toma a directriz geral de SE até Viseu, que atinge em uma série de curvas, de toda a ordem, grandes e pequenas, em lacetes e «raquettes», sendo esta uma das partes mais características da linha no seu traçado em planta.



A mais antiga e a mais moderna locomotiva do V. V. — Na fotografia, vê-se, da esquerda para a direita: Engenheiro Rebelo da Silva, então Chefe do Serviço de Material e Traction; Engenheiro Francisco de Lima, então Administrador Delegado; Engenheiro T. Ferreira d'Almeida, Director da Exploração, e Engenheiro Ricardo Gaioso, Chefe do Serviço de Via e Obras



Colocação do viaduto metálico do ramal do Canal de S. Roque, para passagem do Vale do Vouga sobre a C. P.

Ramal de Aveiro

A directriz geral do Ramal, desde a estação da Sernada até Águeda, é a de SSE. Atravessa o Vouga em ponte de alvenaria em que ainda assenta a 1.ª agulha daquela estação, corre paralela ao rio até Carvalho da Portela, do qual se afasta depois para cruzar o vale do Marnel e prossegue na mesma orientação, em largas curvas, até atingir a estação de Águeda. Ali inflete para O até próximo de Casal de Alvaro, onde toma o rumo NO, até ao km. 29, um pouco além da estação de Eixo. A partir deste ponto, até Aveiro a directriz é francamente para O.

III

O traçado em perfil

O limite máximo da inclinação é de 25/1000. Na linha principal a quilometragem é feita a partir de *Espinho-Praia* cuja cota é de 7,16 m.. O patamar vai até ao km. 1,200, onde começa uma rampa que se prolonga até ao km. 16,850 onde atinge a cota de 161,74 m., com três patamares intermediários, um de 600 m. de extensão, ao km. 5,450, outro de 500 m. ao km. 9,150, e o terceiro de 350 m. de extensão ao km. 14,200. O maior declive neste lanço é de 23/1000 antes da estação de *Oleiros*. Desce depois em pendente de percentagem não superior a 2,3 %, onde atinge a cota 150 m.; ali começa nova rampa até ao km. 24,300 onde alcança a cota 222,48 m.. Esta subida é entremeadada de patamares de comprimentos não superiores a 250 m., sendo o máximo declive das rampas de 24/1000. A linha desce depois até ao km. 28,750 onde tem a cota de 131 m., e com a inclinação máxima de 2,4 %; neste trôço apenas apresenta dois patamares, um de 200 m. ao km. 25,080 onde está a estação de S. João da Madeira e outro de 450 m. ao km. 28,800, onde está a estação de Couto de Cucujães. Sobre depois até ao km. 32,250 onde está a estação de Oliveira de

Azemeis, cota de 177 m., havendo um patamar de 60 m. ao km. 30,480 na qual se encontra a P. N. da estrada Couto-Ovar. Segue-se uma pendente até à ribeira de Antuã ao km. 36,450, cota 113,72 m., onde atinge o máximo declive de 24/1000, e apenas com um patamar de 250 m. onde está a estação de Ul. Sobe novamente até ao km. 40,900, cota 197,47 m., com um patamar de 450 m. ao km. 39,300 e dois mais pequenos. Segue-se uma nova secção até ao km. 43,800, cota 145,47 m. com declive máximo de 24/1000 e médio 20/1000, contendo apenas um patamar de 550 m., cota 150,47 m. no qual está a estação de Pinheiro de Bemposta. Uma outra secção se segue, até ao km. 51,800, de pequenas subidas e descidas de fracos declives, entremeadas de pequenos patamares, o maior dos quais de 880 m. e uma pendente continua de 900 m. de 15/1000 ao km. 50,200. Até à estação de Albergaria-a-Velha, km. 54,825, cota 117,59 m., apresenta um

cota 350,84 m. de inclinação quasi constante de 25/1000, com um patamar de 120 m. ao km. 78,500, e pequenos patamares onde assentam as estações de Paradela, Ribeiradio e Arcozelo das Maias. Neste trço encontram-se seis pequenos túneis aos km. 70,600, 70,900, 72,800, 74,600, 77,700 e grandes muros de suporte entre os km. 74,250 e 77,500. Atinge maior altura; cota 391,50 m, ao km. 88,650. O trço seguinte, até ao km. 103,400, cota 342,50 m. é alternadamente em subidas e descidas, predominando estas, com dois patamares logo no começo, um de 499,31 m. e outro de 546,50 m. separados por uma descida de 68,89 m. de comprimento e a inclinação de 10/1000. Os pontos culminantes de reversão atingem as cotas de 90,000, 418 m. ao km. 90,750, e 413 m. ao km. 95,800. Encontram-se nele dois viaductos, um ao km. 92,420 e outro ao km. 93,130, e as estações de Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades e S. Vicente. Continua



Combóio do Vale do Vouga chegando a Espinho-Praia

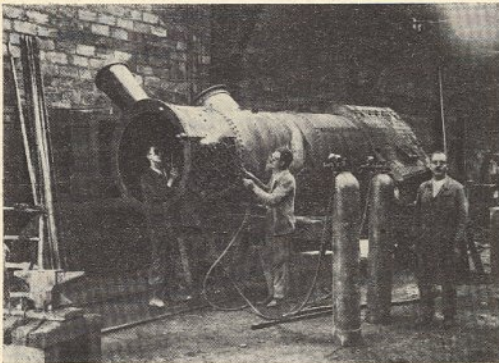
declive de 20/1000, entremeadada de pequenos patamares com excepção do último que tem 400 m.. Ao km. 54,860 existe uma pequena subida de 566 m. seguida de um patamar de 1,310 m., e, a partir do km. 56,850 uma grande descida, com um declivé quasi permanente de 23/1000, que se prolonga até à estação de Sernada, ao km. 61,650, cota 23,10, entroncamento com o ramal de Aveiro.

Daqui ao km. 70,300 o perfil é ondulado, com vários patamares, a uma cota máxima de 45 m.. Ao km. 62,490 há a ponte metálica sobre o rio Caima, de 40 m., um pequeno tunel ao km. 67,410, e a grande e elegante ponte de pedra sobre o rio Vouga, ao km. 69,700, ponte do Poço de Santiago, a primeira feita em Portugal, com tão grande arco que adiante se indica.

Vem a seguir uma longa subida até ao km. 90,270,

o perfil em descida até ao km. 113,150, cota de 165,70 m., em declive rápido, apenas com dois patamares um de 200 m. onde está a estação de Vouzela e outro de 125 m. onde está a de Termas de S. Pedro Sul, e subida de 518 m. ao km. 112,000 com a inclinação de 24/1000. Nesta secção existem um viaduto de pedra, ao km. 104,850, e duas pontes, uma no rio Zela ao km. 105,420 e outra sobre o Vouga ao km. 111,800 tendo esta um arco abatido interessante.

Segue-se um patamar de 350 m. onde está a estação de S. Pedro do Sul, ao qual se segue uma longa ponte em curva e rampa de 25/1000 e um trço em subida quasi continua até ao km. 135,480, cota de 535,50 m., que é a mais elevada da linha, no actual apeadeiro do Campo. A primeira secção deste trço, até ao km. 122,680, é de subida rápida, onde atinge a cota 388,50 m., com



Reparação de uma caldeira utilizando soldadura oxi-acetilénica, nas oficinas da Sernada

dois patamares um de 196,80 m. ao km. 115,220, e outro de 164,90 m. ao km. 120,820 onde está o apeadeiro de Real. A segunda secção vai até ao km. 130,300, terminando um patamar de 160 m. onde está a estação de Bodiosa, é de perfil acidentado, contendo subidas e descidas e alguns patamares, um dos quais de 300 m. ao km. 122,950, onde está a estação de Mossamedes, atingindo seus pontos culminantes as cotas de 416,50 m. ao km. 125,900 e 428,50 m. ao km. 128,600.

A terceira secção que vai ao final do trôço é de perfil semelhante ao da primeira, constando de uma subida com dois pequenos patamares, um de 104 m. ao km. 131,730 e outro de 130 m. ao km. 132,220.

O último trôço, que vai até ao km. 140,350, seguido dum patamar de 150 m. onde está a estação de Viseu, cota 440 m., apresenta uma descida rápida de 24 e 25/1000, apenas com um patamar de 96,369 m. ao km. 137,700.

Ramal de Aveiro

A quilometragem no Ramal de Aveiro é feita a partir do eixo da estação de Sernada, cota de 23,10 m., situado ao km. 61,650 da origem da linha em Espinho-Praia. O perfil de cada secção do ramal é ondulado, sem grandes desniveis, mas com algumas fortes rampas, uma de 1.571,70 m. ao km. 7,400 com a inclinação de 25/1000, antes da estação de Mourisca com a cota de 72 m., e outra, depois, com 1 755,77 m. e 15/1000 ao km. 11,608, seguida de outra descida de 840 m. com a inclinação de 25/1000. Há ainda uma outra rampa de 1,852,34 m. ao km. 29,550 e a inclinação de 20/1000, e um patamar de 2.714 m., o maior de toda a linha do Vale do Vouga, ao km. 16,200. A estação de Aveiro, fica em patamar de 250 m. situado ao km. 34,309, correspondendo ao eixo da estação da C. P. com a cota de 12,84 m., ao km. 34,559.

Obras de arte dignas de menção, há apenas a ponte de pedra sobre o Vouga, logo à saída da estação de Sernada, uma ponte metálica sobre o Águeda

ao km. 22,225 e um pequeno tunel à entrada da estação de Eirol.

IV

As principais obras de arte

Porque atravessa uma região montanhosa e por isso muito acidentada, tem a linha do Vale do Vouga numerosas obras de arte, entre as quais se destacam algumas pontes. Tem também alguns tuneis, mas de pequena extensão, porque se procurou construir barato, agarrando-se a todos os acidentes do terreno, sem pensar no maior custo e maiores dificuldades da exploração para futuro.

Linha Espinho-Viseu

Km. 28,828 — Ponte de alvenaria com 28,60 de compr., 8,65 de altura, e um arco de 9 m.

Km. 36,623 — Ponte de alvenaria, 24,15 m. de compr., 6,53 de altura, um arco de 8 m.

Km. 53,500 — Tunel de 43 m.

Km. 59,495 — Tunel de 115,90 m., o maior da linha, em curva, de tão pequeno raio que de uma extremidade se não vê a outra.

Km. 70,056 — Ponte do Pôço de Santiago sobre o Vouga, de alvenaria, com 166 m. de compr., 29,50 de altura. Tem um arco de 57 m. suportando 4 arcos de 10,20 e mais 7 arcos laterais, 6 dos quais de 10,20 m. e 1 de 13,80 sobre a E. N. para Viseu.

Km. 70,968 — Tunel de 42,10 m.

Km. 71,143 — Tunel de 16,15 m.

Km. 72,518 — Tunel de 60,70 m.

Km. 73,153 — Tunel de 32 m.

Km. 73,703 — Tunel de 46,15 m.

Km. 73,781 — Tunel de 34,00 m.

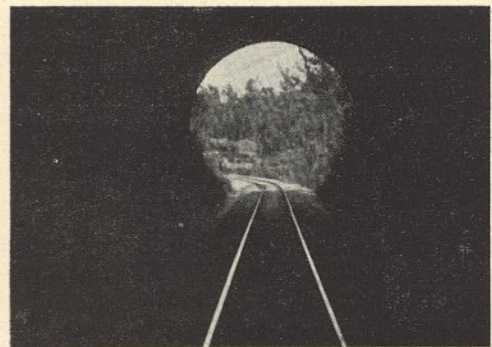
Km. 78,590 — Tunel de 44,30 m.

Km. 86,628 — Tunel de 27,60 m.

Km. 92,618 — Ponte de 127,95 m., de alvenaria, com 9 arcos de 10,00 m. e 1 de 13,50 m.

Km. 93,205 — Ponte de 90,70, de alvenaria, com 5 arcos de 10,00 m. e 1 de 13,50.

Km. 96,152 — Tunel de 24,42 m.



Um trecho da linha visto de dentro de um tunel

- Km. 101,222 — Tunel de 40,80 m.
 Km. 103,653 — Tunel de 36,70 m.
 Km. 104,475 — Tunel de 32,72 m.
 Km. 104,837 — Ponte de 89,50 m., de alvenaria com 3 arcos de 10,00 m. e 1 de 13,50.
 Km. 107,115 — Tunel de 24,54 m.
 Km. 111,761 — Ponte de alvenaria, de 80,80 m. com 1 arco de 43,00 m., suportando 6 arcos de 5,00 m. e mais 2 laterais, um de cada lado do mesmo vão. Sobre o Vouga.
 Km. 113,648 — Ponte de 145,80, de alvenaria, com 5 arcos de 20,00 m. e 2 10,00 m., sobre o Vouga.
 Km. 122,035 — Tunel de 42,80 m.
 Km. 125,682 — Tunel de 50,50 m.
 Km. 126,173 — Tunel de 8,00 m.

Ramal de Aveiro

- Km. 0,106 — Ponte de Sernada de 176,00, de alvenaria com 7 arcos de 20,00 m., sobre o Vouga.
 Km. 5,777 — Ponte de alvenaria, de 22,20 m. com 2 arcos de 6,00 m.
 Km. 22,470 — Ponte de 64,00, de ferro, sobre o Agueda.
 Km. 23,664 — Tunel de 73,20 m.
 Km. 29,070 — Ponte de 27,80 de alvenaria, com 2 arcos de 8,00 m., sobre o Rio Camiseiro.

Ramal do Canal de S. Roque

(Pôrto de Aveiro)

- Km. 0,886 — Viaducto de ferro, com 11,30 m., sobre as linhas da C. P.

TERCEIRA PARTE

A via

Como já se indicou, a *via* tem a largura de 1 m. e é formada por carris de aço, assentes em travessas de pinho, carvalho e eucalipto.

a) — Carris

O carril empregado no V. V. é de tipo Vignole, cujas características principais são: altura 115 mm., largura da cabeça 50 mm., largura da patilha 95 mm., espessura da alma 10 mm., peso por metro corrente 25 k.^{os} e comprimento do carril normal 12 m.. Além destes empregam-se no lado interior das curvas, carris de 11,873 m. e 11,936 m., conforme o raio das curvas é de 100 ou 200 m.. Nas outras curvas empregam-se na fila interior um certo número de carris curtos e normais combinados de forma que as juntas venham periodicamente a coincidir com as fila exterior e que passada a curva continuem coincidindo.

Além destes carris curtos, empregam-se outros carris especiais, para as agulhas, cruzamentos, etc.,

com comprimentos e condições particulares para cada caso.

b) — Travessas

As travessas são de carvalho, eucalipto e de pinho creosotado, de secção rectangular ou semicircular, de 0,24 m. de largura na base e 0,12 m. de altura, e 2,00 de comprimento. Nas agulhas usam-se travessas perfeitamente rectangulares com $0,13 \times 0,26$ e um comprimento dependente da sua situação.

Os carris são assentes com a junta em falso e há dois tipos de assentamento.

De Espinho a Sernada e Carvoeiro a Aveiro a junta é quadrada; de Carvoeiro a Viseu emprega-se a junta alterna considerada na época mais estável em linhas de planta e perfil difíceis como é este trço.

Com junta quadrada o plano compreende 15 travessas para rectas e curvas de raio igual ou superior a 500; 16 travessas para as curvas de raio 250 m. a 500 m., e 17 travessas para raio igual ou inferior a 250 m.

Com a junta alterna a via é assente com 16 travessas em recta ou curva de raio superior a 150 m., e 18 travessas para curvas de raio igual ou inferior a 150 m.

c) — Balastro

A linha está balastrada com areia grossa do rio Vouga e pedra britada, conforme as zonas onde abundam estes materiais.

e) — Fixação dos carris

Os carris são ligados topo a topo, com a folga entre si de 2 a 8 mm. para as dilatações, devidas às altas temperaturas de verão, por meio de *éclisses* em forma de cantoneira, de 0,50 m. de comprimento, e apertadas com 4 parafusos de 19 mm. de diâmetro e 80 mm. de comprimento e a interposição de uma anilha elástica «Grower».

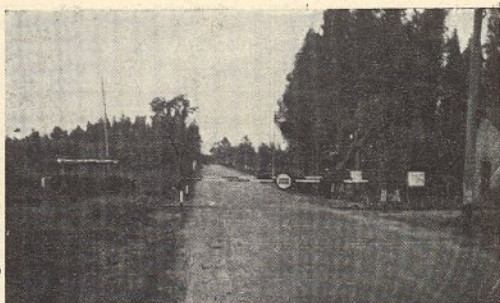
A fixação às travessas faz-se directamente com 4 *tirefonds* de aço alcatroado, nas rectas e curvas de raio igual ou superior a 150 m. e 6 *tirefonds* nas curvas de menos de 150 m. de raio.

f) — Agulhas e cruzamentos

Todas as bifurcações ou desdobramentos de via são feitas por meio de agulhas, do tipo corrente, tendo as lanças 4 m. de comprimento e o aparelho da manobra liga à primeira *varinha* das lanças por intermédio da *varinha* de transmissão.

g) — Placas giratórias para locomotivas

A Companhia dispõe de placas nas estações terminus de Espinho-Vouga, Viseu, Aveiro; em Sernada e nas estações de Oliveira de Azemeis e S. Pedro do Sul.



Cancelas basculantes nas passagens de nível, fechadas

h) — Passagens de nível

Existem inúmeras passagens de nível em estradas e caminhos carreteiros. Apenas as mais frequentadas, especialmente os cruzamentos com estradas nacionais, são guardadas e protegidas quer com cancelas basculantes conforme gravuras, quer com simples correntes, manobradas umas e outras à passagem dos combóios. Nas mais importantes há também telefone para a estação mais próxima, pelos quais as guardas são avisadas da aproximação dos combóios.

As cancelas basculantes foram estudadas no Serviço de Via e Obras do Vale do Vouga e depois adoptadas em outras Empresas por indicação da Direcção Geral de Caminhos de Ferro.

i) — Paragens

Quando um caminho de ferro, como o do Vale do Vouga, é destinado a servir regiões muito povoadas e de grandes recursos de toda a ordem, desempenha tanto melhor a sua missão e fomenta tanto mais as suas riquezas, pela economia e comodidades que proporcionam, quanto mais frequentes e mais próximas ficarem as paragens dos combóios dos centros que se destinam a servir. E quanto melhor dotados forem esses locais, tantas mais facilidades oferecerão ao público e chamarão a si o movimento de passageiros e mercadorias.

O Vale do Vouga é uma linha bem dotada em paragens dos combóios, contando actualmente 62 paragens para os 174.951 km., o que corresponde a uma paragem para cada 2,821 k.. A maior distância entre duas paragens consecutivas é de 6,7 km., entre Aveiro e Eixo, e a menor de 0,600 km., entre Espinho-Praia e Espinho-Vouga.

As paragens, conforme as instalações, dotações e comodidades que oferecem e ainda o tempo de demora dos combóios, assim se chamam *estações*, *apeadeiros* ou simples *paragens*.

Em todas as *estações* há um edifício próprio, obedecendo quasi todos ao mesmo tipo, com rés-do-chão, destinado ao serviço público e um primeiro andar destinado a alojamento do chefe. Nas estações de maior importância as dimensões do edifício principal são

maiores, dispondo de mais dois corpos térreos contíguos, dum lado à altura do cais para cargas e descargas e o do outro para vestíbulo e sala de espera.

As dotações, umas são gerais, como as linhas de resguardo e respectivas agulhas, (podendo fazer-se cruzamentos de combóios em todas por os resguardos terem o necessário comprimento), etc. e outras como básculas, tomas de água, depósitos de carvão, cocheiras, placas giratórias, oficinas de pequenas reparações, estacionamento do material de reserva e socorro, etc., são privativas só de algumas.

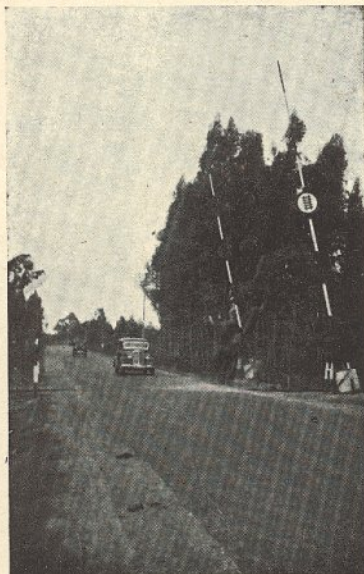
Nas *paragens* há *abrigos* em algumas; faz-se o embarque e desembarque para a plataforma, sendo esta indicada por duas tabuletas, com o nome respectivo, uma em cada extremo.

j) — Tomas de água

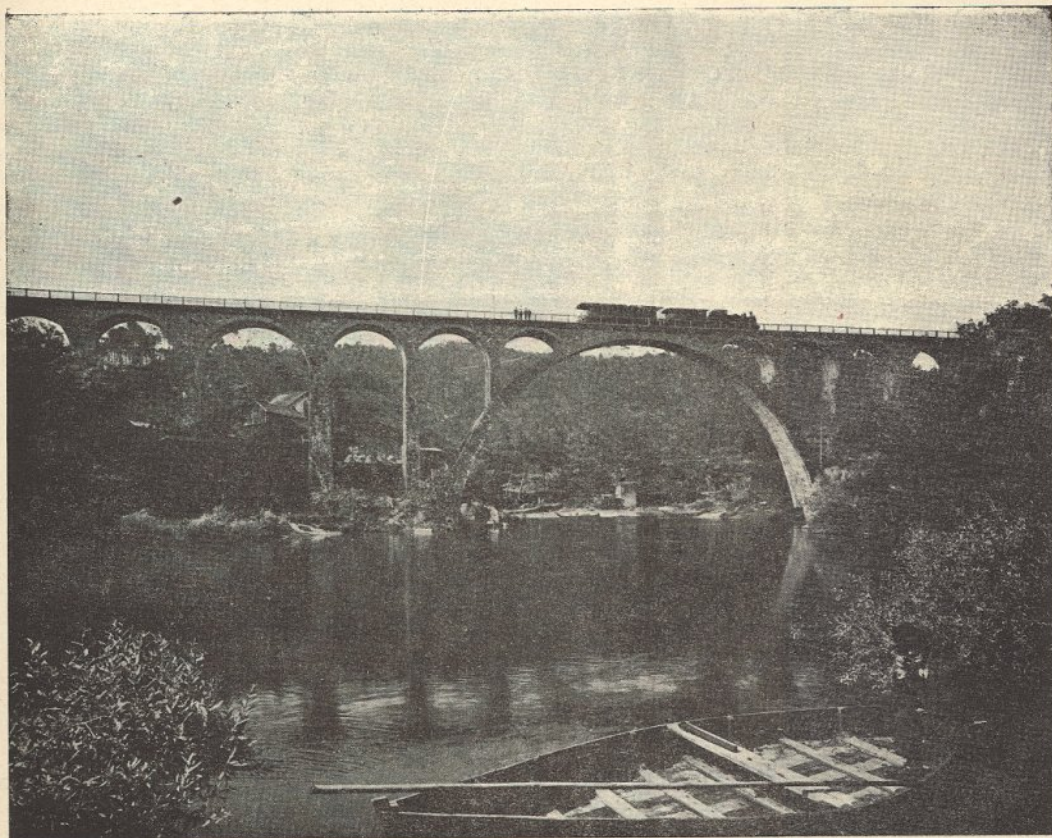
As tomas de água são bastante numerosas, espaçadas de 15 a 20 km., satisfazendo assim as necessidades das máquinas que precisam abastecer-se com frequência, devido ao grande consumo para subir grandes rampas e à pequena capacidade dos *tenders*.

A água de alimentação está depositada quer em reservatórios de capacidade variável, de chapa de ferro, apoiadas sobre uma base de alvenaria ou sobre um sistema triangulado de cantoneiras, tendo exteriormente uma escala com cursor preso a um flutuador, quer em tanques de pedra, de grande capacidade como por exemplo em Sernada, Feira e P. de Lafões.

A alimentação dos depósitos é feita por bombas movidas a braço, pormotor eléctrico, a gasolina ou ainda por pulsometro, ou por nascente correndo directamente para os depósitos, conforme os casos.



Cancelas basculantes nas passagens de nível, abertas



Linha do Vale do Vouga — Ponte do Poço de S. Tiago

As «tomas» de água fazem-se rapidamente, praticamente em três minutos, para maioria das locomotivas.

k) — Depósitos de combustível

Normalmente as máquinas da Companhia consomem carvão de pedra Cardiff, grosso e miúdo e «briquetes».

Os consumos médios por quilómetro, foram os seguintes, em 1939, último ano normal:

Série 0-6-0	—	10,29
» 2-6-0	—	10,71
» 4-6-0	—	12,33
» 2-6-2	—	11,70

Por causa da guerra, quando começou a escassear o carvão, passaram as máquinas a consumir quasi só lenha de pinho e eucalipto, obtida ao longo da linha, variando o seu consumo de 46 a 52 quilos por quilómetros, conforme a máquina e qualidade da lenha.

QUARTA PARTE

Material circulante

I

Generalidades

Rodados e suspensão — Todas as rodas, de centro cheio ou de raios, são calçadas com aro de aço, largo de 125 mm., verdugo 25 mm., e com o diâmetro de 0,75 cm.; não há rodas tipo monobloco.

Os mais antigos vagões são de 10 T. e de dois eixos, distanciados de 2^m,60; os mais modernos, sobre «bogies», são de 20 e de 30 T., respectivamente com 7,860 mm. e 8,155 entre centros dos «bogies».

As carruagens são todas montadas sobre «bogies» de dois eixos, distanciados de 1^m,30, e bem estudadas para permitir a fácil e cómoda passagem nas inúmeras e apertadas curvas da linha.

A suspensão é feita com molas de lâminas variáveis conforme as séries dos veículos; nas últimas séries de carruagens há também molas espirais.

Caixas de óleo ou de lubrificação. — São tôdas do

mesmo tipo nos vagões de 10 T. e nas carruagens; quanto aos vagões de 20 e 30 T. qualquer das séries tem seu tipo de *caixa de lubrificação*.

Aparelhos de tracção e choque. — São iguais para tôdas as espécies de veículos e constam essencialmente de um só *tensor* e um só *para-choque* e dois *fiadores*. Nos vagões de 2 eixos os *tensores* são montados em *tracção contínua*, articulados e com molas espirais por forma a facilitar a passagem nas curvas e a reagirem bem nos choques e esforço de tracção.

O eixo dos *tensores* está a 676 mm. do carril e o dos *para-choques* a 826 mm.

Freios — Tôdas as locomotivas e carruagens e muitos vagões têm freios manual e de vácuo; os vagões que não têm freio, têm *tubo de intercomunicação* para que todos os combóios circulem com freio automático em todo êle.

O freio automático de vácuo usado é todo do tipo *Clayton*.

II

Carruagens

A Companhia dispõe de algumas *séries* ou *tipos* de carruagens, apresentando características comuns quanto ao *leito* ou *chassis* e diferindo apenas na *caixa* ou *carrossaria* quer externa quer internamente. Primitivamente as carruagens de I eram de pequenos e acanhados compartimentos fechados e as de II e III eram do tipo salão e tôdas com numerosas mas pequenas janelas com cortinas de pano esticadas pelos topos, superior e inferior, plataformas rectangulares com grades de ferro, portas de abrir para dentro, um estribo de ferro de cada lado e *passadeira* de chapa de ferro sobre os *pára-choques*, para estabelecer a comunicação entre elas; nas *mixtas*, as separações das diferentes classes eram feitas por meio de tabiques de madeira, com portas de comunicação, tornando-se assim possível a circulação não só dentro de cada carruagem como através do combóio, na parte reservada aos passageiros.

As principais dimensões das carruagens são: *comprimento* entre *cabeçotes*: cêrca de 12^m,48; interior cêrca de 10^m;

Largura interior, 2^m,320;

Altura da *caixa* acima dos carris 3^m,23.

Tara 13.500 quilos (média).

Desde 1930, porém, êste primitivo tipo de carruagens tem sido modificado e melhorado sensivelmente fechando plataformas, aumentando altura, alargando janelas e compartimentos, etc.

Assim, foram sucessivamente aparecendo e existem em serviço, carruagens dos séries 50, 100, 200 e 250, conforme as possibilidades e oportunidades de reconstrução que foram surgindo.

Séries 50 e 100. Não se modificou a estrutura geral da *caixa* que conservou o antigo aspecto exterior. No interior é que desapareceram os compartimentos

da I, acanhados e apertados, ficando tudo em salão com corredor ao lado, rêdes nos topos e sobre os encostos dos bancos, apoios para braços, assentos mais largos, etc.. Tôdas estas carruagens são mixtas de I e III ou seja AC.

Estas duas séries diferem apenas em terem 12 ou 18 lugares de I, respectivamente.

Séries 200 e 250. Nestas séries foi completamente modificada a estrutura geral da *caixa*, alargando janelas e dando maior altura e abaülado ao tecto e fechando as plataformas. As carruagens melhoraram muitíssimo com isto. As da série 200 que primeiro se reconstruíram têm ainda corredor lateral e são em salão, com 18 lugares de I. Nestas séries há carruagens só de I e mixtas de I e III.

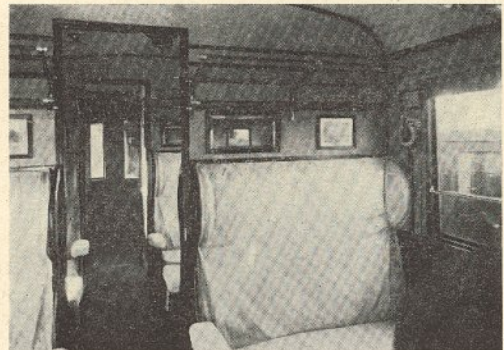
As últimas reconstruídas têm corredor a 3/4 (1 lugar de um lado e 2 do outro) compartimentos fechados até ao tecto e as que de futuro se reconstruírem terão só 12 lugares de I, série 250.

Deve ser êste o tipo definitivo para futuras transformações; e reduz-se nele o número de lugares de I porque se supõe que após a guerra diminuirá o número de passageiros de I, tanto mais que a maior parte irá para as automotoras.

Quanto às carruagens só de III, C, tem-se mantido o tipo primitivo, na estrutura geral, melhorando apenas o seu interior, dotando, por exemplo, cada uma delas com retrete, aquecimento, iluminação eléctrica, etc..

Quantidades por séries

AS 1 (salão),	1 car.,	25 lugares de I.
DS 1 Pagagor	1 "	"
A 201	1 "	30 lugares de I.
AC 52/53	2 "	12 " I e 28 de III.
AC 101/104	4 "	18 " I e 20 de III.
AC 201/204	4 "	18 " I e 20 de III.
AC 251/52	2 "	12 " I e 28 de III.
AD 201	1 "	18 " I e furgão.
C 1/18	18 "	50 " III
CD 201	1 "	28 " III e furgão.
CD 1/4	4 "	29 " III " "



Interior duma carruagem de 1.ª classe

Iluminação e aquecimento das carruagens

A maioria, quasi totalidade, das carruagens é já iluminada electricamente, interna e externamente, pois poucas de III estão ainda com iluminação a acetilene ou petróleo e essas mesmas são carruagens de reserva que, em geral, só servem durante o verão.

A energia eléctrica é dada por dinamos «Oerlikon» montados sob o *chassis* das carruagens ou dos furgões e que são accionados pelos eixos dos vehiculos por intermédio de correias; há ainda baterias eléctricas que são carregadas pelo mesmo dinamo e destinadas em especial, a dar corrente durante as paragens.

A montagem das lampadas é feita de modo a poderem só ser acesas, separadamente, as lampadas colocadas no exterior das carruagens para iluminação dos apeadeiros.

Grande número de carruagens tem montado aquecimento, adoptando-se o sistema por termo-sifão, circulando a água quente em tubos de latão ao longo das paredes laterais da *caixa* das carruagens, junto do soalho; nos lavatórios há também água quente. Na falta de coque, tem-se usado como combustível nos respectivos fogareiros, carvão de eucalipto misturado com pequenos pedaços da mesma madeira destinados a impedir que o carvão aglomere com a trepidação e se apague dentro de pouco após o início da marcha do combóio.

III

Vagões

Para os vários transportes dispõe a Companhia de diferentes séries de vagões, a que seguidamente se faz rápida referência.

Séries J. e Jfv. São vagões fechados, destinados ao transporte de gados e mercadorias de maior cuidado

com 2^m,28 de altura, portas de correr com 1^m,650 de vão e a tara média de 5,8 toneladas.

Existem 40 vagões da série J. e 14 da série Jfv.

Séries O. e Ofv. São vagões abertos destinados ao transporte de quaisquer mercadorias, tendo 1^m,00 de altura, portas de abrir para o lado com o vão de 1^m,75 e a tara média de 5,3 toneladas.

Existem 65 vagões da série O e 34 da série Ofv.

Séries L. e Lfv. Os vagões desta série são abertos, caixa baixa com a altura de 0^m,40, portas de abater com o vão de 2^m,50 e a tara média de 4,5 toneladas.

Dispõe a Companhia de 44 da série L e 16 da série Lfv.

Série LL. Os vagões desta série são destinados ao transporte de vigas, carris e outros objectos de grande comprimento, não superior a 12^m,00, para o que são sngatados dois a dois, tendo uma peça em forma de U, eõbre a que se assenta a carga, colocada ao centro de cada vagão, movel, apoiada sôbre rodetes, permitindo assim fácil passagem nas curvas. Têm a altura de 0^m,30 na parte média, taipais de abater com 2^m,15 de vão, e a tara média de 4,4 toneladas.

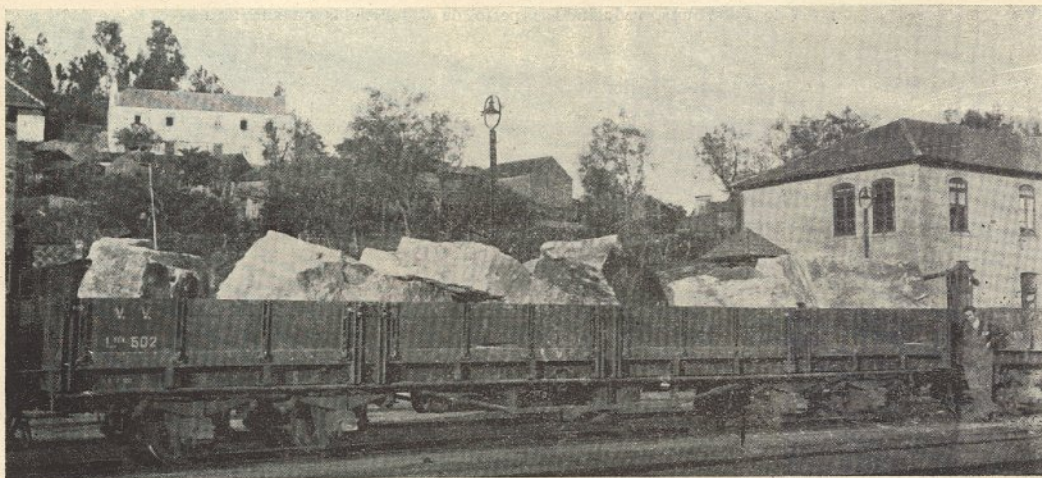
Há 6 vagões desta série.

Série D. Os vehiculos desta série, furgões, estão montados em *chassis* de modelo próprio, *caixa* fechada, e são destinados ao transporte de bagagens em especial transportando também mercadorias de G. V.

Têm o comprimento interior de 5^m,95 e 7^m,34 entre as faces dos pára-choques, a altura de 2^m,28, portas laterais de correr, de 1^m,42 de vão, plataformas de passagem semelhantes às das carruagens. Tem a tara média de 5,5 Ton., e a carga máxima de 3 Ton.

Série Z. São vagões cisterna para transporte de petróleo, etc. Existe 1 destes vagões, Z 101, adaptação de um LL.

Série Oc. São vagões para 7 T. de carga e destinados só a transportes de serviço (via, lenhas, etc.).



Vagão de 30 toneladas, antigo auto-descarregador do Lena, reconstruído e transformado nas oficinas do Vale do Vouga, na Sernada

Série Lyfv. São vagões para 30 T. de carga, sobre «bogies», com 12^m,360 de comprimento e 0^m,50 de altura da caixa. Tem portas de abater e tara média de 15,850 T.

A Companhia tem 6 destes vagões.

Série Oysv. Vagão de 20 T. de carga, sobre «bogies» com 11^m,000 de comprimento e 1^m,00 de altura da caixa. Tem portas de abrir e a tara de 11,400 T.

A Companhia tem 1 vagão desta série.

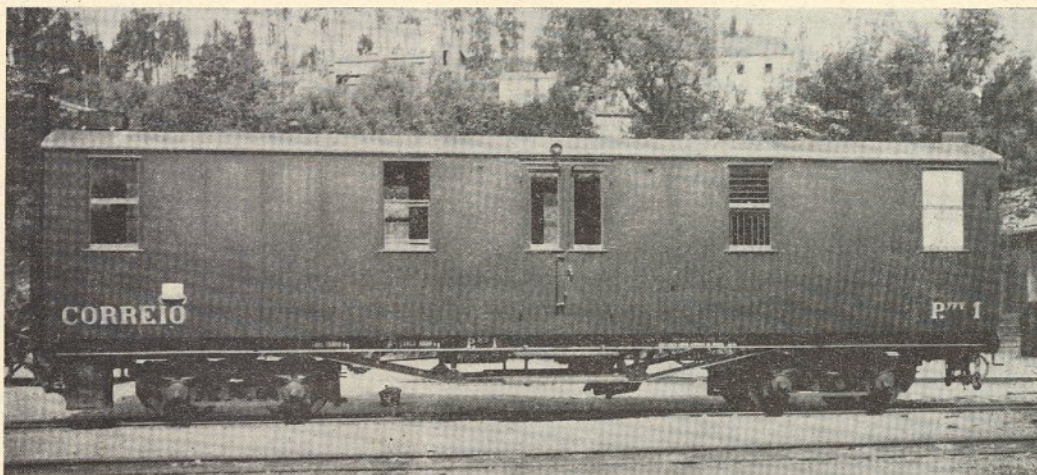
IV

Locomotivas

Existem na Companhia 4 tipos ou séries de locomotivas, tôdas locomotivas-tender e a que seguidamente se faz referência.

Série 2-6-0 (Mogul). Esta série têm as seguintes características:

Diâmetro das rodas livres	0,730 mm.
Diâmetro das rodas motoras conjugadas	1,030 mm.
Distância entre os eixos conjugados extremos	2,500 mm.
Número de cilindros	2
Disposição dos cilindros	exteriores
Tipo de distribuição	Walschaërt
Diâmetro interior dos cilindros	0,350 m.
Passeio dos embolos	0,460 m.
Comprimento total da locomotiva entre pára-choques	8,400 m.
Pêso da locomotiva em vazio	23,0 ton.
Pêso total da locomotiva em serviço	30,0 ton.
" aderente	24,900
Carga máxima de carvão	1,150 T.



Ambulância postal adquirida pelas «Reparações Alemãs» e reconstruída no Vale do Vouga, reduzindo-se perto de 3 toneladas na sua tara

Série 0-3-0 (Bourbonnais). As características principais destas locomotivas são:

Diâmetro das rodas	0,900 mm.
Distância entre os eixos extremos	2,100 mm.
Cilindros	2
Disposição dos cilindros	exteriores
Distribuição	Walschaërt
Diâmetro interior dos cilindros	0,300 m.
Passeio dos embolos	0,450 m.
Comprimento total da locomotiva, entre pára-choques	6,860 m.
Pêso total da locomotiva vasia	17 ton.
Pêso total da locomotiva em serviço	22 ton.
Carga máxima de carvão	0,8 ton.
Capacidade dos tanques de água	2,300 m ³ .

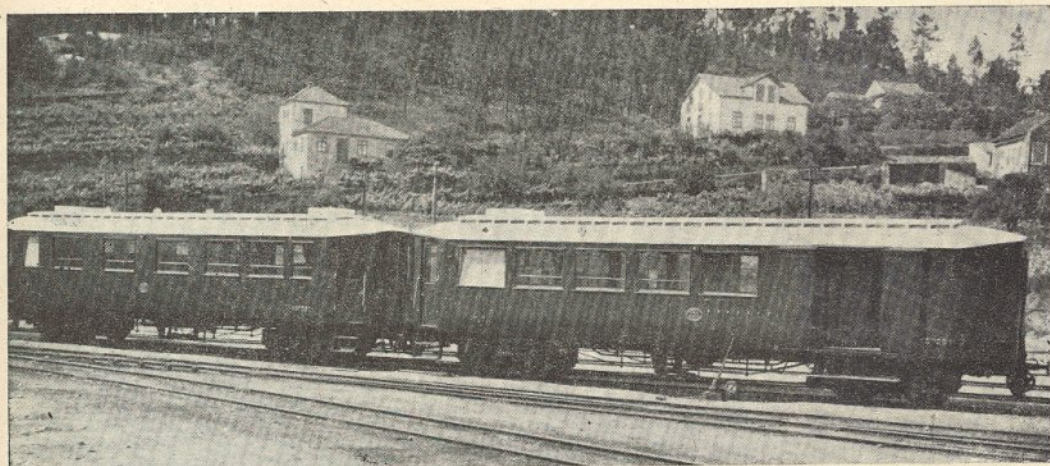
Existem 2 destas locomotivas, n.ºs 12 e 13, que são utilizadas só em combóios de serviço ou manobras.

Capacidade dos tanques de água 3,4 m³.

A Companhia tem em serviço 7 destas locomotivas, com os números 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7; destinam-se especialmente a combóios leves, rápidos e «omnibus».

Série 4-5-0 (Ten-Wheel). Têm as principais características seguintes:

Diâmetro das rodas livres (bogie)	0,720 m.
Diâmetro das rodas conjugadas	1,100 m.
Distância entre os eixos extremos	2,400 m.
Cilindros	2
Disposição dos cilindros	exteriores
Tipo de distribuição	Walschaërt
Diâmetro interno dos cilindros	0,360 m.
Passeio dos embolos	0,550 m.
Comprimento total entre para-choques	9,040 m.
Pêso total da locomotiva em vazio	29 ton.



Carruagens transformadas e reconstruídas, de antigos tipos, nas Oficinas do Vale do Vouga, em Sernada

Pêso total da locomotiva em serviço . . . 37,0 ton.
 " aderente 29,400 T.
 Carga máxima de carvão 1,2 ton.
 Capacidade dos tanques da água 4,5 m³.

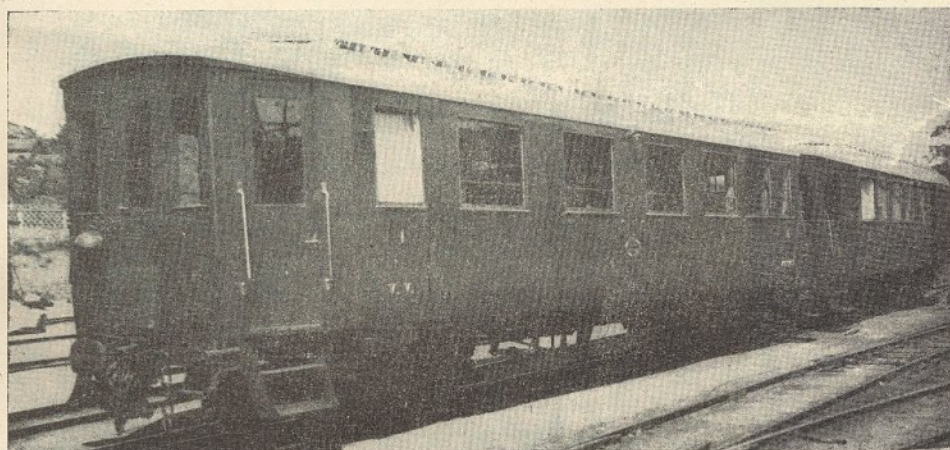
Existem 4 máquinas deste tipo numeradas, 21, 22, 23 e 24. São em geral utilizadas nos combóios correios e "omnibus" mais pesados.

Série 2-8-2 (Mikado). São as mais modernas e potentes e têm as seguintes e principais características:

Vapor sobreaquecido;
 Diâmetro das rodas livres 0,750 m.
 " " motoras 1,000 m.

Distância entre eixos motores extremos . . 3,405 mm.
 Cilindros (exteriores) 2
 Distribuição Walschaert
 Diâmetro interior dos cilindros 0,500 m.
 Curso dos embolos 0,500 m.
 Comprimento total entre para-choques . 11,015 m.
 Pêso em vazio 45,200 ton.
 " " serviço 59,000 ton.
 " aderente 44,000 ton.
 Carga de carvão 3,500 ton.
 " de água 7,500

Existem 3 destas locomotivas que são destinadas a combóios mixtos e de mercadorias pesados. Têm os n.^{os} 31, 32 e 33.



Outra carruagem do novo tipo reconstruída e adaptada nas oficinas do Vale do Vouga

V

Automotoras

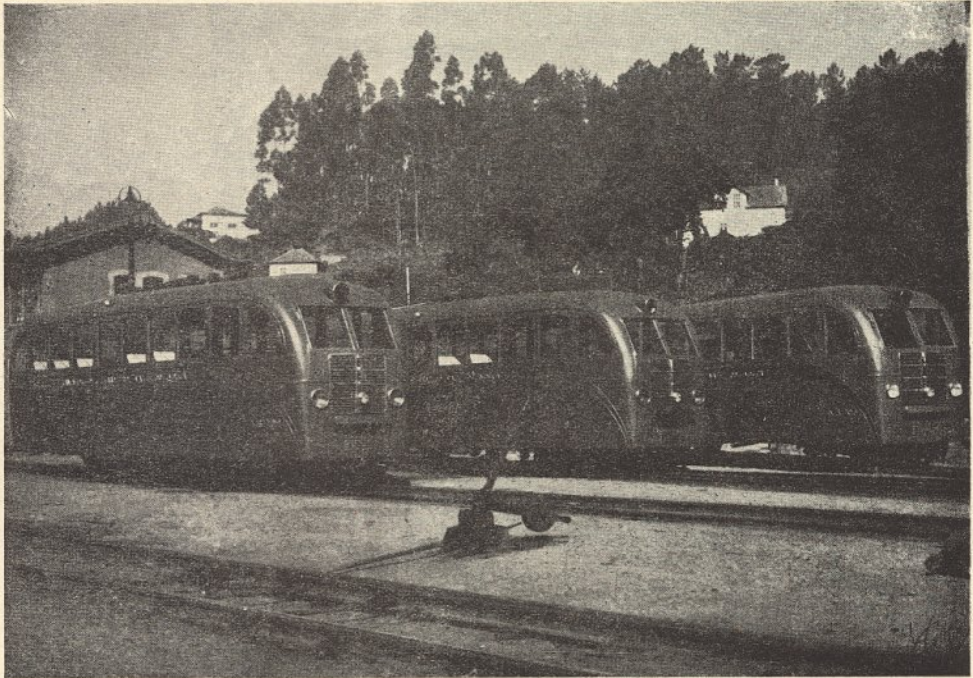
As automotoras do Vale do Vouga — as primeiras que circularam em Portugal — foram construídas sobre *chassis* de caminhões «Panhard» de 5 ton. de carga útil, e já a «Gazeta» lhe fez referência detalhada.

Para facilidade de inscrição nas curvas, adaptou-se um «bogie» na frente; para rodado motor aproveitou-se todo o conjunto do eixo motor do caminhão, modificando apenas as rodas para levarem aros de aço em lugar de pneus e montando mais um *rolamento*

-Espinho com o ramal de Aveiro, donde é fácil portanto acorrer a qualquer acidente ou caso urgente em toda a linha e melhor organizar o serviço de locomotivas normalmente.

As oficinas têm central termo-eléctrica constituída por uma locomóvel Lanz com seu alternador.

Têm as várias secções de serralharia, caldeiraria, capintaria, forjas, pintura, etc., indispensáveis à execução de todos os trabalhos de reparação de locomotivas e material circulante e bem assim à construção de material novo, como por exemplo as automotoras; igualmente ali tem sido feita a reconstrução de todas as carruagens dos novos tipos e de numerosos vagões O



Três automotoras em circulação nas linhas do Vale do Vouga

nos seus *cabos* que para isto sofreram a necessária modificação.

As três automotoras em serviço têm motores novos, 1 a gasolina e 2 a gasóleo e cada uma delas tem 28 lugares. Está em construção a 4.^a que breve ficará concluída, igual às outras.

Officinas e armazens gerais

As oficinas para reparação e conservação de locomotivas e do material circulante estão instaladas na Sernada, ponto central e de ligação da linha Visu-

e J resultantes do aproveitamento de *chassis* de vagões L de que menos se precisa, nelas se faz também a transformação dos vagões auto-descarregadores adquiridos à Companhia do Lena, de que resultaram os vagões Lyfv. acima referidos.

Igualmente ali têm sido construídas as carrocerias dos autocarros da carreira que a Companhia explora entre Viseu e Pôrto, passando por S. Pedro do Sul, S.ta Cruz da Trapa, Vale Cambra e Oliveira de Azemeis.

Estas oficinas executam ainda muitos outros trabalhos para os diferentes Serviços da Companhia, conforme é necessário.

QUINTA PARTE

**Estações e localidades servidas
pela linha férrea***Linha de Espinho a Viseu*

Espinho-Praia. — Ligação com a C. P., situada na origem da linha, ao centro da vila e perto da praia de banhos. Faz serviço de passageiros e g. v.

Espinho-Vouga. — A 600^m da precedente, lado esquerdo; toma de água, depósito de carvão, cais de mercadorias, linhas de resguardo, báscula, guindaste em ponte rolante, cocheiras de máquinas e material circulante e dormitórios. Faz tódo o serviço de passageiros, grande e pequena velocidade, tanto interno como de serviço combinado.

Transmissão da p. v. com a C. P.. Os combóios são aqui formados e nela estacionam as composições, avançando a Espinho-Praia no início de cada serviço e ali recolhem no final dos mesmos.

Espinho é sede de concelho, districto de Aveiro. Sabe-se que esta povoação já existia em 1750, mas até 1843, em que foi construída a primeira casa de alvenaria por José de Sá Couto, de Oleiros, era um pequeno aglomerado de cabanas de madeira (*palheiros*), habitadas por pescadores. A construção da linha férrea do Norte deu-lhe tal incremento que já em 1890 era uma das primeiras praias de banhos da região central do País. A linha do Vale do Vouga, ao mesmo tempo que lhe aumentou extraordinariamente, o movimento de banhistas, de forasteiros e de trânsito facilitou a criação de novas indústrias, transformando-se Espinho num centro industrial muito próspero e florescente pela mais fácil afluência de matérias primas e, sobretudo, pela criação de novos mercados.

A vila é progressiva, lavada de ares, com excepcionais condições climatéricas, quasi únicas durante o verão, o que torna esta praia preferida de todos que querem fazer boa cura marítima e fugir ao calor. É zona de jogo, tendo um bom e belo Casino e uma Piscina grandiosa e monumental.

Sampaio-Oleiros. — A 5,8 Km. de Espinho Vouga, lado esquerdo, faz todo o serviço de passageiros, grande e pequena velocidade.

Tem fábricas de papel, de alfaias agrícolas, de rolhas e preparação de cortiça.

Paços de Brandão. — A 2,4 Km. de Oleiros, lado direito, faz todo o serviço.

Paços Brandão, que lhe fica contígua, do lado sul, é povoação antiquíssima, tirando o actual nome de *Palácio Blandon*, fidalgo que, dizem, acompanhou o conde D. Henrique e aqui edificou uma grande casa.

Tem várias fábricas de papel, de cortiça, mós de esmeril e de ferragens miudas de construção civil.

— **S. João de Vêr.** — Estação a 5 Km. de Paços de Brandão, no lado direito, faz todo e serviço.



ESPINHO — Igreja Matriz

Serve a povoação e freguesia de S. João de Vêr e a das Caldas de S. Jorge, onde existem águas sulfúreas de renome na região. Há fábricas de papel, cortiça e serração.

Vila de Feira. — A 5,4 Km. de S. João de Vêr e a 19,5 da origem, no lado direito, tem toma de água, faz todo o serviço. Serve Vila da Feira, a 1,7 Km. a sudeste, por estrada.

A Vila da Feira é concelho e comarca de 1.^a classe, pertence ao distrito de Aveiro. De origem celta, com o nome de Lancobriga, teve grande importância no tempo dos romanos, tanto que nela havia uma coorte de 600 homens de guarnição. Os visigodos edificaram-lhe novo castelo. Destruída pelos árabes, foi repovoada em 990 pelos condes Mem Guterres e Mem Lucílio e senhores do Marnel, com o nome de *Vila de Santa Maria*, passando a designar-se *Terras de Santa Maria* tóda a região de entre Douro e Caima e do Arda ao Oceano.

Do seu glorioso passado é testemunha o seu belo castelo senhorial dos mais bem conservados do país. Este castelo, edificado numa pequena eminência, tem a aparência dum verdadeiro altar com as suas tórris

e coruchéus, que serviam de guaritas e mirantes e das quais se avista a costa do Oceano desde o Cabo Mondego até quasi à foz do Douro, com fossos e cisternas.

É interessante a sua festa tradicional das Fogaceiras que se realiza em Janeiro.

Tem importante indústria de lacticínios.

S. João da Madeira. — Estação do lado esquerdo, faz todo o serviço e serve a industriosa povoação de S. João da Madeira e bem assim a activa povoação de *Arrifana*, um pouco antes e por ora simples apeadeiro.

S. João da Madeira, concelho, relativamente moderno, é povoação antiga, onde atingiu grande valor a indústria de chapelaria, ali existente desde muito tempo e agora em pleno desenvolvimento e prosperidade.

Além dessa indústria tem muitas outras, como calçado, malas, rêde de ferro etc. e sobretudo fundição de ferro, que ali atingiu a maior perfeição em artigos de difficil fabrico como sejam, por exemplo, tintas para banho, estufas, radiadores para aquecimento central, fogões de sala e cosinha, etc.

Está em montagem o fabrico de máquinas de costura e de tubos de ferro galvanizado, indústrias estas inteiramente novas em Portugal.

S. João da Madeira é das mais progressivas terras da linha do Vale do Vouga e sem dúvida a mais industrial.

Couto de Cucujães. — Estação ao Km. 28,5, no lado direito, com toma de água, faz todo o serviço.

Cucujães é povoação antiquíssima, tendo-lhe sido dado o título de vila por D. Afonso VI de Leão, contando-a em 1.058.

D. Afonso Henrique doou este Couto em 7 de Julho de 1139 ao mosteiro beneditino ali erecto. Tinha juiz ordinário, escrivão, procurador e meirinho, eleitos pelo povo, na presença de D. Abade do mosteiro, que, na qualidade de donatário, tinha tóda a jurisdição civil. É digno de visitar-se o *Mosteiro de Cucujães*, grandioso templo, construído por D. Payo Guterres da Silva, em 1060, com uma grande cêrca, onde está agora instalado o Seminário das Missões.

A freguesia é rica, havendo várias fábricas de chapéus na Gandarinha e Aldeia Nova, de vidros do Butelo e do Progresso, e as minas de chumbo de Monte-Meão e Feinal.

Oliveira de Azemeis. — Estação ao Km. 32,5, no lado esquerdo, com bácia, placa e toma de água, fazendo todo o serviço. É uma das estações mais importantes, tendo nela origem alguns combóios; serve a vila de Oliveira de Azemeis, a 300 m. por estrada, Macieira e Vale de Cambra, Arouca e outras povoações.

Oliveira de Azemeis é vila, sede do concelho e comarca. É terra antiga, mas como vila data apenas de 1800, tendo grande importância a sua situação geográfica, ponto forçado das comunicações entre norte e sul. Nela passava uma es-

trada romana. É povoação rica, arejada, saudável, de vastos horizontes, com belos edificios particulares, ruas limpas e bem cuidadas, sendo digno de visitar-se a *Igreja Paroquial*, os *Paços do Concelho*, o *Asilo para Infancia Desvalida* e a *Misericórdia*. É notável o Santuário de N. S. de la Salette, situado em elevação donde se disfruta lindo panorama e rodeado de belo parque.

Tem fábricas de conserva de frutas, calçado, serração e sobretudo de vidros e de papel no Caima. É notável a indústria de lacticínios da região, em especial de Vale de Cambra.

Ul. — Estação a 2,5 km. de Oliveira, lado direito, faz todo o serviço. Tem importante indústria de lacticínios.

Pinheiro da Bemposta. — Estação a 5,4 km. da precedente, lado esquerdo, faz todo o serviço.

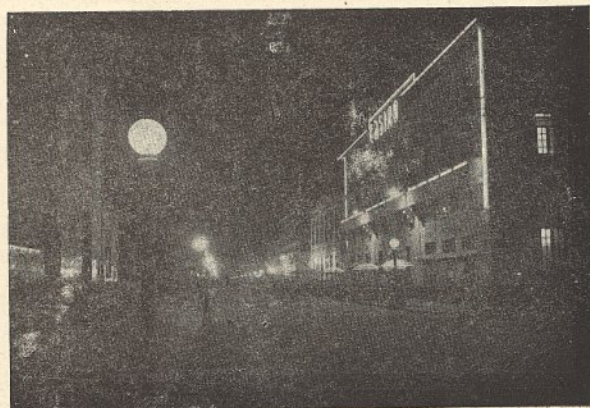
Serve as freguesias de Pinheiro da Bemposta, junto da linha férrea, Palmaz a 4 km. por estrada e Ossela a 16 km., 5,5 por estrada.

Branca. — Estação a 2,3 km. da precedente, no lado esquerdo, faz todo o serviço. Serve a freguesia da Banca, a 0,7 km. Tem uma importante fábrica de telha e tijolo.

Albergaria-a-Nova. — Estação, a 2,5 km. da Branca, lado direito, faz todo o serviço. Serve a povoação de Albergaria a Nova, a sul da estação, sôbre a estrada Lisboa-Pôrto. Tem fábrica de serração, junto da estação e a fábrica de pasta de papel no Caima, servida por um transportador aéreo de 2,8 km. de extensão.

Albergaria-a-Velha. — Estação a 6,4 km. da precedente, lado esquerdo, bácia, faz todo o serviço. Serve a vila de Albergaria-a-Velha, que lhe fica contígua.

Albergaria-a-Velha, sede do concelho e comarca, é povoação antiquíssima, já existindo no século IX; a rainha D. Teresa mandou ali construir em 1120 a *Albergaria dos pobres e passageiros*, dando-lhe foral em 1124.



ESPINHO — O Casino à noite

Tem fábricas de serração, moagem e as importantes Fábricas de papel de Vale Maior, no rio Caima, a 3,8 km. da vila, e importante fundição de ferro, cujos produtos são, na sua especialidade, do melhor que há no país.

Sernada. — Estação, lado direito, entroncamento, a 6,7 km. de Albergaria a Velha, 62 km. de Espinho Praia, 79 km. a Viseu e 35 km. a Aveiro, toma de água, depósito de carvão, cocheiras de máquinas e de material circulante, oficinas gerais, depósitos e armazéns, etc.

O seu movimento é principalmente de trânsito, não servindo povoação alguma de importância; o seu valor resulta de ser entroncamento da linha de Espinho-Viseu com o ramal de Aveiro e de estarem ali instalados importantes serviços da companhia, como sejam as suas oficinas gerais.

Carvoeiro. — Apeadeiro, a 2,5 km. da Sernada, lado esquerdo, faz serviço de passageiros e bagagens.

Neste apeadeiro está em acabamento de montagem importante fábrica de destilação de madeiras, nas modernas e aperfeiçoadas condições e que deve começar em breve a trabalhar.

Paradela. — Estação lado direito, todo o serviço. Serve a povoação do mesmo nome, concelho de Sover do Vouga com Pessegueiro do Vouga e as minas das Talhadas. Tem, desde há poucos anos, uma das mais modernas e perfeitas fábricas de moagem aproveitando a inergia hidro-eléctrica do rio Vouga; esta mesma fábrica está ampliando as suas instalações e a montar fábrica de massas, ficando portanto, uma das mais completas e perfeitas moagens do país, com um complemento de fabrico de massas.

Ribeiradio. — Estação, lado esquerdo, todo o serviço. Tem importante indústria de lacticínios.

Arcozelo das Matas. — Estação a 3,3 km. dependente, lado esquerdo, faz todo o serviço.

Pinheiro de Lafões. — Estação, lado direito, toma de água, faz todo o serviço.

Oliveira de Frades. — Estação a 4,2 km. dependente, lado esquerdo, faz todo o serviço.

Serve a vila e concelho de Oliveira de Frades, contígua à estação, lado norte.

Oliveira de Frades é vila e concelho de 3.^a ordem, pertence ao distrito de Viseu; feira quinzenal, nas 2.^{as} feiras imediatas aos 2.^o e 4.^o domingo de cada mês, e uma anual mais importante, no 4.^o domingo de mês de Maio.

Esplendida situação para curas de repouso, ares incomparáveis. Tem pensões regulares onde se podem passar umas boas férias e casas mobiladas de aluguer.

S. Vicente de Lafões. — Estação a 2,1 km. de Oliveira, lado direito, faz todo o serviço.

Vouzela. — Estação a 6,2 km. de S. Vicente, lado esquerdo, faz todo o serviço.

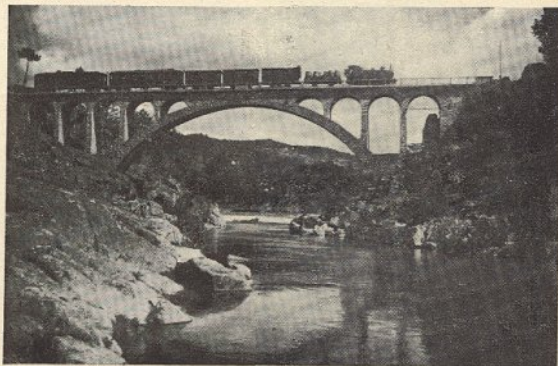
Serve o concelho e vila de Vouzela, contígua à estação, lado norte.

Vouzela, vila e concelho é povoação de origem

antiga, alegre e risonha com belos edifício, rica, bons ares e limpa. Nas proximidades fica a S.^a do Castelo, ermida no vértice de um alto monte, com panoramas extensos, a perder de vista, servida por estrada e que todo o turista deve visitar; Tem bela igreja matriz romanica e capela de S. Frei Gil; Vilharigue a 3,8 km. para sul por estrada de maquedame, onde há ruínas de um castelo, sôbre uma cumiada que domina as restantes, donde se disfrutam feéricas paisagens e amplos horizontes. Nela nasceu D. Duarte de Almeida, o *decegado*, da batalha de Tôro.

Tem, desde há anos, uma bela Pensão-Palácio, com esplendidas instalações onde se podem passar umas optimas férias de repouso e socego. São afamados e justamente os seus famosos pastéis doces e folheados.

Termas de S. Pedro do Sul. — Estação a 3,8 km. de Vouzela, lado esquerdo, faz todo o serviço. Serve a antiga povoação do Banho, desde há anos Termas de S. Pedro do Sul, pequena povoação situada nas



Ponte do Régo

duas margens do Vouga, ligadas por uma bela ponte na estrada de Vouzela a S. Pedro do Sul.

Deu origem a esta localidade a magnífica *nascente de águas termais*, sulfurosas, abundantes e quentes que com vicissitudes várias têm sido apontadas desde os mais remotos tempos da ocupação romana. O *Banho Velho* data do tempo de D. Afonso Henriques, que veio fazer uso das águas, depois do desastre de Badajoz, tendo aproveitado as construções já ali existentes e que se supõe serem obra dos romenos, mais ou menos modificadas pelos árabes. Tôdas as suas instalações estão melhoradas e modernizadas nada deixando a desejar para todos os tratamentos ali a fazer. Os arredores são lindíssimos, com características paisagens beirôas, com tôdas as suas serranias, sendo para recomendar aos visitantes as excursões à Senhora do Castelo, Vilharigos, St.^a Cruz da Trapa, onde há um convento, Gralheira, S. Pedro do Sul e Viseu.

Tem em acabamento um grandioso Hotel-Palácio

que se espera abrirá em Julho próximo com as mais modernas e melhores instalações.

S. Pedro do Sul. — Estação a 3,4 km. das Termas, lado esquerdo, faz todo o serviço.

S. Pedro do Sul, vila situada na confluência do rio Sul com o Vouga, do distrito de Viseu, a 22 km.

É um importantíssimo centro de abastecimentos de madeiras de pinheiro e tem importante fábrica de serração.

Mossamedes. — Estação, lado direito, faz todo o serviço.

Mossamedes é uma pequena povoação a 10 km. de S. Pedro do Sul. Foi pátria do 1.º barão de Mossamedes, governador de Angola e fundador da cidade de Mossamedes naquela província. Nos últimos anos adquiriu grande desenvolvimento devido a ter-se ali encontrado boas minas de estanho e volfrâmio.

Bodiosa. — Estação a 5,7 km. dependente, lado esquerdo, toma de água, faz todo o serviço.

Viseu. — Estação, terminus da linha Espinho-Viseu, km. 141 e que pertence à Companhia Nacional, ramal Viseu a St.ª Comba Dão. Faz todo o serviço de passageiros e bagagens de grande e pequena velocidade.

Serve a cidade de Viseu, e por esta grande parte do distrito do mesmo nome.

Viseu, cidade capital do distrito e da Beia Alta, dista 292 km. de Lisboa. É cidade antiquíssima, cuja fundação se atribue aos Tudulos, situada a 420 metros acima do nível do mar, nas margens do pequeno rio Pavia, afluente do Dão. Tem numerosos monumentos antigos dos quais o melhor e mais sumptuoso é a catedral, não só pela sua arquitectura que é soberba, mas pelos pavimentos, quadros e objectos de arte, verdadeiras obras primas da arte nacional, onde o



VISEU — Porta dos Cavaleiros

talento do grande pintor Grão Vasco e outros da sua escola, se patenteia com tôda a exuberancia. São inúmeros os edificios e obras architectónicas e de valor espalhadas por tôda a cidade constituindo outras tantas reliquias do passado e preciosidades do presente. Entre êles são mais dignos de menção e duma extensiva visita a Casa do Viriato, a Misericórdia, as igrejas do Carmo e Terceiros, a de St.º António como o Asilo-Officinas, S. Miguel do Fetal, as escadas suspensas do antigo Seminário, hoje quartel de artilharia, a estátua de D. António Alves Martins, de Camões, a Galeria dos Varões Ilustres da Beira, na entrada dos Paços do Concelho, o Asilo Officinas de St.º António, o Asilo de Invalidos Viscondessa de S. Caetano, o hospital civil, a mata e jardim de Fontelô, as antigas portas militares, a Biblioteca Municipal, e por último o museu Grão Vasco — os últimos serão os primeiros — sem dúvida o melhor dos nossos Museus de provincia, cheio de preciosidades de tôdas as ordens na sua maior parte reunidas e conseguidas à custa de mil sacrificios pelo seu fundador e organisador, o seu primeiro director o saudoso Almeida Moreira.

Viseu, pela sua situação e pela fertilidade do seu solo, oferece horizontes e pontos de vista que são duma beleza encantadora. Tem belos edificios públicos e particulares, ruas limpas, lavadas, claras e bem cuidadas. Tem mercado semanal tôdas as 3.^{as} feiras e a grande *Feira Franca*, no campo do Viriato, de 15 a 30 de Setembro, uma das mais antigas e importantes do país, que todos os anos ali chama dezenas de milhares de forasteiros.

Viseu é o grande mercado dos famosos e espêndidos vinhos do Dão que figuram entre os melhores vinhos de mesa, não faltando quem os diga e considere como os melhores entre os melhores.

Pelas condições que reúne, cruzamento de grandes vias de comunicação, situação geográfica que desde sempre lhe deu o maior valor, Viseu constitue um dos melhores centros de turismo da nossa terra donde se pode partir para numerosas excursões, desde a Serra da Estrêla ao Buçaco e ao Douro.

Ramal de Sernada a Aveiro

Macinhata do Vouga. — Estação a 2,7 km. da Sernada, lado direito, faz todo o serviço de passageiros e bagagens, g. e p. velocidade.

Serve a freguesia e povoação de Macinhata, contigua à estação, e a antiga povoação de Serem, margem direita do Vouga, sôbre a estrada Agueda-Albergaria, próximo da Pousada de St.º António, com esplendida situação e vista sôbre o vale do Rio Vouga.

Macinhata é terra antiquissima, conhecida com o nome de *Eminhate*, foi tomada 848 a Muby Achim por D. Ramiro I. Fronteira a Macinhata do outro, lado do Vouga, fica a pequena aldeia de Serem, outrora vila, e onde ainda hoje existem restos do convento de frades Capuchos, com magnifica água.

Junto à Ponte do Marnel, sôbre o Vouga, de construção antiquissima, deu-se o célebre reconto de 28 e 29 de Junho de 1828, entre liberaes e miguelistas, sendo aqueles completamente batidos pelas tropas do general Ponas, contribuindo enormemente para sufocar a revolução liberal desse ano.

Mourisca. — Estação lado direito, faz todo o serviço de passageiros e bagagens, g. e p. v.. A 1.800 m. desta fica a Agueira onde são colhidos os conhecidos vinhos do mesmo nome.

Águeda. — Estação lado esquerdo, toma de água, faz todo o serviço de passageiros e bagagens de g. e p. velocidade.

Serve a maior parte do concelho e a vila de Águeda, a sul e contigua à estação. Águeda é vila e cabeça do concelho, no distrito de Aveiro. Assenta em anfiteatro sôbre três outeiros numa encosta da margem direita do rio Águeda. A sua fundação perde-se na noite dos tempos, sendo a *Aeminium* dos romanos, foi tomada e destruída pelo consul Decio Inácio Bruto, 137 a. C. É crença ter ali S. Tiago pregado o Evangelho. Consta que Recaredo e Sisebutó cunharam moeda em Aemínio, e foi repovoada por D. Afonso o *Magno*.

É povoação esbelta, com magnificos pontos de vista e paisagem encantadora, muito rica e fertil,



Pinheiro com cinco troncos, à entrada de Viseu, na estrada de Mangualde

tomando nos últimos tempos um grande desenvolvimento comercial e industrial.

Eirol. — Estação lado direito, faz todo o serviço de passageiros e bagagens de g. e p. velocidade.

Serve o lugar de Eirol, as freguesias e povoação de Requeixo e de Fermentelos, para onde se vai de barco pela lagoa de Fementelos famosa pela caça de arribação que todos anos ali afluem.

Eixo. — Estação lado direito, faz todo o serviço de passageiros e bagagens, g. e p. velocidade.

Serve a freguesia e povoação de Eixo, contigua à linha férrea, lado sul.

Eixo foi vila e cabeça de concelho, com juiz de fora, tendo-lhe D. Manuel dado foral em 2 de Junho de 1516.

Aveiro. — Estação terminus do Ramal, ligação com a C. P., a 35 km. da Sarnada, lado direito, placa girante, balsa e depósito de carvão, faz todo o serviço de passageiros e bagagens g. e p. velocidade.

Aveiro. — Cidade e elevada a esta categoria em 1759, está situada junto da ria do mesmo nome a 8,3 km. da foz do Vouga; capital de distrito, dista 45 km. do Porto e 245 de Lisboa. É servida pelas linhas férreas da C. P. e Valle do Vouga, pelos braços da Ria e barra de Aveiro, que com bom tempo dá entrada a navios de 800 T.

Aveiro é povoação antiquíssima, tendo a sua origem na de *Aviarium*, fundada junto da foz do Vouga, no tempo de Marco Aurélio, e querendo muitos que seja famosa e antiga *Talabriga* dos celtas.

Aveiro tem passado na sua existência as mais variadas vicissitudes alternando-se maiores ou menores períodos de miséria com outros tantos de riqueza, prosperidade e esplendor, tudo conforme ou dependente do estado da sua barra e maior ou menor facilidade de comunicação com o mar.

Desde cerca de um século disso, Aveiro tem tido assegurada essa ligação e por isso tem vindo em continuado e próspero progresso. E só espera, para seu completo e seguro desenvolvimento, que sejam melhor assegurados ainda, como está projectado a passagem pela barra para navios até 1.700 ou 2.000 T., o que deve conseguir-se certamente com os trabalhos complementares aí a executar, o que só tem sido impedido pela dificuldade de adquirir grandes guindastes e outras ferramentas e aparelhagens indispensáveis às obras. Como centro de turismo, Aveiro tem condições naturais mesmo na nossa terra quando se queira aproveitá-las e tirar delas tôdas as vantagens e possibilidades que se oferecem nas belezas da sua formosa Ria, cujas riquezas são, de resto, das maiores de Aveiro. Além de tudo isto, Aveiro tem importantes indústrias, entre as quais se destaca muitíssimo a cerâmica, das melhores e mais prósperas do país.

Tem também um notável Museu apesar de ainda em organização, entregue aos cuidados de iniciativa e competência e de direcção do seu director sr. dr. Alberto Souto, que o levantará tão alto quanto êle o pode e deve ser.

SEXTA PARTE

Organização dos serviços da Companhia

A) Administração

A sede da Administração da Companhia concessionária (Companhia Portuguesa para a Construção e Exploração de Caminhos de Ferro) e de Sociedade arrendatária — Sociedade de Construção e Exploração de Caminhos de Ferro no Norte de Portugal — é em Lisboa, rua do Comércio, 94, edifício do Banco Nacional Ultramarino.

Aí estão instalados as Administrações, Direcção e Contabilidade Geral.

B) Exploração

A sede da Exploração é em Espinho, Rua 62, n.º 107.

Aqui estão instalados a Direcção da Exploração, a cargo do Engenheiro Director da Exploração, que superintende imediatamente nos vários Serviços da Exploração que são as seguintes:

Serviço de Via e Obras

É chefiado por um Engenheiro e tem a seu cargo tudo o que respeita à conservação, reparação e policia da via e edificios.

Para conservação da via está esta dividida em 3 *distritos* e 17 *partidos* cada um destes cerca de 10 quilómetros; cada *distrito* tem um *capataz geral* e cada partido um *capataz de partido*. Para cuidar dos edificios e outras obras há um *encarregado de obras* com officina própria na linha e vários operários das especialidades próprias.

Em S. Pedro do Sul há *montagem* para preparação de travessas destinadas à via; na linha existe o armazém próprio deste serviço.

Serviço do Movimento e Tráfego

É chefiado por um Engenheiro e pertence a êste Serviço tudo o que respeita a movimento de comboios, horários, tarifas, etc..

Tem como auxiliares Inspectores.

Serviço de Fiscalização, Estatística e Reclamações

Está a cargo de um chefe de Serviço e compete-lhe a organização da estatística, fiscalização das receitas e reclamações.

Serviço de Material e Tracção

Tem a sua sede na Sernada, aonde estão instaladas as Oficinas gerais da Companhia, depósitos de má-

quínas e principais depósitos de combustíveis e óleos, materiais, etc.

Este serviço está a cargo de um Engenheiro e as Oficinas a cargo de um chefe de oficinas.

Há ainda um Sub-Inspector e um chefe de depósito e postos de revisão, com revisores de material na Sernada, Viseu, Espinho e Aveiro.

Serviço de Saúde

Tem a sua sede em Espinho e está a cargo de um Médico-Chefe. A linha está dividida em secções médicas, cada uma delas com um ou mais médicos conforme a sua importância, sendo a principal a que compreende a Sernada, onde há um posto médico com consultas diárias para todo o pessoal que ali queira ir.

Há ainda alguns médicos especialistas para melhor tratamento do pessoal, que todo tem direito, bem como a sua própria família a tratamento gratuito pelos médicos deste serviço.

Serviço de Secretaria

Tem a sua sede em Espinho, está a cargo de um Chefe de Serviço que tem a seu encargo toda a cor-

respondência da Direcção da Exploração, matrículas, arquivo, etc.

Pagadoria

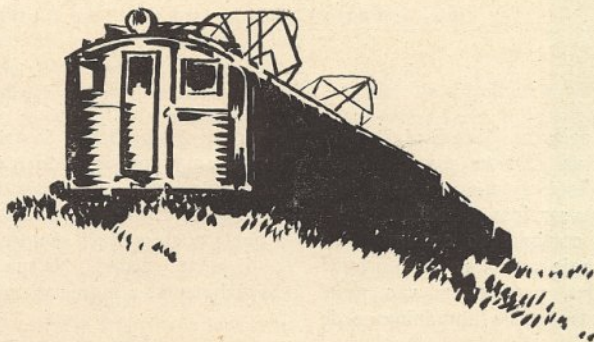
Tem a sua sede em Espinho, está cargo de um Pagador, a quem compete arrecadar e contar todas as receitas da Companhia, pagar ao pessoal e efectuar todos os mais pagamentos que lhe forem ordenados.

Caixa de Aposentações e Socorros

Está constituída a C. A. S. do pessoal do V. V. desde 1919 e nela está inscrito o pessoal do quadro, nos termos de um regulamento então aprovado. Conta com um capital não pequeno, constituído pela contribuição do pessoal e largos subsídios e contribuição da Companhia.

A C. de A. e S. administra também um fundo especial destinado a socorrer os tuberculosos.

É administrada por uma Comissão Administrativa, presidida pelo Presidente do C. de Administração da Companhia, Vice-presidente o Engenheiro Director da Exploração e vogais os Chefes de Serviço e dois delegados eleitos pelo pessoal.





ESPINHO — Praia de banhos — Esplanada — Paraíso das crianças — «Rink» de patinagem

Espinho à vista!...

Por CARLOS DE MORAIS

PEDEM-ME algumas palavras sobre Espinho para serem publicadas na *Gazeta dos Caminhos de Ferro* — revista interessantíssima com mais de meio século de relevantes serviços prestados à Nação portuguesa através duma colaboração escolhida e a todos os títulos notável, hoje superiormente dirigida pelo sr. Carlos d'Ornellas, para quem vão, neste momento, as minhas saudações de homónimo e de velho admirador.

Falar sobre Espinho da nobre e soalheira varanda que é a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* não era a mim que competia. Outros, evidentemente, o fariam com maior brilho e maior aproveitamento. Todavia procurarei focar, em síntese, alguns dos seus aspectos mais interessantes, que não são poucos e que bem mereciam melhores cuidados do que aqueles que eu lhes posso dispensar.

Espinho é uma terra de turismo, no mais amplo

e sugestivo significado da palavra. Praia de mar detentora do mais privilegiado e excelente dos climas, jóia engastada numa das mais belas regiões do litoral português, Espinho é como aquelas lindas mulheres a quem apetece dizer sempre coisas lindas.

E senão, vejamos. Na sua frente, o Mar — êsse Mar de turbulentas e inquietas águas que

*...Nos faz lembrar as montanhas
De Trás-os-Montes! O Mar
Que, às vezes, lá das entranhas,
Arranca ondas tamanhas
Que são montanhas a andar!...*

Depois, à sua volta, ao norte, ao sul e a nascente, desbobina-se um horizonte rico de cambiantes, onde há mãos-cheias de povoações agrupadas graciosamente pelas encostas, igrejas brancas entre verduras tenras,

roseirais e moradias solarengas. É como remate primoroso, temos o monte da Senhora da Saúde dos Carvalhos à vista, o vetusto mosteiro de Grijó a talho de foice, e a Vila da Feira — dona excelsa dum dos mais lindos castelos de Portugal — à mão de semear.

Assim, o banhista, o freqüentador de Espinho, quando cansado de olhar o mar, quando saturado das festas mundanas e elegantes, pode retemperar os nervos e deslumbrar os olhos e a alma numa visita a êste magnífico triângulo de turismo — três pontos sempre dignos da nossa atenção quer pela beleza das suas obras de arte, quer pela vastidão dos seus panoramas.

* * *

Espinho não tem ainda uma história longa para contar-se. É uma terra relativamente jovem, que começou a dar sinais de si há pouco mais de meia dúzia de dezenas de anos para cá, muito especialmente depois que a C. P. lhe rasgou a epiderme de terra socegada com o assentamento da sua via férrea, e lhe espicaçou os apetites de expansão e de progresso com a construção da sua gare primitiva.

A iniciativa da C. P. — consequência lógica dum vasto programa geral — fez brotar então as iniciativas locais, cada uma em seu tempo próprio e em sua medida própria também. A semente estava lançada à terra, e uma das iniciativas que não teria surgido sem o exemplo da C. P. é a que diz respeito à construção das linhas do caminho de ferro do Vale do Vouga — via reduzida que é hoje um largo e abundante caudal de factores económicos para Espinho e para a fecunda e formíssima região da Beira Alta.

Nem a vila de Espinho, nem a praia de Espinho, nem o concelho de Espinho sabem ainda, ao certo, quanto devem ao caminho de ferro do Vale do Vouga! . . .

Espinho, portanto, colocado no ambito destas e de outras iniciativas notáveis, tinha fatalmente que sair do marasmo de terra morta para a estupenda realidade dos nossos dias. Tudo se conjugou para que Espinho chegasse a esta gloriosa etapa de energias inteligentemente aproveitadas, de realizações perfectas, de actividades comerciais e industriais absolutamente sincronizadas dentro dos ritmos nacional, regional e local.

Surgiu a C. P., surgiram as nobres iniciativas particulares, surgiu o caminho de ferro do Vale do Vouga fazendo aqui seu entroncamento, e Espinho, — pequena colmeia de pescadores laboriosos mas sem ambições — começou a tomar rumos de terra civilizada.

E é desde então que, de ano para ano, se transforma a sua fisionomia de espantosa maneira e de espantoso geito, numa volúpia de progresso que não encontra similar nas terras mais lisongeiramente progressivas de Portugal!

O seu nome, banal e incaracterístico, condenado a não passar além das suas dunas de areia e a não perturbar a ladaíinha das ondas, segue ousadamente pelos caminhos da aventura, atravessa os mares e os conti-

nentes ao som da trombeta clangorosa das suas afamadas sardinhas de conserva, que a velha Fábrica Brandão Gomes — sem contestação possível o melhor e mais nobre arauto de Espinho — levou a tódas as partes do mundo inteligentemente, gloriosamente e patrioticamente.

E Espinho nunca mais parou em seu geito de terra eleita e prometida! . . . Nunca mais! . . .

Vieram a seguir outras indústrias, outras actividades, outros anseios de vida, outros factores de progresso, outros motivos de orgulho, outros pontos de apoio e de referência, e assim, conseqüentemente, outras necessidades se criaram, outros sonhos se avolumaram aos sonhos já sonhados e realizados, e, sobretudo, outras realidades surgiram que deram estas duas esplêndidas realidades: — o concelho de Espinho e a praia de Espinho dos nossos dias.

* * *

Efectivamente, a forma vertiginosa como se fez tudo isto, em tão pouco tempo, chega a causar assombro.

Quem diria, há meio século, que Espinho seria hoje êste grande aglomerado populacional, plétórico de actividades comerciais e industriais que não precisam de se encostar à sombra de comércios ou de indústrias parasitárias para viverem com dignidade e com desafôgo?

Quem diria, que Espinho viria a possuir nos seus flancos um dos melhores campos de Aviação de Portugal?

Quem acreditaria na realidade duma Esplanada monumental, duma Piscina Solário monumental e de muitas outras realizações monumentais que constituem o merecido orgulho dos verdadeiros amigos de Espinho?

* * *

Falar de Espinho e não falar da sua colónia de pescadores, seria injustiça imperdoável. Hoje, como há um século, a colónia do bairro piscatório de Espinho mantém intactas as suas características, mantém inalterável a sua maneira de viver, afastada das outras camadas sociais por cujos deslumbramentos nunca sentiu inveja. Como há um século, os pescadores usam os mesmos trajes, os mesmos costumes. Gosam as mesmas horas de fartura e suportam estoicamente as mesmas quadras de miséria. Como há um século, a fatalidade dos seus destinos é a mesma.

Os homens lutam com o mar e com as oidas. Nascem, vivem e morrem embalados pelas ondas, e muitas vezes é do meio das ondas que partem para o seio da eternidade.

As mulheres — coitadas! — essas lutam com o mar, lutam com os homens e pelos homens do mar, lutam com as canastras na venda do peixe recolhido nas rédes, e lutam com os bandos dos filhos, que parecem nascer também às canastras, louvado Deus!

Quando as rêdes trazem peixe com fartura, elas correm Espinho de lés a lés, dão volta pelas aldeias, e não é raro encontrá-las também por terras afastadas apregoando a sua *Viva de Espinho*, que é incontestavelmente a melhor de todas as sardinhas frescas deste mundo.

E quando revoadas de raparigas novas passam a apregoar a *Viva de Espinho* com suas vozes cristalinas, apetece cantá-las, na sua labuta humilde:

*Esbeltas como palmeiras,
Com seus pregões, rua além,
Que lindas são as vareiras!
— Lembram o mar nas maneiras...
São ondas que vão e vêm!*

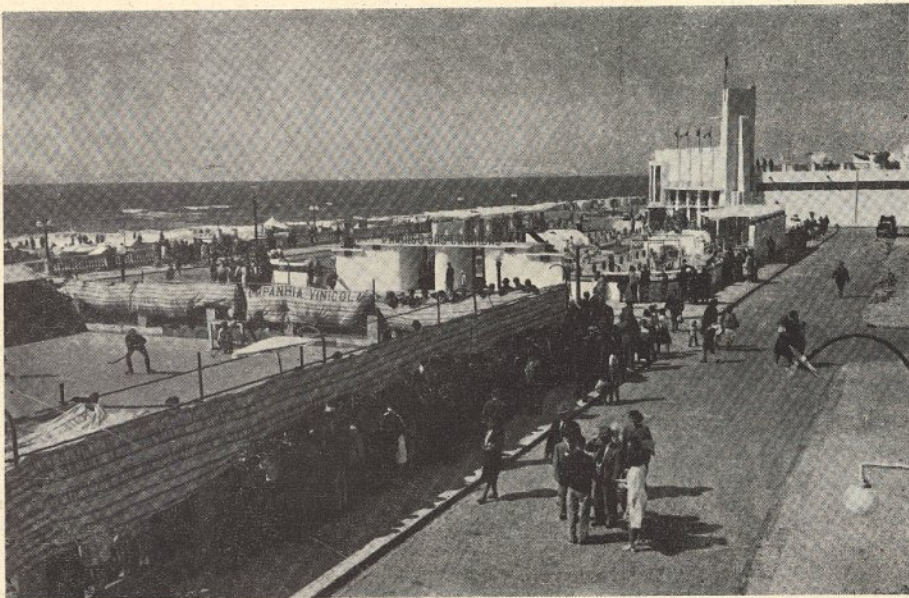
*Viva de Espinho é o pregão
Que elas trazem na garganta
Sempre ungião de emoção,
Que até nos deixa a impressão
Que é o próprio mar quem o canta!...*

Efectivamente, quando a voz sadia e bem timbrada duma fresca rapariga apregôa a deliciosa *Viva de Espinho*, eu não sei de música mais linda do que essa.

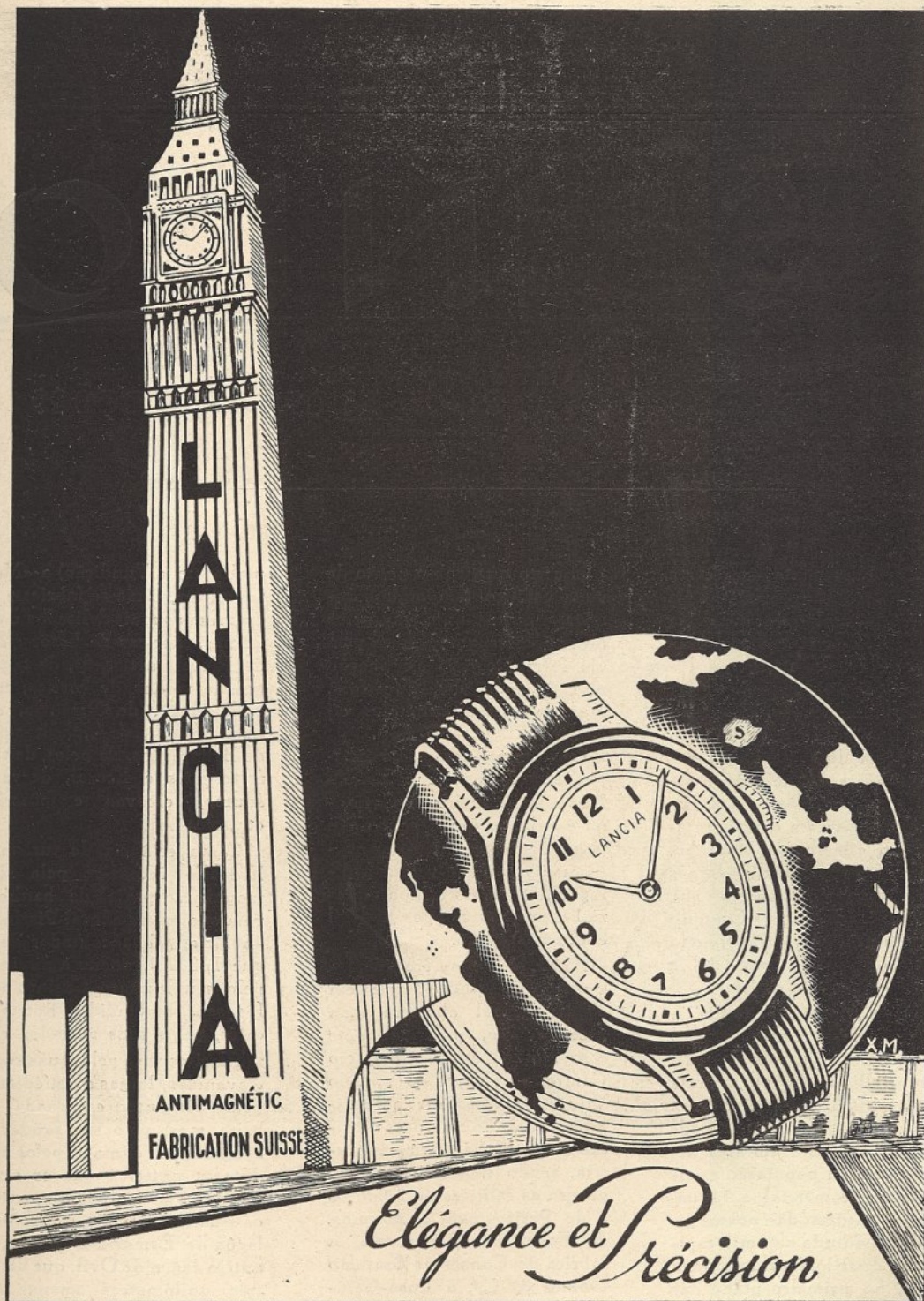
* * *

E dito isto, dada esta descolorida amostra do que é Espinho, creio ter dito o que seria preciso dizer-se, porque muito mais eloquente do que tudo quanto possa traduzir-se por palavras, o dizem as centenas de milhares de visitantes que afluem a Espinho não só nas épocas de veraneio, mas em todas as quadras do ano, sempre na avidez dum tempo bem aproveitado e bem passado.

E nessas avalanches permanentes de gente que procura Espinho para trabalhar ou para se recrear, é que está, indubitavelmente, o melhor cartaz de Espinho!...



ESPINHO — «Rink» de patinagem — Paraíso das crianças — Piscina — Praia de banhos



Elegance et Précision

ESPINHO

O seu progresso e as suas aspirações

Por BENJAMIM DA COSTA DIAS (Director do semanário *Defesa de Espinho*)

MUITA gente — milhares e milhares de pessoas — conhecem Espinho apenas de passagem no caminho de ferro. Umhas porque nunca terão tido ensejo de vir a Espinho, propositadamente, e outras porque, por aquilo que vêem do combóio em que passam, tiram conclusões erradas a respeito desta terra, suppondo que viram o mais interessante e melhor de Espinho, permanecem durante largos anos, quando não tóda a vida, na ignorância de que Espinho é como praia de banhos, como vila comercial e industrial e como estância de turismo.

Em 45 anos de autonomia administrativa, pelo esforço dos seus habitantes e quási sem auxílio do Estado, a praia de Espinho transformou-se na cidade que hoje se lhe pode chamar, superior em área urbanizada, em população e importância comercial e industrial, a muitas das nossas cidades, incluindo algumas capitais de distrito, figurando, sem favor, no primeiro plano das praias portuguesas.

É certo que, sob o ponto de vista estético tem alguns senões, muito notados pelos observadores que passam pela via férrea, e cuja eliminação não depende do Município, mas de várias entidades do Estado.

Confiamos, porém, nós, Espinhenses, em que o Estado Novo, sob a égide de Carmo-na e Salazar, possa dentro em pouco tempo satisfazer as nossas mais justas e velhas aspirações, tanto no campo material como nos campos judicial e administrativo.

Além de um comércio armazénista importante, que em época normal abastece uma vasta região, principalmente essa região paradisíaca que o Caminho de Ferro do Vale do Vouga atravessa, a vila de Espinho possui numerosas fábricas e uma variadíssima indústria, sendo modelares no seu género as fábricas de Fósforos e de Palitos para os mesmos, da Fosforeira Portuguesa, a fábrica de Conservas Brandão-Gomes & C., a Luso-Celuloide, a Fábrica Progresso (es-

maltagem e Fundição) a «Metalúrgica», onde se fabricam e reparam as mais delicadas máquinas, fábricas de botões (3), de Moveis artísticos, de tapetes, de rólhas de cortiça, etc. 2 de sabão, de Pregaria, de Serração (4), de guarda-sois, de Brinquedos, de peles, de refrigerantes e licores, de vasouras, escovas e pinceis, etc., etc.

Como estância de turismo, Espinho impõe-se pela sua magnífica praia de banhos, pela sua monumental Piscina-Solário, pelo encantador Parque Infantil, anexo à piscina, pelo seu luxuoso Casino, pelos seus esplêndidos hotéis e cafés, pelos seus aseados estabelecimentos, pelas suas ruas e avenidas, largas e higiénicas, pela elegante esplanada à beira mar, pelo seu saudável e agradável clima e pelos sedutores passeios que os seus arredores proporcionam, entre os quais se destaca a formosa lagôa de Esmoriz-Paramos, a antiga lagoa de Ovil, que dista três quilómetros apenas de Espinho.

À população de Espinho (vila), orça por doze mil habitantes e o concelho tem cerca de 20 mil almas.

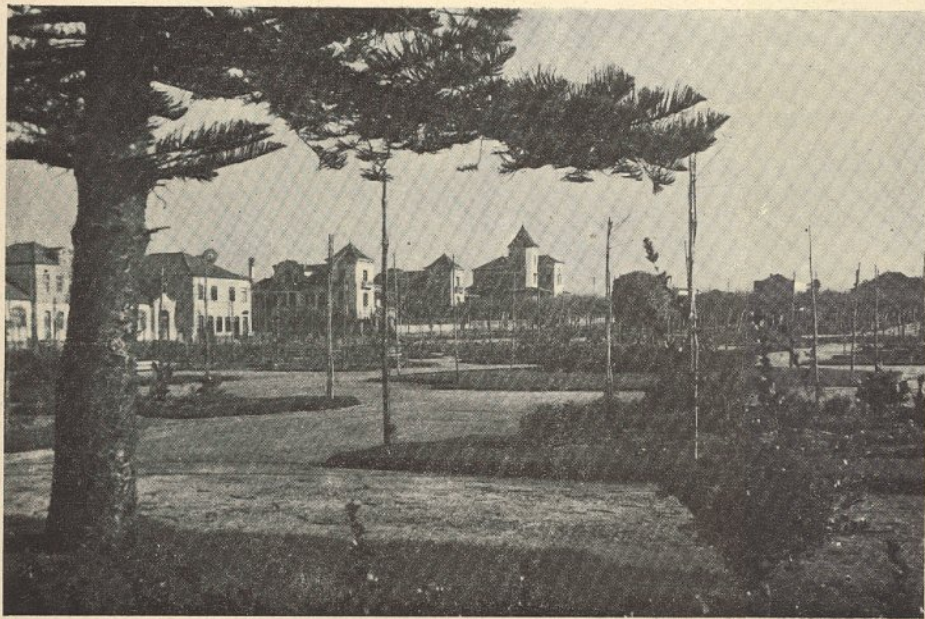
As principais aspirações dos Espinhenses são: a conclusão das obras de defesa da praia e, possivelmente, a construção de um pôrto de pesca; abastecimento abundante de água potavel; a transferência das instalações ferroviárias, a construção de bairros para os pescadores e a criação de uma comarca, pois não faz sentido nem é justo que Espinho ainda não tenha tribunal próprio.

Nos últimos anos, sob a presidência do ilustre Espi-

nhense que actualmente se encontra à frente do distrito de Coimbra, o sr. dr. Augusto de Castro Soares, a Câmara Municipal de Espinho levou a cabo importantes melhoramentos, entre os quais se avantajam os edificios dos Paços do Concelho e do Matadouro Municipal, o Parque-Jardim «João de Deus», a urbanização dos bairros da Mata e do Rio Largo, a pavimentação de diversas ruas, canalização de esgotos, captação de água para abastecimento da vila e muitas obras de menor monta que seria fastidioso enumerar.

Nos últimos meses, também a Câmara, a que actualmente preside o sr. dr. Alfredo Temudo Corte Real, levou a efeito a construção de uma nova cadeia concelhia e um quartel para a Polícia de Segurança Pública, que acaba de instalar um posto permanente nesta Vila.

Espinho tem, pois, incontestavel direito a que o Governo de Salazar lhe dispense o auxilio de que tanto necessita para realizar as suas mais justificadas aspirações. Oxalá que isso suceda em breve, a bem de Espinho e a bem da Nação.



ESPINHO — Parque «João de Deus» — Frente aos Paços do Concelho

“Liga dos Interesses Gerais de Espinho”

Fundada por um jornalista, é constituída por uma pleiade brilhante de valores da linda vila

SEM espírito bairrista, sem êsse amor orgulhoso e enternecido pela terra do nosso nascimento ou em que exercemos as nossas actividades, as aldeias ficam sempre aldeias, as vilas não progridem, as próprias cidades estagnam numa sonolência a ponto de ficarem, à medida que certas localidades vão progredindo, com o aspecto de vilas antigas. Se a êsse espírito bairrista se der uma orientação, um programa, uma unidade de vistas, os valores e as boas vontades operam, então, verdadeiros milagres e redobram a sua actividade.

Quando, há pouco mais de 12 anos, o distinto jornalista sr. Benjamim da Costa Dias, tomou a iniciativa de fundar em Espinho a Liga dos Interesses Gerais dessa formosa e progressiva vila, tão formosa e progressiva que bem merece já que a tratemos e designemos como cidade, logo se encontrou rodeado de valores expressivos e de boas vontades. A união sempre fez a força. Mas a força disciplinada, orientada e fortalecida por uma consciência, redobra de energia e vence facilmente obstáculos que, antes dessa disciplina e dessa unidade, pareciam insuperáveis. A «Liga dos Interesses Gerais de Espinho» tem a enchê-la de glória e orgulho uma obra. Essa obra nunca seria totalmente realizada se não tivesse havido uma orientação e uma consciência a presidir aos seus destinos e a justificar a sua constituição.

A «Liga dos Interesses Gerais de Espinho» instalou-se, a princípio, numa das salas da Associação Comercial, e mais tarde, quando apareceu o sema-

nário «Defesa de Espinho», de que é director o sr. Benjamim da Costa Dias, passou a funcionar na redacção do jornal. Algumas personalidades, das que estão mais enraizadas à vida e ao progresso da encantadora vila, têm dado à «Liga dos Interesses Gerais de Espinho» uma colaboração preciosa. Eis uma mão-cheia de nomes que não podem ser esquecidos, nem por nós, nem, principalmente, por todos os que em Espinho vivem: Dr. António de Barros, advogado; Dr. Castro Soares, antigo presidente da Câmara Municipal de Espinho e actualmente governador civil de Coimbra; Engenheiro Ricardo Gaioso Penha Garcia; Dr. Correia Marques Júnior, Delegado de Saúde; o falecido Carlos de Oliveira, antigo secretário do Governo Civil do Porto; Vicente Alves Monteiro, antigo presidente da Associação Comercial de Espinho; Américo Fernandes da Silva, Albino Estima e Manuel Martins de Almeida. Não estão aqui, evidentemente, todos os nomes. Apenas os das pessoas que, com mais assiduidade, deram ao organismo a sua preciosa colaboração.

Oiçamos agora o distinto jornalista sr. Benjamim da Costa Dias, pois é precisamente êle quem nos vai falar sobre os objectivos que norteiam a «Liga» e justificam a sua existência:

— Ao constituir-se o nosso grupo, tivemos por finalidade estudar os problemas de maior transcendência do Concelho e indicar o nosso ponto de vista sobre o modo de resolvê-los às autoridades locais e estâncias superiores e apoiar aquelas entidades sempre que, na solução dos vários problemas,

interpretassem o sentir ou o desejo da população de Espinho.

— E quais foram os principais problemas que a «Liga» indicou às entidades locais e pelos quais mais se interessou?

— Em primeiro lugar a questão do jôgo, a-fim-de que se verificasse a situação de Espinho como zona turística. Depois, foi o problema das instalações ferroviárias. Tratámos, também, da questão da assistência aos pobres. Não se compreendia que Espinho, zona de turismo, exhibisse nas ruas verdadeiros batalhões de mendigos. Graças à acção da «Liga», extinguiu-se a mendicidade das ruas. Para isso foi necessário organizar um núcleo de contribuintes que assegurou aos verdadeiramente necessitados subsídios semanais em dinheiro, além de outros auxílios.

— E quais são, actualmente, os problemas que mais interessam á «Liga»?

— A nossa actividade tem diminuído ultimamente, não por falta de interesse pelos problemas locais, mas porque à frente dos destinos do Concelho se encontram pessoas com cujos pontos de vista concordamos plenamente.

— E quem dirige actualmente a «Liga»?

— Pessoas que entre nós gosam da mais ampla simpatia, como o dr. Augusto Constante Pereira, na presidência; o sr. Gilberto Tavares de Almeida, industrial, que está na vice-presidência, e os senhores José Ferreira de Sá e João Brandão Barbosa, que exercem os cargos de secretários.

— A «Liga de Defesa e Melhoramentos da Barrinha dos Esmoriz» tem alguma coisa de comum com a «Liga dos Interesses Gerais de Espinho»?

— É um outro organismo. Dei-lhe também o melhor do meu entusiasmo. A valorização turística da Barrinha constitui um novo atrativo de Espinho, pois os Esmoriz ficam apenas a três quilómetros desta vila. Todos os desportos náuticos se podem praticar ali: passeio de barco, natação, corridas de barcos à vela. A «Liga de Defesa e Melhoramentos», para que esses desportos pudessem praticar-se sem interrupção, trabalhou junto das entidades competentes no sentido de que a Barrinha se não obstruísse de areias e ficasse reduzida à sua área ou mesmo de todo inutilizada. Não foi baldadamente que a «Liga» chamou a atenção das entidades competentes para o caso. E assim, a Barrinha dos Esmoriz, que é um encanto, uma verdadeira maravilha paisagística, tornou-se, sob o ponto de vista turístico, um grande valor a juntar aos recursos e aos atractivos de Espinho.

O dr. Sousa Costa, há meses, no *Primeiro de Janeiro*, classificou de cidade a vila de Espinho. O ilustre escritor não cometeu nenhum exagero. As suas ruas magníficas, os seus prédios, os seus estabelecimentos comerciais, a sua actividade industrial, os seus cafés, os seus hotéis, o seu belo Casino, dão-lhe inteiramente jus a essa designação. Espinho ha-de ser, dentro de poucos anos, uma das mais lindas e importantes cidades do país.

R. de B.

FÁBRICA DE SERRAÇÃO,
CARPINTARIA E MARCENARIA

A MODERNA

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA QUINTAS

CARPINTARIAS E
MÓVEIS DE TODOS
OS TIPOS — MADEI-
RAS NACIONAIS E
— ESTRANGEIRAS —



Rua 31 ESPINHO Telefone, 59

CASA N.ª S.ª DO SAMEIRO

Castro & Natário, L.ª

SUCESORES DE JOAQUIM DE SÁ COUTO

RUA 14 N.º 747

Depósito — RUA 19 N.º 196

ESPINHO

Fabrico especial em bolos e doces regionais

Especialidade em pão podre e bolos de S. Bernardo

Pão de ló de 1.ª e de 2.ª qualidade. Sortido especial para a época da Páscoa. Doces finos com ovos recebidos da região e fina manteiga recebida diariamente.



Manuel Graña & Torres, L.ª

Rua 23 n.º 389

FÁBRICA DE SERRAÇÃO

Rua 20

Telefone { ESPINHO 351
FOZ 668

ESPINHO — PORTUGAL

Recebe-se tôda a qualidade de encomendas

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

MADEIRAS PARA CONSTRUÇÃO E EMBALAGENS

Contraplacados — Toros para minas — Postes Telegráficos

Travessas do caminho de ferro — Lenhas

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

HAVAS
4C



MONTADO
NO MELHOR
LOCAL DA
PRAIA

★
C A F É
RESTAURANTE

COSTA-VERDE

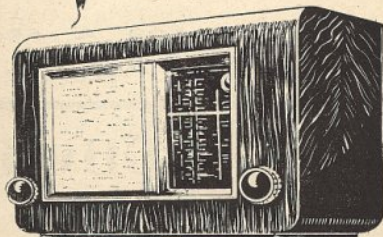
ESPINHO

TELEF. 343

Impõe-se pela sua modelar organização, pela higiene das suas instalações, pela melhor ementa apresentada em pratos regionais. Visitando a Praia de Espinho não deixe de visitar o Café Restaurante Costa-Verde

NO SEU GÊNERO NÃO HÁ MELHOR

*Antes de fixar
a sua escolha*



... num aparelho de T. S. F. visite a **ELECTRÔNIA, L.^{da}**, casa especializada e importadora de grandes marcas.

Encontrará os mais lindos e variados modelos de aparelhos receptores aos melhores preços, com os últimos aperfeiçoamentos da técnica rádioelétrica.

Antes de fixar a sua escolha, consulte, pois, a



ELECTRÔNIA, L.^{da}

RUA 31 DE JANEIRO, 71 - PORTO - telefone 5000

FOTOGRAFIA CARVALHO

CASA FUNDADA EM 1889

ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES DESDE 30\$00. ESMALTES
EM TODOS OS TAMANHOS.—ACABAMENTOS DE TRABA-
LHOS PARA AMADORES

RUA 62, 253 A 259—ESPINHO

Pensão Ideal

Telefones | 2 ESTADO

SITUADA A DOIS MINUTOS DAS
GARES DOS CAMINHOS DE FERRO
—:— DA C. P. E DO V. V. —:—

TEM QUARTOS HIGIÉNICOS E CON-
FORTAVEIS COM LUZ ELÉCTRICA
—CASA DE BANHO—ESMERADO
—:— SERVIÇO DE COSINHA —:—

PREÇOS MÓDICOS



RUA SESENTA E DOIS
ESPINHO

União Comercial de Espinho, L.^{da}

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
—:—:— CHÁS E CAFÉS —:—:—

FÁBRICAS DE _____
TORREFAÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES

CONSERVAS NACIONAIS
E ESTRANJEIRAS

RUA 19-409 A 421
ESPINHO TELEFONE 37

VINHOS DE



PASTO

José Tavares d'Oliveira

CASA FUNDADA EM 1920

Filiais: { S. JOÃO DA MADEIRA—OLIVEIRA DE AZEMEIS
CALDAS DA RAINHA—VALE DE CAMBRA
PÓRTO—RUA BARROS LIMA, 731 (Armazém n.º 8)

Marca registada
n.º 56.758/59

Sede: Rua 16 n.º 1023—ESPINHO

TELEFONE 62

ESPINHO

é servido por dois bons
estabelecimentos de ensino

Colégio

de

N. S.^a da Conceição

(Alvará n.º 128)

PARA EDUCAÇÃO
DE
MENINAS

Telefone 303

Colégio

de

S. Luiz

(Alvará n.º 62)

PARA EDUCAÇÃO
DE
RAPAZES

Telefone 60

Cursos primário, comercial e liceal

PREPARAÇÃO PARA ADMISSÃO
A UNIVERSIDADES E INSTITUTOS

Para esclarecimentos, pedir prospectos às Direcções

Grande Hotel de Espinho

ESPINHO—Telefone n.º 2

RECOMENDADO PELO SEU
— OPTIMO SERVIÇO —

Pedidos a:

FERNANDO LAGO & C.ª



CAFÉ CHINEZ

ESPINHO

O QUE MELHOR SERVE PELO SEU ESMERADO ASSEIO

António Catarino da Fonseca

RAIMUNDO



MESTRE DE OBRAS



OFICINAS: RUA 62 N.º 572
ESPINHO

TIPOGRAFIA

PROGRESSO

ANTÓNIO GUETIM



EXECUÇÃO RÁPIDA E
PERFEITA DE TODOS OS
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS



RUAS 11 E 20
ESPINHO

Tanoaria Progresso

VASILHAME
DE TODAS AS
DIMENSÕES

Relvas & Guimarães

FABRICO ESMERADO
M O D É L O S
DE EXPORTAÇÃO

SILVADE-ESPINHO

(Próximo da Praça dos Touros)

PORTUGAL

Fábrica de Vassouras, Escôvas e seus derivados

BROCHAS E PINCEIS

Sousa, Cardoso & C.^a, L.^{da}

Lugar da Estrada

ANTA-ESPINHO

Fábrica de Papel e de Cordoaria

DE

Viuva de Manuel Alves da Rocha & Filhos

Fábrica do Castelo — Espinho — Silvade

PAPEL DE EMBRULHO DE TODAS AS QUALIDADES

CORDA DE LINHO E DE ZIZAL

V E N D A S A D I N H E I R O

Pensão Demétrio

ESTA PENSÃO É A MAIS CENTRAL DE TODAS AS CASAS

Fica situada na esplanada entre a PISCINA, CASINO, BALNEÁRIO, RING DE PATINAGEM, PARAÍSO DAS CRIANÇAS e PISCINA

60 quartos com vista de praia e mar  Quartos higiênicos e confortáveis

COSINHA À PORTUGUESA e refeições abundantes e variadas

TELEF. 98 ESPINHO

União Papeleira de Espinho, L.^{da}

GERENTE

Manuel Albuquerque e Abreu



Fornecedores de matérias primas das principais fábricas de papel do Norte. Negociantes de papel velho, trapos, desperdícios, papéis novos, cartão Norte, sacos, etc.

SEDE

Rua 62, n.º 1071 - Escritório: Rua 4, n.º 528

Telef. **ESPINHO 306**

ESCRITÓRIO EM LISBOA

Rua Barão de Sabrosa, 140-l.º

Agência Informativa Ferroviária de Espinho

ALBUQUERQUE ABREU & SILVA, LIMITADA

Rua 4, n.º 528 — Telefone Espinho, 306

ESPINHO

Trata de todos os assuntos ferroviários, fretes, levantamentos e despachos nas estações da C. P. e Vale do Vouga em Espinho. Comissões, Consignações e Conta própria

AGENTES NO CONCELHO DE ESPINHO DA

COMPANHIA EUROPEIA DE SEGUROS

Santiago & Oliveira, L.^{da}

FÁBRICA DE LOUÇA DE ALUMÍNIO, E OUTROS ARTIGOS DO MESMO METAL, COMO SEJAM, TALHERES, MÁQUINAS DE BARBA, CABIDES, ETC.

Qualquer artigo em latão, ferragens para móveis, espelhos, etc.

Cápsulas em folha para refrigerantes

Sêlos de garantia

Cromagem, niquelagem e cobreagem da fábrica

RUA 33, N.º 720 — ESPINHO

**CAFÉ-RESTAURANTE
«FLÔR DE ESPINHO»**

DE

Ester Tavares de Oliveira

Serviço de Restaurante a preços moderados

O MELHOR SERVIÇO DE CAFÉ

(Situado junto à estação do Caminho de Ferro da C. P.)

Rua Dezassete

ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
VENDAS POR JUNTO

Baptista & Oliveiras

ÚNICOS REPRESENTANTES EM ESPINHO DE:

Fábrica de Massas Alimentícias «Milanese»

SABOARIA DO BOLHÃO, L.^{da}

Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandêses, L.^{da}

ADUBOS «S. A. P. E. C.»

TELE { FONE: 21
GRAMAS: FARINHAS
APARTADO. 5

RUA 62
ESPINHO

Empresa de Pesca
Nossa Senhora
do Rosário de Fátima
de

MAIA & C.^a

Telefone 6

ESPINHO

Empresa de Pesca de Arrasto de Espinho, L.^{da}

« S. PEDRO »

Exploração da Pesca de Arrasto
na Costa de Espinho

GERENTE:

Francisco Ferreira Neto

ESPINHO

FÁBRICA PROGRESSO

Premiada com Medalha de Prata e Diploma
d'Honra na Grande Exposição Industrial
Portuguesa em Lisboa — 1932

Premiada com Medalha de Ouro na 1.^a Ex-
posição Colonial Portuguesa no Porto — 1934

Manuel Francisco da Silva & C.^a, L.^{da}

Esmaltagem — Alumínio — Fundição — Cerralharla

TELE { GRAMAS FÁBRICA PROGRESSO
FONE, 27 — ESPINHO

ESPINHO

**SERRAÇÃO
E MOAGEM
DO JUNCAL**

Manuel Fernandes do Couto

TELEFONE: 57 — ESPINHO

S. Felix da Marinha-Granja

V. N. DE GAIA

CORDOARIA

DE

Dedro Gomes de Oliveira

PARAMOS

ESPINHO

J. Castro, Costa & C.^a

Fábrica de Botões de madrepérola, corozo e osso

Trituração de Ossos

Farinha de osso (Raspa)

RUA 62

ESPINHO

Cadinha & Couto

CEREAIS — MERCEARIAS — AZEITES
— ARMAZENISTAS —

ESPINHO

RUA 18 N.º 739
TELEFONE 52

DUARTE & C.^A

ARMAZEM DE VIVERES
SECÇÃO DE VENDA A PÚBLICO:
445, RUA BANDEIRA COELHO, 451
Telefone, 16-Esp.—ESPINHO

SABOARIA ATLANTICA
SECÇÃO DE VENDA A PÚBLICO:
(MERCEARIA PORTO)
LARGO DOS AVIADORES, 104
Telefone 3771 — GAIA

E S P I N H O

Alberto de Oliveira Resende

Armazem de especiarias por grosso

MERCEARIAS, CEREAIS, FARINHAS,
—::— SÊMEAS E GORDURAS —::—

RUA 23 N.º 451 ESPINHO

Telefone, 31

M. P. MOREIRA

Fábrica de Guarda-Sóis de Espinho

Rua 19 n.º 402 ESPINHO

Fábrica de Tapeçaria e Cordoaria

*Fabrico esmerado de tapetes, capachos, pas-
sadeiras, carpetes, etc. — Fabrico esmerado
de cabos, cordas, fios e rédes para pesca
e cortiça. — Vassouras de piaçaba e palma.
— Sacos de papel e papel para embrulhos.*

Heliódoro Pereira da Silva & C.^A

Pedreira — Silvalde — ESPINHO

Representante em Lisboa: ANTÓNIO SÁ DA COSTA
Rua Campo de Ourique, 134, Porta 142-1.º Esq.

A IMPERIAL

Fábrica Mecânica de Escôvas, Pinceis e Vassouras

DE
BÁRTOLO & PINTO

*Vassouras de piaçaba, palma e
junco — Escôvas para esfrega, cal-
çado, fato, unhas, etc. — Pinceis
francêses, brochas, trinchas, etc. —
Especialidade em pinceis para
barba*

RUA DEZASSEIS — ESPINHO

MARQUES & C.^A, L.^{DA}

COM SERRAÇÃO DE MADEIRA EM

ANTA

ESPINHO

António Dias Coelho

FABRICANTE-EXPORTADOR DE ROLHAS,
APARAS E OUTROS DERIVADOS DE
CORTIÇA

Rua 22 n.º 1203

ESPINHO

EM ESPINHO

RUA 8 N.º 569 e RUA 19 N.º 174

(Em frente às estações do V. V. e C. P.)

Pastelaria e Confeitaria

Ao Ponto Chic

Em estar e conforto

Visitando esta Casa é ter a certeza de ficar preso a uma afinidade de bons produtos

ESPECIALIDADE EM
BOLOS REGIONAIS
PASTELARIA FINA
BOLA DE CARNE DE VILA REAL
FOGAÇAS E CALADINHOS DA VILA DA FEIRA
VINHOS VERDES ENGAARRAFADOS, CERVEJA, LICORES E CHAMPAGNES

Bebidas geladas em frigorífico próprio
Depositária da saudável AGUA DO CRUZEIRO

Tele fone, 72
gr.: DIASCOELHO
ESPINHO

Apartado n.º 1

Fábrica de Rôlhas de Cortiça e Derivados

DE

JOSÉ DIAS COELHO, FILHOS

FUNDADA EM 1894

Premiada nas Exposições do Palácio de Cristal Português 1903-1904 e de São Luíz (U. S. A.) 1904. — Medalha de Ouro na 1.ª Exposição Colonial Portuguesa-Pôrto 1934

E S P I N H O

V.º de Joaquim Cardoso de Sá

ARMAZÉM DE MERCEARIA, CEREAIS, SEMEAS, FARINHAS E GORDURAS

Societária da «Saboaria Atlântica» Espinho

Depositária dos Vinhos Borges

791, Rua Dr. António José de Almeida, 797 (Antiga Rua 16)
TELEFONE, 24 ESPINHO

TELEFONE N.º 43

APARTADO N.º 8

SILVA & ESTEVES, L.ª DA

ARMAZÉM DE MERCEARIA

CEREAIS, FARINHA, SEMEAS, TOU-
—:— CINHOS E GORDURAS —:—

Armazém e escritório:

RUA 14 N.ºs 899 a 903 e RUA 29 N.ºs 311 a 327
E S P I N H O

M Ó V E I S

ABEL PEREIRA LOPES

Ávenida 8 n.º 774 — Esquina da rua 25
E S P I N H O

HENRIQUE BALÔNA

VINHOS E SEUS DERIVADOS

Telefone n.º 69

E S P I N H O

ANTIGA CASA CAMIÃO

FUNDADA EM 1880

Ernesto Pereira de Oliveira

MÓVEIS — DECORAÇÕES

Telefone 93

E S P I N H O

ALFAIATARIA ELEGANTE

Américo Ferreira do Couto

Agente da Companhia de Seguros «Império» e Sub-agente da Companhia de Seguros «Pearl Assurance C.ª, Ida.»
Depositário da «Tabaqueira» — Agente da «Philco-Rádio»
225, Rua Dezenove, 229 — ESPINHO — Telefone 77

ADRIANO PEREIRA LOPES

OFICINA DE MÁRMORES E ESCULTURA

FUNDADA EM 1897

Execução rápida de todos os trabalhos em mármore com perfeição e solidez

Rua 7 n.º 561

E S P I N H O

TIPOGRAFIA ESPINHENSE

DE

BENJAMIM DA COSTA DIAS

LIVROS, JORNAIS, REVISTAS, TRICROMIAS, IMPRESSÃO DE GRAVURAS A OURO E CORES — ENCADERNAÇÃO

Rua 33 n.º 486 — ESPINHO — Telefone 69

FÁBRICA DE BOTÕES

Pinho & Jorges, L.ª da

Rua 35 — ESPINHO

Telefone n.º 80

OFICINA DE PICHELEIRO, LATOIRO E FUNILEIRO

DE

JOÃO DA SILVA PARDILHÓ

Encarrega-se de toda a obra em metal, zinco, chapa zincada e folha de flandres — Preços módicos — Reparações de toda a espécie, canalizações, caixões de chumbo, etc. — Trabalhos garantidos

Residência: Rua 31

Rua 12 n.º 827 — ESPINHO

PISCINA «SOLÁRIO-ATLÂNTICO»

EMPRESA DE MELHORAMENTOS DE ESPINHO—S. A. R. L.

DIRECÇÃO TÉCNICA DE A. CÉSAR MACHADO

Telefone 352—ESPINHO

UMA DAS MAIORES REVELAÇÕES DO
TURISMO PORTUGUÊS

PISCINA-ADULTOS 22 x 50 metros

PISCINA-INFANTIL 10 x 20 metros

ÁGUA SALGADA CORRENTE—300.000 litros
por hora.

LAVANDARIA MECÂNICA com autoclave
para esterelização de roupas. 300 cabines
individuais com todo o conforto.

TODAS AS TARDES CHÁ DANÇANTE
TODAS AS NOITES NO MAGNÍFICO
SALÃO NOBRE SOIRÉE-DANÇANTE.

Durante os meses de verão brilhantes festas
COMPLETO SERVIÇO DE BAR E RES-
TAURANTE

PARQUE INFANTIL DE DIVERSÕES

Assinaturas: Semanais, Mensais e Época

REGALIAS PARA OS ACCIONISTAS

PENSÃO XABREGAS

A QUE MELHOR SERVE

Largo Marquês da Graciosa
ESPINHO

Elisia Baptista & Irmão, L.^{da}

ARMAZÉM DE VINHOS E SEUS DERIVADOS

Rua 62 n.º 436 ESPINHO

PAULO DE SÁ

ARMAZÉM DE MERCEARIAS, CEREAIS,
SEMEAS, FARINHAS, SAL, LEGUMES
E GORDURAS

Rua 18 n.º 434—ESPINHO—Telefone 332

António de Carvalho Moreira

COM OFICINA DE SURRAGEM DE PELES

*Carneiras e cordovões — Especialidade em
côres, camurças e estampados. Moletas e
cortumes de toda a qualidade de pelerinas*

ESPINHO—PEDREIRA

CONFEITARIA IDEAL DE JOAQUIM DE SÁ COUTO

Bolos regionais e primoroso serviço de chá, café, leite e cacau —
Confeitaria, pastelaria, bolachas, fiambres, cacaus, chocolates, bom-
bons, chás finos, cafés, vinhos finos e espumosos de diversas regiões,
serviço especial para casamentos, batizados, portos de honra, etc.

Rua 8 n.º 593—ESPINHO—Telefone 64

PONTO DA MODA

SABASTIÃO FERREIRA DO COUTO

MODAS, CONFECÇÕES, CAMISARIA, GRA-
VATARIA. LANIFÍCIOS, CHAPEUS, ETC..

RUA 19 ESPINHO

Telefone 29 End. Teleg.: MERCANTIL

VIRGÍNIO PEREIRA & C.^a

A MERCANTIL DE ESPINHO

ARMAZÉNS DE CEREAIS, FARINHAS E MERCEARIAS
— TOUCINHO, CARBONETO—MASSAS E BOLACHAS

Rua 14 n.ºs 798 a 808

Escritório: Rua 14 n.º 806

ESPINHO

TELEFONE 302

GARAGEM CENTRAL DE A MECANICA DE ESPINHO

JOAQUIM PEREIRA DE SOUSA

Agente de pneus e câmaras d'ar: GOODYEAR,
MICHELIN e ENGLEBERT — Agente dos óleos
— e gasolinas da: SONAP e VACUUM —

Rua 62 (Antiga Rua Passeio Alegre)—ESPINHO

UM BOM CAFÉ ?

CAFÉ GIL

Rua 19—LUGIL BAR—AV. 8—Espinho

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA DE FRUTUOSO & MAIA

Madeiras de primeira qualidade para construções. Fabricação
esmerada de caixas para todo o género de embalagens

Telefone n.º 4—Anta ESMOJÃES ANTA-ESPINHO

Telefone 53-E.

Caixa Postal n.º 21

PINHO FERREIRA

Legumes, gorduras, azeites, cereais, farinhas, sementes

Armazens: Rua 27 n.º 437 e Rua 18 n.º 833 a 837

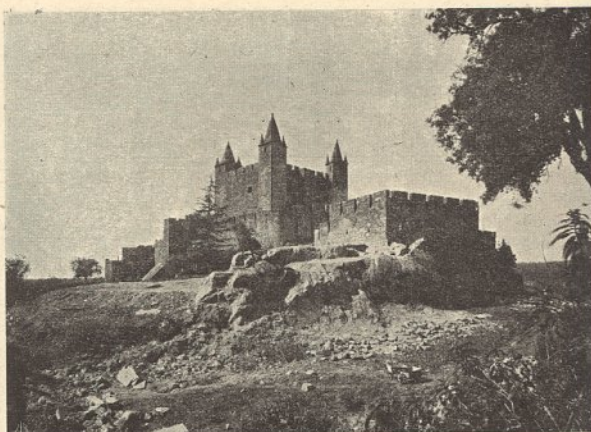
Escritório: Rua 18 n.º 835—ESPINHO

TABACARIA DO CAFÉ MODERNO

Secções de: Tabacos Nacionais e Estrangeiros — Perfu-
marias e artigos de beleza — Escovas e pincéis de barba
Jornais e Revistas — Lotarias, etc.

ESPINHO Telefones: 23 Espinho—2 Estado

HOTEL DO PORTO—José Monteiro Lima—ESPINHO



VILA DA FEIRA — O Castelo

FEIRA

A VILA E O SEU CASTELO

QUEM, partindo de Espinho no combóio do Vale do Vouga, passe o apeadeiro do Cavaco, vê aparecer-lhe, à direita, numa quebrada, o cabêço onde se ergue o característico perfil do Castelo da Feira com a sua tôrre de menagem flanqueada por quatro torreões eriçados pelos vinte bicos dos seus corucheus.

Alindam a pitoresca vila da Feira as tradições históricas, além da beleza serena e calma da paisagem cercada ao redor de verdejante bacia, que se espraia até ao mar, em cujo areal se espelham a Barrinha de Esmoriz e as pontas da ria de Aveiro.

Foram castelo e vila a capital da Terra de Santa Maria ou *Civitas Sanctae Mariae*, uma das mais vastas circunscrições do território portugualense e dos primórdios da nacionalidade. Remontam do século X as notícias documentadas dessa Terra, que se alongava desde o Douro até ao Caima e desde o Arda até ao oceano, por cêrca de mil e duzentos quilómetros quadrados, a trigésima parte do condado de D. Henrique e a 75.ª parte da nação actual.

Dela se foram desmembrando senhorios e doações a conventos, até que D. João I doou hereditariamente a Terra de Santa Maria da Feira ao marchal Alvaro Pereira, cujo bisneto veio a ser, em tempo de D. Afonso V, o primeiro conde da Feira, D. Rodrigo Pereira, que antes usava o nome de Rui Vaz Pereira.

Instituído assim, o condado durou até se extinguir o ramo directo da família em 15 de Janeiro de 1700 pela morte do oitavo conde da Feira, D. Fernando Pereira Forjaz.

Foi a casa da Feira incorporada na do Infanado em 10 de Fevereiro de 1708.

A cabeça da vasta circunscrição era o Castelo de Santa Maria, depois chamado Castelo da Feira, quando a povoação próxima tomou este nome, naturalmente por causa de grande e importante mercado periódico, que aí se realizava.

É de Novembro de 1117 o primeiro documento onde nos aparece esta designação por ser datado da Terra de Santa Maria *onde chamam Feira*.

Este castelo existia muito antes de-certo da ci-

vitos se constituir. Há nêle vestígios de construção romana, no arco da entrada da Torre e baixos desta, em cujo perímetro foram encontradas em 1912, 1917 e 1936 três aras romanas.

Sendo certo que tais monumentos votivos só se colocavam em templos ou castros, convencemo-nos que estamos em face da transformação sucessiva dum castro romano através de vinte séculos.

O Castelo da Feira está sobranceiro à vila a que o ligam uma avenida já aberta e a estrada de acesso recentemente empreendida a paralelepípedos.

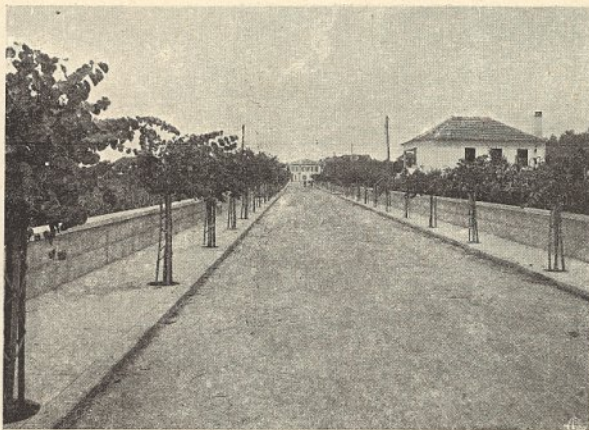
Foi neste castelo que, em 1128, Ermígio Moniz, chefe da revolta contra o govêrno de D. Teresa e do conde de Trava, fez erguer o primitivo grito a favor do infante D. Afonso Henriques, iniciando o movimento de que resultou a independência do condado português. Por isto se afirma ter sido no Castelo da Feira onde nasceu Portugal.

Comemora êste facto histórico o Padrão dos Centenários, ao alto dessa avenida, erguido por subscrição pública em 1940.

O Castelo da Feira já era amplo e próprio para habitação, pois que D. Sancho I, num seu testamento, prevê a residência nêle da rainha e das infantas.

Em 1300 fez parte das arras da rainha Santa Isabel e D. Afonso IV, ainda infante, tomou-o, em 1323, numa das suas rebeldias. D. Pedro I fez alcaide dêle o aio do filho mais velho de D. Inês de Castro, Gonçalo Garcia de Figueiredo, cujo túmulo abandonado ainda lá se encontra.

D. Fernando I mandou-o entregar ao cunhado D. João Afonso Telo, conde de Barcelos, a quem dera a Terra de Santa Maria da Feira. Por isso



VILA DA FEIRA — Rua Engenheiro Duarte Pacheco

tomou o castelo voz pelo rei castelhano e os do Pôrto vieram tomá-lo, em 1385, para o mestre de Aviz; capitaneados por Gonçalo Vaz Coutinho, pai do primeiro conde de Marialva e do Grão Magriço.

D. João I deu a alcaidaria do Castelo da Feira ao heróico Sá das Galés. Mas as fortificações chegaram a tal estado de ruína que o filho do senhor da Terra de Santa Maria da Feira, Fernão Pereira, pediu a D. Afonso V a doação do castelo, de juro e herdade, com o encargo de o corregir, reparar e refazer. Foi-lhe concedida essa mercê a 19 de Novembro de 1448 e tal era o desmantelamento do castelo que foi dispensado da menagem até fazer as obras necessárias.

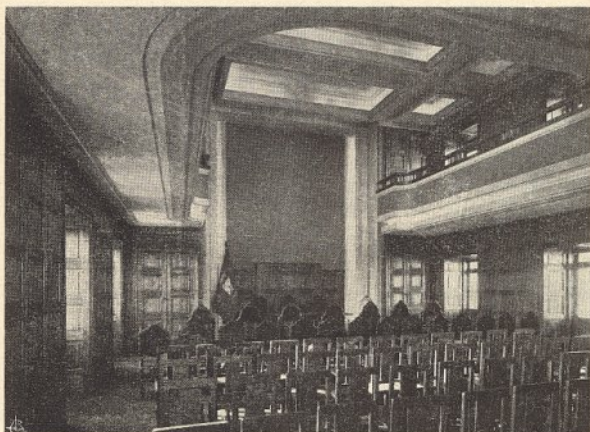
Esta reconstrução do fim da idade média deu ao Castelo da Feira o seu aspecto actual, tendo conservado alguns detalhes anteriores, entre os quais avulta o cubelo do pôço, que tem oito janelas de arco redondo para a escada de caracol a acompanhá-lo na profundidade de mais de trinta metros.

O quarto conde da Feira, D. Diogo, acrescentou as duas muralhas da barbacã em 1567, como diz a pedra de armas agora reposta sôbre a porta.

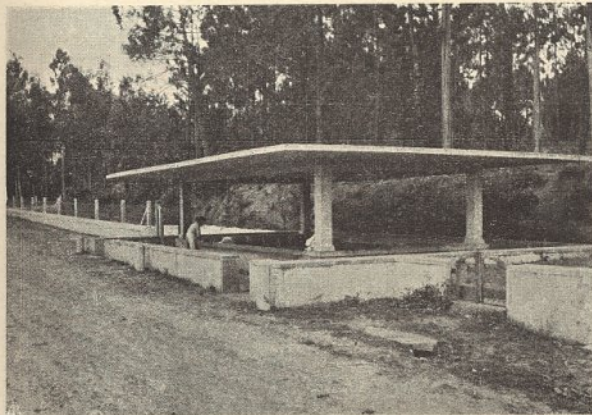
Dentro do castelo, Fernão Pereira construiu ou refez uma alcáçova, de que restam algumas portas, e os seus sucessores, condes da Feira, converteram-na em palácio, ocupando grande parte da praça de armas.

Os bens da casa da Feira, como os demais do Infantado, foram desamortizados e vendidos os restos dêste palácio a um particular em 13 de Setembro de 1839.

As ruínas do palácio, compradas por dedicados feirenses em 1914, vieram a ser removidas em 1929, como logo o tinham sido outras casas sem importância.



VILA DA FEIRA — Sala das reuniões da Câmara nos Paços do Concelho



VILA DA FEIRA — Lavadouro no lugar do Cavaco

Organizada em 29 de Outubro de 1909 a *Comissão de Vigilância pela Guarda e Conservação do Castelo da Feira*, de que o dr. António Augusto de Aguiar Cardoso foi o iniciador, o secretário e a alma, conseguiu-se vedar o recinto das fortificações em 1912, refazer a tenalha em 1917, compôr a muralha do poente e começar a do sul da torre.

Em 1917, foi apeado e reconstruído o torreão sudoeste que fendera e esteve amarrado com cordas de arame.

Princípios em 1935 o grande restauro pela Direcção dos Monumentos Nacionais e o distinto arquiteto Baltazar de Castro, com a sua devotada competência, fez reconstruir parte do caminho coberto e todo o paredão do nascente, desde o pôço à porta da traição, reerguer o torreão do sudeste até quasi à altura do eirado, em seguida desembaraçar a saída da poterna dos muros e aterros que a estreitavam, concluir a muralha curva ao sul da torre e trazê-la até ao cubelo do pôço, repondo a cachorrada e cobertura parcial dêste erefazendo adarves e passagens em volta e depois reerguer completamente a muralha do nascente e o castelejo ao norte, suscitado pela descoberta em Julho de 1938 duma velha ameia num recanto amouriscado de adarve para que sobem três degraus toscos. Tudo foi reposto no mesmo local, por ser de construção dos séculos X ou XI e ter assistido, portanto, ao levantamento do castelo a favor de D. Afonso Henriques, antes da batalha de S. Mamede, ao raiar da primavera de 1128.

Junto às muralhas existia de tempos imemoriais uma capela, onde se venerava a Senhora do Castelo Velho. A ela se refere o foral de 10 de Fevereiro de 1514 dado por D. Manuel I à *Feira por ser cabeça da*

Terra de Santa Maria e assim estar nos tombos antigos tirados da Torre do Tombo». A condessa da Feira, D. Joana, reconstruiu-a, em 1656, grandiosamente, em forma hexagonal e com uma ornamentação artística e pouco vulgar.

Edifícios dignos de atenção

Há ainda na Feira outros edifícios dignos de atenta visita, como a igreja matriz, construída primitivamente pelos terceiros condes da Feira, de 1560 a 1566, para o convento dos cônegos de S. João Evangelista, loios, que lhe fica anexo e agora se está reconstruindo primorosamente. A essa primeira igreja acrescentou uma nota dos fundadores a grandiosa capela mór e o transepto, cujas obras se concluíram em 1632.

Acharam os cônegos que a igreja não condizia com a magnificência dessa construção e trataram de a refazer, o que só conseguiram de 1693 em diante por uma derrama que o rei lhes concedeu sobre todo o condado da Feira.

A nave ficou também imponente e a frontaria eleva-se sobre o adro, onde se ergue um lindíssimo cruzeiro e que é ladeado pelo magestoso escadório terminado em baixo por elegante chafariz.

O templo da Misericórdia ergue-se no alto de outro belo escadório no lugar onde existiu até 1566 a igreja de S. Nicolau, sede da freguesia então transferida para a actual matriz.

Avultam ainda os Paços do Concelho completados em 1939 e ainda a instalação do Abrigo dos Pequeninos ao lado da Misericórdia..

A Feira está num período de transformação, devido à inteligente e enérgica iniciativa do presidente da Câmara, dr. Roberto Vaz de Oliveira e espera-se que se alinde e engrandeça com o plano de urbanização em curso.



VILA DA FEIRA — Fontenário na freguesia de Lamas

**Sociedade União de Industriais
de Lactícínios «SUIL», L.^{da}**

VILA DA FEIRA



MANTEIGA

LEITE EM PÓ

CASEINA

COLAS A FRIO

E

MATERIAL PLÁSTICO — DO TIPO GALALITH

MARCA «SUILITE»

ARMAZÉM DE PIASSABA

IMPORTAÇÃO
EXPORTAÇÃO

TELE { fone, 8 — LOUROSA
gramas: VINHAS
VILA DA FEIRA

Rufino Alves Ribeiro & Filhos

FÁBRICA MECÂNICA DE VASSOURAS E ESCOVAS

VERGADA

VILA DA FEIRA

A. PAULO AMORIM

CORKWOOD
CORKS
CORKSPLITS
CORKSOLES
CORKDISCS
CORKFLOATS



Moselos — PAÇOS DE BRANDÃO
PORTUGAL

LIÈGE
BOUCHONS
PLANCHETTES
SEMELLES
RONDELLES
FLOTTEURS

Telefone, 25 — PAÇOS DE BRANDÃO

Telegramas: **Domingos Couto**
PAÇOS DE BRANDÃO

FÁBRICA MECÂNICA
DE
RÔLHAS DE CORTIÇA

Adriano Gomes da Costa
Fabricante e Exportador

S. PAIO DE OLEIROS
(PORTUGAL)

Domingos Pereira Couto
(COUTOCORK)

PRODUTOS DE CORTIÇA
CORK PRODUCTS

EMBALAGENS DE CORTIÇA
PARA GARRAFAS E FRASCOS,
ROLHAS, DISCOS E PALMILHAS

Escritório: R. do Loureiro, 70-2.º — PORTO
TELEFONE 2296

MOSELOS — LAMAS DA FEIRA

A MODERNA VERGADENSE

ARTÍLIO PEREIRA RIOS

VASSOURAS E ESCOVAS DE PIASSABA. — ARTIGOS DE PALMA
E PINCELARIA. — ESCOVAS PARA FATO, PINCEIS, ESPANADO-
RES, PARA BARBEIRO E TODOS OS ARTIGOS EM CABELO

VERGADA — LAMAS DA FEIRA

TELEFONE 5 — LOUROSA

TELEFONE 24 — GRIJÓ

Carlos Francisco Martins

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

MADEIRAS EM OBRA

Enderêço: VENDAS DE GRIJÓ-GAIA (PORTUGAL)

Ribeira da Venda — Argoncilhe — Feira

Teleg.: A L A R E S — Pôrto

Code: A. B. C. 6th Edition

Telef. { 2481 — Pôrto
13 — Paços de Brandão
159 — Abrantes



Amorim & Irmãos, L.^{da}

FÁBRICAS EM LAMAS-PAÇOS DE BRANDÃO
U S I N E S A E
FACTORIES AT ROSSIO AO SUL DO TEJO

PRANCHA, ROLHAS E APARAS DE CORTIÇA
PLANCHE, BOUCHONS ET DÉCHÊTS DE LIÈGE
CORKWOOD, CORKS AND CORKWASTE

Rua Cândido dos Reis, 145

PÔRTO
(PORTUGAL)

SEMPRE QUE V. EX.^a VÁ À
VILA DA FEIRA VISITE O

Café e Confeitaria Castelo

E FICARÁ ENCANTADO



FABRICO DE DOCES REGIONAIS:
FOGAÇAS E CALADINHOS



Sucursal de «A CENTRAL» de
ARAUJO & FILHOS
VILA DA FEIRA

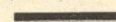
TELEFONE, 70

«RICO»... É A MARCA
«RICO»... É O QUEIJO...
UM PRODUTO PORTUGUÊS

Lactícínios **MAF** Limitada



MANTEIGA PRADO
QUEIJO RICO



FORNOS — Vila da Feira

TELEFONE 2 3579

FÁBRICA DE PAPEL DO P E G O

Vale Vouga — S. PAIO OLEIROS



Fabricao de _____
PAPEIS ESPECIAIS PARA EMBALAGENS
E SACOS DE PAPEL, RISCADOS, ETC.



Sede: LARGO DA ATAFONA, 7
LISBOA

Oliveira Alves & C.^a

LAMINAS DE CORTIÇA PARA
CALÇADO EM TODAS AS ES-
—:—:— PESSURAS —:—:—

TAPETES DE CORTIÇA CON-
—:— TRAPLACADOS —:—

DISCOS EM TODAS AS ES-
PESSURAS E EM TODOS OS
—:—:— TAMANHOS —:—:—

LAMINAS PARA EMPACOTA-
—:—:— MENTOS —:—:—

E TODOS OS DEMAIS ARTI-
GOS DA INDÚSTRIA CORTI-
—:—:— CEIRA —:—:—

LAMAS Vila da Feira

Telefone 50

A Dapeleira Brandoense

ANTÓNIO MARQUES

PAPEL DE EMBRULHO, SACOS DE PAPEL
— CARTÃO, CORDA E FIO DE SISAL —

PAÇOS DE BRANDÃO

Fabricante e exportador de calçado

ACASTRINE

MARCOLINO DE CASTRO

VILA DA FEIRA

Telefone — GRIJÓ n.º 3

ANTIGO TALHO DE GRIJÓ
DE

Manuel Pinto de Oliveira

MERCEARIA, VINHOS, TABACOS
E SEUS DERIVADOS

Todos os dias carne fresca de Boi, Vitela, Suíno e Carneiro

Vendas de Grijó

GAIA

TELEFONE, 9

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E APARELHAGEM DE MADEIRA

Domingos António da Silva

VENDAS NOVAS — CORREIO DE PAÇOS DE BRANDÃO

LOUROSA

Vila da Feira

Telefone-LOUROSA 15

José Fernandes de Amorim

FÁBRICA DE ROLHAS DE CORTIÇA
E SEUS DERIVADOS

MOSELOS — Paços de Brandão — Portugal

Joaquim Francisco Coelho

Fabricante de Papel de Embrulho

CANDAL — PAÇOS DE BRANDÃO

Telefone 18 — LOUROSA

JOSÉ MARQUES

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CARPINTARIA E MARCENARIA

RIOMEAO

António Fernandes de Amorim

FABRICANTE E EXPORTADOR
ARGONCILHE — Paços de Brandão

FÁBRICA DE ROLHAS DE CORTIÇA
— E SEUS DERIVADOS —
VERGADA — ARGONCILHE — LAMAS — VILA DA FEIRA
(PORTUGAL)

TELEFONE 70

Francisco de Pinho Pestana

SERRAÇÃO DE MADEIRAS E CAIXOTARIA

FORNOS - VILA DA FEIRA

FÁBRICA DE PAPEL DO ENGENHO VELHO

CASTRO & IRMÃO

S. PAIO DE OLEIROS

VALE DO VOUGA

SABOARIA FEIRENSE

VILA DA FEIRA

FÓRNOS

Telefone, 19 — **P. Brandão**

AMÉRICO DIAS COELHO

ROLHAS, DISCOS, APARAS
E CORTIÇA VIRGEM

LAMAS DA FEIRA

Tele. { fone N.º 2
gramas: Fábrica Prima

FÁBRICA «A PRIMA»

Silva, Alves, Carvalho & C.ª L.ª

RÓLHAS
APARAS
PRODUTOS
DE CORTIÇA



MADEIRAS
DE
CONSTRUÇÃO
E CAIXOTARIA

PAÇOS DE BRANDÃO

José Azevedo Aguiar Brandão

Fábrica de Papel

PAÇOS DE BRANDÃO

CASA PLÁCIDO

Francisco Plácido Rezende

Merccaria, Chá, Café, Papelaria, Vinhos e Azeites

DEPOSITÁRIO DE:

Tabacos, Fósforos e Papel de Fumar

TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

TELEFONE, 18

VILA DA FEIRA

TELEFONE N.º 33
VILA DA FEIRA

FÁBRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO DE MADEIRAS
Sociedade Industrial de S. João de Vêr, L.ª

CAIXOTARIA E MADEIRAS APARELHADAS
— CORTIÇAS E SEUS DERIVADOS —

S. JOÃO DE VÊR VILA DA FEIRA

CASA VELUDA

— ARMAZÉM DE: —
CHÁ, CAFÉ, PAPELARIA E MERCEARIA FINA

J. Dias de Sousa

VASSOURAS, GORURAS, SACOS DE
— PAPEL E PAPEL DE EMBRULHO —

TELEFONE n.º 38

PAÇOS DE BRANDÃO

TELEFONE :
34 — VILA DA FEIRA — P. B. X.

TELEGRAMAS :
JOSESSOUZA - Vila da Feira

José de Souza

FÁBRICAS DE SERRAÇÃO
MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO
— E CAIXOTARIA —

Fábricas em S. João de Vêr e Geão — FEIRA

S. João de Vêr VILA DA FEIRA

OFICINA DE BICICLETAS

— DE —
CUSTÓDIO DA SILVA ELIAS

NESTA OFICINA EXECUTA-SE COM A MÁXIMA
PERFEIÇÃO PINTURAS AO CALOR DE ESTUFA
— E REPARAÇÕES NAS MESMAS —

Chamadas ao Telefone, 7 — LOUROSA

VERGADA — FEIRA

CASA SILVA**JOAQUIM OLIVEIRA E SILVA**

CHAM. TELEF. 29 - P. BRANDÃO

(Armazém junto à Estação de Caminho de Ferro)

AGENTES DE SEGUROS EM TODOS
OS RAMOS - ESTABELECIMENTO
DE MERCEARIA E VINHOS - PRO-
DUCTOS COLONIAIS

S. Paio de Oleiros

VALE DO VOUGA

Telefone, 32 - FEIRA

Fábrica a Vapor de Serração de Madeiras
Antônio Soares Albergaria

ESQUADRIAS, SOALHOS E VIGAMENTOS
— CARPINTARIA E CAIXOTARIA —
SOALHOS E FORROS APARELHADOS

S. JOÃO DE VÊR

FÁBRICA DE PAPEL DE EMBRULHO

MARCA « ÁGUA » (REGISTADA)

Manuel Diniz Barbosa

S. Paio de Oleiros

VALE DO VOUGA

Telefone, 16 - Paços de Brandão

PORTELA & LAMAS

CASA FUNDADA EM 1908

VINHOS E AGUARDENTES

S. JOÃO DE VÊR - FEIRA

Telefone 64 - VILA DA FEIRA

ANA LEITE DE SOUSA

PENSÃO AVENIDA (FRENTE AO CONVENTO)

Excelente serviço de meza e ótimos quartos

Telefone, 49

VILA DA FEIRA

Telefone, 25 - P. Brandão

Armazém de Vinhos e Aguardentes

José Domingues Monteiro

S. PAIO DE OLEIROS - VALE DO VOUGA

Custódio Ferreira DaesFÁBRICA DE CARTÃO, PAPEL
DE EMBRULHO E SACOS DE PAPEL

PAÇOS DE BRANDÃO

Telegramas: COELHO FILHO

Telefone, 3-Comp.

ANTÔNIO COELHO JÚNIOR

FABRICANTE E EXPORTADOR

FÁBRICA MECÂNICA DE ROLHAS
DE CORTIÇA E SEUS DERIVADOS

PAÇOS DE BRANDÃO

FÁBRICA MECÂNICA DE PAPEL EM TONDELA
FÁBRICA HIDRAULICA DE PAPEL EM OVAR
FÁBRICA DE PAPEL DO ENGENHO NOVO

COUTO & IRMÃOS, L.^{DA}Fábrica manual de sacos de papel c/impressão
em S. PAIO DE OLEIROS

Escritório: S. PAIO DE OLEIROS - Telefone 18-P. Brandão

João Francisco da CostaFABRICANTE E EXPORTADOR DE ROLHAS
DE CORTIÇA - COMPRADOR DE CORTIÇA

PAÇOS DE BRANDÃO

Ramiro Teixeira & C.^a, Suc.

Rolhas e aparas de cortiça

PAÇOS DE BRANDÃO - TELEFONE, 28

ARMAZÉM DE MERCEARIA, CEREAIS E FARINHAS

ÁGUAS MINERAIS, REFRIGERANTES E CERVEJAS

Diamantino das Santos Silva

Único Depositário das águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas
— nos concelhos de Vila da Feira e S. João da Madeira —

TELEFONE 45

PAÇOS DE BRANDÃO

Fábrica de papel para embrulhos de todas as qualidades

Manoel d'Oliveira Leite

VALE-DO-VOUGA
OLEIROS — Paços de Brandão

Vitorino Dias Coelho

Fábrica de rolhas e aparas de cortiça
Execução rápida e perfeita de qualquer encomenda
Mózelos Paços de Brandão Portugal

Mercearia, Saboaria e Talho
de

Francisco da Costa Alves

Vendas por junto e a retalho — Vinhos e farinhas — Adubos químicos, etc.
Avenida 5 de Outubro — VILA DA FEIRA

Domingos Nunes da Silva

Fabricante de Canelos e Ferraduras
Avenida 5 de Outubro **VILA DA FEIRA**

Tele fone: 33
gramas: SADOSREIS — Paços de Brandão

Sá dos Reis & C.^a, L.^{da}

CORTIÇA E SEUS DERIVADOS
Fábrica e Sede: PAÇOS DE BRANDÃO — (Portugal)

José Ferreira Carvalho

Fabricante e Exportador
Fábrica Mecânica de Rolhas de Cortiça e seus derivados
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CORTIÇA
S. Paio de Oleiros — (Portugal)

MANUEL GOMES GIRO

Armazém de Vinhos, Aguardentes, Azeites e Mercearia
DEPÓSITO DE TELHA
TELEFONE 45 **VILA DA FEIRA**

Armazém de Vinhos e Aguardentes

António Ferreira Maia

TELEFONE, 66
VILA DA FEIRA

FÁBRICA DE CARTONAGEM
« CIDADIA »

David Coelho da Silva

VILA DA FEIRA (PORTUGAL)

Adelino Tavares da Rocha

Representações e Negociante de Madeira
Sever do Vouga — Couto de Esteves

MANUEL CORREIA MARQUES

ARMAZÉM DE VINHOS E AGUARDENTES
VILA DA FEIRA

CAFÉ COIMBRA

CONFEITARIA
E PASTELARIA
VILA DA FEIRA

Fábrica de Mós de Esmeril DRAGÃO
VIEIRA PINTO & C.^a, L.^{da}
PAÇOS-DE-BRANDÃO — (PORTUGAL)

TELEFONE
— N.º 7 —

Cereais e Farinhas **MAXIMINO O. PAIS** Toucinhos e Gorduras
Paços de Brandão

JOSÉ DA SILVA LEITE ARMAZÉM DE VINHOS
E SEUS DERIVADOS
Avenida da Estação — **VILA DA FEIRA**

ARRIFANA

(DE SANTA MARIA)

Síntese histórica — A sua Indústria e o seu Comércio — Actividade cultural e melhoramentos públicos

Por VICENTE REBELO DE SOUSA REIS

A origem de Arrifana não pode, em boa verdade e até ao momento presente, ser suficientemente esclarecida dentro duma rigorosa demonstração histórica. Há muita lenda e exagêro naquilo que a tal respeito foi publicado em tempos recuados. Por isso, o pouco que vai lêr-se será respigado de trabalhos recentes que se alicerçam em documentos históricos de comprovada autenticidade.

É muito interessante e comove a alma ingénua do nosso povo, a lenda da Rainha Santa Isabel dando vista a uma ceguinha quando passava pelas ruas do velho burgo em romagem a Santiago da Galiza. E, segundo o relato da mesma lenda, estando a Rainha Santa a comer uma laranja azêda numa casa que servia de estalagem, uma pevide dessa mesma laranja caiu ao chão e no seu lugar nasceu uma laranjeira, cujos frutos tinham junto ao seu pedículo desenhadas as armas de Portugal.

Mas, se êstes dois episódios, contados pelos trovadores das gestas primevas da nossa nacionalidade, se revestem duma inocente efabulação mística, outro tanto se não pode dizer do facto histórico, plenamente autêntico, de D. Manuel I, em 5 de Dezembro de 1502, portanto há mais de quatrocentos anos, ter estado em Arrifana, no regresso duma viagem de Coimbra ao Pôrto, e dêste burgo ter datado a carta régia respeitante à construção da igreja matriz de Vila do Conde. No foral dado à Vila da Feira e Terras de Santa Maria por êste mesmo rei, em 10 de Fevereiro de 1514, a nossa terra figura com o nome de: *burgo da Ryfana*.

Joeirada a história escrita sôbre a nossa terra, encontramos bases sólidas para podermos estabele-

cer uma ordem cronológica de factos que fazem remontar a antiguidade de Arrifana muito além dos tempos do maior esplendor da unidade nacional.

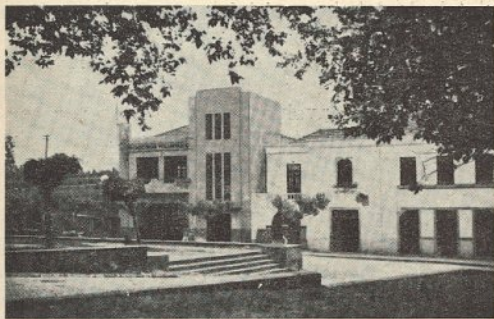
Como Portugal foi talhado à sombra da Cruz e da Espada, é precisamente nos documentos religiosos de determinadas épocas dêsse batalhar por uma pátria una que vamos encontrar os materiais precisos para se escrever essa história.

O nome de Arrifana, segundo a opinião de eruditos investigadores, deriva da palavra «Arrayan», nome árabe duma planta chamada: *mirto* ou *arraião*, como o afirma o Dr. Seybold de Tubinga na sua «Onomástica-Arábico» — portuguesa. David Lopes, B. 2.ª cl. Académico de Ciências, 1910).

É possível que a origem do seu nome ande à roda da invasão árabe e que precisamente em Arrifana abundasse o *arraião*, planta que hoje é conhecida pelo nome de *murta*, da família das plantas dicotiledóneas-resinosas, daí se inferindo que, à data da invasão árabe, êste local deveria ser rude e áspero. E, se agora quisermos entrar no domínio das suposições, ouviremos João Pedro Ribeiro, nas suas *Reflexões Históricas*, 2.ª parte, fls. 179, afirmar que Arrifana foi cidade nos séculos XI e XII.

O falecido escritor Fortunato de Almeida, no vol. 2.ª, a fls. 616 da sua História da Igreja em Portugal, cita o catálogo das Igrejas, Conventos e Mosteiros de Portugal e Algarve, mandado fazer por D. Dinis, e onde a primitiva igreja de Arrifana é colocada no burgo de *Manhoce* ou *Manoci*, nos tempos medievais.

O foral velho da Terra de Santa Maria (Inquirição de D. Afonso III) cita o local *Manoci* como



ARRIFANA — Quartel dos Bombeiros Voluntários

sede da primitiva igreja. É ocasião própria de dizermos que o frontal do velho altar, da Igreja de Manhoce, trabalhado em pedra ançã, se encontra devidamente arrumado na sacristia do Mártir S. Sebastião da actual igreja, donde, há anos, o quiseram retirar para o Museu regional de Aveiro, ou Coimbra.

A data de 1767 que se lê no frontispício da nossa actual igreja não deve indicar o ano em que ela se edificou, mas sim o ano em que ela foi reconstruída, perquanto o padre António Carvalho da Costa, na sua Corografia de Portugal de 1708, a fls. 140, fala na igreja de Santa Maria de Arrifana e da sua ermida de Manhoce. O já citado escritor Fortunato de Almeida, na mesma História da Igreja em Portugal, a fls. 609 e seguintes, diz que pelos anos de 1320 a 1321 foi a mesma igreja tributada com a taxa de 50 libras para subsídio de guerra contra os mouros. E já no tempo do bispo do Pôrto, D. Martinho Pires, imediato sucessor de D. Fernando Martins, falecido em 1185, há setecentos e nove anos, havia a mesma igreja sido tributada para a mesa episcopal do Pôrto com a taxa seguinte, como consta do Censural do Cabido da Sé do Pôrto, a pág. 548: *Ecclesia Sanctae Mariae de Manhuce*, que passamos já a transcrever em português:

- De cera — meia libra.
- De direitos de sepultura — 50 soldos.
- De trigo — 45 alqueires.
- De aveia — 75 alqueires.
- De milho — 75 alqueires.
- De vinho — 2 puças.

Pouco mais adiantaremos sobre a história de

Arrifana, pois a índole desta publicação não nos permite maior desenvolvimento. Se o leitor quiser colher maior soma de conhecimentos a esse respeito, eu aconselho-o a lêr o volume: *Notícias e Memórias da Freguesia de Santa Maria de Arrifana*, de Saul Eduardo Rebelo Valente, onde se descreve o passado histórico de Arrifana com largueza de pormenores.

Se a história da minha terra é velhinha de séculos, naturalmente que a dentro dos seus muros devem ter existido famílias ilustres e de fidalga estirpe. O *Dicionário* do padre Luís Cardoso assim o afirma por estas palavras:

«*Há neste lugar famílias nobres*». Efectivamente ainda hoje vemos na frontaria dum prédio o braço dos Varelas, e em lages tumulares os de: Carvalhos e Sousa, Mascarenhas, Figueirões, Toscanos, Leais e Rebelos, este último ramo da casa brasonada de S. Tiago de Riba d'Ul, cujo primitivo solar teve origem em Roriz de Riba Paiva (Minho).

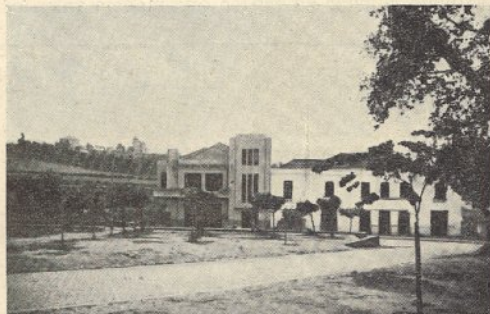
Se a nossa terra é falada na história e na lenda, também o é no domínio religioso.

Em 19 de Agosto de 1811 nasceu em Arrifana Ana de Jesus Maria José de Magalhães, de pais de humilde condição, honestos e de bom nome. Além da obra que já citámos sobre Arrifana, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira em publicação refere-se a esta criatura, conhecida pelo nome popular de *Santinha de Arrifana*, nos seguintes termos:

«Morreu em 25 de Março de 1875, em cheiro de Santidade, estando em curso no tribunal eclesiástico do Pôrto o processo para a sua beatificação. Foi pastora de ovelhas dos 7 aos 14 anos. O entorpecimento dos membros inferiores obrigou-a a recolher ao leito,



ARRIFANA — Monumento da Guerra Peninsular



ARRIFANA — Largo da Feira

sobrevindo-lhe a êste mal um aneurisma quando completou 16 anos. Quarenta e seis permaneceu no leito, num pequeno quarto da sua residência humilde. Durante os longos anos do seu martírio guardou jejum, alimentando-se apenas aos domingos, terças e quintas-feiras com uma pequena quantidade de chá com leite e uma onça de pão trigo. Com sessenta e quatro anos de idade e cinquenta de sofrimento morreu Ana de Jesus Maria José de Magalhães, venerada pelo povo como santa, e por êste conhecida e inyocada com o título carinhoso de Santinha de Arrifana.»

Para terminar a síntese histórica de Arrifana, seja-me permitido lembrar mais outro passo, cujo Monumento da Guerra Peninsular, erecto na praça do mesmo nome, oficialmente o autêntica.

Na madrugada de 17 de Abril de 1809, Arrifana foi cercada por tropas francesas, comandadas pelo feroz general Thomiers, e um grande número de arrifanenses foi trucidado no campo da Buciqueira, limite de S. João da Madeira, sendo incendiados os melhores prédios da freguesia. Esta represália foi levada a cabo para vingar a morte violenta dum emissário de Soult que vinha de Albergaria e de Oliveira de Azemeis com despachos, e fôra surpreendido por guerrilhas de Arrifana e de S. Tiago de Riba d'Ul. Êste episódio da história de Arrifana está condensado na letra do seu hino, na seguinte passagem duma das suas estrofes:

«Teu brasão d'antiguidade
E' timbrado d'amargura:
Por amor da liberdade,
Tu sofreste sorte dura.»

* * *

Nos últimos vinte anos Arrifana tem sofrido uma enorme transformação no seu aspecto urbano e no seu desenvolvimento industrial e comercial. Há um pormenor digno de focar-se e que muito tem contribuído para êste seu progresso: o facto de Arrifana se encontrar encostada às ilhargas de S. João da Madeira, terra essencialmente construtiva e que nos tem servido de modelo, espantando-nos pelo acréscimo da sua riqueza pública. É tam pequena a distância que separa estas duas terras, se distância se pode chamar ao espaço que medeia entre os

quintais de dois bons vizinhos, que o abraço duma entrelaça-se no abraço da outra.

Desde o fabrico de chapéus e de calçado para homem e senhora até ao curtimento de peles, outras industrias se desenvolvem e progredem a par, como sejam as industrias de tamancaria, de malas e artigos de viagem, de carpintaria e marcenaria, de funileiro e electricista, etc..

Os dois mercados mensais que aqui se realizam nos dias 4 e 22 são outros tantos motivos de progresso para a nossa terra pela soma de transações que se movimentam e pelo interesse que tais realizações despertam nos próprios nativos em convívio com milhares de pessoas que aqui afluem nesses dias.

Há 20 anos que a nossa terra tem sentido duma maneira especial o fluxo renovador de iniciativas particulares. Os melhoramentos públicos mais em evidência, quasi todos devidos à actividade dos seus filhos, que têm sempre a bolsa aberta para o custeio dessas obras, e cujos resultados imediatos são de interesse geral, resumem-se nos seguintes: luz eléctrica, fornecida por uma empresa particular: *Eléctrica de Arrifana, L.^{da}*; telefone público e particular; estação telégrafo-postal, outro melhoramento alcançado só à custa da freguesia que, para a sua efectivação, construiu e ofereceu a casa ao Estado; lavadouros públicos modernos; casa da Banda dos B. V., quartel dos Bombeiros Voluntários ainda em conclusão; estação dos caminhos de ferro do V. V. que vai ser construída com o auxílio dos arrifanenses; campo de futebol; biblioteca pública; club, etc., etc..

Destacam-se destes melhoramentos a biblioteca pública cujo fim cultural é desnecessário encarecer, distribuindo-se livros para leitura em casa, tendo sido o seu recheio adquirido por ofertas particulares, e sendo freqüentada pela juventude ansiosa de se instruir e de alargar os seus conhecimentos.

Mas os arrifanenses não se dão por satisfeitos olhando para o caminho já percorrido, e certamente, logo que as circunstâncias o permitam, novas iniciativas seguirão o seu curso até se transformarem em realidades práticas. É isso o que todo o arrifanense bairrista mais deseja.

FÁBRICA DE CHAPEUS DE LÃ E ALGODÃO

ROBERTO NUNES DE AZEVEDO

ARRIFANA — VALE DO VOUGA

Armazém de Solas e Cabedais

MANUEL RODRIGUES DA SILVA

ARRIFANA — VALE DO VOUGA

TELEFONE 52 — END. TELEGRÁFICO TRIUNFO

~

Fábrica de Calçado Triunfo

Calçado para homem, senhora e criança

VALE DO VOUGA — ARRIFANA

TELEFONE N.º 52 — END. TELEGRÁFICO TRIUNFO

~

Sociedade Exportadora Continente e África

S E C A

Armazém de Fazendas Brancas e Malhas

VALE DO VOUGA — ARRIFANA

TELEFONE 52 — END. TELEGRÁFICO TRIUNFO

ESCRITÓRIO NO PORTO — RUA CÂNDIDO DOS REIS, 46-1º

TELEFONE 55
«Réde S. João da Madeira»

A Conquistadora

ARMAZÉM DE MERCEARIA, CE-
REAIS. FARINHAS, MASSAS,
— AZEITES E GORDURAS —

Ramiro Leite S. Resende

Vale do Vouga — ARRIFANA

REZENDE

MARCA REGISTRADA

...É O CHAPÉU QUE MAIS
PRESTIGIA A SUA CASA E O
QUE MELHOR ENRIQUECE
A SUA APRESENTAÇÃO

CHAPÉUS, FELTROS, CLOCHES



Francisco Leite Soares de Rezende, Limitada

VALE DO VOUGA — ARRIFANA

OURIVESARIA
E RELOJOARIA

José Nunes d'Arevedo
SUCESSORES

ESTABELECIMENTOS EM

ARRIFANA
E
S. JOÃO DA MADEIRA



VARIEDADE EM OBJECTOS
D'OURO, PRATA, PEDRAS FINAS
E RELÓGIOS — ENCARREGAM-SE
DE TODOS OS CONSERTOS
D'OURO, PRATA E RELÓGIOS

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Calçado

Graciosa

HOMEM, SENHORA E CRIANÇA



PINA & SILVA

Milheiroz de Poiares — ARRIFANA

(Vale do Vouga)



Carlos da Costa Lima

FABRICANTE DE POMADAS PARA
CALÇADO, CÉRAS E TINTAS

ARRIFANA «FEIRA»

TELEFONE. 47

A M O D E R N A

OFICINA DE COUROS E PELES ENVERNIZADAS

DE

Custódio de Souza Júnior

— Nesta oficina encontra-se sempre grande «stock» de fazendas envernizadas, assim como montons em carneira, tanto em preto como em côres

— Couros lizos e em frizado, crutes, envernizados, etc., etc.

— Também toma conta de fazendas a feitio, tudo por preços razoáveis. Especialidade em fabrico de solainas

Vale do Vouga—ARRIFANA

(Em frente à Feira dos 4)

Fábrica de Calçado

Para homem, senhora e criança

MERCEARIA, VINHOS E TABACOS
Géneros alimentícios de 1.ª qualidade

Manoel José de Castro e Silva & Filhos



VALE DO VOUGA — VILAR
ARRIFANA

Fábrica Manual de Calçado

«RESISTÊNCIA»



Marcolino José da Silva & C.^a



MILHEIRÓS DE POIARES
ARRIFANA

Fábrica Manual de Calçado

COSTRINE



Rufino José da Costa



MILHEIRÓS DE POIARES
ARRIFANA — V. Vouga

Oficina de Carpintaria e Marcenaria

NESTA OFICINA EXECUTA-SE TODO
O SERVIÇO CONCERNENTE À ARTE
DE CARPINTARIA E MARCENARIA



Manoel Dias da Conceição



ARRIFANA
VALE DO VOUGA



FABRICA DE CALÇADO
GUARANI

JOSE REZENDE GARCIA

ESPECIALIDADE EM CALÇADO
DE HOMEM E SENHORA

ARRIFANA - VALE DO VOUGA

TELEFONE N.º 138

(Rêde de S. João da Madeira)

C/C COM.

CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª
(CORRESPONDENTE)

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
(Agência em S. João da Madeira)

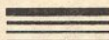
Fábrica Manual de Calçado

DE

MOTA & PINHO

EM

MILHEIRÓS DE POIARES
ARRIFANA



EXECUÇÃO PERFEITA E RÁPIDA
DE QUALQUER ENCOMENDA.
NÃO CONFUNDIR: - A MARCA

LINDEMBERG

CALÇA TODO O MUNDO

Exportação para todo o país e ilhas

Chamadas ao telefone n.º 100 de São João da Madeira

Fábrica Manual de Calçado

«A ELEGANTE»



Francisco Alves da Rocha

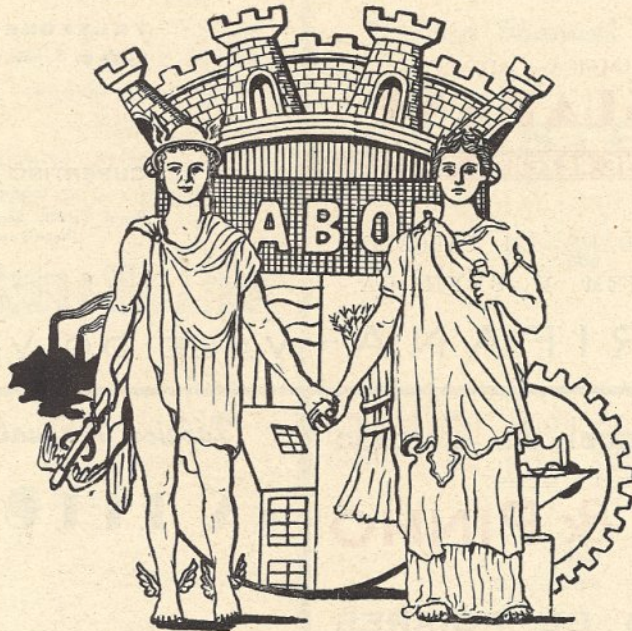
SAPATARIA E TAMANCARIA



ARRIFANA - VALE DO VOUGA

JOSE MÁRIO CLEMENTE DA COSTA
R. SÁ DA BANDEIRA - 107-2º
PÓRTO

AUTOMOVEIS



De mãos dadas, a Indústria e o Comércio têm tornado S. João da Madeira num símbolo do progresso

S. João da Madeira

EPOPEIA DO TRABALHO -- VITÓRIA DA VONTADE

P o r J O S É S O A R E S D A S I L V A

S. João da Madeira é uma terra de «facies» inconfundível, cujo progresso está bem patente e que não bebeu em fonte estranha o elixir fortificador que, em breve espaço de tempo, a guindou ao lugar de destaque que hoje ocupa.

Esta terra, como predestinada, viveu, em poucos anos, uma epopeia única e surpreendente, epopeia de Esfôrço, epopeia de Trabalho, tornando-se o mais importante centro industrial do distrito de Aveiro e um dos maiores do País. E isto, em função do tempo decorrido, foi como que um milagre. Porque S. João da Madeira conseguiu, maravilhosamente, satisfazer as leis físicas ideais do maior espaço percorrido no menor tempo gasto.

Depois, há que admirar a virtude que rodeia esta vitória, virtude feita de empenho, de persistência, de vontade férrea. É que S. João da Madeira — aldeia de há umas dezenas de anos, com umas breves e humildes casitas ajoelhadas à volta da sua Igreja — não se fez o empório de hoje por mercê de favores, ou concessões imerecidas. Não. Esta terra pode não ter vastos pergaminhos amarelados pelo rolar dos séculos que testemunhem uma nobreza de antanho mais ou menos estática; mas possui uns pergaminhos nobilíssimos que se investigam e encontram nas suas virtudes de trabalho e honradez, pergaminhos de esfôrço e vontade que mais e melhor servem os destinos imorredoiros da Pátria do que envelhecidos títulos estagnados e



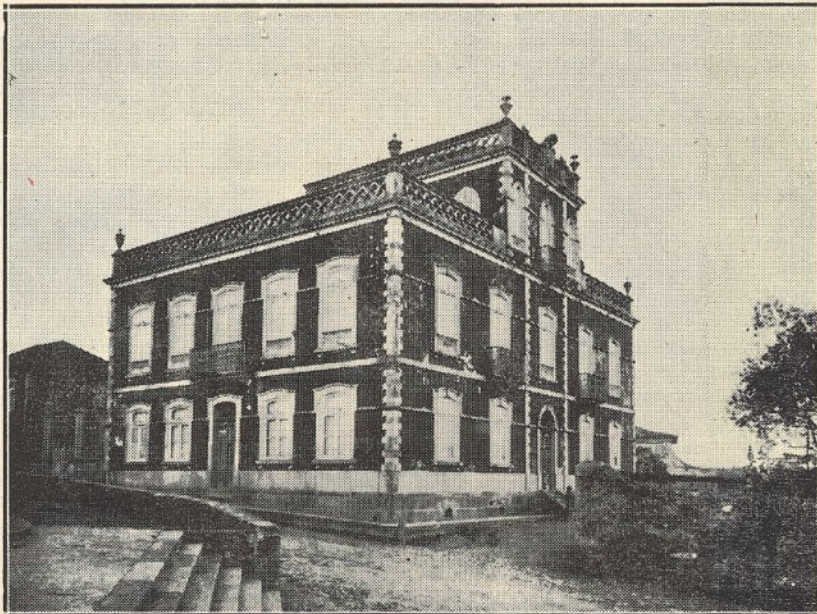
improdutivos. S. João da Madeira, enorme centro industrial, vive em delírio, sem cansaço, numa actividade febril, que concita a admiração geral. E as indústrias aumentam, crescem, desenvolvem-se, multiplicam-se num ritmo automático. Par e passo com elas, ganha vulto o desenvolvimento comercial, enquanto as lindas habitações e os belos bairros se vão erguendo, airosos e saudáveis, a atestar o magní-

ANTÓNIO HENRIQUES
Presidente da Câmara Municipal
de S. João da Madeira

fico sentido do útil e do agradável, que caracteriza o pôvo desta terra.

E tudo isto se vai fazendo com segurança, metódicamente, como que obedecendo a um programa previamente estabelecido, programa que vamos encontrar traçado na mentalidade «sui generis» dos habitantes de S. João da Madeira.

Grande pôvo êste! Grande terra esta!



S. JOÃO DA MADEIRA — Edifício dos Paços do Concelho

São João da Madeira

*Os seus encantos naturais, as suas obras de arte,
as suas casas antigas e a sua actividade industrial*

Por BELMIRO ANTÓNIO DA SILVA

S. João da Madeira e os seus panoramas

S. João da Madeira tem uma situação geográfica privilegiada.

Assente sobre colinas que lhe dão soberbo realce, o aspectó panorâmico da grande urbe sanjoanense é qualquer coisa de belo que prende a atenção pelo agradável e impressionante conjunto das casas onde se habita, das fábricas onde se trabalha, das igrejas onde se reza,—conjunto entremeadado do mimo das verduras que, em doces vergeis, rodeiam as casas e da graça esmeraldina dos campos que se distendem ao correr de dois fertilíssimos vales.

O aspectó panorâmico de S. João da Madeira apresenta-se sempre com tais encantamentos que são sempre uma revelação crescente das suas belezas naturais e da ininterrupta acção do seu progresso.



José Soares da Silva
Director do jornal sanjoanense
"O Regional"

Obras de arte em S. João da Madeira

Conquanto povoação antiga, S. João da Madeira não tem monumentos históricos nem obras de arte, nem qualquer obra architectónica, que revelem um passado cheio de interesse e notoriedade.

Mas se esta terra, illustre pelo trabalho que a dignifica e constitue o mais belo florão do seu nome, não possui venerandas relíquias avoengas, mostra-nos, todavia, certas obras de arte e beleza espiritual que, nos últimos anos, foram levadas a efeito, quer para perpetuar factos transcendentes, quer para exprimir sentimentos cívicos ou religiosos dos seus habitantes—obras que, na sua expressão muda, mas eloquente, ficam para a posteridade como preciosos legados que são, constituindo o património artístico e moral dos sanjoanenses. São as imagens religiosas que se vêm nas fachadas e interiores dos seus templos modernos, são as es-

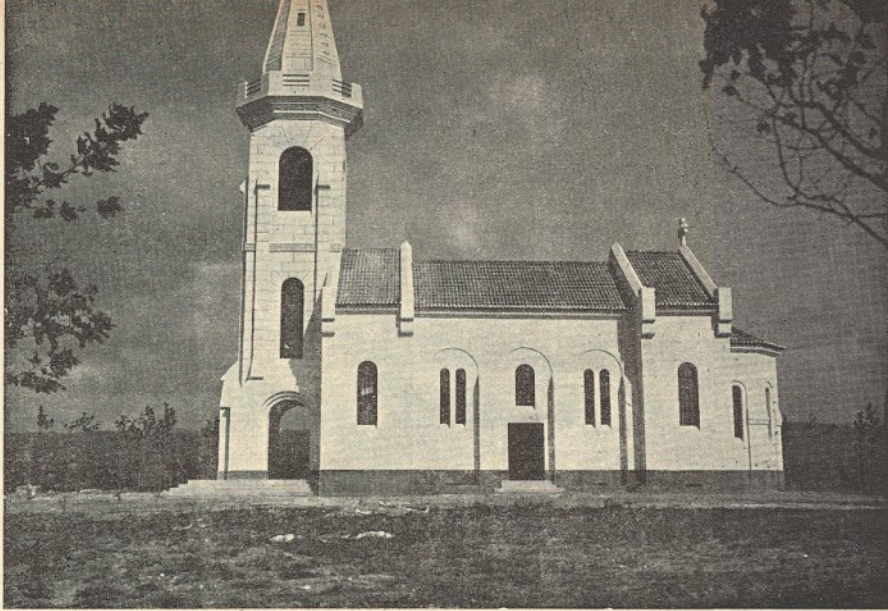
tátuas e os bustos de cidadãos illustres que se erguem nas ruas e praças públicas.

E assim, temos: A igreja matriz, ampla e asseada, não se revestindo, embora, de feições architectónicas dignas de nota, mostra-nos, contudo, no seu interior, um conjunto de beleza em que a arte se revela nas imagens, nos dourados dos altares, e, sobretudo, no primor de alguns painéis. A capela de Santa Maria, vulgarmente conhecida por capela de Casaldêlo, sendo pequena, como é, deixa no visitante uma agradável impressão pelas bem proporcionadas linhas da sua traça. A capela de Santo António, edificada em estilo românico-português, com motivos interiores originalíssimos que gritam a arte moderna, ostenta no pórtico a imagem do Santo, em pedra de Ançã, polida, e medindo três metros de altura. O Santuário de Nossa Senhora dos Milagres, que se ergue imponente no

parque do mesmo nome, com a flecha esguia do seu campanário atirada para o espaço, é, ao sul, a sentinela avançada de S. João da Madeira, dominando, em derredor, linda paisagem. É construída em estilo românico, ostentando na sua fachada, em tamanho grande, a imagem de Cristo Crucificado, valiosa obra de arte, feita em mármore, que constitue uma maravilha de escultura. Ao contemplá-la, no seu espírito divino, ocorre-nos à lembrança esta quadra do poeta António Correia de Oliveira:

*Estátua em verbó e família
Vem de estar, que vale ser.
Deus E' um ser invisível,
Na estátua está, dá-se a ver.*

Admirável na sua expressão divina e suavíssima, é também a imagem de Nossa Senhora dos Milagres, adentro do Templo,—imagem que tem



S. JOÃO DA MADEIRA — Um aspecto da Capela de Nossa Senhora dos Milagres, no Parque do mesmo nome

sido muito apreciada, pois que o artista com o seu espírito de religioso e a sua alma de crente, soube imprimir à madeira em que é trabalhada, a sublimidade e a grandeza das coisas divinas. A estátua do Conde Dias Garcia, erecta na praça que tem o seu nome, reproduz no bronze, com absoluta fidelidade de pormenores fisionómicos, a grande figura do benemérito, cuja memória perpetua. O supedâneo, em pedra artisticamente trabalhada, mostra numa das suas faces, em alto relêvo, duas crianças lendo em comum o livro primeiro. É uma interessante e comovente alegoria à instrução, para cujo desenvolvimento este benemérito tanto concorreu.

O Monumento aos Mortos da Grande Guerra, erecto no Largo de 11 de Outubro, é construído em mármore branco, assentando as figuras simbólicas numa base de granito trabalhado a pico grôso. O Monumento, com duas figuras—a da Pátria e a do Guerreiro — representa: a figura da Pátria, altiva e orgulhosa, recebendo em seus braços vigorosos o Guerreiro, símbolo da Raça, já ferido, depondo a seus pés, num último arranco heróico, as armas simbólicas dos feitos ilustres de Portugal. Os bustos, em bronze, de António José

de Oliveira Júnior e Francisco José Luiz Ribeiro, que ladeiam a entrada da Santa Casa da Misericórdia, são a homenagem póstuma de um povo agradecido à veneranda memória de dois homens que, em vida, praticaram os mais sublimes actos de benemerência. O monumento ao Dr. Maciel Leite de Araújo, ao fundo da rua que tem o seu nome, é constituído por um medalhão em bronze reproduzindo a effigie d'este egrégio sanjoanense, medalhão sustentado por duas colunas de granito.

Outras obras que afirmam a religiosidade e o civismo dos sanjoanenses poderiam ser aqui referidas também; mas destacamos, dentre todas, aquelas que mais avultam quer pelo significado que exprimem, quer ainda pelo que representam de moral e material no embelezamento de S. João da Madeira.



S. JOÃO DA MADEIRA — A entrada do «Campo Desportivo Conde Dias Garcia»

Solares e casas antigas

Dentre as casas antigas existentes nesta vila e concelho, devemos destacar: — O solar da Quinta do Morgado, pertença da família Côte Real, desde 1523. Nos documentos mais antigos era ela denominada «Quinta de S. Joao da Madeira». Foi seu primeiro possuidor, dentro daquela fa-

mília, João Nunes Cardoso Gouveia, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, 3.º Senhor do Couto e Honra do Gafanhão. Instituída em Morgado, foi seu último titular Manuel Cardoso Rangel de Quadros Côrte Real, avô do actual proprietário, Dr. Carlos de Leme Pizarro Côrte Real. A Casa do Roupal teve a ilustrá-la o Dr. José Joaquim Correia de Magalhães, e vai cessar com o desaparecimento da sua última representante a Senhora D. Emília Correia de Magalhães, sem descendência. A Casa da Várzea, entre outros varões ilustres, teve o Dr. João de Melo, formado em medicina, e é representada hoje pelo Dr. António Soares Toscano, formado em Direito. A Casa de Fundões, donde são oriundos os Camossas Saldanha, deu João de Oliveira Camossa, que foi capitão-mór de Oliveira de Azemeis, morto à tração em Arouca, por ocasião das invasões francesas em 1809. É hoje representada pela Senhora D. Maria Camossa Vaz Pinto.

Actividade industrial

A indústria de S. João da Madeira é a revelação das altíssimas qualidades de um povo profundamente devotado ao trabalho—povo que, graças ao saber das pessoas que, nas fábricas e oficinas, exercem funções de coordenação e direcção, sabe tirar partido dos seus bem intencionados esforços, afirmando a sua personalidade construtiva na labuta de cada dia.

S. João da Madeira sendo, como é, um centro essencialmente industrial, sempre teve, e hoje mais que nunca, a sua posição definida como terra que está na vanguarda das iniciativas modernas sem recear as contingências e eventualidades do futu-

ro. É que a sua divisa de honra é o trabalho. Trabalho fecundo, trabalho constante, trabalho benéfico, do qual tem resultado o maior progresso para esta terra, a tal ponto que o incremento industrial que S. João da Madeira tem tido é verdade que ninguém ousa negar ou contestar.

Uma actividade prodigiosa, um dinamismo extraordinário, que provoca admiração e infunde respeito, diz-nos do esforço hérculeo da nossa gente que trabalha, que produz, que procura fazer mais e melhor. E é assim que se compreende que S. João da Madeira, industrialmente falando, haja vivido sempre em constante progresso. A construção de novas fábricas de traça moderna; a ampliação e renovação das já existentes; a aquisição de novas máquinas; a exploração de novas indústrias; o incessante aperfeiçoamento técnico— tudo isto é a prova provada da operosidade do povo desta terra. Há, mesmo, a ânsia incontida de criar novos meios de trabalho, pelo que alguns industriais mais atilados têm-se lançado em novos empreendimentos que, por bem sucedidos, hão garantido o emprêgo de muitos braços com proveito para a colectividade.

Em todos os sectores da actividade sanjoanense, a lei suprema do trabalho regula os hábitos de

vida da nossa gente. S. João da Madeira não é e nem será nunca uma terra de ociosos. E nem se pode sê-lo aqui onde tudo é movimento... Dêsse movimento é que resulta a grandeza de S. João da Madeira, terra que, pelo seu valor industrial, é um exemplo da tenacidade do seu povo que, como motivo de justa glória, devia colocar bem alto no coração da vila, rutilantemente, esta legenda triunfante: Aqui, trabalha-se!



S. JOÃO DA MADEIRA —
Monumento aos Mortos da Guerra

Enfim... só!



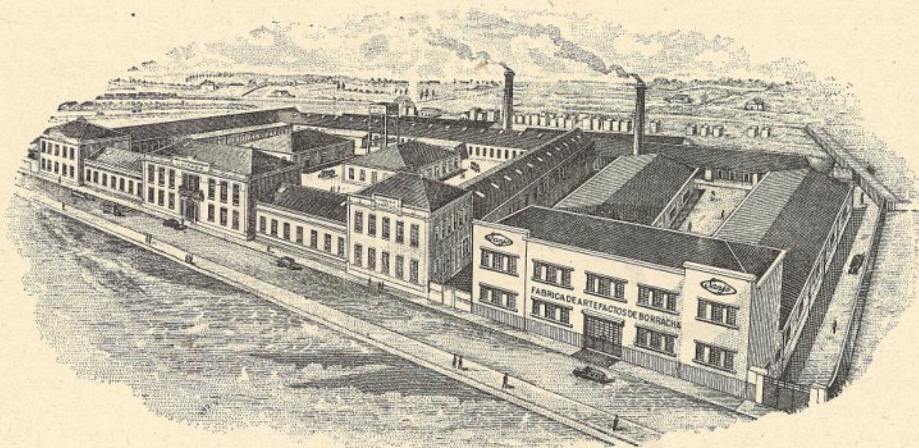
OS SALTOS
E AS SOLAS
ENFIM

cómodos,
não escorregam,
não dilatam,
duram... duram...

são quasi sem fim.

ESTÁ FEITA A PROVA

Empresã Industrial de Chapelaria, L.^{da} S. JOÃO DA MADEIRA



*Fábricas de chapéus e feltros de pêlo e de lâ, chapéus de palha,
— calçado e artigos de borracha e serração de madeiras —*

Agência no Pôrto — Rua de Sá da Bandeira, 222-1.º

CALÇADO

FABRICA DE CALÇADO

Imperio **A. Soares Dias**

S. JOÃO DA MADEIRA PORTUGAL TELEFONE 130

COLÉGIO CASTILHO

S. JOÃO DA MADEIRA

Internato e Semi-internato para o sexo masculino. Externato para os dois sexos

Instalado num magnifico palacete a dominar o extenso vale da linha férrea, e de frente para a Estrada Nacional, gosa duma privilegiada situação para o estudo e para a saúde

Mobiliário escolar com carteiras unipessoais e moderno material didáctico, fornecidos pela fábrica de Albino de Matos, P. e Barros, L.^{da} de Preamunde

Gabinete de Física e Laboratório B. de Química, organizados pela — Electro-Mecânica do Minho —

Modernísimas instalações sanitárias da Fábrica Oliva, de S. João da Madeira



Superiormente autorizado, o Colégio Castilho ministra o ensino em regime de **coeducação,** com a assistência educativa e disciplinar da Doutora D. Maria Josefina Lopes Simões

O Director do Colégio Castilho: Prof. José Cerqueira de Vasconcelos—Formado pela Faculdade de Letras de Paris (Sorbonne)

A METALÚRGICA CESARENSE

DE

Melo, Oliveira & Reis, L.^{da}

Oficina Mecânica de Funilaria e Latoaria

S. JOÃO DA MADEIRA—CESÁR

Chamadas ao Telefone:—Pôsto Público n.º 1 de Cesar (Rede de S. João da Madeira)



Fabricantes dos afamados

Pulverisadores ANTI-MÍLDIUM e EXTRA

GASÓMETROS—CANDEEIROS PARA PETRÓLEO
—BACIAS—BANHEIRAS—SEMICÚPIOS—CHUVEIROS PORTÁTEIS—BALDES DE CHAPA—JOGOS PARA LAVATÓRIOS—RECIPIENTES PARA LIXO—ENXOFRADEIRAS—FOLES DE MÃO—REGADORES—BRAZEIRAS EM COBRE E LATÃO—CINZEIROS—ESCALFETAS, BRAZEIRAS. ESQUENTADORES CILÍNDRICOS, VÁLVULAS E
MAIS ARTIGOS

OFICINAS METALÚRGICAS

«OLIVA»

Em fabrico:

Material sanitário esmaltado

Fogões de cozinha

Caloríferos

Aquecimento central

Cosinhas a vapor

Lavandarias mecânicas

etc., etc.

Em instalação de fabrico:

Máquinas de costura

Tubos de aço

A. J. Oliveira, Filhas & C.^a, L.^{da}

S. JOÃO DA MADEIRA

Sociedade Industrial de Tecelagem, L.^{da}

*Fábrica de Fitas de chapéu de homem,
fitas para senhora e fitas de fantasia*

TELEFONE: 30

S. JOAO DA MADEIRA



Exportação em larga escala de calçado para homem,
senhora e criança para o continente, ilhas e colónias

TELEFONE, 14

S. João da Madeira
(PORTUGAL)

S. João da Madeira

Posição topográfica — A vila e concelho de S. João da Madeira pertencem à comarca de Oliveira de Azemeis e ao distrito de Aveiro, diocese e Relação do Pôrto e 1.ª Região Militar. Dista cerca de 30 quilómetros do Pôrto e 40 de Aveiro. Povoadas de graciosas e modernas construções que lhe dão um aspecto ridente, esta vila está situada em terreno levemente acidentado, desfrutando-se de alguns dos seus pontos mais elevados lindos horizontes, onde a vista se recreia na contemplação de vales pitorescos, formosos outeiros e altos montes, que se erguem a leste, enxergando-se para oeste a orla marítima e azulada do Atlântico.

Servida de excelentes meios de comunicação que muito favorecem o seu progresso e turismo, é cortada pela linha férrea do Vale do Vouga, e atravessada pela estrada nacional n.º 10 Pôrto-Lisboa, por onde circulam diariamente várias carreiras de camionetas para Pôrto, Lisboa, Coimbra, Viseu, Vale de Cambra, Arouca e outros pontos do país. Tem estradas para Arouca, atravessando as freguesias de Macieira de Sarnes, César, Fajões e Escariz; para Ovar, atravessando a vila de Cucujães, Mosteirô e Souto, e ainda para S. Roque e Nogueira do Cravo.

Tem vinte lugares denominados: Carquejido, Casaldelo, Corgas, Escarigo, Espadanal, Fontainhas, Fundo de Vila, Fundões, Igreja, Lousa, Párrinho, Pedação, Quinta, Ribeiros, Tapado, Travessas, Urreiro, Vale, Vendas e Volta.

Possue também algumas ruas e praças, cuja nomenclatura a Câmara deste concelho dedicou à memória de beneméritos desta vila e a vultos egregios da história pátria, ou perpetuando datas célebres.

Antiguidade da povoação

S. João da Madeira é povoação muito antiga, anterior à fundação da nacionalidade portuguesa, mencionada já em documentos que remontam a 1088. Aos seus lugares de Escarigo e Casaldelo se refere a Carta de Doação e Couto concedida por el-rei D. Afonso Henriques ao Mosteiro dos Beneditinos, de Cucujães, de que esta vila é confinante. Tendo por orago S. João Batista, aparece em 1251 nas *Inquirições*, tiradas no mês de

Agosto daquele ano — maço 8 dos *Forais Antigos* — para provarem a existência do *Foral Velho*, sem data, dado por D. Sancho I à Terra da Feira no fim do século XII. No *Foral Novo*, dado por D. Manuel à vila e Terra de Santa Maria em 10 de Fevereiro de 1514, também figura aí o nome da povoação de S. João da Madeira. Eclesiásticamente, foi do Padroado das Religiosas do Mosteiro de Rio Tinto, e mais tarde das Religiosas de S. Bento da Avé-Maria, do Pôrto, que alternavam com a Mitra.

População — S. João da Madeira é um dos concelhos — e freguesia única do concelho — de maior densidade populacional em todo o país, pois que, sendo a sua área de 6.480 quilómetros quadrados, contava à data do último recenseamento geral da população, realizado em Dezembro de 1940, 7.398 habitantes, podendo afirmar-se que presentemente a sua população subiu já para 8.300 indivíduos. É de notar a progressão do excepcional desenvolvimento populacional de S. João da Madeira nas últimas décadas. O censo de 1706 acusava a existência de 107 fogos. O censo de 1878 dava a existência de 523 fogos e 2.364 almas. O censo de 1930 acusou 1.153 fogos e 5.481 habitantes. Por estes resultados se verifica, pois, que esta vila tem aumentado consideravelmente em população num período de tempo relativamente curto, graças à sua actividade industrial, prevendo-se que S. João da Madeira constituirá um densíssimo aglomerado populacional num futuro muito próximo.

Independência administrativa — A freguesia de S. João da Madeira, dada a sua posição de importante centro industrial, com as suas instituições de carácter social e beneficente, e povoação de atraente fisionomia, mereceu ser elevada à categoria de vila antes mesmo de conquistar a sua independência administrativa. Tal distinção foi-lhe concedida pelo decreto 1.617 publicado no «Diário do Governo», de 8 de Julho de 1924.

O Grupo Patriótico Sanjoanense, então existente, composto de elementos bairristas, fundado com a nobre finalidade de promover o maior engrandecimento da sua terra, conta entre os seus gloriosos triunfos o de ter concorrido eficazmente para que S. João da Madeira fôsse distinguida pelos Poderes Públicos com aquêl merecido título.

Inicialmente ao G. P. S. e depois à Junta da Freguesia se deve também a emancipação política de S. João da Madeira, sem a qual esta florescente povoação já jamais poderia atingir o grande desenvolvimento social e económico que sonhava, e que fôra sempre o objecto das suas ardentes aspirações.

Foi o decreto 12.456, de 11 de Outubro de 1926, que criou este concelho, tendo em consideração, como diz o mesmo decreto, que a vila «com as suas fábricas e oficinas que empregam milhares de operários, constitue hoje o centro industrial mais importante do distrito de Aveiro» e considerando ainda o desenvolvimento económico e social da mesma terra «que estava sendo prejudicado, sufocado pela sua inferior categoria administrativa».

Esta freguesia pertencia anteriormente ao Con-

celho de Oliveira de Azemeis, de que foi desanexada pelo mencionado decreto 12.456, ficando o novo concelho constituído só por esta freguesia. Ao vice-almirante Jaime Afreixo, então Ministro da Marinha e gerindo interinamente a Pasta do Interior, se deve a publicação do decreto que criou o concelho de S. João da Madeira.

Município — Com dezoito anos apenas de existência, em plena juventude, a Câmara deste pequenino concelho realizou já uma obra admirável, digna dos nossos aplausos mais calorosos, iniciando a sua acção administrativa com uma manifesta insuficiência de recursos, tendo-os, porém, aumentado com a sua excelente administração, graças à qual podemos hoje admirar e louvar os resultados brilhantes do seu dedicado esforço. Aberturá de novas ruas, que têm facilitado novas e lindas construções — alinhamento e alargamento de caminhos estreitos, que modificaram o aspecto local e melhoraram sensivelmente o trânsito, — construção de bairros económicos, regularização e ajardinamento de alguns largos, — construção do Matadouro Municipal — Municipalização dos Serviços Eléctricos, — criação de mais 2 mercados semanais — e tantas obras de urbanização já realizadas umas e em projecto outras, constituem a linda fôlha de serviços que a actual Câmara tem prestado em prol desta terra. São do seu projecto a construção do Mercado fechado, abastecimento de águas e saneamento, construção de novas escolas e urbanização da Praça Luiz Ribeiro, onde virá em breve desembarcar a estrada n.º 32 de S. Pedro do Sul a S. João da Madeira. A Câmara, que tem gerido os destinos deste concelho e a que, quasi do seu início, sempre presidiu a figura prestigiosa do fervoroso bairrista e grande industrial António Henriques, encarna bem os sentimentos e aspirações do povo sanjoanense, que à sua terra sempre consagrou uma especial devoção e espera tornar cada vez mais próspera e florescente.

Comércio — É muito apreciável o comércio desta vila. Pondo de lado o volume das transacções ou o aspecto económico íntima-



S. JOÃO DA MADEIRA — Panorama parcial da vila

mente ligado aos artigos aqui fabricados e que são exportados para todas as províncias de Portugal e suas colónias e ainda para o estrangeiro, falamos apenas do comércio local que se exerce em bons estabelecimentos de fazendas e mercearias, ferragens, louças e drogaria, colchões e mobílias, solas, pelarias e artigos congéneres, padarias, confeitaria, frutas, lenha e carvão, artigos eléctricos e papelerias. Há três mercados semanais, sendo o mais importante e o mais antigo o que se realiza ao domingo. A vila possui ainda várias agências de «Seguros» e doutros ramos de comércio, 3 agências funerárias, 2 farmácias, 8 talhos, 3 cafés decentemente montados na parte mais central da vila, algumas pensões, uma das quais — a Sanjoanense — situada na Praça Luiz Ribeiro, num belo edifício para tal fim adaptado, prima pelas suas instalações aseadas, confortáveis e agradáveis.

A Agência Bancária (Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa) e a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, instalados em belos edifícios propositadamente construídos para a exploração destes ramos de actividade comercial, são dois estabelecimentos que muito honram e valorizam esta terra.

Indústria — O povo sanjoanense, de longa data se vem revelando um povo de excepcionais facilidades de trabalho, de fecundas e belas iniciativas, dum admirável espírito bairrista, tendo conseguido por essas virtudes, que tanto o caracterizam, elevar a sua terra a um extraordinário grau de florescência e progresso, constituindo, sob o ponto de vista da sua actividade industrial, um dos mais nobres exemplos para tantos dos outros povos que o admiram e exaltam.

São hoje inúmeras e variadas as suas indústrias, mas a que sempre predominou e emprega maior número de operários, é a da chapelaria, classificada como a mais antiga desta terra. Já em meados do século XVIII aqui se fabricavam chapéus de lã. Em 1867 existiam em S. João da Madeira 15 fábricas desta espécie, sendo a mais antiga de que há memória fundada em 1802. Esta indústria de chapéus de lã está hoje muito reduzida, predominando a de chapéus de pêlo, que foi introduzida aqui em 1892 por um filho ilustre desta terra — o grande sanjoanense António José de Oliveira Júnior.

Esta indústria de chapéus de pêlo e a de sapataria atingiram grande desenvolvimento durante a última Grande Guerra de 1914, e hoje ocupam centenas de operários.

Mas o espírito de iniciativa dos sanjoanenses não se fixou apenas nestes dois ramos de indústria, que são incontestavelmente os mais movimentados e vigorosos; outras indústrias se foram pouco a pouco instalando neste meio, e o grande ambiente de laboriosidade — que é S. João da Madei-

ra — aqui tem atraído alguns estranhos, que, vindo engolfar-se neste mar de actividades, concorrem também com o seu valioso esforço para a maior prosperidade e engrandecimento deste centro fabril.

Para se avaliar do que seja o movimento industrial de S. João da Madeira, basta enumerar as suas fábricas em plena laboração no actual momento: 22 fábricas de chapéus e feltros; 42 fábricas manuais de calçado de couro; 2 fábricas de calçado de lona e borracha, solas de borracha e outros artefactos congéneres; 3 fábricas de tamanhos e chancas; 3 fábricas de bonés e chapéus de pano; 1 fábrica de boinas filtradas; 1 fábrica de chapéus de palha; 3 fábricas de guarda-sois; 1 fábrica de fundição e esmaltagem; 2 fábricas de fitas de seda e algodão; 2 fábricas de vassouras de piçaba e artigos congéneres; 4 fábricas de velas de cêra e parafina; 1 fábrica de brinquedos; 1 fábrica de papelão; 2 fábricas de caixas de cartão; 1 fábrica de camas de rede de arame e artigos similares; 3 fábricas de manteiga; 4 fábricas de serração de madeiras; 3 carpintarias mecânicas; 2 fábricas de móveis; 4 tipografias; 1 fábrica de lápis; 1 fábrica de preparação de peles de agasalho; 1 oficina de surragem de peles; 3 oficinas de latoaria e piche-laria; 1 «studio» de fotografia; 4 garages de automóveis de aluguer; 2 oficinas de reparação de automóveis; 1 garage de camionetas de carga; e outras pequenas indústrias, artes e ofícios em que se empregam centenas de pessoas.

Verdadeiras «colmeias» em actividade constante, em cujo seio se movimentam milhares de braços, não admira que S. João da Madeira seja com justiça classificada como o centro fabril mais importante do distrito de Aveiro, e quanto a chapelaria, o mais importante do país.

Dentre as fábricas mencionadas algumas há que podem considerar-se de primeira categoria, já pelo avultado número de operários que emprega, já pelo grande número dos seus produtos, já pelos grandiosos edifícios em que se acham instalados e ainda pelos maquinismos mais modernos e aperfeiçoados que possuem para elaboração dos seus artefactos.

Instituições diversas — Nesta classificação queremos envolver todos os organismos de carácter social, educativo, recreativo, beneficente, político e religioso. Enumeremos: Sindicatos dos Operários Chapeleiros e Sapateiros; 4 Escolas de Instrução Primária para ambos os sexos; 3 Postos de Ensino; Colégio Castilho, onde se ministra o ensino secundário e comercial a ambos os sexos; Mocidade Portuguesa; Banda de Música dos Bombeiros Voluntários Sanjoanenses; Grupo Coral Nun'Alvares; Teatro Cine Avenida; Patronato Viscondes de S. João da Madeira; Associação Desportiva Sanjoanense com o seu campo do futebol; Associação Humani-



S. JOÃO DA MADEIRA — O magestoso edifício do Quartel-Sede dos Bombeiros Voluntários

tária dos Bombeiros Sanjoanenses e um corpo activo de Bombeiros com seu quartel, um belo edifício de recente construção; Santa Casa de Misericórdia com seu Hospital, onde se acham instaladas diversas modalidades de assistência, ou seja uma Maternidade, um Asilo para crianças orfãs, um Recolhimento para velhos inválidos, um Banco hospitalar que dá consultas e remédios grátis a operários necessitados, e Assistência aos Pobres, que semanalmente distribue esmolas aos indigentes; um Centro de Saúde, a funcionar numa dependência dos Paços do Concelho, onde recebem tratamento gratuito doentes pobres; um Núcleo da Legião Portuguesa; um Pósto da Guarda Nacional Republicana; Juventudes Católicas masculina e feminina.

Imprensa — Publicam-se actualmente nesta localidade dois periódicos — *O Regional* e *O Sanjoanense* — defensores acérrimos dos interesses da vila e concelho de S. João da Madeira, e ambos integrados na política nacionalista. Outros periódicos existiram já, que se intitularam: *O Trabalho*, *A Defesa Local* e *Política Nova*, mas tiveram curta duração.

Solares e casas antigas — Dentre as casas antigas existentes nesta vila, devemos destacar: O solar da *Quinta do Morgado*, pertença da família Côrte Real desde 1523. Nos documentos mais antigos era ela denominada «Quinta de S. João da Madeira». Foi seu primeiro possuidor dentro daquela

família, João Nunes Cardoso Gouveia, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, 3.º Senhor do Couto e Honra do Gafanhão. Instituída em Morgado, foi seu último titular Manuel Cardoso Rangel de Quadros Côrte Real, avô do actual proprietário Dr. Carlos de Leme Pizarro Côrte Real. — *A Casa do Roupa* teve a ilustrá-la, além doutros, o Dr. José Joaquim da Fonseca Correia de Magalhães, e cessou há pouco com o falecimento da sua última representante a Senhora D. Emília da Fonseca Correia de Magalhães, sem descendência. — *A Casa da Várzea*, entre outros varões ilustres, teve o Dr. João de Melo, formado em Medicina, e é representada hoje pelo Dr. António Soares Toscano, formado em Direito. — *A Casa de Fundões*, donde são oriundos os Camossas Saldanha, deu João de Oliveira Camossa, que foi Capitão-mór de Oliveira de Azemeis, morto à traição em Arouca, por ocasião das invasões francesas em 1809. É hoje representada pela Senhora D. Maria Camossa Vaz Pinto.

Figuras egrégias — Nesta classificação de «figuras egrégias» queremos envolver os sanjoanenses que, se não tiveram a distingui-los a nobreza da linhagem, tendo alguns até nascimento muito humilde, contudo se enobreceram pelo fulgor das suas virtudes, pelo brilho das suas grandes benemerências, pelos seus méritos intelectuais, pelos serviços prestimosos em prol da sua terra, merecendo por isso especial registo:

Figuras do passado — *Dr. Cristovão Alao de Mo-*

rais — Nasceu em S. João da Madeira a 13 de Maio de 1632. Era filho primogénito do capitão de Mar e Guerra Baltazar Alão de Moraes. Formou-se nas Faculdades de Direito Canónico e Civil, e foi Juiz de Fora de Torrões Vedras, Juiz dos Orfãos do Pôrto, Corregedor de Pinhel, Riba Cõa, Coimbra, etc., e Desembargador da Relação e Casa do Pôrto. Casou com D. Joana Tereza de Carvalho, filha de António de Carvalho, criado da Rainha D. Luiza de Gusmão e de sua mulher D. Catarina, que foi ama de leite de D. Afonso VI, e de D. Pedro II. Faleceu a 19 de Maio de 1693 e foi sepultado na Sé do Pôrto, junto da qual residia à data do seu falecimento. Jaz ali na Capela da Vera-Cruz e Santa Helena, construída em 29 de Outubro de 1381 por Fr. Domingos Gerales Alão, cônego da mesma Sé, prior de Ferronela e Comendador de Rio Meão.

António Moreira da Silva (Dourado) — Figura de destaque neste meio, muito considerado pelo seu prestígio moral, este sanjoanense prestou à sua terra valiosos serviços, de cujas vantagens a vila de S. João da Madeira hoje muito beneficia. Foi ele um dos propulsores entusiastas da construção da estrada que liga esta vila às freguesias de Macieira de Sarnes e Cesár, de trânsito considerável, favorecendo muito o comércio desta localidade, e de extraordinária vantagem para os que dela se aproveitam. Foi António Dourado ainda o iniciador do movimento em favor da criação do mercado dominical nesta freguesia — hoje o mais importante — e onde se abastecem de vários géneros não só os habitantes desta vila, como os doutras povoações circunvizinhas. Foi industrial de chapéus de lá, tendo a sua fábrica sido fundada em 1842 por José António da Silva. Faleceu há 50 anos aproximadamente, e em homenagem à sua memória pelos bons serviços prestados em prol de S. João da Madeira, a Câmara consagrou com o seu apelido uma das ruas desta vila.

Francisco José Luiz Ribeiro — Humilde de nascimento, este sanjoanense ilustre, cuja memória os seus conterrâneos sempre abençoarão, ausentou-se muito novo para o Brasil, onde agenciou com o seu trabalho honrado e persistente alguns meios de fortuna.

De regresso à terra que lhe fôra bêrço, concebeu a ideia da fundação dum hospital que neste meio operário largos benefícios havia de trazer às classes pobres. Para a realização do seu belo pensamento e desejo, bem reveladores duma alma generosa e grande, legou à sua terra todos os bens que possuía, com os quais foi construído o primeiro hospital de S. João da Madeira, que outros beneméritos mais tarde ampliaram e melhoraram.

O fundador do hospital F. Luiz Ribeiro, vive na gratidão sincera dos seus conterrâneos e na galeria dos beneméritos desta vila ocupa um lugar primacial. Em testemunho de reconhecimento e

para eternizar-lhe a memória, entre outras homenagens, a Santa Casa da Misericórdia ergueu à entrada do edificio hospitalar o seu busto em bronze, e a Câmara dêste concelho deu o seu nome à praça mais central da vila, que se ficou chamando — Praça Luiz Ribeiro.

Dr. Manuel Maciel Leite de Araújo — Dos sanjoanenses do seu tempo, foi sem dúvida, o vulto mais prestigioso. Filiado na política regeneradora de então e um propagandista fervoroso, dela se aproveitou, conforme a tendência dos tempos para servir os seus amigos e sobretudo os interesses da sua terra. Não obstante as dificuldades da época, que a luta dos partidos tornou cada vez mais embaraçosa, o Dr. Maciel venceu muitas dessas dificuldades e conseguiu verdadeiros triunfos em prol dos seus conterrâneos — a bem da sua terra. Médico sabedor, duma bondade extrema, os pobres nêle encontraram sempre um dedicado e generoso amigo. Verdadeiro idolo do povo sanjoanense, por todos amado e respeitado, a sua morte foi dum tal modo pranteada, que ainda hoje se recorda a apoteose do sentimento que o seu funeral constituiu, tão gigante era a figura moral que desaparecia. Faleceu a 3 de Janeiro de 1900. A Junta da Paroquia em homenagem ao ilustre sanjoanense e em reconhecimento dos bons serviços por êle prestados à sua terra, ergueu à sua memória no cemitério um mausoléu, tendo ao centro a effigie em bronze do grande Homem, e esculpida no mármore a seguinte dedicatória: «À memória do Dr. Manuel Maciel Leite de Araújo, os seus conterrâneos». Pelo mesmo motivo também a Câmara posteriormente lhe dedidou uma das artérias centrais desta vila, intitulando-a — «Avenida Dr. Maciel».

Visconde de S. João da Madeira — Albino Francisco Correia, depois Visconde de S. João da Madeira, bem cedo deixou a sua terra natal para tentar fortuna no Rio de Janeiro, onde passou a maior parte da sua vida. Figura respeitável e de porte fidalgo, notabilizou-se pelas suas grandes virtudes, servindo generosamente a Caridade e concorrendo com apreciáveis donativos para os melhoramentos desta vila. A Igreja de S. João da Madeira mereceu-lhe particular atenção, e muitas obras de aformoseamento que nela se executaram, em parte a êle se devem. A ampliação do Cemitério, obra realizada em 1912, fez-se a expensas do Visconde de S. João da Madeira e do seu genro, António Dias Garcia, mais tarde Conde Dias Garcia. A memória do Visconde e das suas benemerências perdura ainda viva no espírito dos sanjoanenses, e a Câmara, em sinal de reconhecimento, perpétuou o seu nome numa das ruas centrais desta vila.

Conde Dias Garcia — O Conde Dias Garcia é certamente o maior no capítulo das benemerências. Possuidor duma avultada fortuna, grangeada no Rio de Janeiro, onde a sua figura foi das mais

prestigiosas e beneméritas, a capital do Brasil e a sua terra natal são-lhe devedoras de inolvidável gratidão. António Dias Garcia, nome do seu nascimento, coração magnânimo, sempre aberto para acudir às grandes dôres e necessidades, distribuiu importantes somas de dinheiro pelas instituições de caridade do Brasil, de Portugal e particularmente de S. João da Madeira — a terra que o viu nascer. Tantas foram as suas benemerências em prol da Caridade e da Igreja, que S. S. Pio XI, em Testemunho de reconhecimento e aprêço pelas suas nobres virtudes, o agraciou com o título de Conde.

O hospital desta vila recebeu dêle donativos avultados. O Recolhimento dos Velhos Inválidos é da sua fundação. A pobreza foi por êle muito beneficiada. Na Igreja custeou vários melhoramentos. A instrução mereceu-lhe carinhosas atenções, devendo-se à sua generosidade a construção da Escola Dias Garcia.

O Conde Dias Garcia recebeu em vida muitas homenagens dos seus conterrâneos, e a Câmara também lhe consagrou algumas, em sessões solenes e recepções festivas, dedicando ao seu nome uma rua e uma praça, tendo ainda solicitado para êle uma distinção honorífica, pela Ordem de Benemerência, distinção que lhe foi conferida e cujas insígnias a Câmara lhe ofereceu. A última homenagem ao insigne benemérito foi a erecção da sua estátua em bronze na Praça Dias Garcia. O Conde faleceu no Rio de Janeiro com 85 anos, a 29 de Outubro de 1940.

António José de Oliveira Júnior — Sanjoanense dos mais insignes dos últimos tempos, marcou pela fulgurância do seu espírito, pela nobreza do seu carácter, por tôda a beleza moral da sua alma. A indústria da chapelaria de pêlo, que para S. João da Madeira tem sido nos últimos decénios um dos factores principais do seu progresso, teve em Oliveira Júnior o seu iniciador. Esta circunstância só de per si bastaria para o imortalizar na memória dos seus conterrâneos. Mas esta vila ficou-lhe ainda eternamente reconhecida pelos serviços relevantes que prestou à causa da Caridade, e da beneficência da sua terra. Foi êle o primeiro Provedor da Santa Casa da Misericórdia desta vila, cargo que desempenhou até à morte com o maior zêlo e dedicação. Instituiu um Fundo para assistência aos pobres, e fundou um Asilo para crianças orfãs, modalidades de assistência a cargo da Santa Casa. Homem de bem e crente fervoroso, a sua figura moral agigantou-se no último quartel da existência. Agraciado pelo Govêrno com a Comenda do Mérito e Benemerência, o Comendador António José de Oliveira Júnior faleceu a 28 de Janeiro de 1935.

A Santa Casa da Misericórdia conta-o no número dos seus grandes beneméritos, e a Câmara,

consagrando-lhe a memória, deu o seu nome a uma das principais ruas desta vila.

Benjamim José de Araújo — Foi um dos sanjoanenses mais valorosos do seu tempo, tendo-se interessado pelos melhoramentos da sua terra. Além de vários caminhos rasgados ou reparados à sua custa, ou largamente auxiliados pela sua bolsa, concorreu eficazmente para que esta terra fôsse dotada ao tempo com uma estação telégrafo-postal, dando gratuitamente e pelo espaço de 12 anos, casa para a sua instalação. A criação do mercado dominical, quando S. João da Madeira pertencia ao concelho de Oliveira de Azemeis, muito deve à sua intervenção, e a indústria de chapelaria foi no seu início por êle ajudada e financiada. Reconhecendo-se-lhe, pelo seu passado, os merecimentos que o tornaram digno da estima e respeito dos seus conterrâneos, foi o primeiro presidente da Câmara Municipal, cargo que ocupou com apuro e bom senso.

Durbalino Alves da Silva Laranjeira — Farmacêutico e grande proprietário, sempre se mostrou digno da estima dos seus conterrâneos pela sua nobreza de carácter e espírito de bem-fazer. Amigo muito dedicado das classes operárias contribuiu com valioso donativo para a construção do edificio — séde do Sindicato dos Operários Chapelheiros desta vila, onde, em sinal de reconhecimento, foi colocado o seu retrato. Fez parte da primeira Mesa da Santa Casa da Misericórdia desta vila, a cujo Hospital acaba de legar todos os seus bens, avaliados em algumas centenas de contos. A sua memória será eternamente sagrada pela gratidão dos seus conterrâneos.

Figuras do presente — *António Henriques* — Actual presidente da Câmara, António Henriques é uma das figuras que mais se destacam neste meio sanjoanense. Industrial de primeira categoria, filho de S. João da Madeira, a sua terra natal tem-lhe merecido o maior carinho, e ao seu engrandecimento tem votado o melhor da sua inteligência com uma vontade tenacíssima. Espírito culto, presidiu ao antigo G. P. S., o seu esforço pela criação do Concelho de S. João da Madeira marcou com êxito brilhante e a sua acção administrativa na Câmara, de que sempre fez parte e a que tem presidido quasi desde o seu início, produziu já essa obra admirável a que aludimos no respectivo lugar.

O povo de S. João da Madeira, representado no seu elemento mais categorizado, apreciando com louvor e reconhecimento a sua acção na presidência da Câmara e a sua obra, já então digna dos mais calorosos aplausos, tributou-lhe uma homenagem pública, realizando em sua honra um banquete a 13 de Dezembro de 1936, no Patronato Visconde de S. João da Madeira, com numerosa assistência de sanjoanenses e amigos do homenageado, desta vila e outras terras.

Dr. Renato de Araújo — S. João da Madeira honra-se de contar entre os seus filhos mais ilustres o Dr. Renato de Araújo, filho do grande proprietário e capitalista, já falecido, Benjamim J. de Araújo, que foi o primeiro presidente da Câmara e também um dedicado sanjoanense.

Ao Dr. Renato de Araújo, distinto médico operador, actualmente residindo em Lisboa, deve esta vila assinalados serviços, particularmente a acção brilhante que, em colaboração com António Henrique, exerceu no sentido da criação do Concelho de S. João da Madeira. A circunstância da sua residência em Lisboa, que lhe facilitou o contacto com alguns elementos do Governo, o seu prestígio moral, que muito justificadamente goza naquêle meio, o brilho da sua inteligência e sobretudo o grande amor à terra que lhe foi berço — tudo se conjugou para que a justa emancipação administrativa de S. João da Madeira fôsse um facto.

Em testemunho de reconhecimento o Dr. Renato de Araújo foi publicamente homenageado pelos seus conterrâneos, em sessão solene, realizada no Teatro-Cine-Avenida, desta vila, alguns dias após a criação do Concelho, tendo sido nomeado seu primeiro Administrador.

Dr. Serafim Leite — Entre os sanjoanenses ilustres, o Dr. Serafim Leite é dos primeiros a marcar com notável relevo a sua personalidade moral e intelectual. Precioso ornamento da Companhia de Jesus em Portugal, formado em Filosofia e Teologia na Universidade do Instituto a que pertence, na Bélgica, o Dr. Serafim Leite tem-se revelado um exímio cultor das letras pátrias, tendo escrito várias obras entre as quais sobressai pelo seu valor e finalidade a «História da Companhia de Jesus na Colonização do Brasil e de que se encontram publicados já alguns volumes, obra que tendo merecido os mais justos aplausos dos espíritos cultos, já mereceu também ser premiada pela Academia das Ciências. Êste sanjoanense, que muito honra a sua terra, sempre se interessou pelo seu progresso, prestando-lhe por vezes o seu valioso concurso.

O Dr. Serafim Leite é o autor da letra do «Hino de S. João da Madeira». O *Regional*, quinzenário que se edita nesta terra, tem-lhe rendido, por vezes, pública homenagem, consagrando os seus méritos.

Manuel Leite da Silva Garcia — Figura marcante no meio sanjoanense pelo seu prestígio moral, Leite Garcia merece aqui também especial referência pelas suas benemerências e pela sua dedicação valiosa em prol do engrandecimento de S. João da Madeira. Ligado à distinta e benemérita Família Garcia, sobrinho do Conde Dias Garcia, grandes são as suas relações pessoais entre a numerosa colónia sanjoanense no Rio de Janeiro, onde viveu longos anos e angariou avultada fortuna. Aproveitando estas boas relações, muito estimado e querido por todos os sanjoanenses ausentes na capital brasileira, promoveu ali grandes subscrições entre os seus amigos e nossos conterrâneos, angariando assim somas avultadas de dinheiro, destinadas à realização de melhoramentos locais, nomeadamente a construção das capelas de Santo António e Nossa Senhora dos Milagres, com o seu Parque. Manuel Leite Garcia tem, por isso, jús ao louvor e gratidão dos seus conterrâneos.

Manuel Luiz Leite Júnior — Todos quantos, dentro e fora de S. João da Madeira conhecem êste sanjoanense, são unânimes em afirmar as suas admiráveis qualidades de são e puro bairrismo. Tem tomado parte em diversos movimentos que visam ao engrandecimento da sua terra, e a sua bôlsa, sempre generosa, abre-se constantemente aos interesses comuns. A sua terra natal tem tido o valioso concurso da sua actividade. S. João da Madeira sabe-o bem.

* * *

Muitos outros nomes de sanjoanenses dedicados ao engrandecimento da sua terra poderiam aqui mencionar-se — o que omitimos para não alongar demasiadamente êste trabalho.

A. P.



CALÇADO ALIANÇA

IMPORTAÇÃO—EXPORTAÇÃO

Aliança Industrial de Calçado, L.^{da}

S. JOÃO DA MADEIRA

Tele } fone, 73
 } gramas: ALIANÇA CALÇADO

GÓSTO—PERFEIÇÃO—DURABILIDADE

Telefone, 128

Gomes Ferreira & Dias

FÁBRICA DE FITAS DE SEDA E ALGODÃO
— PARA CHAPÉUS E CALÇADO —

S. JOÃO DA MADEIRA

Fábrica Manual de Calçado
A RESISTENTE

Manoel Fernandes da Silva



TELEFONE-56

Casaldêlo — S. JOÃO DA MADEIRA

Mário Gomes dos Santos
OFICINA DE CARPINTARIA E MARCENARIA



DEPÓSITO DE MADEIRAS



*Encarrega-se de todo o serviço
pertencente à construção civil*

CASALDÊLO — S. JOÃO DA MADEIRA

União Industrial Sanjoanense, L.^{da}

S. JOÃO DA MADEIRA (Portugal)

Tele } gramas: UNIÃO
 } fone: 79

Importante organização industrial com fábricas de Fêltros de pêlo e lã merina para CHAPÉUS DE HOMEM E SENHORA E CHAPÉUS DE LÃ NACIONAL.

Fazem parte desta importante empresa, as seguintes firmas:

NICOLAU DA COSTA & C.^a, LTD.^a

PINHO, COSTA & C.^a, LTD.^a

A. SOARES, SILVA & C.^a

CRUZ & FREITAS

SERAFIM PAIS VIEIRA

GOMES DE PINHO, DIAS & C.^a

MÁRIO NICOLAU DA COSTA

ROBERTO NUNES DE AZEVEDO

JOSÉ ALVES DE FREITAS

Telegramas: LABOR

Telefone: 135

Fabrinca, Limitada

A MAIS IMPORTANTE FÁBRICA DO PAIS DE
BRINQUEDOS, CARROS E CADEIRAS PARA CRIANÇA

S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE CALÇADO

«BEM-FICA»

José Gomes de Pinho Calhau

Calce uma vez BEM-FICA: verá
como FICA-BEM calçado

TELEFONE. 75

S. João da Madeira

A MENSAGEIRA

A mais antiga fábrica de Guardasóis e Sombrinhas

Depositário de Chapéus de Palha,
— Boina Vasca e Chiquitos —

Fabricante dos já afamados licores «BINA»
e depositário dos vinhos do Porto «CALEM»

CALÇADO EVERESTE

Esmerado fabrico de calçado ligeiro
para senhora tanto de verão
como de agasalho para inverno

Consulte sempre os nossos preços.

Telefone N.º 11 Telegramas MENSAGEIRA

FÁBRICA DE CALÇADO

A Nova Portuguesa

Exportação para o Continente, Ilhas e África

Marca do calçado: FIRMEZA

A. L. CORRÊA

TELEFONE. 24

S. João da Madeira

PORTUGAL (Continente)

Centro de Cabedais, Limitada

Concessionário nesta região
das Solas de Coimbra

TELEFONE N.º 64

S. João da Madeira



FABRICA DE GAZOMETROS
CLAUDINO TAVARES D'AZEVEDO

Funilaria
Mecânica

Nesta funilaria fazem-se todos os trabalhos pertencentes a esta indústria, vende-se para revender para o Pôrto, Lisboa e Províncias, sendo os seus principais artigos Gasómetros de todos os sistemas, Enxofradeiras e Fóles para Alfaiates, Bacias, Banheiras, Alguidares para cosinha, Baldes de esfrega de chapa galvanizada ou zinco e diversos artigos de fôlha de Flandres. Devido à falta de material, sempre se tem procurado servir bem os seus clientes, apesar de se lutar com dificuldades provenientes da guerra. Esta funilaria é individual e tem quarenta e três anos de laboração

CASA JOSÉ VARIO

José Gonçalves Amado



DEPÓSITO DE FERRO, FERRA-
GENS, DROGAS, TINTAS E
TODO O MATERIAL DE
— CONSTRUÇÃO CIVIL —



S. JOÃO DA MADEIRA

Telefone, 51

Telefone 42
End. tel. CONDESTÁVEL

FÁBRICA CONDESTÁVEL
Nunes da Cunha & C.^a, Lim.

INSTALAÇÕES MODERNAS PARA
O FABRICO DE FELTROS PARA
SENHORA E CHAPÉUS PARA HOMEM

Agente em Lisboa:

Manuel da Costa Azevedo
Rua Nova da Trindade, 22-1.
TELEFONE 2 9620

Agente no Pôrto:

Adriano Pinto
Galeria de Paris, 56
TELEFONE 2021

EXPORTAÇÃO PARA AS ILHAS, COLÓNIAS E ESTRANGEIRO



FÁBRICA DE CALÇADO 'Colar'
Nicolaus & C.^a
S. JOÃO DA MADEIRA
PORTUGAL

Fábrica de Chapéus de Pêlo
Lã e Palha

A. Soares, Silva & C.^a

S. JOÃO DA MADEIRA
Telefone 33

3 marcas de qualidade

LABOR
OLÍMPICO
ÓPERA

VITÓRIA

FÁBRICA DE GUARDA-SOIS

Martins & Victor, L.^{da}

S. JOÃO DA MADEIRA

Teleg.: VITÓRIA — Telef.: 125



GUARDA-SOIS, SOMBRINHAS,
BOINAS, CHAPÉUS DE PA-
LHA PARA CAMPO E PRAIA

O MELHOR FABRICO DE GUARDA-SOIS
E SOMBRINHAS

FÁBRICA DE CALÇADO

DURO, L.^{DA}

S. JOÃO DA MADEIRA (Portugal)

Telefone 57 — Apartado 9

NÃO PRECISA QUE V. EX.^{ta} LHE
FAÇA REFERÊNCIAS, VISTO A
MARCA DURO POR SI DIZER TUDO

REPRESENTANTE EM LISBOA:

FERNANDO DE ANDRADE

Rua Eugénio dos Santos, 22

REPRESENTANTE NO PÔRTO:

JOAQUIM CÂNDIDO DA SILVA

Rua Fernão de Magalhães, 330

ONTROLE GRÁFICO

S. JOÃO DA MADEIRA
TEL. 125

PAPELARIA
PROPAGANDAS D'ARTE
IMPRESSOS DE LUXO
TRABALHOS LITOGRAFICOS
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGENS
DESENHO



Fábrica Manual de Calçado
ULTRAMARINA



José Luiz da Silva



CASALDELO
S. JOÃO DA MADEIRA

Santos & Maia

Fábrica de Calçado Nacional



O CALÇADO SEMPRE PREFERIDO
PELA SUA PERFEIÇÃO E DURA-
BILIDADE



MACIEIRA DE SARNES
S. JOÃO DA MADEIRA

TELEG. CHAPEUS
TELEFONE 29
APARTADO 29

Teleg.: AGUIA

Telefone N.º 4

FÁBRICA DE CHAPEUS

Gomes de Pinho, Dias & C.ª

Chapeus de pêlo, lã merino, e lã grossa

REX, PRIMUS, GODIC E ÁUREO

são as marcas que se impõem pela sua
alta qualidade e superior apresentação

Vieira Araújo & C.ª

« A A G U I A »

Fábrica Mecânica de Chapéus
— de Pêlo, Lã e Palha —

« V I A R C O »

Fábrica de Lápis e Canetas

Rua Gago Coutinho

S. JOAO DA MADEIRA

S. João da Madeira

Tele. } gramas: Salvador Pinho
 } fone N.º

A NOVIDADE

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

Salvador Gomes de Pinho & Irmão

RUA JAIME AFREIXO — S. João da Madeira
 (PORTUGAL)

Fábrica de Calçado "Columbia"

TAMANCOS, CHANCAS E SOQUÉTES

Domingos Cordeiro

S. JOÃO DA MADEIRA

A. Costa & Correia, L.^{da}

ARMAZÉM DE SOLAS E CABEDAIS

FÁBRICA DE CABEDAIS «ESTRÊLA»
 EXPORTAÇÃO PARA ILHAS E ÁFRICA

S. João da Madeira — (Portugal-Continente)
 Telefone 34

Telefone 7

FÁBRICA DE CHAPÉUS DE PÊLO E DE LÃ

José Duarte Gonçalves, L.^{da}

(CASA FUNDADA EM 1904)

AVENIDA DR. MACIEL — S. João da Madeira
 (Portugal)

Fábrica de Fogões e Cerralharia

SOLDABURAS A AUTOGÉNIO

Nesta fábrica executam-se trabalhos sobre desenho com prontidão e esmero. Ferragens para construções civis, portões, grades, varandas e ramadas de ferro. Estufas para jardins, fogões para lenha e carvão, etc. —

Vitorino Gomes Soares

Chamadas ao Telefone, Posto Público — CESÁR

S. João da Madeira — FAJÕES

Telefone 65

Laboradora de Madeiras, L.^{da}

MADEIRAS EM BRUTO — MADEIRAS APARELHADAS — SERVIÇOS GERAIS DE CARPINTARIA — ARTIGOS DE «MÉNAGE» — DESCAROLADORES — TARARAS — CHARRUAS

S. JOÃO DA MADEIRA

Manuel Amorim & Irmão

MESTRES DE OBRAS DE TROLHARIA,
 PINTURAS E CIMENTOS ARMADOS

CASALDELO — S. João da Madeira

FÁBRICA DE BOINAS E MEIAS

Pinchos **P**rezman

S. João da Madeira — Telefone 88 — Portugal

VITÓRIA

FÁBRICAS DE CALÇADO PARA
HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

FERREIRA & FILHO

VASSOURAS DE PIAÇABA E PALMA
— ESCOVAS DE PIAÇABA — PINCEIS
DE TODAS AS QUALIDADES — BRO-
CHAS, TRINCHAS E ESPANADORES

S. João da Madeira — Telefone 96

A MODELAR ARMANDO PINTO

CALÇADO DE LUXO

PREFERE-SE PELA PERFEIÇÃO

S. JOÃO DA MADEIRA — Telefone 20

CALCADO ZARCO

Costas (Irmãos) & C.^a

S. João da Madeira
PORTUGAL
— TELEFONE 152 —

«ARGO»

CALÇADO DE LUXO PARA
HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

A BOA NOVA, L.^{DA}
FÁBRICA DE CALÇADO

S. JOÃO DA MADEIRA
TELEFONE, 71

CALÇADO

TAVAR

FÁBRICA
DE
CALÇADO

Para homem, se-
nhora e criança

ANTÓNIO TAVARES
CHAMADAS AO TELEFONE, 137

S. JOÃO DA MADEIRA

A UNIVERSAL

Fábrica de chapéus de feltro e lã merino

Marcas recomendadas NICE, UNIVERSAL e BELLUS

CRUZ & FREITAS

S. João da Madeira — PORTUGAL — Telefone 27

FÁBRICA «MINERVA»

FABRICO ESPECIAL DE TODO O
GÊNERO DE VELAS DE STEARINA
— COMPOSTAS E DE CERA —

COSTA, FILHO & C.^a

(Casa fundada em 1895)

S. JOÃO DA MADEIRA — Portugal
TELEFONE, 118

Pinto & Gomes de Pinho

FABRICANTES DE CHAPÉUS

«CONDOR»



Telegramas: CONDOR

S. JOÃO DA MADEIRA

O PRINCIPAL AGENTE DO HOMEM É O TRABALHO

INDÚSTRIA NACIONAL

As duas marcas de pasta para soldar ferro e aço AFEBRE e a LUSITANA, da autoria da firma **Relva & Bastos, L.^{da}**, com fábrica na freguesia de Cesár, Concelho de Oliveira de Azemeis, distrito de Aveiro, já conhecidas na praça como preparados de ótimos resultados, são acessíveis a todos os artistas da especialidade, no comércio de

— :: — — :: — — :: — — :: — — :: — — :: — — :: —

A PROTECÇÃO À INDÚSTRIA NACIONAL É CONDÃO DO BOM PATRIOTA



Registada

Relva & Bastos, L.^{da}

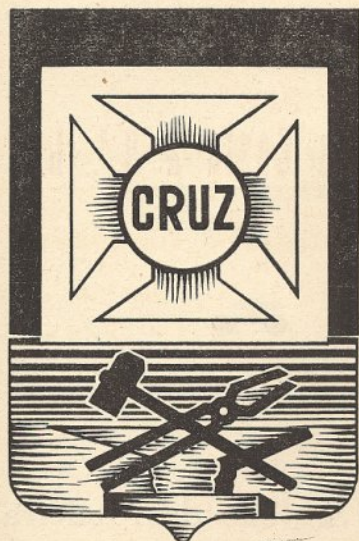
CESÁR

S. JOÃO DA MADEIRA



Registada

António Paiva & Companhia, Limitada



FUNDIÇÃO DE ESTANHO E TRATAMENTO DE MINÉRIOS — VÁRIOS ARTIGOS METALÚRGICOS — FÁBRICA DE PASTA PARA SOLDAR E CALDEAR FERRO E AÇO — SOLDAS PARA ALUMÍNIO DE EXCELENTES RESULTADOS — TODOS OS NOSSOS PRODUTOS TÊM A MARCA «CRUZ»



SEDE:

CESÁR, Oliveira de Azemeis, Correio de S. João da Madeira

Telefone: Pósto Público de Cesár

DEPÓSITO:

RUA PASSOS MANUEL, 207 — PÓRTO

A CONFIANÇA
FÁBRICA DE CHAPEUS

Serafim Pais Vieira

2 MARCAS DE QUALIDADE

CONFIANÇA

E

FAVORITO

TELEFONE, 19

S. João da Madeira

S E P O L

MANUFACTURA DE CALÇADO
DE LUXO PARA HOMEM

Victorino José d'Oliveira

Ex-Sócio Gerente da Extinta Empresa
Industrial de Calçado, Limitada

••

TELEFONE: POSTO PÚBLICO N.º 2

Fajões — S. João da Madeira

FÁBRICA DE

CALÇADO
LUSITANO

TELEFONE N.º 12

A. COSTA BASTOS

S. João da Madeira

~

REPRESENTANTE EM LISBOA:

J. S. Cascais

Rua de Moçambique, 31, r/c.

L I S B O A

Teleg. PROGRESSO

Telefone 121

Fábrica Mecânica de Chapéus de Feltro.
Palha e Serração de Madeiras

Nicolau da Costa & C.ª, L.ª

••

S. João da Madeira

PORTUGAL

Bastos & Alves, Suc.^{ros}



FÁBRICA DE VELAS
DE CÊRA E STEARINA
— ARTIGOS FUNERÁRIOS

**Ceras para sapateiro
e enceramentos,
pomada para calçado**

S. João da Madeira

CALÇADO L Y D O

Fabrico Manual de Calçado

Elísio Ferreira Henriques

*Calçado para homem, senhora
e criança — Botas para Futebol*

Telefone: Pósto Público n.º 2 — Cezár

CEZÁR — S. João da Madeira

Fábrica de velas de stearina e velas de cêra

CASA FUNDADA EM 1904

Costa & C.^a

**VELAS DE CÊRA DE
TODOS OS TAMANHOS**



TELEFONE, 38

S. João da Madeira
(PORTUGAL)

FÁBRICA "UNIVERSO"



VELAS DE CERA DE
TODOS OS TAMANHOS

Fabrico Especial de Velas de stearina e Velas de cera
— Ceras de todas as qualidades para sapateiros —

Exportação para o Continente, Ilhas e África

ARTIGOS FUNERÁRIOS

ALVES & FILHO

Chamadas ao TELEFONE 33

S. João da Madeira

Uma marca que conquista todos os nossos mercados internos e externos

CALÇADO
VALENTE

TELEF. 83

ERNESTO VALENTE
CASAL NOVO

S. JOÃO DA MADEIRA

PORTUGAL

J. FERREIRA DA SILVA

FÁBRICA DE PASTA PORTUGUESA PARA CALDEAR FERRO E AÇO

MARCA SULTANA REGISTRADA

FUNDADA EM 1935

Fixar bem esta marca afim de evitar possíveis confusões

Dos constantes estudos, postos ao serviço exclusivo de uma Indústria, concluiu-se que a sua organização é perfeita e de ótimos resultados para a economia do carvão, do tempo e esforços aos forjadores.

Maravilha da técnica moderna, a pasta **SULTANA** está à venda em tôdas as boas casas de Ferro e Ferragens.



FAJÕES-S. JOÃO DA MADEIRA

TELEFONE, 2
P. Público—S. J. Madeira



CUCUJÃES — Seminário, frente. À direita é vista da linha V. V. por quem vai de Oliveira de Azemeis para Cucujães

Vila de Cucujães

DA primeira vez que saí das montanhas agrestes da Beira-Baixa, viájei numa carruagem de 3.^a classe, atulhada de gente, que ria alto, à antiga, e falava com desenvoltura.

Eu vinha metido no meu fato preto, muito quieto, muito usado, porque era verão, e sempre de olhos atentos para ver como era o mundo que ia aparecendo. Pouco depois de Coimbra, um cavalheiro abeirou-se de mim, olhou-me paternalmente e, depois de analisar a minha atitude acanhada e o meu fato preto, tirou a limpo que eu era seminarista. Travada conversa, ofereceu-me a sua companhia esclarecida e protectora.

— Que, se quisesse, me acompanharia até às portas do Seminário, porque era de S. João da Madeira.

Aceitei com a franqueza serrana que trazia dos pátrios montes, muito admirado de encontrar gente boa assim tão longe da minha aldeia. Só me arrependi quando soube que não poderia contemplar o mar à vontade, pois desde Chão de Maçãs viera sempre à janela, de nariz virado a sol-pôsto, para surpreender finalmente a magestade do oceano de que rezavam as histórias e as cantigas.

Em Aveiro, ao mudar para o combóio do Vale do Vouga, numa corrida desnecessária, não reparei que este era menos brutal que o que me trouxera até ali. Depois é que notei como era interessante e gracioso, sempre de apito na bôca, a correr muito satisfeito por aquela maravilhosa paisagem fora. Não consegui, por então, fixar nomes de terras. Tudo era surpreendente. Os meus olhos queimados pelo sol escaldante da Beira e afeitos a espectáculos duros e hostis, poisavam com delícia na verdadeira macia dos choupos, no colorido das flores e no ondular suave dos milhares embandeirados. Subia da terra uma paz virgiliana.

Foram horas de encantamento. Com certeza o engenheiro que estendeu aquelas duas fitas metálicas, não era um homem sem coração, um partidário inflexível da linha recta, armado de um lápis furiosamente utilitarista. Respeitou, na medida do possível, as leiras mais férteis, torneou com elegância as pequenas elevações e colocou aqui e acolá uma estação, muito lavada e florida. Tinha razão. A linha recta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos.

A tardinha, uns minutos depois de deixarmos Oliveira de Azemeis, várias mãos de passageiros, já inteirados do meu nobre destino, me apontaram para uma ampla fachada, muito branca, de grandes janelas, que se via à esquerda e que tapava o horizonte. Era o Seminário das Missões de Cucujães, situado num alto, a dominar um bellissimo trecho do Rio Antuá. A estação fica quasi rente aos muros da quinta. Distraí-me das pessoas e da paisagem e, cheio de emoção, dirigi os passos para o Seminário.

* * *

Depois, durante muitos anos, em buliçosos passeios semanais, pude conhecer melhor toda esta região. Mas a primeira impressão jámais se me apagou do espirito. Revive todas as manhãs, quando, lá ao fundo, passa de apito na bôca, e deixando uma nuvem de fumo a desfazer-se no ar, o pequeno combóio que me trouxe há um rôr de anos. E revive sobretudo, quando tenho o prazer de ir à estação receber algum jôvem que traz nos olhos a emoção e o deslumbramento da viagem maravilhosa e na alma o ideal mais nobre que há no mundo.— ir, mar em fora, dilatar a Fé e o Império.

A. A.

CUCUJÃES

Por JOÃO DOMINGUES AREDE

CUCUJÃES é terra antiquíssima. Pertence ao concelho de Oliveira de Azemeis. Sua situação geográfica é magnífica e seu solo fértil e abundante de águas.

Possue vestígios das antigas civilizações extintas, tais como quatro mamões no alongado monte que corre de norte a sul pelo centro na freguesia, e outros objectos do Período Pre-Histórico e Proto-Histórico, expostos no Museu assente na Sacristia da Igreja Matriz.

Possue bastantes outros objectos do Período-Histórico, isto é, da época de maior movimento progressivo na civilização, também expostos no mesmo Museu.

E ainda mais: Cucujães pode orgulhar-se de poder mencionar mais os seguintes monumentos históricos:

A Ponte Romana do lugar da Pica, que deu passagem à Estrada Romana; uma cruz de pedra e pedras de mais duas cruzes também de pedra, vestígios éstes da primitiva Igreja no lugar de Cucujães, e o Mosteiro Beneditino fundado por D. Egas Moniz (o Garção) cêrca do ano 1000, monumento este que teve grande influência religiosa e política, durante séculos, e uma extraordinária importância na história política da nacionalidade, constituindo um valioso elemento no esforço da consolidação pátria. Teve o mesmo Mosteiro o seu período áureo e depois o de decadência, vendo-se actualmente convertido em seminário das Missões Católicas Ultramarinas e subvencionado pelo Governo Português, e sob a direcção do Sumo Pontífice, no tocante ao espirital.

A freguesia de Cucujães foi Couto do seu Mosteiro Benedito desde a sua instituição, em 7 de Julho de 1139 (anos de Cristo), por D. Afonso Henriques, quando ainda Príncipe do Condado Portucalense, até á sua extinção em 19 de Julho de 1790. Cucujães, com a instituição do Couto, ficou com o título de Vila, e foi também concelho. E com a extinção do Couto em virtude das convul-

sões políticas internas, passaram para a atribuição da Corôa os poderes de jurisdição que pertenciam ao Mosteiro, sendo portanto cerceados a este os seus direitos na administração da justiça, na cobrança e percepção dos dízimos, fóros, rendas e laudémios que tinham constituído, até aí, a base da sua força e da sua riqueza. Feridos assim gravemente os direitos do Mosteiro, ficou êle sentenciado, desde logo, á pena capital, e daí a sua extinção, em 30 de Maio de 1834, com os seus Padroados das Igrejas de Ossela, Santiago de Espargo, da diocese do Porto, e de Freixomil, da diocese de Coimbra. E depois de extinto o Mosteiro, foi também suprimido o Concelho em 1836.

Nasceram em Cucujães: Sebastião Pinto Leite, que foi visconde da Gandarinha e depois Conde de Penha Longa, tendo este testado o seu solar da Gandarinha para um Asilo, que continua o seu bem-fazer ás creanças pobres da terra, o capitão Joseph Manta, considerado iniciador da construção de uma Igreja Católica para a colónia portugüesa em Provincetown Mass, nos Estados Unidos da América, e introductor do modelo dos barcos baleeiros na mesma província de Provincetown Mass; António Gomes Brandão, que foi Visconde de Carregoso, tendo este também mandado fazer, em Car-

regoso, uma casa de Escola que deu á freguesia; Augusto de Castro Lopes Brandão, iniciador da construção do Teatro Progresso, que custou á empresa 152.700\$00, e da Escola Progresso, no logar da Igreja Matriz, Dr. Angelo da Fonseca, lente de Medicina da Universidade de Coimbra e Manuel Alves Soares, ilustre benemérito da sua terra de Cucujães.

Estado actual de Cocujães. Melhoramentos: Um Asilo, denominado Asilo da Gandarinha, criado pelos Condes de Penha Longa — Sebastião Pinto Leite, já referido, e sua Esposa Dona Clementina Libânia Pinto Leite, casa esta que mostrará sempre a nobreza de alma dos seus ilustres Instituidores;



MANUEL ALVES SOARES
ilustre benemérito

uma Estação do Caminho de Ferro, boas estradas macadamizadas, uma estação Telégrafo-Postal, um Seminário das Missões Católicas Ultramarinas, três escolas oficiais, um Museu Arqueológico e Etnológico, duas farmácias, duas associações desportivas, e uma recreativa, indústrias de cerralharia, alfaiataria, padaria, carpintaria, papel, vassouras, calçado, laticínios e de fundição de sinos. Tem mais uma Banda de Música, de que é regente António Pinto Godinho que, com a sua alta competência, tem dedicado á mesma todo o amor e carinho, tornando-a uma das melhores do distrito de Aveiro, duas agências de seguros e uma tabacaria. Á vista, portanto, do seu movimento intelectual e progresso material, podemos exclamar:

Cucujães foi, com justiça, elevada á categoria de Vila por Decreto de 11 de Junho de 1927 e honrada com um Brazão que ostenta, além do seu Escudete de Armas, um Leão rompente segurando nas mãos um Báculo de Ouro!!

Abel Pinto Godinho

MALHAS E MIUDEZAS

FÁBRICA DE CHAPÉUS

CUCUJÃES

FARMÁCIA BESSA

PROPRIETÁRIO E GERENTE TÉCNICO — JOÃO PINTO BESSA
ESPECIALIDADES. DE RECONHECIDO MÉRITO, TAIS COMO:
Pomada de Hamamelis, composta, específico Anti-Hemorroidal.
Vinho Arrino fosfatado, composto, Tónico, Reconstituente e Aperitivo.
Vermifugo Bessa, etc..

CUCUJÃES

EDUARDO GAMA

Caixas de Cartão para as Indústrias
de Calçado, Chapelaria e outras

COUTO DE CUCUJÃES

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

VALMOR

Alvaro José Duarte

FARIA DE CIMA CUCUJÃES (MOINHOS)

Alfaiataria Moreira

Abílio da Silva Moreira

EXECUTA-SE COM PERFEIÇÃO
TODA A OBRA CONCERNENTE
==== Á ARTE =====

Alfaiate Diplomado

Fornecedor dos Empregados dos Caminhos
: : : de Ferro do Vale do Vouga : : :

VILA NOVA—CUCUJÃES

Fábrica Manual de Calçado

Armando Gomes da Costa

CALÇADO SUPREMO
MARCA REGISTRADA

CASA FUNDADA EM 1928

CUCUJÃIS

Leonel Luis Dias

CALÇADO **ANGOLA**

FABRICO MANUAL

CUCUJÃES (MOÍNHOS)

José Maria Gomes dos Santos Júnior

==== COM ====

Fábrica mecânica de metros, móveis de madeira
==== e artigos escolares «SEMOG» ====

CARPINTARIA

COUTO CUCUJÃES—MOÍNHOS

Telefone: 59 — (Rede de S. João da Madeira)

Telegramas: HERCULES

Domingos Joaquim Ferreira & Irmão

Representantes: LISBOA, FUNCHAL, PONTA DELGADA e COLÓNIAS



Exportação para o Continente, Colónias e Ilhas Adjacentes

CUCUJÃES (MOINHOS)—PORTUGAL

Tele } fone: Cab. Cucujães Moinhos
gramas: « S A N S I L »

Sansil

DEPÓSITO DE _____
FAZENDAS BRANCAS

CUCUJÃES

Fábrica Manual de Calçado

SIRÉNE

••

António da Costa Almeida

••

CUCUJÃES — MOÍNHOS

Fábrica do Papel do Antuã

PAPELÃO, PAPEL DE EMBRULHO
— E SACOS DE PAPEL —

ADUBOS E MOAGEM
— DE OSSO —

COUTO DE CUCUJÃES (Moínhos)

Domingos Ferreira

ORNAMENTISTA

ENCARREGA-SE DE ORNAMENTAÇÕES,
ILUMINAÇÕES ELÉCTRICAS E À
MODA DO MINHO, PARA ARRAIAIS,
EMPREGANDO PARA ISSO O QUE
DE MAIS MODERNO HÁ NO GÉNERO

FARIA DE CIMA — COUTO DE CUCUJÃIS

Fábrica Manual de Calçado

«DUARTE»

José Duarte

Exportação para as Colónias Portuguesas

Faria de Cima — Cucujães

Alfaiataria Portuense

DE

Flávio José Moreira

ESTA CASA IMPÕE-SE PELA BOA ESCOLHA DO SEU SORTIMENTO E PERFEIÇÃO DOS SEUS TRABALHOS. TEM SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES EM AMOSTRAS DAS MAIS REPUTADAS FÁBRICAS NACIONAIS E ESTRANJEIRAS



PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

VILA NOVA — CUCUJÃES

Fábrica Manual de Calçado

«TIP-TOP»

DE

Armando da Costa Almeida

CUCUJÃIS



ESCRITÓRIO EM LISBOA:

Rua do Carmo, 90, 3.º-E.º

TELEFONE 24975

CALÇADO DEOVAL

Deodoro Valente

TELEFONE - 84
(Rêde S. João da Madeira)

CUCUJÃIS

Telegramas:
CARVÃO-CUCUJÃIS

Telefone 84
(S. João da Madeira)

Sociedade do Carvão de Cucujães, L.ª

CARVÃO VEGETAL PARA GASOGÊNIOS
Calibrado e isento de Alcatrão, humidade e demais impurezas
«MARCA REGISTRADA»

FABRICADO EM FÓRNS ESPECIAIS COM PEDIDO DE PATENTE EM ANDAMENTO

FERMIL — CUCUJÃIS

PORTUGAL

S. TIAGO DE RIBA-UI

TEM uma população de cerca de dois mil habitantes e fica paredes meias com a majestosa Vila de Oliveira de Azemeis, sede do Concelho. Banhada pelos rios Antuã e Cercal, passando-lhe ao centro o caminho de ferro do Vale do Vouga, e mais para nascente a estrada nacional n.º 10—S. Tiago de Riba-UI tem belezas naturais que deslumbram. A sua indústria predominante é o fabrico de calçado, sabão, cartonagem e outras.

Com uma filarmónica mais que centenária — afirmam-nos que a banda de Santiago de Riba-UI tomou parte nas campanhas contra as hostes napoleónicas — tem esta colectividade sabido honrar sobremaneira esta localidade, e a sua fama de boa música chegou já a todas as terras de Portugal, tendo ido prestar o seu concurso a uma grande parte delas, sobretudo do Norte.

Embora Santiago não seja ainda das mais progressivas, tem, contudo, nos últimos anos, realizado alguns melhoramentos mais urgentes, e, assim, a nova estação do caminho de ferro do Vale do Vouga, que se inaugurou recentemente; a sede da Associação de Socorros Mútuos; a nova escola do Outeiro; os fontanários e lavadouros públicos do mesmo lugar; a arborização e a construção de bancos em cimento no Parque do Senhor da Campa, e outros melhoramentos, em projecto, dão a esta freguesia foros de progressiva.

São muito antigos os grupos de amadores cénicos desta terra, e alguns deles tiveram duração larga. O «Centro dos Artófilos», de tradições brilhantes, hoje dissolvido, que teve como seu director o saudável engenheiro António Tomaz Ferreira Cardoso, chegou a



LINHA DO VALE DO VOUGA — Edifício da nova estação de S. Tiago de Riba-UI, inaugurada recentemente

atingir o seu apogeu. O «Grupo Dramático Invicta», do Outeiro, fundado há cerca de vinte e três anos, continua em actividade e visitou já diversas terras, onde tem levado o mais que pode dos seus conhecimentos da arte de Gil Vicente.

O seu formoso parquezinho do Senhor da Campa, com duas lindas avenidas arborizadas a darem-lhe acesso, tem aspecto citadino. Tem rede eléctrica da luz pública e particular e à frente da sua administração encontra-se um homem que tem sabido conduzir-se de modo a merecer louvores — António da Costa Godinho. É o devotado presidente da Junta de Freguesia, e embora esta tenha minguados recursos financeiros, as receitas têm sido aplicadas com acerto e com manifesto desejo de bem servir.

A Igreja de Santiago de Riba-UI é de linhas simples, mas é espaçosa e linda. Pastoreia esta freguesia há cerca de vinte anos o padre Agostinho Henriques de Oliveira, que o tem feito a contento geral, pois é figura veneranda do seu povo. Sacerdote exemplaríssimo, êle tem sabido conduzir com elevado sentido cristão, pelo melhor caminho, o seu numeroso rebanho. Que Deus o mantenha por cá muitos anos mais, a bem da Igreja e do povo desta freguesia, que o venera extremamente. E aqui fica, em modestas e poucas linhas, o que é, na generalidade, a freguesia de Santiago de Riba-UI, que tem como seu Padroeiro o Santo que lhe dá o nome e cujo povo trabalhador e ordeiro tem o culto da família e amor ao torrão que lhe foi bêrço.



OUTEIRO — Novo edifício escolar

J. M. PINTO



PONTE
DO
POÇO
DE
S. TIAGO



J. Pereira & Freitas, L.^{da}

CALÇADO «EXCELSIOR»
SANTIAGO DE RIBA-UL
 TELEFONE, 62 — Rêde de O. de Azemeis

Especialidade em calçado para senhora

O Calçado «EXCELSIOR», marca pela qualidade
 e pela perfeição do seu fabrico

CALCE CALÇADO «EXCELSIOR»
de SANTIAGO DE RIBA-UL

Fábrica Manual de Calçado

«ALVA»

DE

JOSÉ MARIA PINTO

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E
 CRIANÇA. — FABRICO ESPECIAL DE
 SAPATOS DE SENHORA (Estilo Inglês) MARCA
 «ALVA». — ESPECIALIDADE EM BOTAS
 E BOLAS PARA O JOGO DE FUTE-
 BOL. — A MARCA «ALVA» É UTILI-
 —:— ZADA EM JOGOS OFICIAIS —:—

Quando se fabricar melhor calçado em Portugal,
 parte será marca «ALVA»

FÁBRICA DE BONÉS
«IMPERIAL»

Alberto de Azevedo Martins

SANTIAGO DE RIBA-UL (VALE DE VOUGA)

Calçado «SANIL»

Elegância — Conforto — Solidez

Santiago Industrial

PEREIRA, S. TIAGO DE RIBA-UL
 OLIVEIRA D'AZEIS

CALÇADO
«DEMPSE»

União Industrial de Calçado Ribaulense

FABRICO MANUAL DE CALÇADO À IN-
 GLESA, MENINA, RAPAZ E HOMEM
EXPORTAÇÃO

Santiago de Riba-UI — OLIVEIRA DE AZEMÉIS

«A CARCAVELINHOS»

EXECUTAM-SE COM PERFEIÇÃO
 TODOS OS TRABALHOS DE
CARTONAGEM

Oficina de Cartonagem

REPRESENTANTE DA ACREDITADA
 —:— FÁBRICA DE FÔRMAS —:—

LINDO VALE-PÔRTO

CARCAVELOS — Oliveira de Azemeis

Sociedade de Calçado «ARTIDURA», Lda.

FABRICO MANUAL DE CALÇADO
 PARA HOMEM

Adélia M. Soares da Costa

S. TIAGO DE RIBA-UL — VALE DO VOUGA

Clemente Ferreira d'Almeida

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

Outeiro de S. Tiago — OLIVEIRA DE AZEMÉIS

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

Costa & Godinho

PEREIRA — S. TIAGO DE RIBA-UL
OLIVEIRA DE AZEMÉIS



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Jardim Público

Oliveira de Azemeis

TERRA DE TRABALHO E PROGRESSO

DATA de 1750 a existência da aldeia de Oliveira de Azemeis que só em 1800 foi elevada à categoria de vila e cabeça de concelho. Porém, ainda nessa altura, não teve foral próprio, regendo-se pelo da vila da Feira até às proximidades de 1834. E', pois, uma localidade bastante moderna. Os «Donatos» dos mosteiros ou os «Azemeis» foram os seus primeiros habitantes, quando, em peditório, percorriam a localidade acolhendo-se à sombra de uma grande oliveira secular existente à porta de uma taberna, o único estabelecimento da terra.

Eis, pois, a razão, de Oliveira de Azemeis, cuja comenda de São Miguel foi conferida por D. Maria I, a José Seabra da Silva, «grande» da vila, que desempenhara fun-

ções de secretário de Estado e de adjunto do Marquês de Pombal. A comenda de Cristo também esmaltou os brasões da florescente vila.

Hoje Oliveira de Azemeis é um dos maiores centros industriais e agrícolas do país. O poder de trabalho dos seus naturais, a fertilidade do seu solo e a sua admirável situação geográfica muito tem contribuído para um progresso que muito honra a localidade e também o país. Deve-se à exportação de gado para a Grã-Bretanha o maior impulso, pois com o seu produto os cofres municipais de tal forma se fortaleceram que se tornou possível o alargamento de grandes obras rurais a par de um crédito indestrutível. Mas nem só o gado representa o principal factor do por-

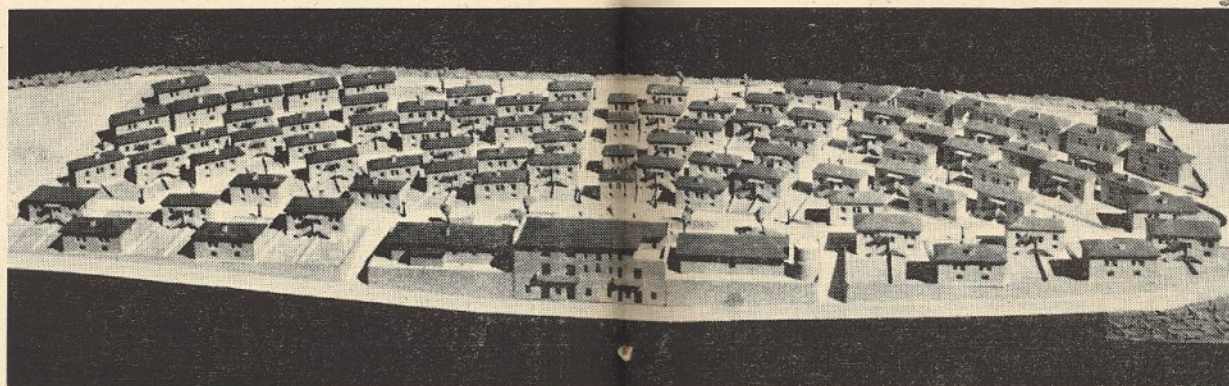
gresso de Oliveira de Azemeis. A sua indústria avançou também de tal maneira que pode considerar-se das primeiras em laticínios, calçado, papel, madeiras e, como elemento principal, a indústria vidreira, em que se ocupa grande parte dos seus 5.500 habitantes, todos sãos e fortes, graças às maravilhosas condições climáticas da região.

No capítulo de turismo, também Oliveira de Azemeis fica na vanguarda dos medianos centros. O seu formoso parque, denominado «La-Salette», com seus jogos, piscina, recreio infantil e bem abastecido mercado, é bem o local preferido para repouso e merecidas férias matizadas por agradabilíssimos passeios onde os pinheiros dão uma nota salutar e a abundância da fruta é notória.

Um cine-teatro, a inaugurar brevemente, dará a Oliveira de Azemeis a categoria de vila onde nada falta, espe-

cialmente para os adeptos do salutar desporto que é o campismo.

O Município tudo tem aproveitado, mercê da inteligência do seu presidente, o



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Aspecto do Bairro Social, que o Centro Vidreiro do Norte de Portugal, L.^{da} mandou construir para os seus operários

nosso amigo Alfredo Fernandes de Andrade, cujo amor à sua terra o tem levado a fazer dela o mimo da província. Desporto, comércio, indústria, turismo, instrução, tudo tem preocupado o ilustre oliveirense. À sua tenacidade se deve a expansão dos desportos, onde a patinagem e a natação têm entusiásticos praticantes nos noveis mas já fortes clubes «União Desportivo Oliveirense» e «Escola Livre de Azemeis». A Escola Industrial e Comercial é hoje um dos centros, de ensino que, sem vergonha pode ombrear com os mais bem montados do país, assim como, no capítulo particular, o «Colégio de Oliveira de Azemeis», que à direcção competentíssima de D. Maria Adília Alegria Martins de Almeida, tem elevado a uma posição que merece os louvores de quantas pessoas dele se têm utilizado para educação e instrução de seus filhos. O número de terrenos para edificações urbanas em Oliveira de Azemeis é escasso, sendo por isso de aconselhar que os seus habitantes se congreguem de molde a conceder as facilidades necessárias de maneira que o turismo assente bases na formosa terra. Para tal impõe-se a construção de esgotos, a canalização da puríssima água que banha toda a região, construção de um grande

hotel, o traçado de largas avenidas, empreendimentos estes que, com a ajuda de todos os oliveirenses e a sábia orientação do presidente do Município, são de relativa

obras de luxo que representam o grande «segrêdo» do modelar fabrico. As ampolas, tão necessárias aos serviços de saúde, são também objecto de especiais cuidados, assim como seringas, tubos para iluminação, condutores de ácidos e outras aparelhagens em vidro para a medicina e cirurgia.

Bem o compreenderam dirigentes de hospitais e de estabelecimentos de assistência, requisitando-os para uso interno.

Também o problema social do modelar estabelecimento é digno de nota. O seu bairro em construção, de 200 moradias, para o pessoal operário, é um avanço na escala do problema da habitação, que em Outubro poderá habitar já 40 desses edifícios.

O lactário, escola e balneário são também excepcionais vantagens com que a gerência da casa premiou os seus servidores pela dedicação e carinho com que contri-

facilidade e colocam Oliveira de Azemeis no plano das primeiras vilas de Portugal.

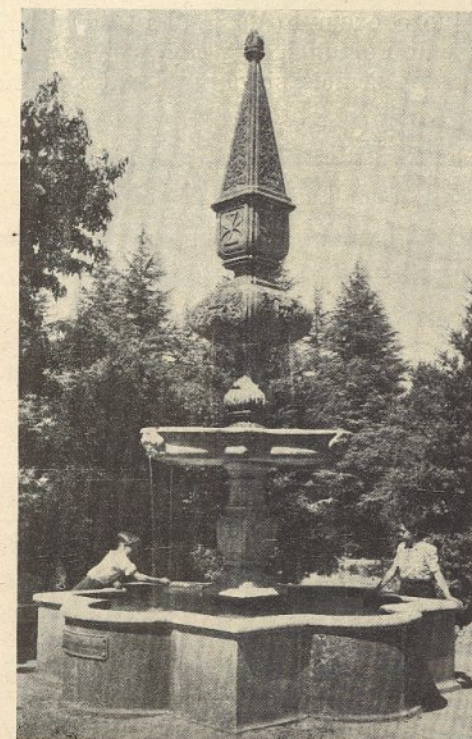
O Centro Vidreiro do Norte de Portugal, L.^{da}

é uma modelar organização

Segundo o «Portugal Antigo e Moderno», nasceu em 1484 a actividade do «Centro Vidreiro do Norte de Portugal», fábrica que, através gerações reformadoras, atingiu, já, no presente, um lugar de destaque no meio industrial. Ao seu actual gerente, Júlio Gomes Mateiro, se deve todo o impulso deste momento. A inclusão de novos moldes, de maquinaria aperfeiçoada e de uma educação técnica dos operários, levou o «Centro Vidreiro do Norte de Portugal, L.^{da}», à consideração de todos quantos estão por qualquer forma ligados à prospera indústria. Graças a ele não mais houve necessidade de importar do estrangeiro as mais rudimentares peças de vidro. Em todos os géneros trabalha a velha fábrica. Desde a frascaria ao tubo estirado, tudo entrou num período de aperfeiçoamento, não sendo descuradas também as



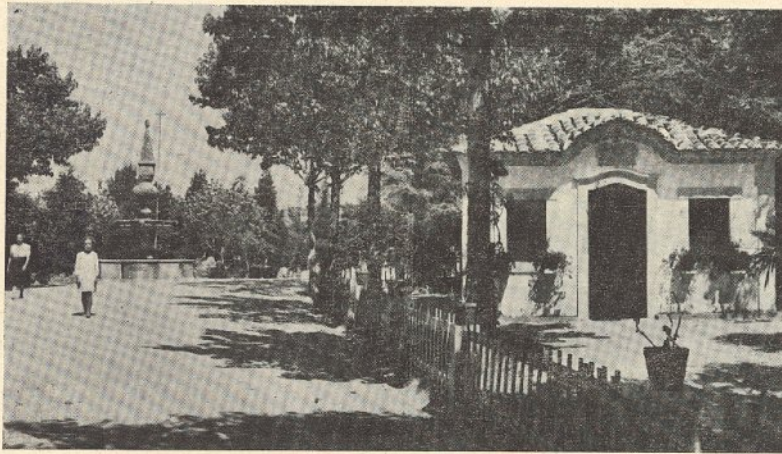
OLIVEIRA DE AZEMEIS — Jardim Público



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Parque de La-Salette

buiu para o impulso industrial. E, finalmente, um médico efectivo não permite

res de industriais que ainda se regem à base da rotina.



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Parque de La-Salette

que qualquer operário trabalhe quando a saúde está abalada.

Que o exemplo do Centro Vidreiro do Norte de Portugal, L.^{da}, com sede em Oliveira de Azemeis, sirva para tantos milha-

Está feito o resumo das actividades de Oliveira de Azemeis. Os oliveirenses podem sentir-se orgulhosos da sua terra, que é bem um monumento ao trabalho e ao progresso.

<p>RESTAURANTE SOCIAL de MANUEL PINTO DA GAMA E SOUSA AGÊNCIA DA EMPRESA DE TRANSPORTES COSTA RAMOS OLIVEIRA DE AZEMEIS</p>	<p>FOTOGRAFIA PAÚL de EDUARDO PAÚL Retratos em todos os tamanhos e formatos. Aplicações em esmalte. Trabalhos fora do atelier. Artigos fotográficos e máquinas de diversos autôres Rua Dr. Simões dos Reis — OLIVEIRA DE AZEMEIS</p>
<p><i>João António de Oliveira (Viúva)</i> MARCENARIA, COLCHOARIA —:— E MÓVEIS DE FERRO —:— Rua Dr. Simões dos Reis OLIVEIRA DE AZEMÉIS</p>	<p>A MERCANTIL DE OLIVEIRA DE AZEMEIS DE Manuel Tavares da Silva Pereira ARMAZÉM DE MERCEARIA OLIVEIRA DE AZEMEIS Telegramas: ARMAZÉM MERCANTIL — Telefone n.º 15</p>
<p>ARMAZÉM DE FERRO, FERRAGENS, AÇO E PREGARIA DE ANTÓNIO JOSÉ MONTEIRO Depositário da Fábrica das «ANTAS», do Pôrto, e do Cimento «SECL» Depositário da «LUSALITE» OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Telefone n.º 38</p>	<p>MÁRIO TAVARES MOREIRA Calçado MOREIRA Oliveira de Azeméis — Telefone 53</p>
<p>ANTÓNIO REGALADO FÁBRICA DE LOUÇA, TELHA, —:— TIJOLOS E GRÉS —:— OLIVEIRA DE AZEMÉIS</p>	

Oliveira de Azemeis

E OS PINTORES

das suas paisagens

MARAVILHOSAS

A História diz-nos que Oliveira de Azemeis precede, de muitos anos, a fundação da nossa nacionalidade. Um marco miliário, ainda existente, da via militar romana, documenta, preciosamente, a sua velhice gloriosa.

Mas, não vamos agora remexer nos seus papéis antigos nem dissertar sobre a história do seu nascimento e desenvolvimento. Isso é assunto para um estudo especial, para uma monografia, e para um público diferente. Neste momento, e dada a natureza deste número extraordinário da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», o assunto que mais nos chama a atenção é o da sua beleza paisagística e dos seus maiores valores turísticos.

João Marques, pintor aguarelista ilustre, cuja obra e cujo nome são conhecidos e estimados por todos os amadores das Belas Artes, vai falar-nos de Oliveira de Azemeis, donde é, com justo orgulho, natural. Dezenas e dezenas dos seus melhores cartões foram pintados em frente dos lugares mais pitorescos da região. Mas João Marques, que podia ser, como pintor, cioso dessas paisagens maravilhosas, para que só êle as pintasse, no entanto,



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Portal da Igreja Matriz
Aguarela de João Marques

como oliveirense, nunca perde o ensejo de exaltar perante amigos e conhecidos os encantos da sua vila natal e, sobretudo, da freguesia de Ul, onde, pela primeira vez, os seus olhos se abriram para o mistério da vida e para a beleza da terra. Admirador de António Saúde, aconselhou-o várias vezes a deslocar-se até lá. E um dia o pintor — que é um dos grandes paisagistas portugueses — fez a mala e abalou com as suas telas e os seus pinceis para Oliveira de Azemeis. E a lindíssima região ficou tendo, desde esse dia, mais um artista a amá-la e a glorificá-la. E é com orgulho e com tódia a sua ternura regionalista que João Marques nos faz a confidência do serviço — do relevante e valioso serviço que, com efeito, prestou à sua terra.

Pintor e pregoeiro enternecido de Oliveira de Azemeis, João Marques não podia deixar de ser a pessoa escolhida para nos falar das coisas belas da sua terra.

A uma pergunta nossa, o distinto artista diz-nos: — As paisagens do Vale do Vouga, principalmente as que se encontram entre Sernada e Viseu, e entre Aveiro e Sernada são, na verdade, maravi-

lhosas. Para a sua beleza contribuem as serras, os pinhais e os numerosos vales que enriquecem de pitoresco a região.

Depois, João Marques descreve-nos, com entusiasmo, pondo, escusado será acrescentar, nesse entusiasmo toda a sua alma de artista, quais os sítios de maior e mais indiscutível beleza. E ora nos fala da ponte romana da Salgueirinha, sobre o rio Ul, ora nos descreve o lugar a que se dá o nome de Avelaç, todo coalhado de azenhas, onde são farinados o trigo e o milho que alimentam os povos da vila e arredores. No seu relato, não se esquece de mencionar aquelas antigas casas brazonadas, de puro e tradicional estilo português, e que, com a sua presença e a sua beleza secular, tanto ennobrecem as ruas de Oliveira de Azemeis.

João Marques, em várias telas de sugestiva beleza, tem-nos dado curiosos aspectos da Igreja Matriz. Mas o templo, relativamente moderno, pois deve ser do século XVIII, não é notável apenas pela sua fábrica imponente, de harmónicas proporções, nem pela riqueza sóbria dos motivos decorativos que ilustram a sua fachada, contém também, no interior, algumas obras de arte, de que o distinto aguarelista nos faz enumeração. À entrada, o olhar do visitante, mesmo que não seja muito erudito em assuntos de belas artes, é irresistivelmente atraído pela capela baptismal, onde se encontra patente um notável trabalho do grande artista portuense José de Brito — «O baptismo de Cristo». Depois, no altar-mor, há a admirar uma tela magistral — «Ressurreição de Cristo», pintada pelo distinto professor da Escola Portuense de Belas Artes, João Marques de Oliveira.

Junto do mercado, recorda ainda João Marques, encontra-se o Jardim Municipal, de pitoresca beleza, onde se vê uma magnífica fonte decorativa, obra

do mestre escultor Henrique Moreira, do Porto, bem como o monumento aos Mortos da Guerra — que é, sem dúvida, um dos melhores do País. Sobranceiro à vila — dominando-a — o famoso Parque La Sallette, em que o homem tem a impressão grata de se encontrar ao mesmo tempo na intimidade da terra encantadora e mais perto de Deus.

Em seguida, preguntámos-lhe se Oliveira de Azemeis oferece condições favoráveis para a indústria do turismo.

— Evidentemente que sim, é a resposta optimista que nos dá o ilustre pintor. O ar é puríssimo, a tal ponto que os médicos do Porto recomendam a vila aos seus doentes como estância de cura e repouso. Um hotel moderno — para os mais exigentes — é o problema que bem merecia ser resolvido, pois as pensões que por lá existem nem sempre dispõem de quartos em número suficiente para os veraneantes, que se multiplicam de ano para ano.

E o distinto artista, que tem lidado com médicos e ouvido as suas opiniões à-cêrca da benignidade do clima de Oliveira de Azemeis, diz-nos que, em turismo, se o ar puro concorre para o fortalecimento do organismo, a beleza da paisagem tem para as almas cansadas o efeito dum banho lustral. E o homem não pode viver também sem o alimento espiritual da beleza.

E assim João Marques, pintor aguarelista que em cada uma das suas telas escreveu, com as palavras da côr, um poema de exaltação da terra natal, deu por findo o seu depoimento sobre os encantos de Oliveira de Azemeis, que os roteiros turísticos de Portugal não podem deixar de incluir e recomendar.

REBELO DE BETTENCOURT



Fábrica de Papel do Caima

PALMAZ

OLIVEIRA DE AZEMEIS

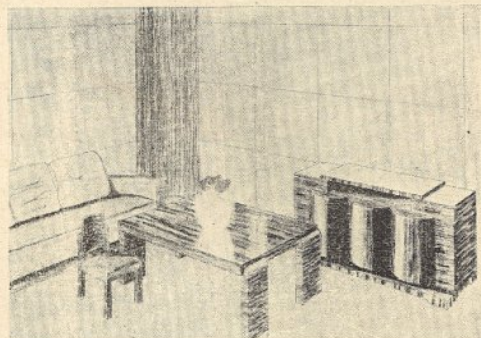
Comprem

MOBÍLIAS

ao fabricante

Marcenaria Santos Limitada

OLIVEIRA DE AZEMEIS



**Uma das maiores e mais antigas
fábricas de móveis do país**

Condes & Tavares, L.^{da}

TELEFONE N.º 66 — APARTADO N.º 4

VIDROS

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

A VIDREIRA

ARMAZÉM DE VIDROS E LOUÇAS

Manuel Almeida

DEPOSITÁRIO DA VACUUM OIL COMPANY
GAZOLINA, ÓLEOS E PETRÓLEO

Telefone 32

Rua Bento Carqueja

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Afonso da Silva Castro

ARMAZÉM DE MERCEARIA

Telefone N.º 20

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

A Ulense, L.^{da}

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CARPINTARIA

TELEFONE, 68

UL
OLIVEIRA DE AZEMÉIS

GARAGEM JUSTINO

DE

Justino Ferreira dos Santos

AGÊNCIA CENTRAL DA «SHELL»
 CONCESSIONÁRIO DA «GENERAL MOTORS»
 ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS
 GARAGEM DE RECOLHA
 ESTACÇÃO DE SERVIÇO

OLIVEIRA DE AZEMEIS — Telefone 11

COSTA & MELO, L.^{da}

ARMAZÉM DE COLONIAIS
 PAPELARIA E MERCEARIA FINA

TORREFAÇÃO DE CAFÉ

Rua António Alegria — OLIVEIRA DE AZEMEIS
Telefone 36

Tele { 14
 MARQUES

ARMAZÉM DE VINHOS E SEUS DERIVADOS

DE

António José Marques

CASA FUNDADA EM 1887

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

José Dias de Carvalho

DEPÓSITO DE CAL, CIMENTO, TELHA,
 SAL E ADUBOS QUÍMICOS

OLIVEIRA DE AZEMEIS
TELEFONE 45

J. Marques Dinheiro

ARMAZÉM DE CEREAIS, FARINHAS,
 — SÊMEAS, AZEITES E VINHOS —

DEPOSITÁRIO DE MÓS ALVEIRAS

Aduela de Eucalipto completamente sêca
 de 1.^o,50°, 1.^o,15°, 0,90°, 0,80°, 0,65° e 0,50°

Tele { gramas: M. Pinheiro
 fone n. 68.

OL
OLIVEIRA DE AZEMEIS

Telefone 55

José de Almeida Reis

MERCEARIA, AZEITES E GORDURAS
 — DEPÓSITO DE BACALHAU —

Avenida António José de Almeida — OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Manuel da Cunha Figueiredo

NEGOCIANTE DE CAL, CIMENTO, TELHA
 — E TIJOLOS — DEPÓSITO DE SAL —

CAMIONETAS DE ALUGUER

Oliveira de Azemeis **Telefone 11**

FÁBRICA DE CURTUMES
OLIVEIRA & C.^a, L.^{da}

SOLA, SELEIRO, CAMURÇAS, CHEVREAUX,
 CARNEIRAS, CABRAS EM FANTASIA E
 FORROS

OLIVEIRA DE AZEMÉIS **Telefone 87**

Empresa de Transportes de Oliveira de Azemeis, L.^{da}

DE
MANUEL ANACLETO

(UM DOS MAIS ANTIGOS CAMIONISTAS DO PAIS)

Sede em OLIVEIRA DE AZEMEIS—Telefone 47

Concessionária das seguintes carreiras de passageiros:

Oliveira de Azemeis—Arouca
Macieira de Cambra—Oliveira de Azemeis
Oliveira de Azemeis—Pôrto
Fajões—Pôrto (via Arrifana)

Serviço combinado com os CAMINHOS DE FERRO DO VALE DO VOUGA

Automóveis de aluguer e camiões para o transporte de mercadorias

Estações de serviço em:

AROUCA—MACIEIRA DE CAMBRÁ—OLIVEIRA DE AZEMEIS, Telefone 47
S. JOÃO DA MADEIRA, Telefone 39—PORTO, Telefone 21



Lacticianios de Azemeis, L.^{da}

Este estabelecimento fabril, sendo futuramente um dos melhores e maiores do distrito de Aveiro, e consequentemente, de todo o país, fica situado a 3 km. da linda vila de Oliveira de Azemeis, junto à E. N. 101.ª e ao apeadeiro de Travanca do Caminho de Ferro do Vale do Vouga

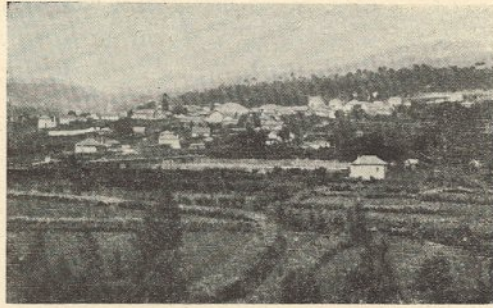
Esta Empresa deve orgulhar-se por ser possuidora de ótimas condições de exploração. Citaremos, por exemplo, as seguintes: — a fertilidade da sua região, donde deriva uma grande produção de leite; soberbos meios de acesso para a comunicação diária com os seus postos de recepção, donde se efectua a expedição do leite para a sua fábrica que sustenta a sua laboração; e, finalmente, a vantajosa facilidade de meios de transporte para todos os pontos do país

Na parte que só refere aos seus produtos, é digna de menção a sua acreditada marca de manteiga «UNIVERSO» que, pela sua esmerada qualidade, foi sempre muito procurada em todos os mercados nacionais

Num futuro próximo, será lançada à venda a sua nova marca de queijo, para o que deverão ser primeiramente concluídas instalações próprias, além das que se destinarão ao fabrico de leite em pó

Todas as obras da sua fábrica estão em curso, a par doutras dispersas na sua zona de abastecimento e que se destinam aos seus postos de recepção

APARTADO N.º 5—OLIVEIRA DE AZEMEIS—TELEFONE N.º 61



VALE DE CAMBRA — Vista parcial

Vale de Cambra

SITUADA no distrito de Aveiro, esta região constitui um dos mais pitorescos concelhos do norte do País. Enquadrada pelos concelhos de Oliveira de Azemeis, Arouca, Sever do Vouga e São Pedro do Sul, é povoada por cerca de 18.000 pessoas, a maior parte das quais vive da terra em que labutam do nascer ao pôr do sol. Arreigados costumes do velho Portugal, das eras de feliz vida campezina, atraem este povo ao seus campos donde retiram a riqueza, seiva vital traduzida nos bens de consumo indispensáveis ás suas necessidades mais importantes. Quando, em aspirações mais largas, seus filhos percorrem o mundo em sonhos de aventura, a saúde acompanha-os,

e, ou a dura realidade da vida os reenvia mais pobres de oiro e ilusões aos seus casebres humildes, ou, cheios de honras e proveitos ali regressam, igualmente para descanso dos últimos anos e, em obras humanitárias e sociais espalham as fortunas que a Providência lhes proporcionou, deixando seu nome gravado nos corações daqueles que beneficiam as suas boas acções. Poucos

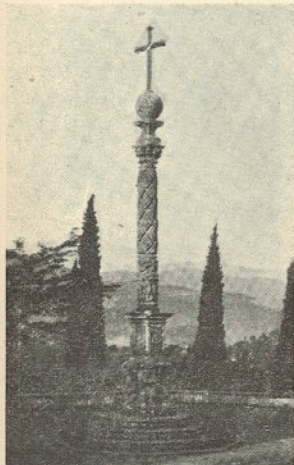
são aquêles que partem para não mais voltarem.

Terra abençoada é esse vale rodeado de montanhas cobertas de exuberante vegetação onde o pinheiro prolifera, automaticamente, entre os carvalhos, os castanheiros e raros eucaliptos. Pelas ramadas e encavalitados pelas árvores que lhes servem de esteio vêm-se pendentes lindos cachos de uvas verdilhão branco e tinto, que dão o melhor vinho verde regional, tao apreciado em todo o País e principalmente em Lisboa, onde é preferido.

O clima temperado e sêco destas montanhas atrai todos aquêles que necessitam de reconstituir a saúde, sendo já famosa esta região pelos imensos casos de cura das doenças pulmonares.

Vale de Cambra é um concelho que, desde a sua fundação, se desenvolveu sempre economicamente num ritmo crescente e — aqui está o mais importante — num ritmo que promete continuar.

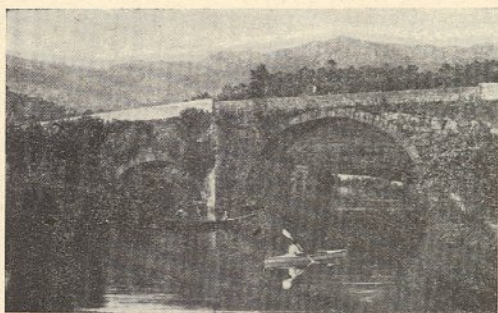
Dotado pela natureza, de abundância de águas e auxiliada pela técnica na distribuição dessas



VALE DE CAMBRA — Cruzeiro de Rôge



VALE DE CAMBRA — Igreja paroquial de Rôge



VALE DE CAMBRA — Ponte de Coronados — Castelões

águas, é fundamentalmente um concelho agrícola que nada fica a dever aos mais bem servidos. Desta felicidade agrícola resulta, como é natural, a indústria de lacticínios que é, fora de dúvida, a mais importante e mais rendosa de toda a indústria local. Trata-se duma indústria com matéria prima e mão de obra locais e que lança no mercado produtos que não são destinados a sofrer manufacturas ulteriores importantes. Para um melhor aproveitamento das sub-produtos penso-se ainda em instalar uma fábrica de galalite destinada a aborver as casefnas que sobejam do fabrico do queijo, da manteiga e de um sub-produto designado por «sôro» hoje empregado na alimentação de suínos. Os lacticínios são, de facto, a indústria melhor aproveitada de toda a região. As duas grandes fábricas de lacticínios — Martins & Rebelo e Lacto-Lusa, L.^{da} — onde trabalham centenas de operários, são montadas com todos os requisitos da técnica moderna. A par desta indústria e resultante também da fertilidade do solo, existe aqui em pleno desenvolvimento a indústria de serração de madeira e caixotaria. É uma indústria importante para a região pois nela se empregam muitas centenas de operários distribuídos pelas quatro grandes fábricas: Almeida & Freitas, L.^{da}, Manuel Soares Pinheiro & Filho, Moreira de Paiva & Filho e António Ribeiro. Há ainda a indústria de latoaria cuja laboração se encontra parada, dadas as dificuldades em adquirir agora a matéria prima. Nesta indústria temos a registar uma das melhores fábricas do País — A. Ribeiro & Irmão — que, com edificio próprio e maquinismos modernos, voltará a

funcionar logo que seja terminada a guerra. A par com este desenvolvimento da indústria vai também o comércio. De quinze em quinze dias — no dia 9 e 23 de cada mês — realizam-se nesta vila feiras muito animadas e que chamam gente de todo o concelho e mesmo dos concelhos mais próximos, para efectuarem transacções de toda a espécie. Todos os domingos no mercado Municipal se realizam também transacções comerciais, em que os principais produtos de transacção são as frutas e as hortaliças.

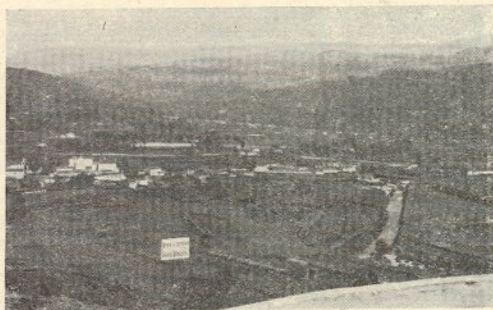
* * *

Existem sem dúvida nesta terra condições naturais suficientes para o desenvolvimento do turismo. Esta região, riquíssima em vegetação, com aspectos paisagistas deslumbrantes, saudável e bem situada, foi já denominada por alguém de considerável valor «A Suíça Portuguesa».

Falta-lhe ainda muito daquilo que só ao homem compete fazer: — tornar fácil e cómodo o seu acesso.

Há já hoje uma boa rede de estradas, quer dentro do concelho, quer ligando-o às três cidades mais próximas — Pôrto, Aveiro e Viseu —. A ligação com o Pôrto virá a ser muito beneficiada logo que esteja concluída a estrada, já há muito tempo em construção, entre São João da Madeira e Vale de Cambra.

A ligação com Aveiro melhorou imenso com o alargamento da estrada entre Vale de Cambra e Oliveira de Azemeis. Para Viseu, por São Pedro do Sul, há também uma estrada directa e boa, cuja construção é nova na parte que atravessa o con-



VALE DE CAMBRA — Vista parcial dos campos de Burgães e Coelhosas cortados pelo rio Caima



VALE DE CAMBRA — Aspecto da Feira e Sede do Concelho

celho de Vale de Cambra. Os transportes estão assegurados para todas estas cidades por óptimas carreiras de camionetes, sendo de notar como principais as da Empresa de Transportes Gandra, L.^{da}, e ainda pelo caminho de ferro do Valé do Vouga em Oliveira de Azemeis, apenas a 12 quilómetros daqui.

Está ainda em construção uma estrada que liga directamente Vale de Cambra com Sever do Vouga, a qual, depois de concluída, virá melhorar muito as condições para o desenvolvimento do turismo nesta região. Duma maneira geral as condições de acesso já são boas mas há a esperança bem fundada de que elas melhorarão muito dentro em breve.

Dentro do concelho há também uma boa rede de estradas que ligam o centro com as freguesias mais afastadas.

Os lugares que merecem ser visitados são: A Quinta da Bela Vista, nas Baralhas, Lordêlo, Cavião, Covo de Castelões donde se disfrutam as mais lindas vistas; e ainda a igreja e cruzeiro de Rôge, considerados monumentos nacionais, e a imponente Barragem do Castelo, obra do Estado Novo, cuja utilidade actual é a de irrigar uma grande área de terra produtiva e, no futuro, para uma geradora de electricidade.

Dentro em breve terá também fácil acesso o ponto turístico mais importante da região, que é o



VALE DE CAMBRA—Fábrica de Lacticínios—Martins & Rebello

Santuário da Senhora da Saúde, altura dominante donde se avistam terras de 5 distritos.

Dadas todas estas condições, o que falta então a esta região para desenvolver o turismo?

Falta o principal, o interesse e o auxílio de quem de direito. Pode dizer-se que aqui pouco se importam com isso. Nunca se pensou em organizar

uma comissão de turismo que pudesse, pela sua actividade, tornar mais conhecida esta linda terra e despertar ao turista o desejo de a visitar.

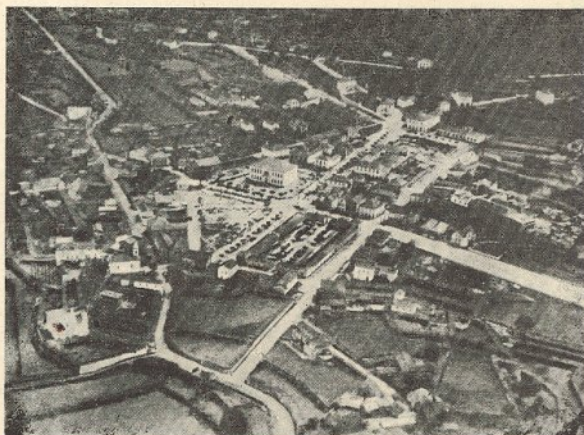
É certo que não existe nenhum hotel e as Pensões que existem, algumas já muito asseadas, não estão em condições de servir para esse fim, mas tudo isto é já muito menos e mais fácil de fazer do que aquilo que está feito.

A educação tem-se desenvolvido bastante em todo o concelho, não havendo nenhuma freguesia ou lugar onde a instrução primária não tenha sido levada.

O número de escolas em todo o concelho é de 17, havendo além disso mais 9 postos de ensino.

Na vila existe também um colégio onde se ministra o ensino até ao primeiro ciclo dos Liceus.

É grande o contingente de rapazes e raparigas desta terra que em Lisboa, Pôrto e Coimbra, frequentam os cursos do Liceu e superiores.



VALE DE CAMBRA—Vista de avião

A indústria de Lacticínios de ontem e de hoje

A indústria dos lacticínios do nosso país, viveu sempre uma existência precária até 1939, data da criação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Dela, poder-se-ia dizer que estava atrasada umas dezenas de anos, relativamente às mesmas indústrias de outros países.

Somente as indústrias de fabrico de queijos e de leite em pó, graças a um ou outro esforço isolado bem sucedido, progrediam, porque a fabricação destes produtos, pela sua maior complexidade, não era acessível a todos, porquanto, além dos conhecimentos técnicos necessários, precisavam de instalações dispendiosas.

Exceptuando estes raros casos, o que se passava no domínio do fabrico da manteiga — o produto láctico do maior valor económico do nosso país — era confrangedor.

As principais razões deste estado de coisas, fiavam-se, principalmente, na pulverização da indústria e na concorrência desregrada dos industriais.

As fábricas eram tão numerosas, a sua laboração tão pequena, o seu apetrechamento tão modesto que, salvás honrosas excepções, de fábricas apenas tinham o nome.

Para se avaliar até que ponto chegou a pulverização da indústria, basta dizer que, em 1936, no território do continente, existiam 848 estabelecimentos de lacticínios — 573 postos de desnatação e 275 fábricas — que industrializaram pouco mais de 53.300.000 litros de leite. Isto dá-nos uma média de laboração, por estabelecimento, de cerca de 170 litros diários.

Qualquer iniciativa mais larga estava condenada de antemão, ao fracasso, uma vez que o produto fabricado teria que suportar maiores encargos e o consumidor, desconhecedor da sua melhor qualidade, optava, geralmente, pelo que lhe era oferecido mais barato.

O leite sofria, na roda do ano, oscilações de grande amplitude, conforme se sucediam as épocas de abundância ou de escassez. Frequentemente, o seu preço variava de mais de 100 %. Por vezes, nos meses de Abril e Maio, o leite que se cotava à razão de quarenta centavos o litro, subia para noventa centavos e mais, quando chegava o Inverno e vinha a época da escassez.

Não era só esta a única determinante destas oscilações.

Outras vezes, a rivalidade entre as indústrias de lacticínios levava-os a uma concorrência ruinosa.

Assim, se um industrial, porque o preço da manteiga, de momento, fôsse remunerador, ou por qualquer outro motivo, tratava de arranjar mais meia dúzia de litros de leite e subia o seu preço, logo se abriam as hostilidades com os vizinhos que se propagavam a regiões cada vez mais vastas, envolvendo, em breve, tudo e todos. Aplacadas as iras com a exaustação dos mais fracos e com os prejuízos de todos os industriais, o leite descia, então, ao seu nível normal.

Estas lutas económicas elevavam o leite a estações absolutamente ruins e sucediam-se frequentemente, aqui e acolá, nos vários centros industriais, com manifesto prejuízo da indústria que, em consequência desta indisciplina, não conseguia erguer a cabeça.

O mal agravava-se ainda na venda da manteiga. Esta, porque era fabricada sem os devidos preceitos técnicos, não possuía o poder de conservação necessário a uma armazenagem longa, mesmo que fôsse em frigoríficos que, aliás, não existiam nas fábricas, e ainda porque os industriais, em geral, não possuíam capacidade financeira para a armazenar, viam-se obrigados a vendê-la ao desbarato, por qualquer preço, nas épocas de maior produção.

Correlativamente com as oscilações do preço do leite, oscilavam os preços do gado leiteiro. A lavoura era obrigada a desfazer-se do seu gado a baixo preço, quando o leite descia a cotações que não lhe davam a devida remuneração, para ter, mais tarde, de o adquirir de novo, então já por bom preço, logo que o preço do leite passasse a compensá-la dos seus sacrifícios.

Este estado de coisas arrastou-se durante longos anos, com grandes prejuízos da indústria, da lavoura e do consumidor. Possivelmente, ainda hoje continuaria se, compenetrado desses mesmos prejuízos, o Governo da Nação não interviesse, com as devidas medidas, a coordenar os diversos interesses em jogo.

Nesta ordem de ideias foi criada a Junta Nacional dos Produtos Pecuários que, juntamente com os problemas relativos aos outros ramos da exploração pecuária, (carnes, lãs e coiros), veio dar ordem e progresso onde, até então, só reinara a confusão e a tradicional rotina.

Em resultado da orientação dada pela J. N. P., procedeu-se, nas várias regiões leiteiras do continente, à fusão, em sociedades, dos industriais de lacticínios que, pela sua pequenez, não tinham condições de vida independente. Assim se criaram

agrupamentos de industriais que se obrigaram a construir e a apetrechar novas fábricas, que correspondessem a todas as exigências técnicas e higiénicas.

A cada um dos agrupamentos e aos industriais que tinham condições de vida independente, foram delimitadas zonas de abastecimento de leite, com produção proporcional às quantidades de leite industrializadas pelos diferentes industriais, no triénio anterior à data das fusões. Ao todo, foram delimitadas 29 zonas, que correspondem a outros tantos industriais ou agrupamentos de industriais.

Desta forma, conseguiram-se eliminar a pernicioso concorrência dos industriais e a intensa pulverização a que se tinha chegado.

O número de fábricas contar-se-á, em breve, pelo número de zonas delimitadas e o número de postos será somente o necessário à formação de uma rede que não obrigue os lavradores a percorrer grandes distâncias para entregarem o seu leite à indústria, nem sacrifique esta com construções supérfluas.

Para se evitar uma possível espoliação da lavoura por parte da indústria na aquisição do leite,

uma vez que deixou de haver concorrência, é a J. N. P. P. que estabelece o seu preço. A lavoura, bem como a indústria, têm os seus representantes na J. N. P. P., a-fim-de velarem pelos seus respectivos interesses.

A indústria, presentemente, está em franco progresso: elaboram-se projectos, inicia-se a construção de novas fábricas e acabam-se outras; a qualidade dos produtos melhora; o fabrico do queijo, do leite em pó, e da caseína toma incremento; já se fabrica leite condensado no nosso país; a pasteurização das natas para manteiga será um facto, em breve; também, em breve, se fabricará lactose e ácido láctico.

Actualmente estão investidos na indústria de laticínios mais de trinta mil contos. Outros trinta mil não chegarão para custear as obras projectadas e em curso.

Novos horizontes se abrem á indústria dos laticínios em franca evolução. Dela poder-se-há dizer, no termo da evolução de poucos anos, que se engradeceu e se elevou a um nível que, em muitos outros países, foi trabalho de algumas gerações.

A. R.



Estalagem "Vale do Caima"

O melhor e mais esmerado serviço de cozinha à portuguesa
Esplêndidos e arejados quartos e sala de jantar
Higiénica casa de Banho

TELEFONE 38

Os melhores Vinhos Verdes da Região

EMPREITEIRO DE RESINAS

O GERENTE:

José de Sousa Matias

VALE DE CAMBRA

PENSÃO LUSITÂNIA

— DE —

— MERCEARIA, FAZENDAS E MIUDEZAS —



Sérgio Dinheiro de Aguiar

MACIEIRA DE CAMBRA — Telefone n.º 3

CASA ALMEIDA VALENTE BERNARDO S. VALENTE

Móveis de Madeira e Ferro, Colchões e Tapetes,
Ferragens, Tintas, Vidros, Louças, Fundições,
Ferro, etc.

VALE DE CAMBRA

Telefone 17

Almeida & Coutinho, Limitada

Cal, Telha, Tejolo, Cimento, Mosaicos, Azulejos, Óleos,
Tintas, Vernizes e outras drogarias — Lenhas — Aço, Ferro,
Ferragens e Ferramentas — Adubos Químicos — Material
Eléctrico

MACIEIRA DE CAMBRA

MANUEL FRANCISCO DA SILVA

CASA DE MÓVEIS DE MADEIRA E FERRO

MACIEIRA DE CAMBRA

(Próximo à Pensão Suissa)

MARTINS & REBELLO

(CASA FUNDADA EM 1901)

INDUSTRIAIS DE LACTICÍNIOS

SEDE E ARMAZÉM:

28, Praça Luiz de Camões, 29—Tel. 24347

Fábricas nas principais regiões produtoras no Continente e nas Ilhas da Madeira, Flôres e Côrvo

ESCRITÓRIO:

Rua das Gáveas, 19-1.º—Telef. 24346

Fabricantes dos Queijos:

FILIAIS:

45, Rua do Amparo, 49 / Telef. 24348
R. dos Correios, 293 / Telef. 24853
Rua da Graça, 111 —Telef. 24853
Rua Ferreira Borges, 26-A—Telef. 60789

MARCAS:

- ZARCO
- UNIÃO
- GARANTIA
- TRIUNFANTE
- CELESTE
- SUPREMA

Pinheiro Manso

TIPOS:

FLAMENGO

PRATO

LANCHE

e CRÉME

Telegramas: «Manteiunião»

A MAIOR PRODUÇÃO DO PAÍS

Telefone n.º 27

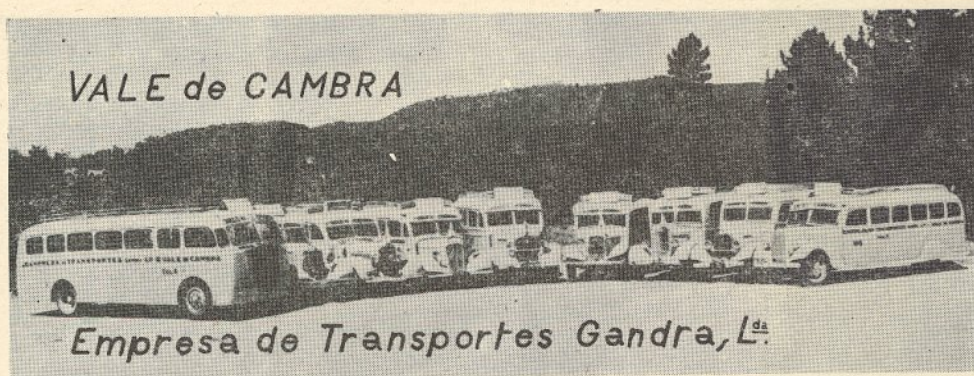
Telegramas — «Madeiras»

M. Soares Pinheiro & Filho

Serração a vapor de madeiras

Madeiras para construção e caixotaria

V A L E D E C A M B R A



SÃO raros os grandes homens de muita iniciativa e, por constituir ótimo exemplo que deveria ser imitado e seguido, a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, a mais antiga revista técnica da especialidade, portanto, completamente integrada nos grandes assuntos de transportes, aponta como modelo duma organização modelar, o activo e inteligente comerciante e industrial sr. António Cândido Soares de Almeida, quem o novo mas muito importante Concelho de Vale de Cambra muito deve pelo muito que tem contribuído para o enorme desenvolvimento atingido.

Estabelecido desde 1914 com



Armando Cândido dos Santos de Almeida

mercearias e outros artigos, com automóveis de aluguer e



António Cândido Soares de Almeida

com camiões de carga, procurou sempre ampliar e aumentar as suas organizações, principalmente a indústria dos transportes à qual se devotou com a maior actividade, dedicação e carinho.

Em 1927 organizou a Empresa de Transportes Gandra, L.^{da}, resolvendo com êxito e com vantagem para o público o transporte colectivo de passageiros entre Vale de Cambra e as cidades do Pôrto e Aveiro e ainda entre a vila de Ovar e a Praia do Furadouro,

prestando ótimos serviços a toda a região que serve.

Em 1939, sempre com o fim de maior impulso e desenvolvimento dar à organização industrial que criou, de grande utilidade pública, aumentou a gerência da Empresa com mais dois elementos de valor, os seus dois filhos, os srs. engenheiros Armindo e Arlindo Cândido dos Santos de Almeida.

À Empresa de Transportes Gandra, L.^{da}, servida pelo telefone n.º 6 de Vale de Cambra, com técnicos de tão reputado valor, está reservado um grandioso futuro que se refletirá em «bem» a espalhar por toda a região.

M. A.



Arlindo Cândido dos Santos de Almeida

Tele { fone 24
gramas: «LACTUSA»



Lacto Lusa, Lda

V A L E D E C A M B R A
P O R T U G A L

Caixotaria, Serralharia e Latoaria

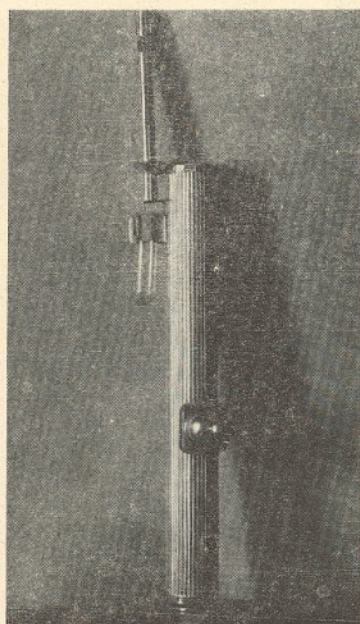
António de Almeida Ribeiro

Fabricação de perfeitos aparelhos
de prova de alcool-adicimetros
e aparelhos para analisar leite
por meio de reação alcoólica

P A T E N T E S
de sua invenção

TELEFONE 37

V A L E D E C A M B R A



PENSÃO SUISSA

MACIEIRA DE CAMBRA—(A SUISSA PORTUGUESA)—Telefone 3

A **Pensão Suíça** está situada num dos pontos mais ridentes e saudáveis de Macieira de Cambra, a SUISSA PORTUGUESA (como é conhecida em toda a parte). Sobranceira ao Rio Caima e entre carvalhais e pinheiros. A PENSÃO SUISSA apresenta este ano grandes e bons melhoramentos. Todas as pessoas que, para retemperar o seu organismo abalado pelas lides de todo o ano, têm permanecido na PENSÃO SUISSA, podem confirmar as referências que aqui se fazem.

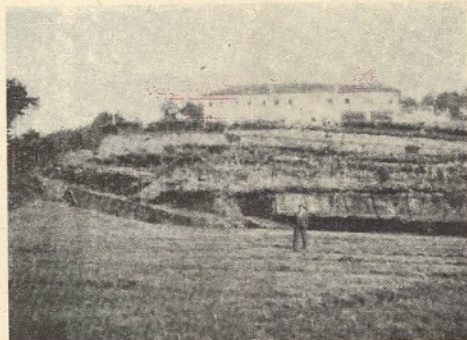
A mais linda paisagem, com que a natureza nos deu, se avista da «PENSÃO SUISSA»

Não recebemos pessoas com doenças contagiosas

PARA A PENSÃO SUISSA, POIS.

Novos Quartos de Banho, Recreio, etc.

Ótimo serviço de Cosinha



VISTA DA PENSÃO SUISSA

Para informações, dirijam-se ao seu gerente

ANTÓNIO ALMEIDA

PENSÃO SUISSA

MACIEIRA DE CAMBRA

Telegramas: LATAJ

Telefone 9

Almeida & Freitas, L.^{da}

Fábrica Mecânica de Embalagens em Fôlha de Flandres e Cerralharia

— FABRICO ESMERADO EM LATAS PARA TODOS OS PRODUTOS —

SERRAÇÃO DE MADEIRAS E CAIXOTARIA

VALE DE CAMBRA—PORTUGAL

Filial: Fábrica de Serração de Madeiras e Caixotaria

CARREGOSA—OLIVEIRA DE AZEMÉIS

METALÚRGICA DE CAMBRA



Serralharia Mecânica de Arlindo Soares de Pinho

Agente da reputada marca de desnatadeiras ALFA-LAVAL

Reparações de Automóveis, Construção e
Reparação de máquinas para Lactínios,
ferramentas para fabrico de latas de todos
os tipos. Todos os trabalhos mecânicos.

VALE DE CAMBRA

END. TELEGRÁFICO: MANUEL CUBAL

SÉDE: VALE DE CAMBRA

Manuel Fernandes Cubal

EXPORTADOR DE VINHOS VERDES DA REGIÃO

Armazens de Azeites por atacado

Armazem de solas, Cabedais e
calçado de toda a espécie

Armacenista de Manteiga marca GENUINA

SEDE:

VALE DE CAMBRA

Fábrica a Vapor de Serração de
Madeiras de Construção e Caixotaria

Moreira de Paiva & Filho

Endereço Telegráfico: SERRAÇÃO

Telefones } Fábrica, 5
 } Residência, 18

VALE DE CAMBRA

(PORTUGAL)

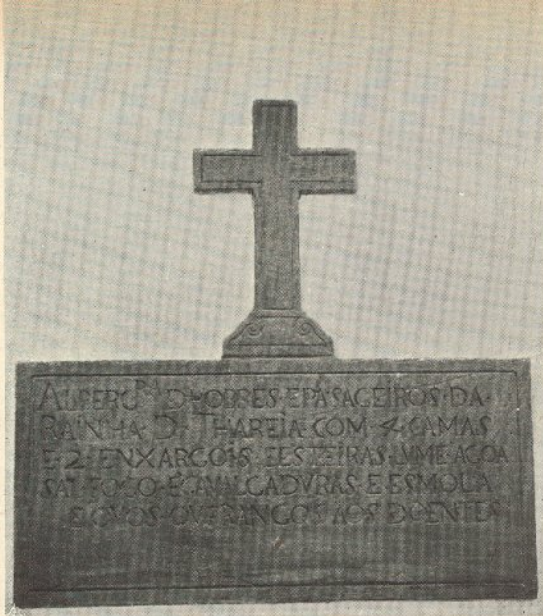
TELEF.

A MERCANTIL DE CAMBRA

ALBINO LEITE

ARMAZÉM DE MERCEARIA, CEREAIS E AZEITES

Macieira-a-Velha — MACIEIRA DE CAMBRA



ALBERGARIA-A-VELHA — Lápida comemorativa da fundação de Albergaria, nos Paços do Concelho

Albergaria-a-Velha

NO seu próprio nome tem Albergaria a Velha o certificado da sua origem. Em Novembro do ano de Cristo de 1117, isto é, ano de 1155 da era de César, passava a infanta-raíña D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, nosso primeiro Rei, uma carta de privilégio a Gonçalo Eriz, coutando-lhe a sua vila de Osselo (hoje o bairro de Assilhó, desta vila), que confinava com terras de Santa Maria (Feira), onde a carta foi assinada.

As demarcações das terras do Couto de Osselo são muito interessantes, pela especialidade dos lugares que nomeia, designados já alguns deles em português no meio do latim bárbaro da carta.

A onomástica topográfica é característica, como se vê pelos seguintes nomes, alguns bem conhecidos ainda hoje:

Mata talada, Mata da Ussa, Mata da Brava, Mamoa Negra, Romariz, Rio de Osselo, Charneca, Fonte Fria (hoje lugar das Friar), que se chamava também Fontinha de Meignonfrio. A carta de Couto foi concedida com a cláusula de estabelecer e sustentar uma Albergaria próximo da estrada. Gonçalo Eriz presenteou alguns servidores da Rainha, que assistiram à feitura da carta e a assinaram. A D. Mem Bofino e a Artaldo, es-

cudeiro da Rainha, deu um rocim e a Godinho Viegas um gavião. O primeiro albergueiro ou seja o primeiro habitante de Albergaria de nome Gonçalo de Cristo, seria pôsto pela Rainha.

Para se demonstrar quanto era ágreste o território da nossa vila, e a ela circunjacente, bastará notar que a carta de Couto dá fé da existência de veados, corças, gamos e ursos.

As albergarias eram utilíssimas instituições de previdência, ponto de refúgio dos viandantes que se viam perseguidos pelas quadrilhas de malfeitores de toda a espécie que infestavam o país naqueles rudes tempos medievais. Na carta de Couto declara-se que o sítio onde se fundava a Albergaria era escolhido de preferência pelos salteadores, que ali vinham roubar e matar os transeuntes.

A carta de Couto não existe no original mas em cópia autêntica, incluída em outra do Bispo de Coimbra, D. Egas, datada do ano de 1258. Publicou-a João Pedro Ribeiro a pág. 243, do 1.º volume das suas «Dissertações cronológicas» (Doc. n.º XXXVI).

* * *

A primitiva Albergaria foi-se transformando e passou a chamar-se hospital, instalado em uma

casa baixa, que foi modernamente a cadeia pública. Na parede exterior dessa casa estava a seguinte lápida, do século XVII:

«A casa do hospital, servindo de cadeia, foi vendida pela Câmara Municipal, em 10 de Setembro de 1905, pela quantia de 1.050\$00, ao falecido sr. João Patrício Alvares Ferreira, que ali edificou parte do seu conhecido palacete da Boa Vista e que a actual vereação adquiriu destinando-o à habitação dos magistrados desta comarca.»

A lápida foi depois incrustada no interior do edifício das novas cadeias, de onde saiu para os Paços do Concelho, onde se encontra.

* * *

Esta carta do Couto de Osselo, no dizer de Alexandre Herculano, é o primeiro documento em que Portugal figura com o título de Reino, e daí o alto valor histórico que se lhe atribue.

* * *

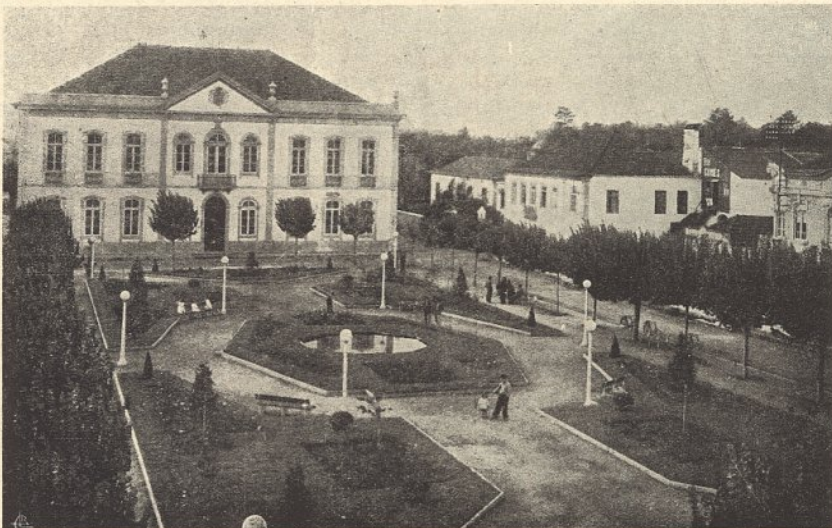
«... e Albergaria, possivelmente a mais antiga do País e a que, por isso mesmo, se deu o nome de Albergaria-a-Velha, continua a transformar-se, a progredir e, acompanhando, a par e passo, o movimento de forte impulsibilidade que há onze anos a esta parte imprimem ao País os continuadores do patriótico movimento de 28 de Maio de 1926, aquele solo agreste e quasi inhóspito é duma fecundidade exuberante e de tais recursos agrícolas e pecuários que bem pode dizer-se que, em relação aos seus habitantes, se basta a si próprio, visto que dele se extrai ou nêle se cria, com sufi-

ciência, milho, trigo, arroz, batata, vinhos, legumes, hortaliças, e aves de espécies diversas e gado bovino, suíno, caprino e lanígero, cujos mercados e feiras são abundantes.»

Sob o ponto de vista da organização associativa, Albergaria-a-Velha e o seu concelho vem seguindo também a marcha evolutiva da época que passa e, orientada por um princípio disciplinado e disciplinador, contam-se já, no seu âmbito, numerosas colectividades ou associações de valor entre as quais é justo destacar a Misericórdia de Albergaria, a Associação de Socorros Mútuos, a Corporação e a Banda dos Bombeiros Voluntários, o Grémio Recreativo, o Sporting Club e o Arregaça Foot-Ball Club, em Albergaria; as Bandas de Música de Angeja e S. João de Loure, a Tuna de Valmaior, a Casa do Povo, em Alquerubim, e a Fundação «Alba».

Comercialmente, Albergaria tem-se desenvolvido também nestes últimos anos, porque, e isso é óbvio, se vêm surgir, por cada lado estabelecimentos de todos os géneros e é crescente o movimento e número de transacções que se verificam nos seus diversos mercados e feiras, entre os quais merecem especial menção o mercado semanal de Albergaria e as feiras mensais de Angeja, em 26 de cada mês, da Branca, nos dias 9 e 22, e ainda o de Albergaria que se realiza também mensalmente, no dia 19.

Mas, se o povo de Albergaria e do seu concelho é essencialmente trabalhador e activo, extraindo da terra, numa luta contínua, o pão de cada dia, é também, e disso se orgulha, um fervoroso crente, e, a par das suas crenças religiosas, de que não abdica, continua a manter o culto tradicional pe-



ALBERGARIA-A-VELHA — Jardim Público e Paços do Concelho

las suas festas e romarias, entre as quais, as maiores e de maior tradição e concorrência são: Senhora do Socorro, em Albergaria-a-Velha, no terceiro domingo de Agosto; à Senhora das Neves, em Angeja, no primeiro domingo de Agosto depois do dia 5; à Senhora da Alegria, no domingo de Pascoela.

Albergaria-a-Velha, a cujos destinos administrativos preside uma edilidade composta por homens de valor e de impoluto carácter, que incarnam, absolutamente, o espírito renovador do Estado Corporativo Português, não é agora aquêle ignorado «albergue para os pobres e passageiros» a que D. Teresa a destinou.

Já, a par do comércio, a indústria se desenvolve e vai levar bem longe o seu nome.

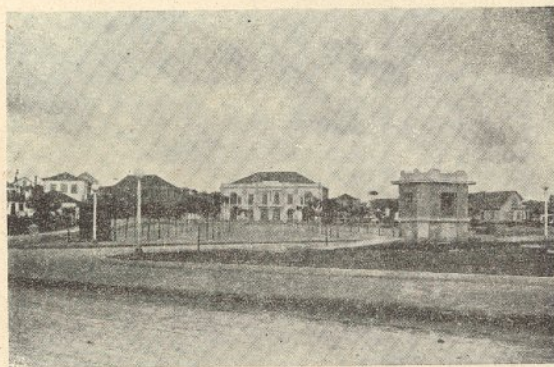
A Fundação «Alba», que é, no seu género, uma das melhores do País, e a melhor, sob o ponto de vista das instalações, salubridade e métodos de trabalho; a produtiva fábrica de Valmaior, da Companhia do Papel do Prado, a «The Cáima Pulp C.º Ltd.» no lugar do Cáima — única no País, para produção de pólpa para papel, a Fábrica da Branca da Empresa Cerâmica, as fábricas de olaria de Assilhó (Albergaria-a-Velha), Biscaia e Angeja, e as fábricas de serração de Albergaria-a-Velha e Albergaria-a-Nova, evidenciam um forte desejo de desenvolvimento e de progresso que, aliás, se traduz nas obras já produzidas após o movimento de 28 de Maio e que a comissão administrativa da Câmara Municipal dêste concelho em efectividade há alguns anos já vai realizar e entre as quais avultam a continuação da abertura da Avenida de Assilhó, a construção de retretes públicas, lavadouro de viaturas e bebedouro para animais; a construção de casas para pobres, na sede do concelho; a construção de lavadouros e fontes públicas; ajardinamento de largos em Albergaria e sedes de outras freguesias; captações e canalização de águas para fontes das



Coronel Gaspar Inácio Ferreira,
filho ilustre de Albergaria-a-Velha

diversas freguesias e da vila; reparações de ruas e de estradas de todo o concelho e vila; electrificação de algumas freguesias e instalação de postos telefónicos públicos em Albergaria-a-Velha e outros melhoramentos de interesse geral, cujos projectos estão em elaboração.

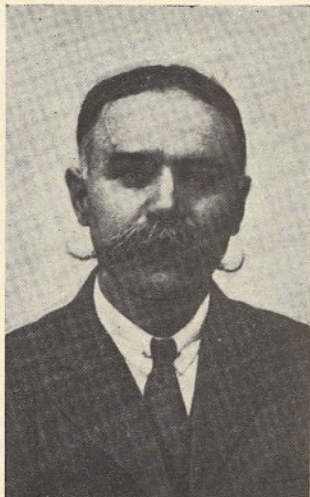
Verifica-se, pois, que Albergaria floresce, se eleva e progride e, que do acanhado «Couto» da excelsa infanta-rainha, aos poucos se vai formando uma Albergaria maior onde, dia a dia, se albergam maior número de adesões e aplausos à obra gloriosa dos homens do Estado Novo, cujo chefe — Salazar — encarna todas e as mais elevadas virtudes da nossa Raça.



ALBERGARIA A VELHA — Alameda Dr. Oliveira Salazar,
junto dos Paços do Concelho, vendo-se ao fundo a sede dos
Bombeiros Voluntários

Fábrica de Serração e Moagem

A Fábrica de Serração que o Sr. Joaquim Domingues S. Bento possui em Albergaria-a-Nova é a mais antiga de toda a região do Vale do Vouga. Foi fundada em 1920, e desde essa data muito se



Joaquim Domingues S. Bento

tem desenvolvido, estando hoje convenientemente aparelhada com máquinas para serrar madeira em todos os calibres.

Além da serração de madeiras pròpriamente dita, também o Sr. Joaquim Domingues S. Bento tem instalada, anexa a essa secção, uma moagem provida de todos os requisitos modernos para moer trigo, milho e centeio, trabalho êsse que realiza com a maior hygiene e com toda a perfeição.

Na Fábrica de Serração e Moagem do Sr. Joaquim Domingues S. Bento — que é, como dissemos, uma das mais bem aparelhadas de Albergaria-a-Nova — têm colocação e salário garantido por todo o ano um considerável número de operários.

Todos êsses operários, a quem o Sr. Joaquim Domingues S. Bento dispensa o mais afável dos tratos, são os colaboradores estreitos e os amigos mais directos com quem êle conta.

Exemplar chefe de família, estimado por todos os seus clientes e amigos, desenvolvendo uma acção notável no ramo de actividade a que se dedica, o Sr. Joaquim Domingues S. Bento tem a sua fábrica pronta a atender todos os pedidos, donde quer que êles venham.

UNIÃO TÉCNICA INDUSTRIAL, L.^{DA}

Fábrica e Escritório:

ALBERGARIA-A-NOVA



Os melhores Briquetes de
carvão vegetal ou mineral
são os fabricados com os
aglutinantes e máquinas da
União Técnica Industrial, L.^{da}



ALBERGARIA-A-NOVA

Fábricas Metalúrgicas

ALBA



SEDE: _____

ALBERGARIA-A-VELHA

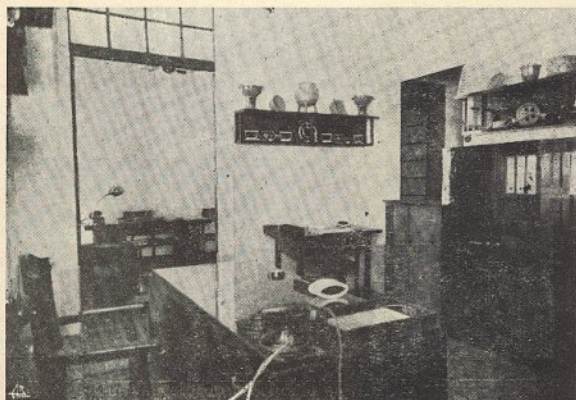
Telefone: 6 (P. B. X.) — Telegramas ALBA

ESCRITÓRIO EM LISBOA:

Rua dos Correios, 40-2.º, E.

Telefone: 2 1319

Telegramas: ALBA



Um aspecto do escritório em Lisboa



ALBERGARIA A VELHA
HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

Miguel Marques Henriques

(CASA FUNDADA EM 1905)

RELOJOARIA E OURIYESARIA

Importador directo de relógios de tórre dos melhores fabricantes franceses de MORES-DU-JURÁ — Máquinas de costura «KÖHLER» para tôdas as applicações — Aparelhos de Rádio «PHILIPS» de todos os modelos — Bicycletas e Acessórios de diferentes marcas — Bombas eléctricas e manuais

ARTIGOS ELÉCTRICOS

Avenida da Liberdade — ALBERGARIA-A-VELHA

Café AVENIDA

Lucília Mourisca Moreira

VINHOS FINOS, LICOROSOS E CHAMPANHES
— CERVEJARIA E CONFEITARIA

Albergaria-a-Velha



A Mobiladora
Albergariense



DE

José Marques Ferreira

(Antiga Ferreira & Mendes)

Mobilias em todos os estilos, avulsas e completas

CONSTRUÇÃO SÓLIDA

Albergaria-a-Velha

Fábrica de Sacos de Papel

de

Germano Marques da Silva

Impressão de Sacos de Papel

Preços módicos — Telefone N.º 9

Albergaria-a-Velha

José Ferreira d'Almeida

(Casa Fundada em 1895)

CERRALHARIA E FORJAS
MÁQUINAS AGRÍCOLAS
ARTIGOS DIVERSOS

Albergaria-a-Velha

Armando Bastos da Silva

MERCEARIAS E MIUDEZAS

LOUÇAS ESMALTADAS E ALUMÍNIO

CALÇADO VULCANIZADO PARA
Praia, Campo e Ténis, das acreditadas
marcas **Ictori e Jape**

AGENTE DE SEGUROS

Albergaria-a-Velha

RELÓGIOS PÚBLICOS

DE

MOREZ-DU-JURA

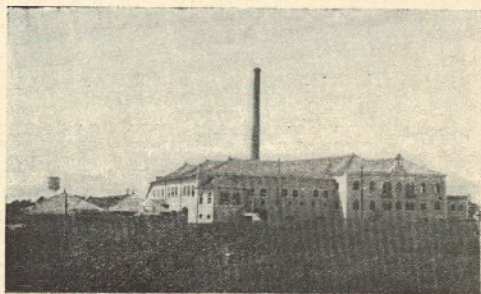
Universalmente conhecidos como os melhores, para

Igrejas — Escalas — Câmaras — Fábricas

para entrega imediata.

Miguel Marques Henriques

Albergaria-a-Velha



Vista geral

Fábrica Cerâmica da Branca, L.^{da}

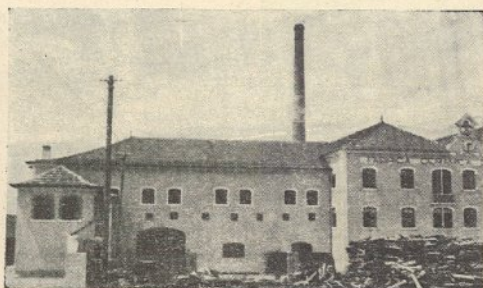
(Frente à estação dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga)

TELHA TIPO MARSELHA, «URBANA», REGIONAL,
BÉBÉ—TIJOLO, BURRO, BATIDO, VAZADO, DE
— VOLTA, REFRACTÁRIO—ACESSÓRIOS, ETC.. —

SOUTO DA BRANCA—Telefone 5



Frente do edificio



Um aspecto da fábrica em plena elaboração

CAIMA PULP C.º LTD.

FABRICANTES DE PASTAS DE MADEIRA DE
EUCALIPTO E PINHEIRO
 PARA O FABRICO DE PAPEL E COMPRADO-
 ——— RES DE MADEIRAS DE ———
EUCALIPTO E PINHEIRO
 ——— EM TOROS ———

QUINTA DO CAIMA

Albergaria-a-Nova

Sede no Pôrto

AVENIDA DOS ALIADOS, 20-4.º

Endereço telegráfico:

CAIMA - ALBERGARIA-A-VELHA

CAIMA - PÔRTO

Telefone em ALBERGARIA-A-VELHA: n.º 4

Telefone no Pôrto: n.º 7275

JOSÉ SALSÁ

FÁBRICA DE CERRALHARIA, EXECUÇÃO PERFEITA
 DE TODOS OS ACESSÓRIOS PERTENCENTES A BICICLETAS



R. ALMIRANTE REIS - ALBERGARIA-A-VELHA

TIPOGRAFIA VOUGA

JOSÉ FIGUEIREDO — ALBERGARIA-A-VELHA
SECÇÕES DE PAPELARIA, LIVRARIA E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
IMPRESSOS PARA REPARTIÇÕES PÚBLICAS, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Serração da Branca, L.^{da}

MADEIRAS APARELHADAS E CAIXOTARIA

SEMPRE GRANDES QUANTIDADES DE MADEIRAS EM
ARMAZÉM, TANTO EM TÔSCO COMO APARELHADAS.
—CASTANHO EM PRANCHA E ADUELA.—EUCALIPTO
PARA MARCENARIA E ADUELA.—FABRICAMOS QUAL-
QUER ESPÉCIE DE CAIXA EM GRANDE QUANTIDADE

SOUTO DA BRANCA

Manuel Rodrigues Correia & Irmão

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E MOAGEM

TEM SEMPRE GRANDE STOCK DE MADEIRAS SERRADAS E SÊCAS.
SOALHOS E FORROS APARELHADOS—MOLDURAS DE TODOS OS
—:—:— TAMANHOS—MÓI E VENDE FARINHA DE MILHO —:—:—

ALBERGARIA-A-VELHA—PORTUGAL

Sever do Vouga

P o r L U C I A N O L O B O



SEVER DO VOUGA
— Cascata da Cabreira

PEDEM-ME que escreva alguma coisa sobre Sever do Vouga para a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. E eu, anuindo ao pedido, direi: que o laborioso concelho de Sever do Vouga — recanto airoso e soalheiro de terras de Portugal tem monumentos históricos e pré-históricos, pedras inculturadas, pelourinhos, brasões e fontes tradicionais; tem ainda em alguns templos preciosas obras de talha como, por exemplo, os altares da Igreja das Talhadas; e alfaias de valor como a processional cruz de Rocas e a custódia da Igreja de Cedrim, que são preciosas relíquias artísticas.

Possue além disto montes, vales, rios e minerais; tem os seus variados costumes, os recursos do seu solo, as suas lendas de moiras encantadas, a antiguidade de seus pergaminhos, os seus caminhos característicos, os seus ribeirinhos humildes e tortuosos, os seus pinhais verde-negros, os seus pomares profundos, a sua indústria, a sua agricultura, o seu comércio, e até os seus planaltos grandiosos e alguns de quás novecentos metros de altitude, como é êsse do Avital, donde se descortina um horizonte terrestre e marítimo invejável e incomensurável.

* * *

Tudo isto que aqui deixo apontado é bem digno de ser descrito e conhecido, visto que a descrição do que de notável se encontra nos povos e o conhecimento da sua história e do seu glorioso passado, são auxiliares do progresso nacional e bases para o nosso patriotismo.

* * *

Sever do Vouga — um dos 19 concelhos do distrito de Aveiro é delimitado pelos concelhos de Albergaria-a-Velha a poente; Oliveira de Frades a nascente; A'gueda a sul e Macieira de Cambra (Vale de Cambra) a norte.

Tem hoje uma população aproximadamente de catorze mil habitantes, distribuída pelas suas oito freguesias denominadas Cedim, Couto de Esteves, Paradela, Pessegueiro do Vouga, Rocas, Sever do Vouga, Silva-Escura e Talhadas.

Êste rincão uberrimo que se chama o concelho de



SEVER DO VOUGA — Um aspecto da vista parcial

Sever do Vouga, rico em tradições gloriosas, envólto em história brilhante e iluminado pelo sol da nossa beira-litoral, é *terra fértil e notável*.

Fértil, porque, duma constituição geológica algo variada, tudo produz. Assim nos terrenos cultos há centeio, trigo, aveia, cevada, azeite, frutos, vinho, feijão e milho, e nos incultos formidáveis penedos de granito principalmente na freguesia das Talhadas, árvores em abundância e algumas até verdadeiramente gigantescas e belas como êsse pinheiro manso da Quinta do Sobral, em Pessegueiro do Vouga, que rivaliza com as grandes árvores do país.

É ainda *terra notável* pela valentia e patriotismo de muitos de seus antepassados, pelos seus costumes algo comunitaristas sob o ponto de vista agrícola, por muitas curiosidades e pelos seus monumentos, alguns até dos recuados tempos da pré-história.

Sim, porque entre os vários monumentos do concelho não convém esquecer *A Pedra Inculturada do Arestal*, também conhecida por *Forno dos Moiros* e *Dolmen de Cerqueira*, não falando já em objectos vários encontrados aqui e além, tais como, machados de pedra, pedaços de mós, testos, cacos grosseiros, gravuras em pedra, instrumentos de sílex, fragmentos de grosseira louça dos crastos, etc..

Tudo isto são vestígios de indústria humana que denunciam a passagem, por êstes sítios, de povos, de gerações, em tempos afastadíssimos, que medeiam entre o aparecimento do primeiro homem e o começo da fase histórica.

* * *

Se me fôsse permitido alongar êste artigo não deixaria de focar o concelho de Sever sob diferentes aspectos. E assim eu falaria de Sever do Vouga — *religioso*; de Sever do Vouga na *lenda e na história*; de Sever do Vouga e do seu *progresso*; de Sever do Vouga no seu *comércio, indústria e agricultura*. Mas, deixarei de o fazer para não abusar da paciência dos leitores.

Merecem, no entanto, duas palavras de referência as suas belezas naturais e o encanto das suas paisagens. E então direi que neste concelho há trechos aprazíveis, poéticos e lindos, como são, entre outros, êsses da estação de Paradela, das pontes de Pessegueiro e Pôço de Santiago, da central eléctrica, represa da Grela, etc., etc..

A qualquer lugar que subamos, para qualquer parte que olhemos, o seu panorama feraz em belezas naturais, deslumbra-nos e arrebatá-nos.

É inegavelmente lindo êste concelho e bela a caprichosa paisagem.

Realmente, quem observar esta terra na grandesa impressionante das suas paisagens, no curioso dos seus contrastes, ora harmoniosos e brandos, ora agres-

tes e selvagens, há-de notar que Sever do Vouga se impõe à curiosidade de sens visitantes e aos olhares de todos aquêles que admiram e amam a paisagem portuguesa.

De norte a sul, de nascente a poente, quantos aspectos perturbantes, quantos panoramas grandiosos e quantos quadros de inédita beleza!...

Quem ainda não observou o panorama da Serra do Rosário, donde se descortinam montes variados, a ria de Aveiro com os seus moliceiros e canais, os lindos campos de Agueda e a poética Macinhata debruçada sôbre o Vouga?!...

Quem não conhece Paradela com a sua estação e as suas fábricas; Talhadas com os seus tradicionais penedos; Cedrim com o seu castelo; Rocas com a ermida de N. S.^a do Pilar; Silva-Escura com a sua *Cascata da Cabreia*, duma beleza emocionante como lhe chamou alguém, e todas as demais freguesias com a poesia campesina dos seus encantos?!...

* * *

Este concelho, essencialmente agrícola e tradicionalmente religioso, é servido pelo Caminho de Ferro do Vale do Vouga no *Pôço de S. Tiago, Paradela e Cedrim*.

Também têm o seu pôsto fluvial sôbre o rio Vouga; *Pôço de S. Tiago*, em ligação com a Ria de Aveiro.

Tem estações telégrafo-postais em Pessegueiro e Sever do Vouga.

Concluindo: este recanto das serranias do Vouga é terra de antigas tradições, terra engrandecida pela nobreza de seus filhos, terra de fé, terra de trabalho, terra de boa e laboriosa gente, terra de beleza, de maravilha, de encantos.

Com tudo isto e com o muito que fica por dizer, Sever do Vouga pode ser um concelho próspero, como deve ser (porque bem o merece) *uma zona de turismo*.



SEVER DO Vouga — Outro aspecto da vista parcial

A I L U M I N A D O R A

DE

JOÃO MARTINS PEREIRA AMARAL

Fábrica de: PAPEL, CARTÃO E SACOS

SERRAÇÃO, CARPINTARIA E MOAGEM DE CEREAIS

CONCESSIONÁRIO DA BARRAGEM PARA FÔRÇA
—:—:— HIDRÁULICA NO RIO VOUGA —:—:—

S E V E R D O V O U G A

MARIA PEREIRA DE VASCONCELOS

MERCEARIA — VINHOS

S E V E R D O V O U G A

CAFÉ MODERNO

DE

JOAQUIM PEREIRA DE LIMA
VINHOS E LICORES

SITUADO NUM DOS LOCAIS MAIS
APRAZIVEIS DA VILA DE

SEVER DO VOUGA

Armando M. Mendes

ARMAZENS DE CEREAIS, MERCEARIAS,
VINHOS, LOUÇAS, ADUBOS, SAL, CAL,
CIMENTO, TELHA, TIJOLOS, ETC., ETC.

Correspondente de diversas Companhias de Seguros

DEPOSITÁRIO DA TABAQUEIRA E
C.ª T. M. P. N. (LUBRIFINA)— VENDAS
POR JUNTO E A RETALHO A
— PREÇOS SEM COMPETÊNCIA —

SEVER DO VOUGA

Aureliano António da Costa

ARMAZÉM DE FAZENDAS DE
LÃ E ALGODÃO—MIUDEZAS

SEVER DO VOUGA

CASA AFRICANA

FUNDADA EM 1906

de Adriano de Bastos (Filhos)

*Estabelecimento de mercearia, miudezas,
fazendas, tintas e drogas, ferragens, fer-
ramentas, louça, vidraria, cêra, guarda-
— sois, chapéus, livros escolares, etc. —*

Valores selados—Agência de jornais
Acessórios para instrumentos de música

SEVER DO VOUGA

PADARIAS
MODELAR E TAVARES
de JOSÉ LOURENÇO TAVARES

Pão de todas as qualidades

*Os produtos destas Padarias recomendam-se
pelo asseio do fabrico e excelência da
qualidade*

SEVER DO VOUGA

Celso Figueiredo

COMÉRCIO EM GERAL

SEVER DO VOUGA

Albano Coutinho Duarte

(Antiga casa de FIRMINO J. M. OLIVEIRA)

Mercearia, Ferragens, Cereais, Papelaria e Artigos escolares
— Vinhos Finos e Comuns—Cêra e Artigos Funerários —

Couto de Esteves—Sever do Vouga

Joaquim Simões Pedro

“O COIMBRA”

Estabelecimento de fazendas de lã e algodão

SEVER DO VOUGA

MÁRIO ESTEVES MARQUES

COM BARBEARIA E CORTE DE CABELO

SEVER DO VOUGA

José Francisco Rodrigues Monteiro

Com estabelecimento de Mercearias, Ferragens, Tintas e Vinhos

SEVER-DO-VOUGA

LOPES & FILHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA, FERRAGENS,
— MIUDEZAS, CEREAIS, GORDURAS, ETC. —

SEVER DO VOUGA

LOJA DE UTILIDADES

MATERIAL ELÉCTRICO

Todos os artigos de Interêsse regional

DIAMANTINO PEREIRA DA CRUZ
SEVER DO VOUGA



PESSEGUIERO DO VOUGA — Vista parcial

Pessegueiro do Vouga

P O R J O A Q U I M M A R T I N S

PESSEGUIERO do Vouga, povoação e freguesia situada na encosta verdejante da margem direita do Vouga, fronteira à estação do caminho de ferro de Paradela, a cujos passageiros oferece um dos mais deslumbrantes cenários de tóda a linha, não podia ficar indiferente à homenagem que a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* presta à região do Vale do Vouga, pelos seus precedentes no desenvolvimento da viação nacional.

De existência remota, muito anterior à fundação de monarquia portuguesa, tinha a notabilisá-la o término da navegação fluvial no sítio chamado das Marridas, ou Amarridas (galicismo de amarrar?), local situado a 600 metros a montante do Pôço de S. Tiago, cais este para onde, com a abertura da estrada em 1874, mais convergeu o tráfego e hoje é adornado com a monumental ponte de alvenaria do mesmo nome. Do cais das Marridas, por caminhos ou estradas romanas, se abasteciam, especialmente de sal, tóda tóda a região de Lafões e povos limítrofes.

Em 1807, entrou a paroquior esta freguesia o abade Dr. Manuel António Dias Santiago, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, natural de Lourêdo, comarca da Vila da Feira, tio directo do

jurisconsulto e lente da mesma Universidade Dr. Manuel António Coelho da Rocha, falecido em 1850, sacerdote que desempenhou o seu mandato até 1827, ano em que faleceu. De mentalidade superior e acção invulgar, entre outros melhoramentos com que dotou Pessegueiro mandou construir à sua custa: a ponte sôbre o rio Vouga, que estabeleceu a ligação com os povos da margem esquerda, até aí feita por barco, e a do rio Mau, 1.500 metros acima da Foz do mesmo nome, facilitando-nos o contacto com Albergaria-a-Velha, melhoramentos estes, especialmente o primeiro, que mais tarde viria modificar radicalmente a sua estrutura.

Assim é que em 1870, a estrada real de Aveiro a Viseu, que para evitar a construção de uma ponte no Vouga, a Direcção das Obras Públicas planeara seguir a margem esquerda saindo da freguesia de Lamas, concelho de Águeda, começava de ser construída de Albergaria-a-Velha a Pessegueiro, alterado o primitivo plano com o objectivo de aproveitar a ponte sôbre o Vouga mandada edificar pelo abade Santiago, que de facto aproveitou. Por isso bem merecida foi a homenagem postuma que lhe foi prestada no cente-

nário do seu falecimento colocando-se uma lápide no frontespício da igreja matriz com a seguinte inscrição:

«Ao abade

Dr. MANUEL ANTÓNIO DIAS SANTIAGO
1827-1927

Com gratidão

«A Junta de Freguezia»

Aberta a estrada ao público em 1874, logo se estabeleceram carreiras de transportes que terminaram em luta. Do que foi essa luta, di-lo melhor Homem Cristo no seu livro «Notas da Minha Vida e do Meu Tempo» — Volume III — Pág. 232 —, recordando o seu destêro político em 1881, quando alferes, em Sever do Vouga:

«Sever do Vouga, com as suas florestas de pinheiros e de castanheiros, com os seus vales profundos, com tantas outras belezas naturais, era uma autêntica maravilha. Mas como eu nunca tive temperamento pastoril, como nunca amei a quietude, mas o movimento, a acção, o combate aborrecia-me ali profundamente. De vez em quando, para me distrair, descia a estrada e ia até á ponte de Pessegueiro. Almoçava ali boa vitela de Lafões, no restaurante do Martins; por lá passava algumas horas menos aborrecidas. O Martins era um ricaço que se zangoü um dia com os da Empresa de Viação que, antes do caminho de ferro do Vale do Vouga, fazia a carreira entre Estarreja e Viseu. Para se vingar, constituiu, para o mesmo fim, outra empresa, com prêços mais baratos. De disputa em disputa, a empresa velha chegou a levar os passageiros *de graça*. Então o Martins, assim se contava, levava-os de graça e ainda lhes dava de almoçar na sua locanda de Pessegueiro. E venceu.

Dêsses é que se queriam cá hoje, para substituir os da Sociedade das Nações».

Triunfante o Martins (Comendador António Mar-

tins Henriques, falecido em 1895) artista humilde nos primeiros anos da sua vida, fundava em 1885, a Companhia Industrial Provinciana. Dos seus estatutos relevava o artigo 1.º:

«A C. I. P., sociedade anónima de responsabilidade limitada, tem por fim: a compra e venda de carvões, lenhas e madeiras de produção nacional ou estrangeira; a exploração de viação entre Aveiro, Estarreja, Pecegueiro, Lamêgo e Viseu, Nelas e outros quaesquer pontos do país, construindo, comprando e vendendo carruagens, diligências e quaesquer outros veículos para passageiros e condução de mercadorias e malas do correio; a exploração fluvial do Vouga por barcos de vela e remos, ou por vapor; o transporte por mar nas costas de Portugal por hiates entre as cidades mais importantes, como Lisboa, Setúbal, Figueira, Aveiro, Pôrto e outras; obter do govêrno, direitos de suas descobertas de minas e por compra de simples manifestos, comprando e vendendo êstes direitos bem como os de concessões para exploração e lavra; explorar os jazigos que mais lhe convenha ou parcerias, sociedades e companhias para êsse fim e comprar e vender acções de tôdas as Companhias de minas portuguesas; encarregar-se de agências e consignações de minerais, maquinismos e de todo material próprio para lavra de estabelecimentos mineiros e metalúrgicos e finalmente promover que nos vastos terrenos montanhosos do concelho de Sever do Vouga e outros visinhos se trate da produção de lâ para os mercados nacionais e estrangeiros — Artigo 2.º — A sua duração será por tempo indeterminado, e a sua sede em Pecegueiro, concelho de Sever do Vouga, com uma delegação na cidade do Pôrto e armazens e depósitos nesta cidade, em Aveiro e Lisboa. — Artigo 3.º — Etc..»

Nem todos os objectivos de exploração da Com-



PESSEQUEIRO DO VOUGA — Vista parcial — Barragem do Vouga e Central Eléctrica

panhia foram atingidos, embora outros ultrapassados como, as carreiras Estarreja-Oliveira de Azemeis e Ovar-Cambra, vendidas em 1892, e com o decorrer do tempo esta limitou a sua acção às de Estarreja a Viseu e S. Pedro do Sul-Lamego. Entretanto, em 1912, o caminho de ferro do Vale do Vouga tomava incremento, quer na sua abertura, já na sua exploração e a direcção da Provinciana finalisava o seu relatório das contas de fim de ano.

«Chegou o momento, em que se deve começar a tratar de liquidação, dissolvendo-se a Companhia. O caminho de ferro do Vale do Vouga, que em breve está em exploração desde Albergaria a Viseu, como já o está desde Espinho a Albergaria, Agueda e Aveiro, inutiliza-nos por completo as nossas principais carreiras. Ficaremos reduzidos em breve à exploração entre S. Pedro do Sul e Lamego, e em Viseu, para onde devemos ir, retirando o material e gado, que não conseguirmos vender antes de aberta a exploração a linha do caminho de ferro do Vale do Vouga nas localidades aonde o material e gado se acha empregado».

A nossa Companhia não tem passivo a pagar, e os

seus accionistas são em pequeno número e todos ligados por parentesco e antiga amizade. Será fácil, portanto, a sua dissolução e liquidação, que pode ser votada na próxima assembleia geral ordinária.

Pessegueiro, 31 de Dezembro de 1912

O Director

António Martins da Silva

Com efeito, a Companhia Provinciana, que havia vivido as horas e dias mais gloriosos, entrava na agonia, e votava a sua liquidação em assembleia geral de 28 de Maio de 1913.

Mas, este acontecimento que limitava a vida a Pessegueiro, estimulava, em contra partida, passados anos, outro grande empreendimento industrial, que não seria possível sem a via férrea. E, nota curiosa e interessante, no local em que tinham existido os escritórios, oficinas, armazéns, etc., da Companhia morta, levantava-se a magestosa central hidro-eléctrica, com a correspondente não menos magestosa fábrica de moagem 300 metros em frente, que não só restituía a vida a Pessegueiro como a dava a todo o concelho de Sever do Vouga.

José Pedro dos Santos & Irmão, L.^{da}

FÁBRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO

MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO E CAIXOTARIA

(Junto à estação dos Caminhos de Ferro de Paradela)

PESSEGUEIRO DO VOUGA

António Marques Rodrigues da Silva

COMÉRCIO MIXTO — CORRESPONDENTE BANCARIO
AGENTE DE COMPANHIAS DE SEGUROS

PÔSTO PÚBLICO N.º 2

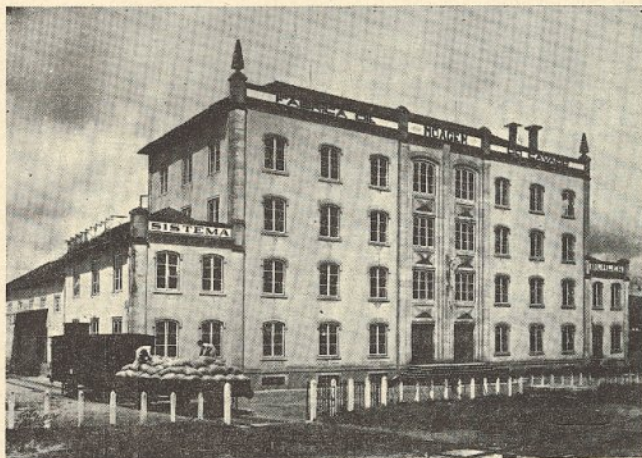
PESSEGUEIRO DO VOUGA

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO

“Sociedade Industrial do Vouga, L.^{da}”

A «Sociedade Industrial do Vouga, L.^{da}», com sede na Rua da Fábrica, n.º 105, Pôrto, está actualmente na posse e sob a gerência, por todos os títulos notável, da firma Soares & Irmãos. As suas organizações não são apenas importantes pelo capital, avultado, que representam; pelo volume das suas produções; pela extensão e número das suas instalações; mas, também, pela maneira modelar como todas as suas actividades fabris foram montadas. Com efeito, as máquinas e as instalações de que dispõe são das mais modernas, das que no estrangeiro a experiência aprovou como as de maior e melhor rendimento. E é por isso que as suas fábricas não honram apenas o país e as regiões onde estão montadas, rivalizam também — e essa circunstância não pode deixar de se mencionar e pôr em devido relêvo — com as suas congéneres mais importantes do estrangeiro.

O leitor, observando as três gravuras que ilustram estas páginas, já poderá fazer uma pequena ideia da

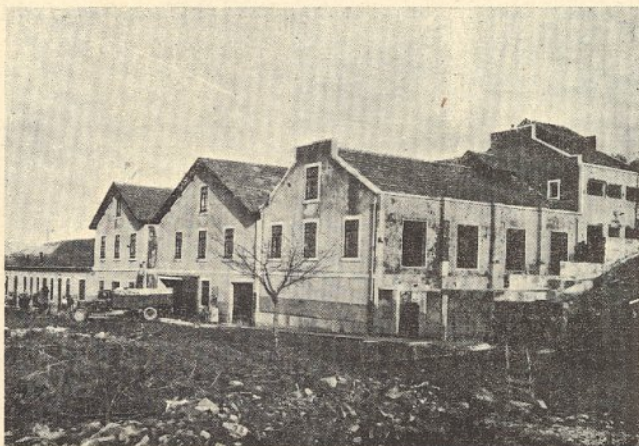


Fábrica de Moagem do Cávado

importância da firma proprietária da «Sociedade Industrial do Vouga, L.^{da}». Pequena ideia, repetimos, pois é preciso completar a informação com a apresentação de alguns elementos informativos. De resto, elas não representam todas as suas actividades.

Comecemos pela fábrica de moagem de trigo, situada em Pessegueiro do Vouga, do concelho de Sever do Vouga. É, sem dúvida, uma das mais importantes e modernas do país. Modelarmente montada, o visitante que percorrer as suas instalações fica assombrado com a grandeza do edifício e, sobretudo, com as maravilhas do engenho humano, que põz ao serviço da indústria da moagem máquinas variadíssimas. A sua capacidade de produção é de 100.000 quilos de trigo em 24 horas.

A firma Soares & Irmãos, para assegurar a boa regularidade dos serviços e a actividade desta fábrica de moagem, montou também em Pessegueiro do Vouga, uma Central Hidro-Eléctrica.



Fábrica de Moagem de Almendra

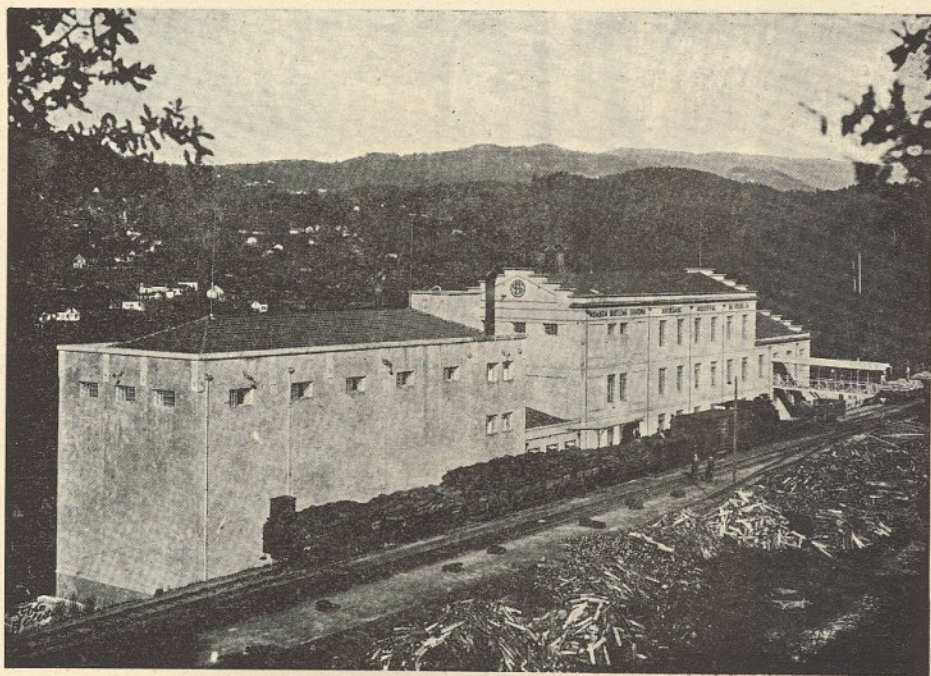
Mas, não é esta a única fábrica de moagem de que é gerente e proprietária a firma Soares & Irmãos. Em Barcelos possui uma outra, também importante, a Fábrica de Moagem do Cávado, com a capacidade de laboração diária de 75.000 quilos de trigo. Como a outra, esta fábrica é igualmente apetrechada de material moderno, instalado em dependências amplas, em obediência aos mais actuais processos técnicos.

São naturais de Almendra os gerentes destas notáveis e poderosas organizações industriais, srs. Anibal Augusto Soares, dr. José Caetano Soares, Vergílio Augusto Soares, Francisco Maria Soares e dr. José Caetano Albuquerque Soares. Nasceram em Almendra, pequenina e adorável freguesia de Vila Nova de Fozcôa e orgulham-se disso. Mas não se limitaram a dizer que tinham amor à terra do seu nascimento. Quiseram também dar testemunho bem patente dêsse enternecido orgulho bairrista, dotando a freguesia com o melhor conjunto industrial do distrito da Guarda, pois, além de uma grande moagem de cereais, montaram também importantes indústrias de azeite e produção de óleos. E Almendra, graças à actividade dêsses seus filhos, verdadeiramente ilustres, saíu da

sua humildade e entrou no número dos grandes valores económicos do país.

Não fica por aqui a notável capacidade administrativa, bem como o seu espírito de iniciativa, da firma Soares & Irmãos. Os homens que nasceram para trabalhar não podem viver inactivos. Para eles o trabalho é a maior alegria da vida. E esta firma — que revolucionou, na província, a indústria da moagem de cereais, colocando-a no mesmo plano em que se encontram no estrangeiro as indústrias congêneres — tem também os seus interesses ligados, como societária, da firma Borges & Portela, L.^{da}, com fábrica de massas alimentícias em Seixas (Minho) e dá Moagem da Restauração, L.^{da}, esta com a capacidade de produção diária de 100.000 quilos de trigo.

Isto é apenas um apontamento das actividades industriais da firma Soares & Irmãos, mas queremos crêr que, neste número da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, dedicado à Companhia dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga, as nossas palavras bastam para se fazer uma ideia precisa, embora resumida, da importância de uma firma que, em favor da economia nacional, vem desenvolvendo uma extraordinária actividade.



Fábrica de Moagem do Vouga

Oliveira de Frades



OLIVEIRA DE FRADES
— Um trecho do Vouga

EMBORA a mais modesta, Oliveira de Frades é a mais pitoresca e saudável das três vilas existentes no jardim que é o Vale de Lafões.

Os horizontes ricos de beleza, mimo e vastidão que a cercam, os ares puríssimos que a bafejam, as águas frescas e límpidas que brotam das suas nascentes, a rusticidade do seu meio ambiente e a bondade inata dos seus moradores, tornam-na terra apetecida dos que, esgotados com a vida febril e fictícia dos grandes centros, procuram saúde para o corpo e paz para o espírito.

Sem falsas garridices ou fingida modéstia, Oliveira de Frades é serpenteada de ruas soalheiras e arejadas e as suas casas, em vez de se aglomerarem ou sobrepor, em congestão, umas topadas nas outras, como acontece na maioria das vilas e cidades, branquejam, aqui e além, entre os tufos de verdura dos seus quintais.

É antiga esta vila. O seu nome primitivo foi *Ulveira*. É assim designada na carta de Couto que o primeiro rei de Portugal — D. Afonso Henriques — deu aos frades de Santa Cruz, quando esteve nas velhas Caldas de Lafões — hoje Termas de São Pedro do Sul — a tratar-se da fratura da perna que sofreu na conquista aos moiros da cidade de Santarém.

A flor de liz que está ao centro do braço do seu Município é o distintivo da Ordem de Cister, a que pertenceram os frades de São Cristovão (Santa Cruz) de que Oliveira foi Couto.

Pertenceu ao Concelho e Comarca do Ducado de Lafões, passando a cabeça de Concelho em 18 de Julho de 1834 e a sede de Comarca em 31 de Maio de 1900.

Tem um belo edifício onde funcionam todos os serviços públicos com excepção de o dos correios telegráficos e telefones, que têm edifício próprio no cen-

tro da vila, no qual se encontra também instalado o quartel dos Bombeiros Voluntários.

O edifício do Hospital da Misericórdia de Nossa Senhora dos Milagres é também digno de nota. Foi construído há cerca de vinte anos à entrada leste da vila num dos locais mais aprazíveis, donde se disfruta mimosa paisagem.

Situada na margem esquerda do Vouga, a cerca de dois quilómetros, Oliveira de Frades tem fácil acesso a este rio pela estrada que sai do centro da vila e o atravessa em Sejais pela ponte Luiz Bandeira, uma das primeiras construída no nosso país em ferro e cimento.

Tem comunicações fáceis com os principais centros do país por meio do caminho de ferro do Vale do Vouga e por meio da estrada nacional n.º 8—1.ª, que a atravessam.

Numa hora o automóvel vence a distância que a separa de Viseu ou Aveiro e em duas horas o percurso até ao Pôrto ou Coimbra.

Os que, habituados à vida da cidade, se não conformam com as longas, quietas e soturnas noites da maioria das terras da província, podem ficar sabendo que Oliveira de Frades está ótamente iluminada com luz eléctrica, tem um amplo salão na Associação dos bombeiros onde se pode conversar, jogar, dançar e ouvir rádio e tem um aseado café no ponto mais central, onde, além da bebida característica — sempre fresca, quentinha e saborosa — há grande variedade de outras, em sortida garrafeira, incluindo o regional e capitoso vinho verde.

Se é indiscutível, pela consagração da cantiga, que *«Lafões é um jardim»*

Oliveira de Frades é, sem dúvida, um dos seus canteiros mais mimosos.

A. M.



OLIVEIRA DE FRADES — Ponte Luiz Bandeira em Sejães

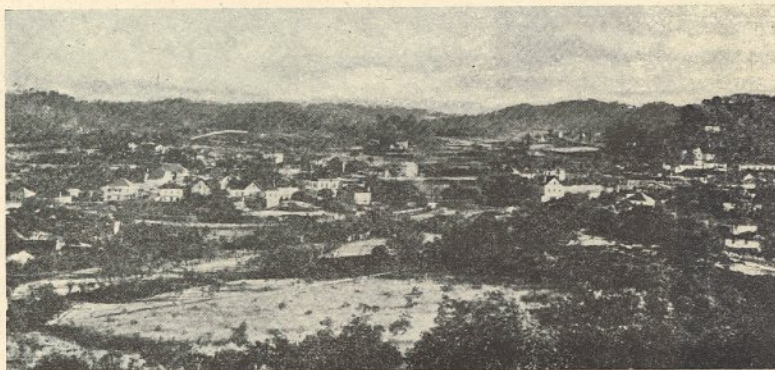
PADARIA OLIVEIRENSE
— DE —
MANUEL OLIVEIRA NUNES

OLIVEIRA DE FRADES

JOSÉ RODRIGUES

Mercearia, Papelaria, Chá, Café e Diversos Artigos

OLIVEIRA DE FRADES



OLIVEIRA DE FRADES — Vista parcial norte

CAMILO AUGUSTO DA COSTA

COMERCIANTE — Depositário da Companhia
Portuguesa de Tabacos e da Fosseira Portuguesa

OLIVEIRA DE FRADES

AMADEU LUIZ TEIXEIRA

FAZENDAS, MIUDEZAS E MERCEARIA
CORRESPONDENTE BANCÁRIO
Edição especial de postais com vistas da Região

OLIVEIRA DE FRADES



OLIVEIRA DE FRADES—Rua Dr. António José de Almeida

Comércio Geral de Madeiras,
Lenhas, Cortiças e Resinas

MERCEARIAS E CEREAIS
(POR JUNTO)

CORRESPONDENTE BANCÁRIO
TRANSPORTES «A LAFONENSE»

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Viuva de Manuel Ferreira Martins

TELEFONE 2

Vale do Vouga — Pinheiro de Lafões

Lourenço Tavares d'Almeida

Comércio de Madeiras e Lenhas

— Sal, Telha e Cal —

OLIVEIRA DE FRADES

Serafim Luís da Silva

— RIBEIRADIO —

Chá, café, bolachas, manteiga, mercearia de toda a qualidade, legumes, cereais e velas de cêra, em qualquer tamanho. — Ferragens, cal, cimento, telha, tijolos, ferro, aço, fundições, charruas e todos os acessórios. — Tintas, óleos, drogas, chapas em vidro, louças em vidro, em esmalte e fundida.

Correspondente dos Bancos Nacional Ultramarino — Aveiro, Espírito Santo e Aliança — Pôrto

Largo da Igreja — RIBEIRADIO

Telefone CABINE 2

Choupeiros Alves & Silva

NEGOCIANTES DE PESCADO, OVOS E CEREAIS
 ——— CAMIONETAS DE ALUGUER ———

AVENIDA NOVA—OLIVEIRA DE FRADES

LOJA NOVA

DE
LOPES & ARÊDE

MERCEARIAS, MIUDEZAS, FAZENDAS
 ——— E FERRAGENS ———

RIBEIRADIO

Telefone 3

Ferreira Lopes

Correspondente Bancário

FÁBRICA DE MOAGEM «SANTO ANTÓNIO»

RIBEIRADIO

A PÉROLA DE LAFÕES

DE
Agostinho Fernandes Correia

MERCEARIA, VINHOS, FERRAGENS E
 MIUDEZAS—SORTIDO COMPLETO DE
 ——— ARTIGOS FUNERÁRIOS ———

OLIVEIRA DE FRADES

PENSÃO AVENIDA

Óptimas refeições, Bons, Higiénicos e Confortáveis quartos, instalações eléctricas em todas as dependências

O máximo conforto—O máximo asseio
 OLIVEIRA DE FRADES

CENTRO COMERCIAL RIBEIRADIENSE
 DE

Alexandrino Soares Ribeiro

Mercearias, Fazendas, Miudezas, Tabacos, Vinhos finos e comuns—Artigos funerários, calçado, etc.

Pensão Comercial
 RIBEIRADIO

Alexandre Magno Correia de Lemos

Garagem—Acessórios—Oficina Mecânica

Depositário da Socony Vacuum Oil Company—
 Productos lusalite—Material Eléctrico—Philips
 Rádio—Correspondente Bancário—Seguros

OLIVEIRA DE FRADES Telefone CABINE 2

Café Ideal

CONFEITARIA

AURELIANO GOUVEIA

Mercearia fina, Cervejaria, Vinhos, Artigos fotográficos, Novidades para brindes

OLIVEIRA DE FRADES

ESTABELECIMENTO
 DE

Maria Arminda de Oliveira

MERCEARIAS, VINHOS, TABACOS,
 —::— PETISCOS, MIUDEZAS —::—

LARGO DA ESTAÇÃO—OLIVEIRA DE FRADES

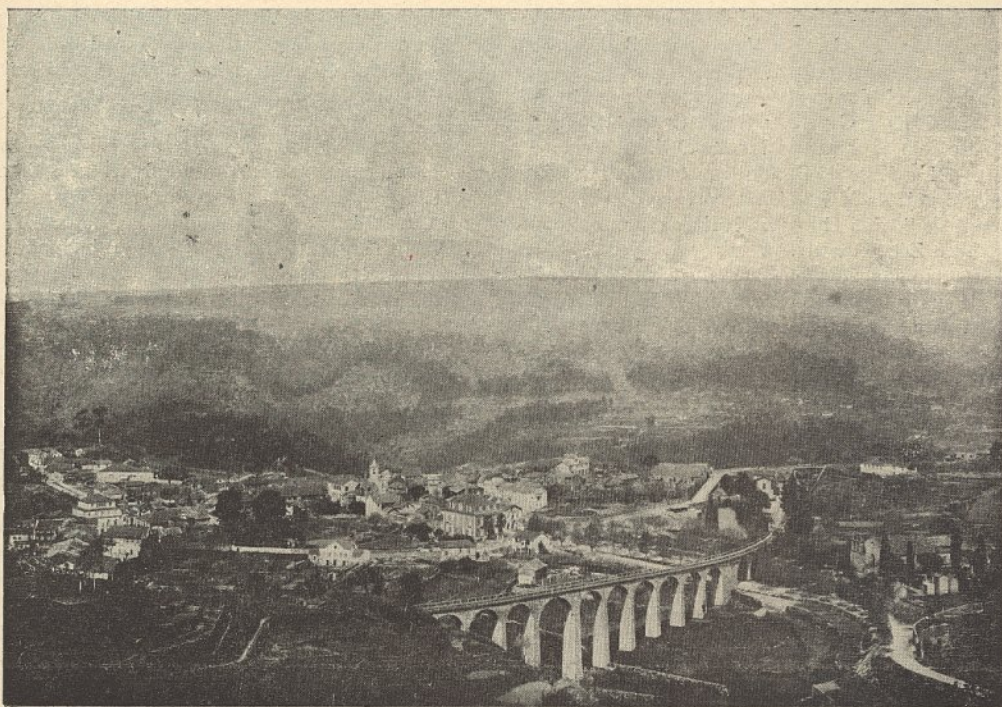
A PRIMOROSA Carlos Pereira da Silva

Estabelecimento de Fazendas, Mercearia, Chá, Café, Vinhos Finos, Tabacos e Ferragens—
 Papelaria, Artigos religiosos—Depósito de
 ——— telha Marselha ———

OLIVEIRA DE FRADES



VOUZELA—IGREJA MATRIZ



VOUZELA — Vista parcial

Breves apontamentos sôbre a história e turismo de VOUZELA

Pelo Dr. JOSÉ COUTINHO

As origens da vila de Vouzela, o seu desenvolvimento como povoação, e a sua importância política e administrativa, são factos que, desde tempos remotos e até ao século XVIII, se deduzem da existência dos seus monumentos e das referências enunciativas de papeis antigos, mas de que não há, ou pelo menos não são do conhecimento dos abundantes trabalhos escritos com intenção de fazer história.

É de presumir que existam sepultados em arcos públicos ou particulares ainda não explorados.

O Prof. Doutor Amorim Girão, afirma que Vouzela como núcleo de povoação remonta à data do domínio Romano na Península, por ficar situada no cruzamento de duas antigas vias militares, hoje co-

nhecidas pelos nomes de *Estrada Velha* — uma que vindo de Figueiredo das Donas e Fatacenços, seguia por Vilharigues em direcção a Águeda — e a outra que pela Sernada e Vau passava pelo primitivo «Balnearum» romano das Caldas de Lafões e por S. Pedro do Sul em direcção a Castro Daire.

O nome da terra deriva de Vaucella, nome romano do ribeiro que a abraça, palavra cuja semântica deu na designação abreviada de Zela para o Ribeiro e de Vouzela para a povoação.

Há documentos dos primeiros tempos da monarquia em que a vila aparece como Bouzela. Dos monumentos a que aludimos impõe-se em primeiro lugar a Igreja Matriz (Monumento Nacional), em estilo romântico dos fins do século XII ou princípios do

XIII, mas são também notáveis abundantes castelos ou tórres (Alcofra, Cambra, Vilharigues, Brandavizes) antigas casas solarengas armoriadas e numerosas casas do século XIV, a antiga casa dos Paços Municipais (sec. XVII), a Capela do Santo Cristo, a fonte da Nogueira com as armas do Infante D. Luís, irmão de D. João III, a fonte do Pepino com o braço dos Távoras, a Igreja da Misericórdia, barrôco do séc. XVI, a Capela de S. Frei Gil (séc. XVIII), a ponte Romana sôbre o Zela, etc., etc..

Êstes monumentos que atestam a antiguidade da Vila e a sua categoria, constituem ainda hoje regalo da vista para amadores e estudiosos, e atrativo para os numerosos turistas que a visitam e aqui passam a estação calmosa.

Mas Vouzela pode ainda invocar outros títulos comprovativos da sua importância passada, como por exemplo, a criação da sua grande feira mensal por D. Denis em 1307, a regalia de sede de uma antiquíssima Comarca Judicial e do velhíssimo Concelho de Lafões, o foral de D. Manuel, a existência de vários coutos e honras, a sua Misericórdia, fundada em 1498 pela Rainha D. Leonor.

O Concelho de Vouzela, fica situado na parte oci-

dental do distrito de Viseu, constituindo um recanto senão extremamente pitoresco pela variedade de aspectos próprios da região, caracterizada pelo extraordinário relêvo do terreno.

Das margens encantadoras do Vouga, que lhe passa a norte, a pequena distância da sede até aos panoramas empolgantes da Senhora do Castelo, do Cruzeiro do Gamardo, da Penoita e muitos outros pontos elevados, tudo é belo e diferente.

A vila é dotada de todos os requisitos modernos como luz eléctrica, rêde de esgotos, água de primeira ordem, ruas pavimentadas a paralelepipedos, boas casas comerciais e esplêndidos hotéis e pensões.

Sob o ponto de vista de comunicações é servida pelo Caminho de Ferro do Vale do Vouga e pelas Estradas Nacionais n.º 8—1.ª, 33—2.ª e ramal da 39—2.ª.

A sua esplêndida situação geográfica, a sua magnífica paisagem e as comodidades que oferece a quem pretende descansar, fazem com que como estância de turismo seja das mais procuradas no verão por todos que longe dos grandes centros pretendem retemperar-se e recuperar energias para de novo se lançarem na luta pela vida.



VOUZELA — Paços Municipais

A Vouzela... pelo Vale-do-Vouga

Por J. MOREIRA VINHAS

É particularmente a Si — leitor amigo — a Si que vive preso aos grandes meios — ouvidos cheios de ruídos sem conta e organismo gasto por excessos de toda a ordem — é a Si — que precisa de retemperar forças e de cuidar da saúde abalada — que convido a fazer uns dias de repouso nestas encantadas paragens, vivendo mais conforme a Natureza, respirando o ar lavado da montanha, longe da única vida que conhece — a vida dinâmica das grandes metrópoles — mas pertinho do sol, pertinho do céu, pertinho de Deus...

Não pense mais, leitor; prepare as malas e venha comigo à Vouzela... pelo Vale-do-Vouga.

Em Espinho, a ridente e cosmopolita suzerana da Costa Verde, ou, em Aveiro — a cidade dos canais e das salinas — espera-o o combóio pequenino e aceado ou, se prefere, a automotora — a última palavra em transportes sobre terra, felicíssima criação do Vale-do-Vouga em Portugal.

Escolha uma janela do lado esquerdo e veja S. João da Madeira — o maior empório industrial da região, ou as lezírias do Águeda e a confluência deste rio com o Vouga, cêrca de Eírol. Veja Oliveira de Azemeis, adivinhando o seu famoso santuário de La-Sa-Lete

ou, as curvas caprichosas do Vouga, rastejando o monte de Serem, perto de Macinhata. Atente em Sernada, a despida montanha de ontem, e, compare-a com a risonha povoação de hoje. Admire, além de Carvoeiro, a corrida, em paralelo, de todas as vias de comunicação: a fluvial, a ordinária, a férrea e... a aérea. Fuja à barragem que lhe faz, em Paradela, a grande fábrica de moagem e, estenda a vista sobre o monte fronteiro. Repare em Ribeiradio, um pouco antes de atingir a respectiva estação. Olhe Oliveira de Frades, a mais sanatorial das vilas de Lafões e, transposta a pequenita estação de S. Vicente, deixe perder a vista num mar imenso de giestas e urzes, fêtos e rosmaninhos, carquejas e matos, de verduras diversas, uns, e floridos, outros, todos confusos em graciosa matiz.

Mas, quando após uma curva brusca da linha se

lhe deparar espesso renque de eucaliptos, preste atenção à pequena clareira que se lhe segue: lá em baixo, no fundo do vale, aconchegada no seu casario multiforme, sorri-lhe, meigamente, qual donzela recatada — Vouzela, a terra de promessa.

Volvidas escassas centenas de metros e passado o viaduto do caminho de ferro — o que de mais belo, no género, se conhece — eis-nos chegados:

O leitor deseja, certamente, desembaraçar-se da bagagem e do pó do caminho e, então, aqui tem a Palácio-Pensão Mira-Vouga (eu preferia chamá-lo Palácio-Hotel), com cinquenta quartos recheiados de mobília moderníssima, belos «apartements», espaçosa sala de mesa, deliciosa cosinha, tudo num ambiente de conforto, acio e mesmo relativo luxo, além do á-vontade em que o põe o seu proprietário-gerente, cem-por-cento atenções e delicadas, Sr. Eduardo Marques Pereira. Mas se prefere alojamento mais modesto, sem abdicar do natural desejo de fruir acio e mesa saudável, aconselho-lhe a «Pensão Marques», do sr. José Rodrigues Marques ou a «Casa do Polícia», do sr. Augusto Lourenço Ferreira.

E agora, que se instalou a seu gosto e satisfaz as exigências do estômago, tome contacto com a

terra: Esta gente, que sintetisa o espírito beirão em toda a sua plenitude, há-de, de princípio, parecer-lhe mais concentrada do que comunicativa. Entretanto, fale-lhe das belezas do seu rincão, cite-lhe o nome dos seus heróis, como o alferes Duarte de Almeida (O Decepado de Toro) e dos seus santos, como S. Frei Gil, e brusca transição se operará: em cada Vouzelense terá um amigo sincero e em cada peito um coração aberto para lhe dar aquela hospitalidade, aquele acolhimento afável, dos povos da Beira.

Visite, entre o comércio local, as casas Aires Pedro, Sapataria Vouzelense, Correia de Figueiredo & C.ª, e, o Café Sport e, no regresso à sua Pensão, peça que lhe mandem servir o jantar lá em cima, no monte do Castelo. Entretanto, ascenda, pelos atalhos, a êsse local de maravilha e, chegado que seja, pòste-se na amurada, lado norte, da pequena capelinha alvinitente.



J. MOREIRA VINHAS — Director da Associação dos B. Voluntários, da Associação de Futebol e da Comissão de Festas da Vila de Vouzela



VOUZELA — Estação, vendo-se a Palácio Pensão Mira Vouga

Quede o coração, para que os olhos lhe guiem a alma à etérea mansão do belo, e, admire o mais vasto, o mais variado, o mais surpreendente panorama de tôda a sua vida :

Ali, pertinho, à direita parecendo fugir-nos montanha abaixo, as povoações de Calvos, Crescido e Fataunços. Mais ao fundo, espreitando por entre as ramagens dos pinheiros, dos carvalhos e das mimosas, a velha vila do Banho, hoje Termas de S. Pedro do Sul. Mais além, onde uma encosta termina e outra começa, imponente na sua grandesa populacional a vila dêste mesmo nome e, mais para a esquerda, marinhando as diversas ramificações da Gralheira e do Caramulo, uma imensidade de povoações, entre as quais se distinguem as de Cónega, Baiões, Bordonhos, Ferreiros, Carvalhais, Freixo, Figueirosa, Serrazes, Santa Cruz da Trapa, S. Cristovam, S. Joane, a vila de Oliveira de Frades, Souto de Lafões, Ferreiros de S. Vicente, Vilharigues, Ventosa...

A nossos pés Vouzela, languida, de rôsto afo-

gueado no rubro dos seus telhados, olhando, enleuada, o monte onde estamos, o Gamardo (com o seu Cruzeiro da Fundação) e o Vilharigues (com o seu Castelo que a tradição nos diz ter pertencido ao «Decepado» ou a sua família) — três montes — três namorados ciosos do seu amor pela linda Vouzela, três sentinelas vigiando atentas, êste torrão bendito.

Lá em baixo, serpenteando num deslizar lento, como a justificar os primeiros versos do poeta Lafonense Correia de Oliveira... o Vouga...

Olha o Vouga, entre verduras,

Como vai de-vagarinho...

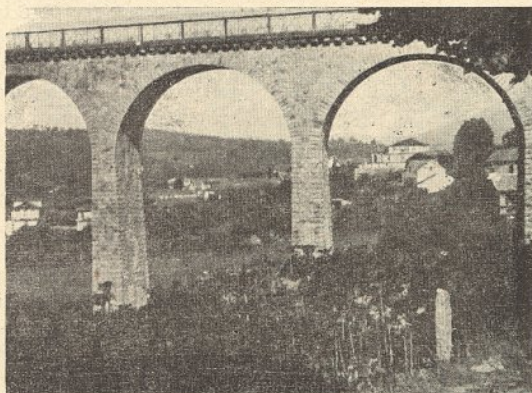
Parece que vai pasmado

De ver tão lindo caminho.

Mas as cristas das árvores, doiradas pelo sol morrendo, anunciam-nos a proximidade da noite. Cerre os olhos, para que possível lhe seja deixar êste paraíso de sonho e desça até ao largo aonde, sob a fronda amiga e junto da fonte murmurante, o espera o seu repasto. Saboreie-o, com aquêlê appetite que a serra nos dá e, tomando o carro que perto o aguarda, desça, agora pela estrada zig-zaguante, até à vila.

Goze, um pouco da noite, a frescura das tílias no jardim «Duarte de Almeida» onde a Banda de música local se faz ouvir e, enquanto o dilecto filho desta terra e Ilustre Presidente do seu Município, Ex.^{mo} Sr. Doutor José Rodrigues de Almeida Coutinho lhe fala da Vouzela histórico-turística, eu despeço-me.

E quando o leitor se despedir também, para regressar ás suas lides, lá longe, na cidade imensa onde se vive depressa e depressa se morre, há-de sentir bem na alma o desejo ardente de voltar muitas e muitas vezes... A VOUZELA... pelo Vale-do-Vouga.



VOUZELA — Um lindo quadro (viaduto do C.º de Ferro)



VOUZELA
 Capela de S. Frei Gil
 (O Fausto Português do Século XVIII)

AIRES PEDRO

BOLAS, CABEDAIS, FAZENDAS, LÃ, ALGODÕES,
 CAMISARIA E CALÇADO

Telefone VOUZELA

SAPATARIA VOUZELENSE

DE

Manuel José da Silva

Rua Morais de Carvalho — VOUZELA

MERCEARIA E VINHOS

DE

Augusto Lourenço Ferreira

AVENIDA JOÃO DE MELO
 VOUZELA



ALMOÇOS E JANTARES



(AO FUNDO DA AVENIDA DA ESTAÇÃO DO
 CAMINHO DE FERRO DO VALE DO VOUGA)

Correia, Figueiredo & C.^a, Suc.^{tas}

Estabelecimento de Merceria, Papelaria, Miudezas, Louças,
 Ferro, Ferragens, Ferramentas, Material eléctrico e lâmpadas

Aparelhos de Rádio RCA e GE

Rua Conselheiro Morais Carvalho VOUZELA

CAFÉ SPORT

de **Augusto Homem da Rocha**

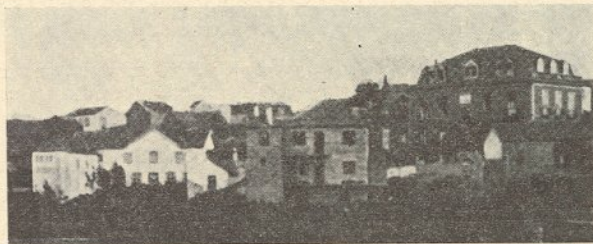
Merceria, Fazendas, especialidades em vinhos
 finos e da região, e dos verdadeiros pasteis
 de Vouzela

Praça Morais de Carvalho — VOUZELA

José Maria de Almeida

ESTABELECIMENTO DE
 COMIDAS E BEBIDAS

CARVALHAL DO ESTANHO
 Vouzela



Pensão Marques

DE

JOSÉ RODRIGUES MARQUES

SEMPRE COM OS MELHORES VINHOS DESTA REGIÃO
EXPERIMENTAR ESTA CASA, É CONTINUAR A PREFERI-LA

— ASSEIO — HIGIENE —

V O U Z E L A

António Nunes Bernardes

CONCESSIONÁRIO DAS MINAS

«EIRAS», «MOITA DO DINHEIRO»
E «CERDEIRINHA»

QUINTELA-QUEIRÃ

V O U Z E L A

Empreza Mineira de Vouzêla, L.^{da}

SEPARAÇÃO, TRATAMENTOS
DE MINÉRIOS E FUNDIÇÃO

V O U Z Ê L A — B E I R A A L T A
T E L E F O N E 1 2

Sociedade Industrial Mineira da Vergada, L.^{da}

SEPARAÇÃO, TRATAMENTO
DE MINÉRIOS E FUNDIÇÃO

V E R G A D A — V I L A D A F E I R A
T E L E F O N E L O U R O S A 3

Alvaro Joaquim Correia

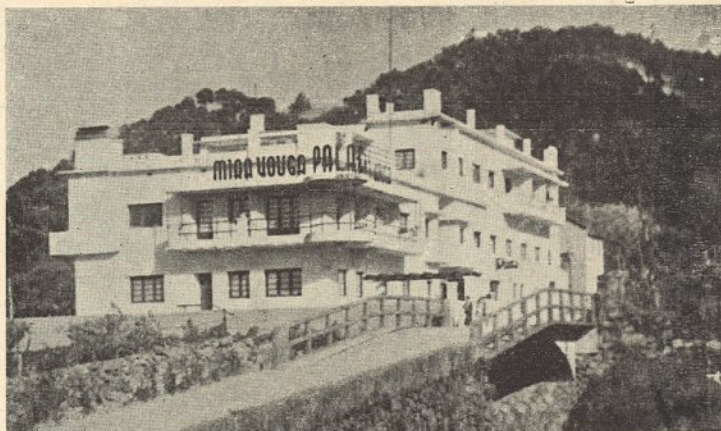
MÉRCEARIA, VINHOS E MIUDEZAS



ESPECIALIDADE EM CHÁS E CAFÉS
VINHOS VERDES DA REGIÃO



Carvalhal do Estanho—VOUZELA



Palácio Pensão Mira Vouga

VOUZELA — Telefone 10

COMODIDADES DE GRANDE HOTEL

Instalada em magnífico edificio moderno, com grandes terraços, panorama deslumbrante e sobranceira à estação de caminho de ferro

A 3 quilómetros das Termas de S. Pedro-do Sul e com transporte :—:—: automóvel para quem precise de fazer uso das águas :—:—:

Frondoso e magnífico PARQUE com palacete, para recreio dos Ex.^{mas} hóspedes

Grande salão de recreio e «dancing» — «Rink» de patinagem nos terraços

«Apartements» com quarto, escritório e casa de banho privativa.—Quartos confortáveis com água encanada, mobiliário moderno e óptimas camas.

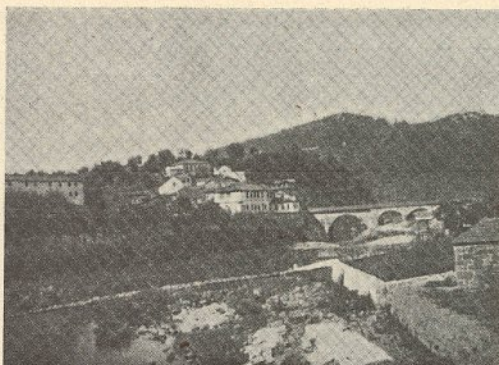
VERDADEIRA ESTÂNCIA DE REPOUSO

COSINHA DE RECOMENDAR

Única no género em Portugal

GRANDE GARAGEM

(ABERTA TODO O ANO)



Um trecho das Termas de S. Pedro do Sul

S. Pedro do Sul

e as suas termas

P o r A . B A R B O S A

É um dos concelhos mais populosos e importantes da Beira Alta. Tem, a sua sede, uma situação privilegiada, na confluência dos rios Vouga e Sul, e do Trouce. Os seus encantos naturais, que a tornam muito visitada, mereceram a denominação, que lhe é atribuída, de Sintra da Beira. Porém o que mais a notabilisa são as suas termas — estância de águas medicinais das mais preciosas do País, não só pela altíssima termalidade de 69 graus e abundante caudal de mais de 1 milhão de litros em 24 horas, mais designadamente pelas maravilhosas virtudes medicinais que muito as recomendam. A sua atraente beleza e graciosidade têm, a imprimir-lhe o cunho de antiguidade, a chancela histórica.

Existe ainda, nelas, a piscina D. Afonso Henriques — monumento nacional — em

que fez tratamento e se curou o fundador da nacionalidade, da fratura de uma perna, na refrega de Badajoz.

Freqüentadas foram também por D. Diniz, D. Manuel I, D. Pedro, Duque de Coimbra e outros muitos nobres de antigas eras, e, últimamente pela rainha D. Amélia, aqui também curada da sua doença de garganta. Durante alguns anos — em 1894 e seguintes — por ocasião das vilegiaturas termais, aposentou-se, nesta vila, a última rainha, ainda então aureolada de esplendor físico e realengo, no palácio do ilustre Marquês de Reriz — avô do actual titular — com os principes, seus filhos, um dos quais veio depois a reinar — D. Manuel II. A estada da nobre Senhora, nesta região, deu lugar a que aqui fôsse visitada pelo seu régio consorte, o Rei D. Carlos.

Devido a doença grave do primogénito da família Reriz, habitou, no último ano de tratamento, a vivenda de Fôrno Telheiro, da família Pinto Leite, do Pôrto.

* * *

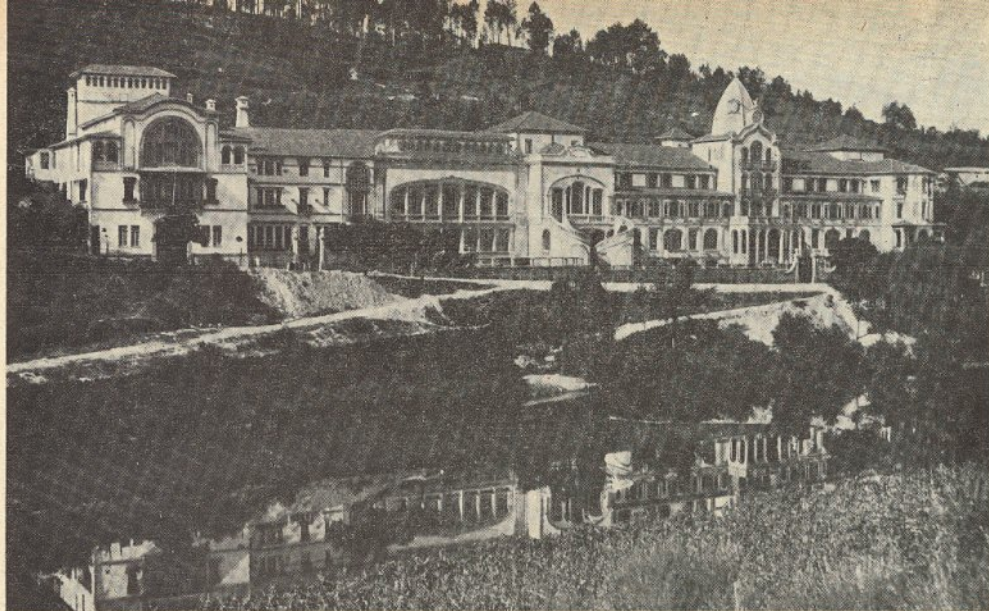
Têm estas afamadas termas sido objecto de grandes melhoramentos, por parte da edilidade concelhia e também da Junta de Turismo; motivo porque dos diversísimos tratamentos que no elegante e higiênico balneário se fazem, com água sulfurosa a jorros e o aproveitamento da sua excepcional e elevada temperatura, resultam as maravilhosas curas, que aqui estão atraindo doentes e turistas de todos os pontos do país e também do estrangeiro, e de-

signadamente das grandes cidades portuguesas. Outros grandes empreendimentos se esboçam e vão ter breve estudo e execução, por parte da actual Municipalidade da presidência do ilustre sampedrense, dr. Francisco Cardoso Monís, a qual vai levantar um empréstimo, em parte para êsse fim.

Activamente se trabalhou, para um melhoramento importante e de vulto ser franqueado, aos aquistas nesta quadra termal,—o «Palácio-Hotel», últimamente adquirido pelo médico sr. dr. Luiz José Seromanho, grande capitalista, que, pelo seu espirito empreendedor, poderá dar grande incremento ao progresso destas preciosas Termas, de cura, repouso e turismo.



Solar antigo da familia Malafaia em Serrazes



Palácio Hotel das Termas de S. Pedro do Sul, inaugurado recentemente

PENSÃO SOCIAL

de DANIEL RODRIGUES FIGUEIREDO

Mercearia e Tabacos—Especialidade em vinhos Verdes,
—:— Branco e Tinto engarrafados, da região —:—

AVENIDA DO THEATRO—S. PEDRO DO SUL

CASA AVENIDA DE

MANOEL DE SÁ QUINTELA

Fazendas, Miudésas, Mercearias, Papelarias, Bebidas
e muitos outros artigos—Especialidade em Chá e Café
— Agente das máquinas SINGER para coser

S. PEDRO DO SUL

PENSÃO COELHO

(A mais próxima dos Paços do Concelho)

Esmerado tratamento—Os melhores vinhos regio-
nais—Quartos higiênicos—Boa sala de jantar—
— Ar e luz—Asseio, conforto e seriedade —

S. PEDRO DO SUL

Leovigildo Rodrigues Pereira

TUBOS DE GRÊS, TÊLHA, CAL,
CIMENTO E SAL

S. PEDRO DO SUL

MERCEARIA LAFONENSE
DE

José Rodrigues Pereira

MERCEARIAS FINAS, VINHOS FINOS, LI-
CORES, BOLACHAS, CHÁS, CAFÉS, PA-
— PELARIAS E VARIOS ARTIGOS —

Rua Serpa Pinto—S. PEDRO DO SUL

PADARIA PRIMOROSA

DE ALVARO DE FIGUEIREDO

Telefone 25

S. PEDRO DO SUL

ANTÓNIO BAPTISTA

MERCEARIAS, LOUÇAS, VIDROS E OUTROS ARTIGOS
ESPECIALIDADE EM AZEITES FINOS—SEMPRE OS
MELHORES CAFÉS

Sub-Agente da Companhia Inglesa de Seguros Pearl Assurance Company, Ltd.

Agente da Shell Company Of Portugal, Ltd.

Telefone 29

S. PEDRO DO SUL

CASA RIO MINHO

DE

MANUEL ANTÓNIO DA CHÃ, SUC. RES

TINTAS, VIDROS, LOUÇAS, FERRAGENS, MERCEARIA
E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

S. PEDRO DO SUL—RUA MARQUEZ DE RERIZ

(Antiga Rua Direita)

Augusto Clemente da Costa

Gazolina e Óleos—Acessórios para automóveis—Vulcanizações
— Aplicação de cargas em baterias—Bicicletas e seus acessó-
rios—Material eléctrico, lâmpadas, rádios e outros artigos

S. PEDRO DO SUL

Telefone 26

EDGARD SANTOS E VASCONCELOS

(CARLOTA SANTOS, SUCESSOR)

CAFÉ—CONFEITARIA—FOTOGRAFIA

S. PEDRO DO SUL

TELEFONE 10

SERRAÇÃO HIDRAULICA DA PEDREIRA

MADEIRAS—CAIXOTARIA

S. PEDRO DO SUL

End. Teleg.: LILDA

Telef.: 37 — S. Pedro do Sul

Lafões Industrial, L.^{da}

Central Eléctrica — Serração

Sucursal em VISEU

— Carpintaria — Moagem

Depósito em ESPINHO

CENTRAL ELÉCTRICA:

PRODUCTORA E DISTRIBUIDORA DE ENERGIA ELÉCTRICA NOS
CONCELHOS DE S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades
— INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES ELÉCTRICAS.

SERRAÇÃO:

CARPINTARIA MECÁNICA, MADEIRAS EM TOSCO E APÁRELHA-
DAS, ESQUADRIAS E CAIXOTARIA.

MOAGEM:

FARINHAS DE MILHO, CENTEIO E CEVADA.

Administradores: Alexandre Marques da Silva, António Lourenço Portelo

S. PEDRO DO SUL — PORTUGAL

Telegramas: VIÚVA MIRANDA

Telefone: 16

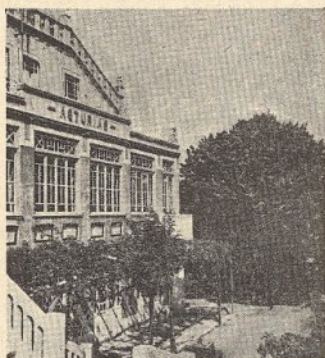
A COMPETIDORA V.^a de Gregório Duarte Miranda

MERCEARIA, FERRAGENS, UTILIDADES E CEREAIS

DEPOSITÁRIO DOS ESPUMANTES DA RAPOSEIRA
—:— E VINHOS DO PORTO «BORRAJO» —:—

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

S. P E D R O D O S U L



PENSÃO "ASTURIAS"

Higiene, conforto e boa cozinha

SALÃO DE MÚSICA COM BAR
(APARELHO DE RÁDIO)

GARAGEM GRÁTIS PARA AUTOMÓVEIS
PARQUE PRIVATIVO

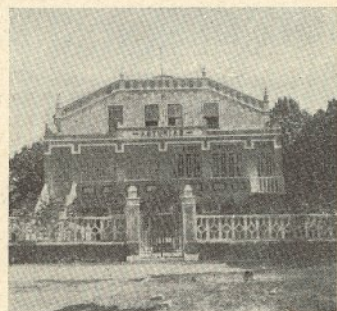
SITUADA NAS

TERMAS DO CARVALHAL
CASTRO DAIRE

APRAZIVEL ESTÂNCIA PARA REPOUSO E CURA
500 METROS DE ALTITUDE—AR PURO E SÊCO

Proprietário: **DARLINDO FERREIRA LOPES**

Representado no Carvalhal por: **Daniel Correia**



TELEFONE 26

Adelino & Silva, L.^{da}

Armazém de Mercarias e Azeite

S. PEDRO DO SUL

Termas de S. Pedro do Sul

Grande Pensão Avenida Hotel



BONS QUARTOS AMPLOS COM MUITO ACEIO—COZINHA À PORTUGUESA—ESTA BARATÍSSIMA PENSÃO, FICA MUITO PRÓXIMO DO BALNEÁRIO—A MAIS PREFERIDA PELA FRESQUIDÃO E BOA SITUAÇÃO EM QUE SE ENCONTRA—BOA CASA DE BANHO



Dirigir pedidos ao Proprietário:

Augusto Antunes Gomes

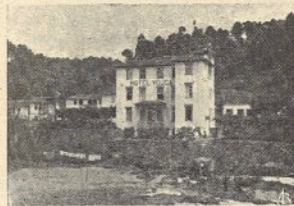
Hotel Vouga

Termas de S. Pedro do Sul

ÁGUAS SULFU-
ROSAS QUENTES

ANTIGAS
CALDAS DE LAFÕES

Próximo do estabelecimento balneario



Fronteiro à Estação Telégrafo-Postal e Telefónica

Esmerado serviço de cozinha—Comodidade, instalações higiênicas, jardim e recreio—Garagem e Corretor a todos os combóios

Diárias desde 30\$00 a 50\$00

Telefone 5

AUTO-REPARADORA LAFONENSE

José Nazaret Júnior



REPARAÇÕES EM AUTOMÓVEIS,
MÓTOS E TODOS OS SERVIÇOS MECÂNICOS—SOLDADURAS
— A OXIGÉNIO —



S. PEDRO DO SUL

Pensão Comércio

ESMERADO SERVIÇO DE MESA E BONS APOSENTOS—TRATAMENTO FAMILIAR

Proprietário: **C. M. SOARES**

(Com estabelecimento de fazendas e calçado)

S. PEDRO DO SUL (VILA)

Telefone 12

Antiga Pensão Bragança

OPTIMOS QUARTOS—MAGNÍFICA COSINHA
— CORRETOR A TODOS OS COMBÓIOS —

DIÁRIAS DE 25\$00 A 40\$00

Telegramas: SILVAS & FARRECA

Telefone 53

Silvas & Farreca, L.^{da}

SAL, PESCADO E OVOS

CAMIONETES DE ALUGUER

S. PEDRO DO SUL

TELEFONE 6

Camilo & C.^a, L.^{da}

DESTILAÇÃO DE RESINA

FÁBRICAS } ALVA-CASTRO DAIRE
E
TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

(ANTIGAS CALDAS DE LAFÕES E DA RAÍNHA D. AMÉLIA)

ABERTAS DESDE 1 DE JUNHO A 31 DE OUTUBRO

As Termas de S. Pedro do Sul, que são nem mais nem menos as antigas Caldas de Lafões e, depois, as da Rainha D. Amélia, estão situadas a 3,5 quilómetros das lindas vilas de S. Pedro do Sul e de Vouzela, no distrito de Viseu. A 150 metros de altitude, e favorecida por clima suave, regular, sem variações bruscas de temperatura, de humidade ou de pressão, as suas águas são famosas: hiper-termiais (68,7°), hipomineralizadas, sulfurosas, sódicas, alcalinas, silicatadas, rádio-activas, puríssimas, e estão indicadas no tratamento e na cura das seguintes doenças:

Reumatismos, afeições catarrais, tórpidas, das mucosas respiratórias (rinofaringites, laringites, bronquites, asma brônquica) e genitais (vaginites, cervicites, metrites, salpingo-ovarites). Tratamento pre e post operatório das rinites hipertóricas, desvios do septo, polipos nasais, adenóides, amígdalas litas etc.. Dermatoses parasitárias ou ligadas a perturbações funcionais viscerais. Sífilis, como adjuvante do tratamento mercurial ou bismútico. Hipotonias gastro-intestinais. Flebites. Hemorróidas. Vícios de nutrição das crianças de origem sifilitica, linfática ou artrítica.

A experiência dos doentes e a observação dos médicos dão como especialização destas águas o tratamento de reumatismos crónicos, com lesões osteo-articulares ou viscerais não completamente estabilizadas. As contra-indicações são as seguintes:

Tuberculoses evolutivas. Cardiopatias descompensadas por lesões próprias. Reumatismo agudo. Cancro.

O Estabelecimento hidroterápico está provido de todos os recursos e aparelhagem próprios dos estabelecimentos desta natureza, estando a sua direcção clínica sob a direcção do Dr. Correia Soares, de Coimbra, que tem como adjunto o Dr. Almeida Feijão, de Penso, S. Pedro do Sul. Há serviço de maagens e fricções medicamentosas (mercuriais, etc.) e aplicação de electricidade médica, ondas curtas, raios infra vermelhos, galvanização e faradização. O preço dos tratamentos é como segue:

Inscrição clínica, com direito a 3 consultas, 40\$00; taxa

de admissão Camarária, 40\$00; Imersão de 1.ª classe, 4\$50; Imersão de 2.ª classe, 3\$00; Imersão gazoso, 7\$00; Duche, 4\$00 e 2\$50; Imersão e duche, 7\$50 e 5\$00; Duche circular, 5\$00; Duche sub-aquático, 7\$00; Pulverização, 2\$00; Aspiração, 2\$00; Irrigação nasal, 2\$00; Tratamento completo, 4\$50; Idem com inalação, 5\$00; Banho de vapor parcial, 4\$50 e 3\$00; Banho de vapor geral, 4\$50; Inalação, 3\$00; Irrigação intestinal, 3\$50; Irrigação vaginal, 4\$00 e 2\$50; Imersão com irrigação vaginal, 7\$50 e 5\$00; Mesa para fricções, 1\$00; Lençol, 1\$50 e 1\$00; Toalha, \$50; Cadeira de rodas, 2\$00; Balança, \$50.

As Termas de S. Pedro do Sul são também uma bela estância turística. Situada no centro do pitoresco Vale de Lafões, providas de esplêndida rede de estradas, próximo da Serra da Estrêla, do Caramulo, do Montemuro e da Região Duriense, proporcionam aos aquistas a visita aos mais variados e surpreendentes panoramas e aos vetustos monumentos desta histórica provincia. Tem ainda o «Balneum» Romano e Piscina de D. Afonso Henriques, a represa do Rio Vouga para natação, barqueação e pesca. Casino.

O acesso às Termas faz-se pelo Caminho de Ferro do Vale do Vouga até à estação do mesmo nome ou pela estrada n.º 8 da 1.ª classe, de Aveiro a Viseu.

Quanto a hospedagem, as Termas estão já bem servidas. Além de um Hotel de Luxo:—Grande Hotel Palácio—dispõe dos seguintes estabelecimentos hoteleiros: Grande Hotel Lisboa, telefone 3, (preços desde 30 a 50 escudos diários), Hotel Vouga, (30 a 50 escudos diários); Avenida Pensão, Pensão Bragança, Pensão Familiar (Casa Santos), Pensão Aguiar. As casas de aluguer são estas: D. Adelina Barbosa, D. Ludovina Ferreira, Domingos Francisco Marques, Arlindo Estevão e Gil de Almeida Casais.

Comunicações: Estação Telégrafo Postal; telefones—Cabine Pública N.º 2. Automóveis de aluguer. Informações: Junta de Turismo—telefone N.º 7 (das 9 às 12 e das 17 às 19 h.).

As Termas de S. Pedro do Sul são uma estância ideal de cura e repouso e, por isso, uma atracção turística do Vale do Vouga.

Grande Hotel Lisboa

TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

80 quartos modernamente mobilados, com água corrente, esplendidas salas de jantar e baile

O melhor e mais bem situado

Espanada para recreio

Diárias desde

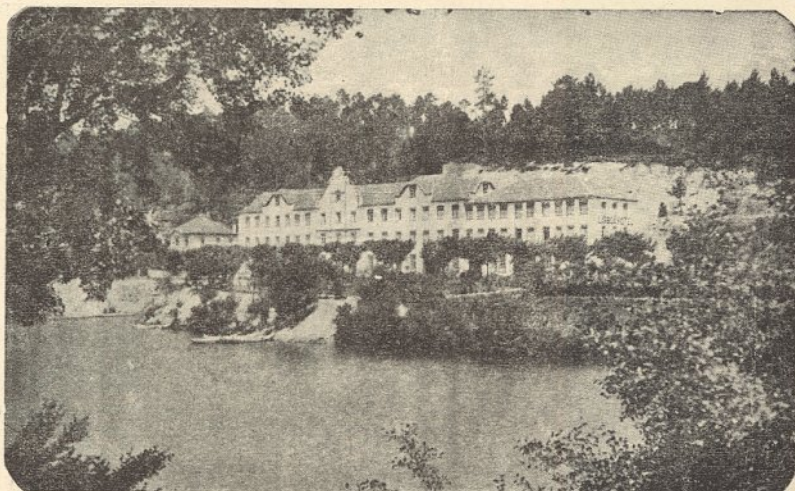
4 0 \$ 0 0



TELEFONE N.º 3

LIGADO Á REDE GERAL DO PAÍS

GARAGEM



Informações em Lisboa: 314, R. dos Fanqueiros, 316 — Tel. 2 6740 — MELO & C.ª (IRMAOS)

Hermínio Correia de Barros

FÁBRICA DE SERRAÇÃO



MADEIRAS DE TODAS AS CATEGORIAS



BORDONHOS

S. Pedro do Sul

A. Marques da Silva & Portêlo

FAZENDAS, CAMISARIA, SAPATARIA, PERFUMARIA, MALAS, MIUDEZAS, SEGUROS

Telefone 14

S. PEDRO DO SUL

PENSÃO RIO SUL

(A CASA DAS EXCURSÕES)

Recomendada pela sua situação geográfica

Confortáveis e higiênicos quartos com água canalizada — Cozinha à portuguesa — As refeições são sempre servidas com os melhores — vinhos verdes regionais, engarrafados —

SERVIÇO À LISTA — GARAGEM

S. PEDRO DO SUL

Telefone 25

Antônio José Bandeira Carvalho

MERCEARIAS, MIUDEZAS, ESPECIALIDADE EM CHÁS, —:— CAFES E MUITOS OUTROS ARTIGOS —:—

RUA MARQUÊS DE RERIZ (antiga Rua Direita)

SITUADO EM FRENTE À AVENIDA DO THEATRO

S. PEDRO DO SUL

Telefone 51

Américo Corrêa de Paiva

Agência Bancária — Companhias de Navegação
Companhia de Seguros

FAZENDAS BRANCAS — LANIFÍCIOS — PERFUMARIA E MIUDEZAS — MEIAS — PEUGAS — PAPELARIA — MALAS E CALÇADO

S. PEDRO DO SUL

Fradique M. d'Almeida Carvalho

LANIFÍCIOS — FAZENDAS BRANCAS — MALHAS — MIUDEZAS — PERFUMARIAS —
CAMISAS ÁJAX

S. PEDRO DO SUL

TELEFONE 13

PADARIA CRUZ DE CRISTO

Viuva de António de Almeida Povoá

FABRICO ESMERADO DE PÃO DE MILHO

S. PEDRO DO SUL

Telefone 32

PADARIA ESTRÊLA

PÃO, FARINHAS, SEMEAS E CEREAIS

Dionízio Vila Maior

MERCEARIA E FERRAGENS — FERRO,
— AÇO E MIUDEZAS —

S. PEDRO DO SUL

José António da Silva

S. PEDRO DO SUL



VISEU — A cidade vista do Campo de jogos de Fontelo

VISEU — Centro de turismo

Por LUCENA E VALE

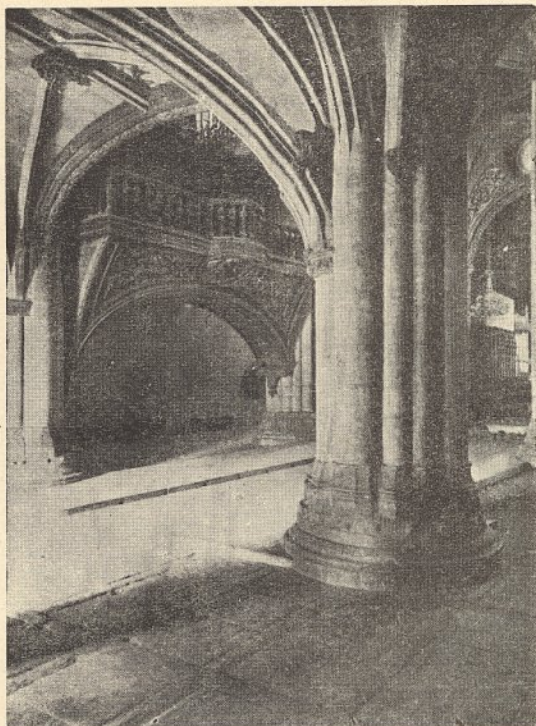
VISEU é por excelência uma cidade *turística* ou, melhor dizendo, foi... Tão certo é que a guerra, mais ainda do que os leitos das antigas estalagens de que fala o Príncipe Lichnowsky, *turista* que por aí andou no tempo da mala posta, é inimiga irredutível do viajar por prazer.

É certo que a situação privilegiada de Viseu ainda não mudou; que a paisagem surpreendente do lindo rincão beirão é sempre a mesma; que os jardins da cidade com verdes relvados e discreta sombra continuam cuidados e viçosos, que a caprichosa *abóbada dos nós* da sua Sé é ainda e sempre curiosa raridade arquitectónica;

que o seu riquíssimo Museu, valorizado dia a dia, se impõe sem cotejos a estudiosos e artistas...

Mas Viseu perdeu o bulício, o movimento, o ar cosmopolita que lhe impõe a sua condição de *ville carrefour*, com grande movimento de automóveis, de visitantes, de excursionistas que por aí passavam, através das aliciadoras estradas da Beira, em tempo em que a gasolina, como tudo mais, se podia gastar à vara larga.

Desapareceram os grupos de ingleses da Urgeiriça que por aí se viam a caminho das neves da Estréla, de calções à *golf*, *kodak* a tiracolo, fumando despreocupadamente o seu cachimbo, de braço dado com



VISEU — A Sé

misses esgrouviadas, de sapato raso, altas que nem um arranha-céus, as faces rosadas de salmão... ao natural. Foram-se os alemães, franceses, tôda a fauna internacional, de mistura com muitos portugueses, que de vilegiatura no Buçaco por aí apareciam, recostados negligentemente em seus automóveis de marca, a caminho da Catedral e do Museu, olhando com discreta curiosidade os recantos pitorescos da cidade, os seus jardins, as suas velharias, num ar de pessoas bem vividas e de gente... que vive bem.

Pela rua Formosa, em frente do Hotel Portugal, do Avenida, estacionavam então filas de automóveis ou passavam carros de praça *au ralenti*, por entre a curiosidade disfarçada dos *mirones* indigenas, abançados no Bijou ou à porta do Pirolito, e, de habituados, já quási indiferentes a este *japão* de todos os dias, a menos que êle fôsse de se lhe arregalar o ôlho...

Nem as camionetas dos grupos domin-

gueiros, alegres e ruídosos, que Portugal inteiro por aí despejava todos os domingos, num ar festivo de romaria nortenha, voltaram a aparecer...

A cidade caíu de novo na modorra antiga, na modorra dos tempos do capitão Biscaia, o Biscaia que regia a banda regimental no Passeio Público, no tempo já remoto em que não havia *turistas* e ainda havia... bandas!...

A gravura curiosa e sugestiva que reproduzimos na página seguinte, mostra-nos *Viseu como centro natural de excursões* no dizer da legenda da mesma. E na verdade, num pronto golpe de vista, o leitor reconhece como, vindo pelo Vale do Vouga até Viseu, fácil lhe é irradiar, vencendo leves distâncias, para tudo quanto a velha Beira tem digno de ver-se, sejam velhos monumentos de arqueologia, sejam velhos palácios de aristocracia rural, sejam famosas estâncias termas ou de repouso, sejam pitorescos trechos de paisagem, desde as elevadas altitudes da nevada Estrêla às campinas da Beira ribeirinha.

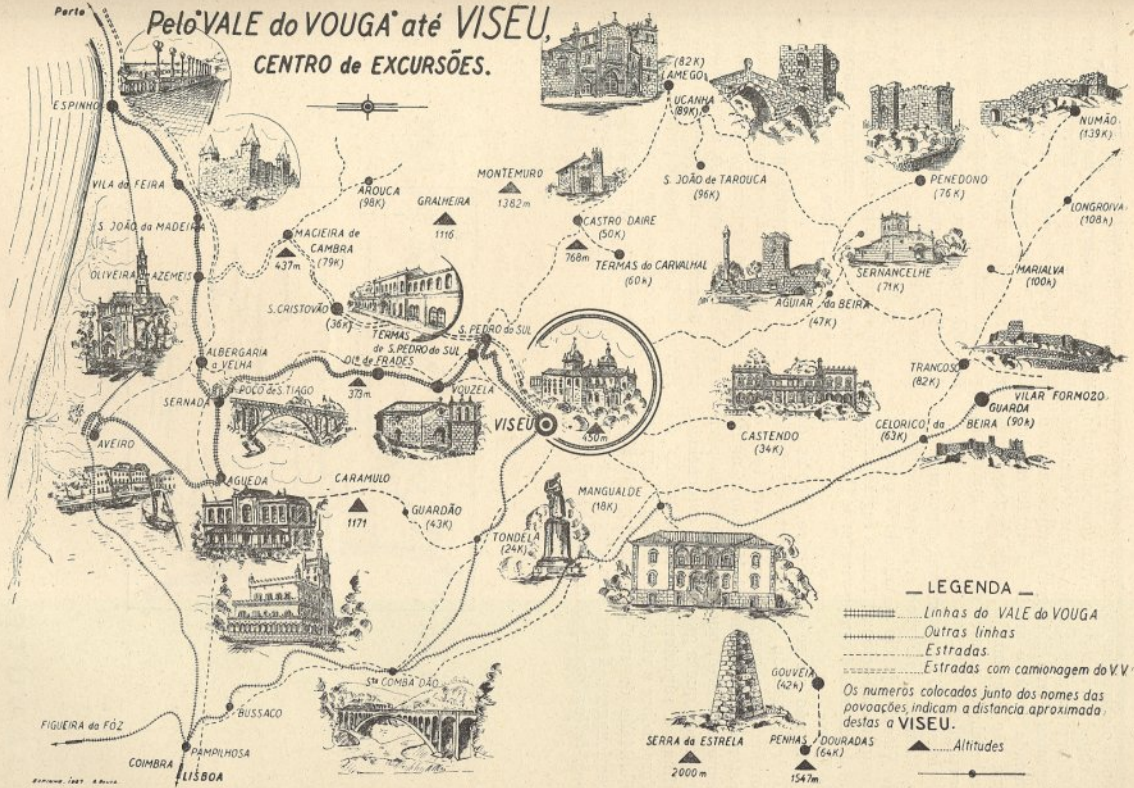
Há que dizer, porém, uma vez que escrevemos numa revista de Caminhos de Ferro, que, embora habilidosamente o autor da gravura haja composto... o ramo, para cartaz do Vale do Vouga, a verdade, a tristíssima verdade, é que, para a maior parte de todas essas apregoados excursões, o turista tem de andar... de automóvel!

Não lhe há-de vir daí grande transtorno, que boas e lindíssimas estradas, cor-



VISEU — Uma sala do Museu de Grão Vasco

Pelo VALE do VOUGA até VISEU, CENTRO de EXCURSÕES.



— LEGENDA —

- ==== Linhas do VALE do VOUGA
 - Outras linhas
 - Estradas
 - Estradas com camionagem do V.V.
- Os números colocados junto dos nomes das povoações, indicam a distancia aproximada destas a VISEU.
- ▲..... Altitudes

553

Edição 1927 - Lisboa

rendo alcatroadas sob a ramagem frondosa de copado arvoredo, o levem cômодamente a tôda a parte, por entre os mais variados aspectos duma paisagem sempre nova e variada como é privilégio da Beira-Alta, que não é apenas o *Solar da Raça*, mas embrechado natural de tôda a paisagem portuguesa.

Mas... só de automóvel, repetimos.

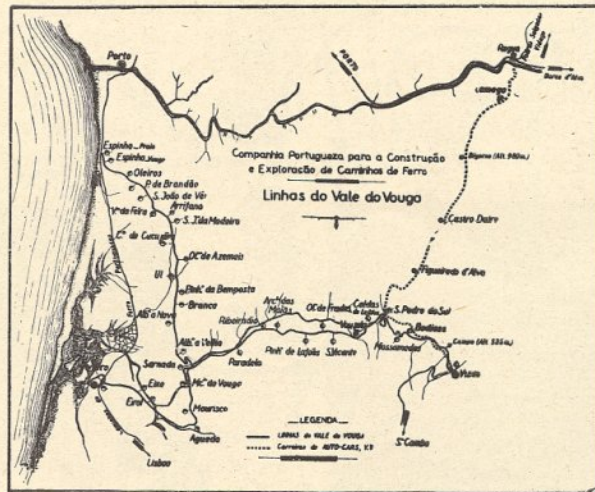
Caminho de Ferro é coisa que não passa de Viseu, seja êle o Vale do Vouga ou a Companhia Nacional! Tôda a região oriental do distrito é campo virgem de Caminho de Ferro.

Eu não sei se o auto-giro, depois da Guerra, vem ou não suplantar o próprio automóvel e revolucionar talvez todo o sistema de viação actual. Mas não há muito tempo, decerto, que nestas mesmas páginas eu li que a guerra havia evidenciado, afinal, a superioridade do Caminho de Ferro sôbre a viação automóvel e a impossibilidade da sua substituição pela rival camionagem. A ser assim, e a manter-se no *post-bellum* que Deus não demore, o reino

já remoto do Caminho de Ferro, parece-nos que há que pôr de novo, no interesse de Viseu e das emprêsas ferroviárias que o servem, o problema de novas linhas que façam de Viseu, real e verdadeiramente, uma cidade entroncamento, como o é por condição natural. Só assim ao cartaz do Vale do Vouga, que reproduzimos, corresponderá então aquela verdade que de algum modo lhe falta...

Até lá Viseu, por falta de gasolina e automóveis, continuará dormindo, até que a paz por que todos ansiamos, baixe de novo sôbre esta pobre e dementada humanidade.

Então, sim, passada a tormenta dolorosa e trágica que o mundo está vivendo, Viseu acordará de novo para o turismo, de novo visitantes nacionais e estrangeiros, vindos de automóvel, de camioneta, de caminho de ferro... hão-de encher, animar e enfeitar a cidade, como bandos de andorinhas em tarde sôlheira de Maio, chilreando alegremente, após dia borrascoso de pesada trovoadra.



Código — BENTLEY'S SECOND PHRASE

Telegramas — MINAS BODIOSA — VISEU

Telefone — BODIOSA 4

Beralt Tin & Wolfram, Limited

MINA DA BODIOSA

VISEU—PORTUGAL

SOCIEDADE COMERCIAL E MINEIRA
DA CORISCÁDA, L.^{DA}

Tratamentos de Minérios

————— e —————

Fundição de Estanho

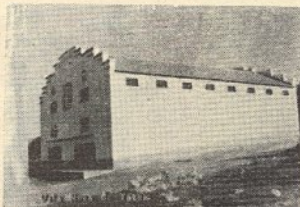
SÉDE:

BODIÓSA—Vizeu



WISEU

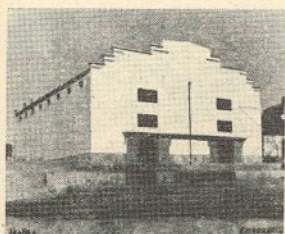
Algumas
das suas
instalações



V. N. TAZEM



Interior



NELAS

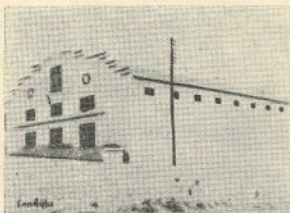
FEDERAÇÃO

DOS

Vinicultores do Dão

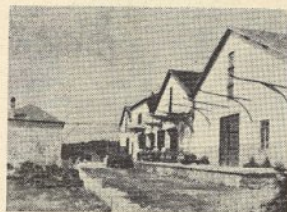


NELAS



TONDELA

ORGANISMO CORPORATIVO
DOS VINICULTORES DA REGIÃO
DEMARCADA DOS VINHOS DO DÃO



WISEU

OS SEUS VINHOS



Alvaro Pinto & C.^a, L.^{da}

Fábrica de Produtos Resinosos

C A M P O - V I S E U

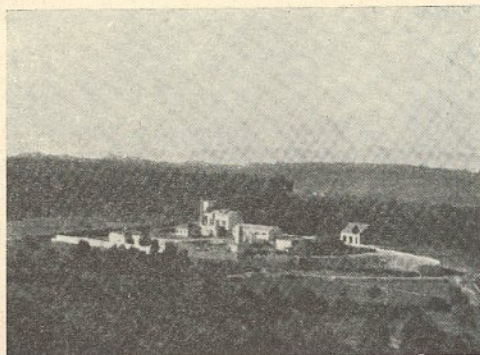
Telefone 297



SEDE

Rua dos Arameiros, 11, 2.º

L I S B O A



Uma das nossas fábricas em Viseu

Teleg.: AÇUCAR

Telefone 32

Tele } fone P. B. X. — 32
gramas «AÇUCAR»

CINE-VIRIATO

E

AVENIDA-TEATRO

EMPRESA ALBERTO RODRIGUES

V I S E U

Alberto Rodrigues

Largo Mousinho de Albuquerque

V I S E U

ARMAZÉM DE MERCEARIA

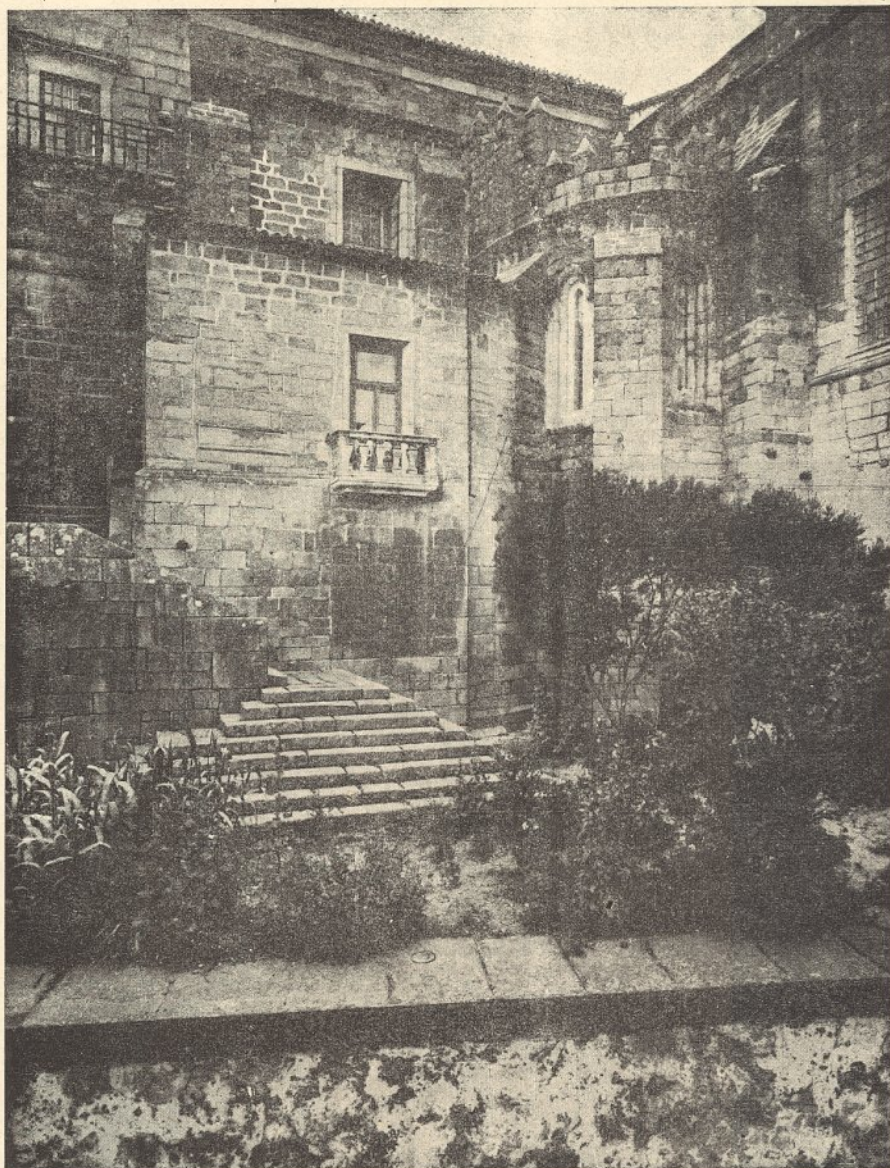
CORRESPONDENTE DO «BANCO BORGES & IRMÃO» — PORTO

DEPOSITÁRIO DE «A TABA-QUEIRA»

ADUBOS «SAPEC» — CALDA «SCHLOESING» E DOS AÇUCARES DA «REFINARIA ANGOLA, LIMITADA»

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS «BONANÇA» E DAS MÁQUINAS DE ESCREVER Royal

MERCEARIA FINA — SORTIDO COMPLETO
Avenida Emídio Navarro, n.ºs 2 e 4



WISEU — Um trecho das trazeiras da Sé

João da Costa Faro

SERRAÇÃO — MADEIRAS
CARPINTARIA — MARCENARIA
CONSTRUÇÃO CIVIL



TELEFONE 255

Campo de Viriato — VISEU

PADARIAS DA BEIRA, L.^{DA}

Panificação — Sistema Mecânico

:—:—: Cereais e Farinhas :—:—:



Tele { gramas PADARIAS BEIRA.
fone 36

Séde — Avenida E. Navarro — VISEU

**Grémio do Comércio
do Districto de Viseu**

Séde — Rua da Associação Comercial

TELEFONE 20

VISEU

Mário Mattos

ALFAIATE-MERCADOR

**CAMISARIA
CHAPELARIA
CONFECÇÕES**

TELEFONE 64

VISEU

**Centro Comercial
das Beiras, L.^{da}**

ARMAZEM DE FAZENDAS
FUNDADO EM 1920

TELEFONE: 50

Avenida 28 de Maio, 3

V I S E U

Madeiras de Construção,
Lenhas e Travessas
de Caminho de Ferro
de _____

António d'Almeida Feijão

VISEU — BARBEITA

Construtora Viseense, L.^{da}

Fábrica de serração, carpintaria e marcenaria mecânicas

Moagem de Cereais—Lagar de Azeite

Construções e fornecimento de Madeiras aparelhadas e em bruto

EXECUTAM-SE OBRAS POR PLANTA, FORNECENDO-SE ORÇAMENTO

AGUIEIRA

Junto ao Celeiro Nacional — Telef. 169

VISEU

TELEF. 215

Manuel Alves Marques

NEGOCIANTE DE MADEIRAS

Especialidade em castanho para construções e vasilhame

ENCARREGA-SE DE FORNECIMENTO
DE QUALQUER VASILHAME

RUA CAPITÃO SALOMÃO — 85

VISEU



Augusto d'Almeida Cardoso

Único concessionário para Portugal
DAS MÁQUINAS DE COSTURA

EXCELLA

RELÓGIOS — Reparações

Rua Miguel Bombarda, 67 a 71
(Junto ao Rocio)

Telefone 368

VISEU

TABACARIA COSTA PAPELARIA

PAPEIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

OBJECTOS DE ESCRITÓRIO

GANETAS DE TINTA PERMANENTE. LIVROS PARA ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

ARTIGOS ESCOLARES,

TINTAS PARA ESCREVER

E PARA DUPLICADOR

Telefone 48 — Rua Formosa — **VISEU**

Jacinto Lopes Gomes

NEGOCIANTE DE VINHO
POR JUNTO E A RETALHO

Monte de Santa Luzia — **VISEU** — Vila Nova do Campo

Jaime de Deus Leite & C.^a, L.^{da}

Ferragens, Tintas, Merceria,
— Cal Hidráulica e Cimento —

TELEFONE 87

100 — Avenida Navarro — 114 — **VISEU**

José Maria de Sousa Cabral

Mercearias, Cereais, Ferragens,
Tintas e Adubos

TELEFONE 37

VISEU

PENSÃO IDEAL

DE

Branca Pais Simões

TELEFONE — 320

Rua Formosa, 94

VISEU

A. Oliveira & Costa, L.^{da}

ANTIGA CASA BRINCA

Ouro, Prata, Joias e Pedras Preciosas—Oficina de
Relojoeiro e Ourives—Relógios das melhores marcas
— Objectos para Brindes e grande sortido em Ouro

36-RUA DIREITA-38 — **VISEU** — Telefone, 234

RELOJOARIA COSTA

Casa especializada em Relojaria e Oculista



Executam-se
todos os tra-
balhos da sua
especialidade

Rua Direita n.º 17

VISEU

Aliança Industrial das Beiras, L.^{da}

Serração — Madeiras — Carpintaria
: — Marcenaria — Construção : —

TELEFONE: 95

Largo da Estação

VISEU

CASA DE GUIMARÃES

*O crédito e confiança d'uma casa leva anos
a construir, para o deitar abaixo, basta um
cliente mal servido; é porisso que esta casa
garante e troca os artigos de corte, quando
se demonstrar não serem bons.*

LARGO MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, 71 — **VISEU**

Sapataria JÚLIO

Telefone 393

O calçado que a todos bem calça

Só bem calça quem calça calçado

J Ú L I O

70-Rua do Comércio-82

VISEU

OURIVESARIA PESSOA

Objectos do mais fino gosto
em Ouro, Joias, Pratas e Relógios

Officina de consertos garantidos em Ouro e Relógios

RUA DIREITA, 42 — **VISEU**

OURIVESARIA BÁRTOLO

COMPLETO SORTIDO EM
Ouro — Joias — Pratas próprias para brindes—Reló-
gios de alta categoria—Filigranas TOPÁZIO Escravas

Compra e vende nas melhores condições do mercado e por

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Rua Direita, 22-24

VISEU

José Vale dos Santos

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Azeite, Cereais, Louças e Calçado

TELEFONE 91

Avenida da Bélgica, 87 a 91

VISEU

LOJA DO SOL
DE

António Gonçalves Assis

FAZENDAS, MODAS E MIUDEZAS

Tambem tem à venda as afamadas tintas RAPOSA

Telefone: 269 — 47, RUA DO COMÉRCIO, 51 — **VISEU**

António dos Santos Guimarães

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

LÃS, SEDAS ALGODÕES E MIUDEZAS

GRANDE SORTIDO

em gravataria e guarda soes para senhora e homem

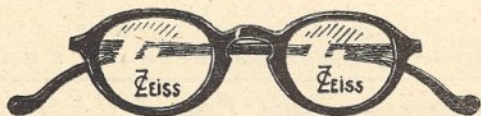
Praça de Camões, 55 e 57

VISEU

Conserve a visão

Use só, lentes

Z E I S S



DEPÓSITO EXCLUSIVO

ARMANDO M. OLIVEIRA

Rua Direita, 27—VISEU

(Não confundir)

Tele { fone: 478
gramas: CONSTRUÇÃO

Materiais de Construção de Viseu, L.^{da}

Artigos cerâmicos — Depósito de sal — Legumes

52, RUA DO ARCO, 58 VISEU

Telefone 369

Hermenegildo Vilar

Fazendas e Miudezas

Rua do Comércio, 11 VISEU

Padaria Estrêla

DE

MANUEL BENTO MARTELO

Avenida da Bélgica Telefone 65

TELEFONE 444

ROSSIO

CAFÉ-RESTAURANTE

PROPRIETÁRIO:

FERNANDO JOSÉ DE MATOS

PRAÇA DA REPÚBLICA VISEU

BAZAR MASCOTE DE OURO

DE

ADOLFO AMARO

Bijuterias, quinquilherias, vidros e artigos de novidade

RUA DIREITA, 75-A VISEU

Telefone 271

António José Sobral

TRANSPORTES — CAMIONAGEM

Avenida Dr. António José d'Almeida

VISEU

Francisco de Carvalho
MADEIRAS

FORNECEDOR DE MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO E DE CAMINHO DE FERRO

MAEIRA — CEPÕES — VISEU



WISEU — Porta dos Cavaleiros

TELEFONE 151

Colégio da Via Sacra

V I S E U

INTERNATO E EXTERNATO

ENSINO PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO, 1.º, 2.º E 3.º CÍCLO,
===== E ADMISSÃO AOS LICEUS =====

Proprietário e Director:

P.º ANTONIO BARREIROS

TELEFONE 125

Torrefacção e Moagem do Café a Electricidade

Lopes, Ferreira & C.º

ARMAZÉM DE CHÁ, CAFÉ, PAPELARIA, ESPECIARIAS,
===== TRIPA SÊCA E OUTROS ARTIGOS =====

36-Rua do Arco-44

V I S E U



WISEU — A Catedral e o Museu de Grão-Vasco

BOCAGE

RESTAURANTE PENSÃO

Telef. 319 — WISEU — Rua Direita, 41-43

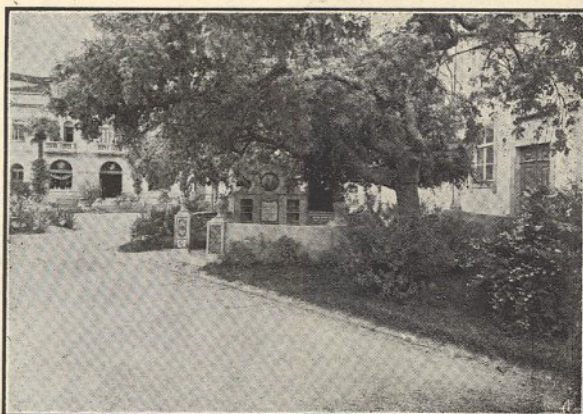
O «Bocage» é, por excelência, um
RESTAURANTE DE SENHORAS

Café Restaurante Royal

A casa mais bem montada
— deste género —

VINHOS DA REGIÃO

WISEU — Rua da Paz — Telefone 229



WISEU — «Glorieta» de Tomaz Ribeiro (1931)



WISEU — Jardim Tomaz Ribeiro

JOSÉ PEREIRA

Fazendas Brancas e Lanifícios

Rua da Paz, 4

WISEU

União Resineira Portuguesa

(Consórcio Resineiro de Portugal)

S. A. R. L.

Capital Realizado: 5.500.000\$00

Sede Social: LISBÔA, Rua dos Fanqueiros, 30-1.º

Telefones: { 2 8188
2 8189 ESTADO 324

Zonas em todo o país para a exploração de resinagens

Em Viseu: Alberto Almiro de Melo

LARGO MAJOR TELES

Telefones: { ESCRITÓRIO 256
CAIS DA ESTAÇÃO 340

José M. de Figueiredo

PRAÇA 2 DE MAIO

NEGOCIANTE DE FRUTAS, BATATA, QUEIJO DA SERRA,

—:—:— AZEITONAS E BANANAS DA MADEIRA —:—:—



TELEFONE 464

Armazens { Av. Capitão Homem Ribeiro n.º 107
Adro da Sé n.º 15

VISEU



GRANDE HOTEL PORTUGAL

**AVENIDA 28 DE MAIO
VISEU**

Recomendado por: British Industries House Autocheques, Ltd., de Londres, Automobile Association de Londres, Automóvel Clube de Portugal, Revista de Automobilismo «O Volante», Sociedade Propaganda de Portugal, etc. Diploma de Honra do Automobile Club du Périgord (França). Wagons

—♦♦♦♦— *Lits-Cook* —♦♦♦♦—

Gerente: DR. JOSÉ FERNANDES

Tele { fone: 295
gramas: «LANIFÍCIOS»

Alves & C.^a, Sucr.

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS
E CHALES

VENDAS EXCLUSIVAMENTE POR JUNTO

AVENIDA 28 DE MAIO E JARDIM TOMAZ RIBEIRO
VISEU

Telefone 216

CASA

Marques & Vieira, L.^{da}

Tecidos, Novidades e Miudezas

41, Rua Formosa, 47 VISEU

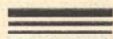
V.^a de José Esteves de Oliveira

CÁL BRANCA E IDRAULICA
— SAL E CIMENTOS —

Recinto da Estação do Caminho de Ferro
VISEU

José Esteves Simões

NEGOCIANTE DE MADEIRAS



Torredeita

BEIRA ALTA

Armazens da Rua da Paz

VISEU

Telefone 62

MOBÍLIAS — ESTOFOS — LOUÇAS
— VIDRARIA — ARTIGOS SANITÁRIOS

*Vidraça e Vidros Impressos em branco e
côres*

AGÊNCIA DAS TINTAS E PRODUTOS
Valentine e Alvaide «Gilcar»
O MELHOR PARA TODAS AS CONSTRUÇÕES

GRANDE SORTIDO DE BRINQUEDOS
— E CARRINHOS PARA BÉBÉS —

Candieiros eléctricos-Instalações eléctricas

A CASA MAIS BEM SORTIDA DE VISEU

Francisco Gonçalves**INDUSTRIAL**

*Oficina de reparação em automóveis e máquinas
a vapor — Encamisagem e retificação de cilin-
dros — Soldaduras a autogénio e electrogénio*



RUA SERPA PINTO, 51 — Telefone 242
VISEU

**Casa Africana**

VISEU
TELEFONE 2036

FAZENDAS E MODAS

Agente bancario e correspondente da Companhia de Seguros
FIDELIDADE

Manuel de Almeida

*COMERCIANTE DE SAL, CAL, CIMENTO
E TELHA — TRANSPORTES EM CAMIONE-
TAS DE CARGA*



ARMAZÉNS:
Largo da Nossa Senhora da Conceição
RESIDÊNCIA:
Cava de Viriato — **VISEU**

AGENTE TABÚ

CAMISARIA REBELO
ALFREDO S. REBELO
R. Formosa, 31 — Telefone 43 — **VISEU**

Gerente do Depósito do Calçado «**ATLAS**»
Rua do Comércio, 95

A Económica Reparadora

Oficina de Reparações de Automóveis

FERREIRA & LOPES

Avenida 28 de Maio, 122 **VISEU** Telefone 312

FERRO, FERRAGENS E FERRAMENTAS

«LUSALITE»
(AGENTE NO DISTRITO)

Sena Ferreira, Suc.^{tes}

Correias e Óleos — Agentes bancários

ARMAZENS: RUA DO ARCO
Telefone 127 — **VISEU**

Alfredo Pedro dos Santos

*NEGOCIANTE DE MADEIRAS
E FORNECEDOR DE TRAVESSAS
PARA O CAMINHO DE FERRO*

Travessa do Viriato, 37 **VISEU**

ANTIGA OUIVESARIA E RELOJOARIA

A. BASTO, Sucr.
JOÃO FERRAZ

*Relógios dos melhores autores — Compra,
vende, troca e concerta relógios, ouro,
prata, platina, moedas e pedras finas*

PREÇOS MODERADOS

220, Rua Direita, 222 — **VISEU**

Viseu Industrial, L.^{da}

FÁBRICA DE

Serração de madeiras, Carpintaria, Serralharia,

— **Serração e polimento de granitos** —

CONSTRUÇÃO CIVIL

A esta Empresa foram confiadas, entre outras, as seguintes construções

Liceu de Lamego. Seminários da Guarda e Fundão.
Sanatório Distrital de Viseu. Casa do Douro—Régua.
Hotel de Turismo—Guarda. Matadouro Municipal—Guarda.
Caixa Geral de Depósitos—Viseu. Adegas Regionais em
Nelas, Tondela, e V. N. Tazem. Instalações da Shell
—Nelas. Casais Agrícolas (39) e Assistência Técnica—
Sabugal. Liceu de Alves Martins—Viseu. Etc., etc.

Viuva Monteiro & Genro

NEGOCIANTES DE

MILHO

CEVADA

BATATA

CASTANHA

E FARINHAS

VENDAS POR JUNTO

102, Rua do Arco, 106

Telefone 332

VISEU

TELEGRAMAS: Lusitânia Comercial

TELEFONE: 260

Lusitânia Comercial de Viseu, L.^{da}

Deposítários e distribuidores dos produtos da Companhia das Fábricas Cerâmicas Lusitânia

Material sanitários e de construção
Material eléctrico—Candeeiros artísticos
AZULEJOS — LADRILHOS — MOSAICOS

ESCRITÓRIO E VENDAS:

Rua dos Combatentes, 40

Rua da Vitória, 2

VISEU

DEPÓSITOS:

Rua de S. Martinho

Estação do Cam. de Ferro

Depósitos de retém na estação de **VISEU**

AUGUSTO PEREIRA

ARMAZEM DE MERCEARIAS

AGENTE DA IMPÉRIO

Depósito de tabacos de «A TABAQUEIRA»

TELEFONE 128

59 — Rua do Arco — 67

VISEU

Armazens da Ribeira

de

António de Lemos Figueiredo

(SUCESSOR DE A. NOGUEIRA & C.^o)

MOBILIAS — MÓVEIS AVULSO
LOUÇAS — VIDROS E CRISTAIS

TELEFONE: 86

Avenida Navarro, 147 a 165

Rua Serpa Pinto, 115 a 119

VISEU

TELEFONE: 330

FÁBRICA DE GUARDA SOIS

DE

Araújo & Ministro, L.^{da}

VENDAS SÓ POR JUNTO

Avenida 28 de Maio n.º 28 a 30

VISEU

**ELECTRO VULCANIZADORA DA BEIRA
de Boaventura Lopes dos Santos**

Vulcanização e Recautchutagem de pneus e Camaras de ar.

Compra e venda de pneus usados.

Assistência de Pneus e ar filtrado grátis

Rua da Paz, 44 — **VISEU** — Telefene 204

Sena & Torres, L.^{da}

ENCAMISAGEM DE CILINDROS,
RACTIFICAÇÕES DE BLOCOS,
MONTAGEM DE GAZOGÉNIO.

OFICINAS
MECANICAS

ESTACÃO DE SERVIÇO
E GARAGEM

SOLDADURAS:
AUTOGENIA E ELECTROGENIA

ACESSÓRIOS DE AUTOMÓVEIS,
ÓLEOS, GASOLINA
E RECAUCHUTAGEM DE PNEUS

TELEFONE 277

Ruas da Vitória e Gaspar Barreiros — **VISEU**

JOÃO PAULO

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS E MODAS

60 — Rua Formosa — 64 — **VISEU**

SACRAMENTO & IRMÃO

ELECTRICISTAS PROFISSIONAIS

9, Rua da Victória, 11 — **VISEU** — Telefone 239

ESTACÃO DE SERVIÇO AUTO-ELÉCTRICA
ACESSÓRIOS ELÉCTRICOS PARA AUTOMÓVEIS

GARAGE LOPES

AGÊNCIA

Automóveis FORD Camions

A. LOPES FERREIRA

Oficinas, Estação de serviço, Acessórios, Recolha

Telefone 30 **VISEU** Telegramas GARAGE LOPES

JOÃO ESTEVES DE OLIVEIRA

Depositário das Fábricas de Tondela, Fôjo e Agueda

(Depósito de manilhas de Puro Grés)

Telha, Tijolos e todos os Produtos Cerâmicos

SECÇÃO DE CEREAIS

CAMPO DE VIRIATO — **VISEU** — Telefone N.º 116

ÉMYGDIO DA COSTA & F.^A L.^{DA}

MERCEARIA, VINHOS, FERRAGENS, TINTAS,
— ESPECIALIDADES EM CHÁS E CAFÉS —

CAMIONETE PARA TANSPORTES RÁPIDOS

Telef. 2334 **VISEU** Telef. 215



Rua da Arrancada — Vista da Escadaria de Santo António

Valongo do Vouga

Por J. S. SOUZA BAPTISTA

PÉROLA engastada na rica jóia que são as formosas terras que constituíram o extinto concelho do Vouga, por cujo restabelecimento anseia a sua activa e desempoadada população, Valongo do Vouga, pela sua maior extensão parochial e o número de seus habitantes, pela beleza que lhe imprime o caprichoso acidentado da sua superfície, o verde dos pinheirais, a graça dos vinhedos, a procição dos milharais, o fulvo das searas hiberno-primaveris e as cambiantes das ervagens; pelos Homens que através do tempo viu nascer e a lhaneza da sua gente em profundo amor ao trabalho e de largo espirito de aventura com sonhos de arroubo, marca bem o seu lugar na área do concelho de Águeda como a paróquia de maior amplitude e a mais habitada entre as suas rurais companheiras. Demora entre as latitudes Norte de 40°-35'-35" e 40°-40", e entre 40°-40" e 46'-50" de longitude E. de Lisboa. Constará uma superfície de 6.000 hectares, dos quais se não andarão muito longe da verdade atribuindo 3.500 à

floresta resinosa, ao eucalipto e a poucas mais essências folhosas, 2.300 às culturas arvense, vitícola, alivícola e pomícola, e 200 ao chamado baldio, povoado de urzes, tojos, carqueja e outros pequenos arbustos.

Seria no decorrer do século XII que teve princípio a sua emancipação com a construção do pequenino templo que sucessivas ampliações converteram na grandiosa matriz que é hoje. Que, antes, todo o Valle-longo pertencera à circunscrição de Santa Maria do Marnel. Diz o recenseamento demográfico de 12 de Dezembro de 1940 existirem em Valongo do Vouga 790 fogos com 3.157 moradores (hoje, beirando 3.300), entre eles alguns poucos acatólicos, havendo-lhe sido contadas 21 povoações, das quais é Arrancada a mais importante, que englobando o braço do Carreiro e o prolongamento de Aldeia se vê povoada por 727 habitantes.

No decorrer dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX nasceram adentro dos seus limites varões que

alcançaram subida representação, pelo saber que adquiriram e posições que ocuparam, entre eles sendo de notar: João Gomes Pacheco, natural do Sobreiro do Chão, que foi formado em Cánones, abade de Santa Maria do Castelo de Pinhel, de onde, resignando a abadia com reserva 60.000 reis, passou a cônego da catedral de Viseu, sendo posteriormente ali reitor do Seminário, ministro da Mesa da Justiça Eclesiástica, vigário geral e provisor; Agostinho Pacheco Teles, nascido também no Sobreiro do Chão, juiz de fora em Braga, auditor geral do Minho, ouvidor geral do Rio de Janeiro e superintendente das minas de Goiás, com predicamento de primeiro banco; Gaspar dos Reis Vidal, que viu a luz em Arrancada, familiar do Santo-Officio, havendo casado em Aveiro com Antónia Pereira de Carvalho, dos quais vieram o doutor João Pereira de Carvalho, grande vulto nas letras em seu tempo, desembargador dos agravos da relação de Braga, vigário geral do bispado de Coimbra e prior da paróquia de Palmaz, e António Pereira, freire na Ordem dos Prêgadores, dela tendo sido prelado maior na Índia, deputado do Santo Officio e da Mesa de Consciência, e ali muito estimado pelos vice-reis e governadores, havendo recusado boa mitra ultramarina que lhe fôra oferecida; Capitão António de Almeida Vidal, de Arrancada, cavaleiro na Ordem de Cristo, ouvidor na comarca da Feira e na praça de Mazagão, auditor geral da Beira e provedor em Setúbal e na comarca de Viseu; João Quaresma de Almeida, juiz de fora em Portimão, Aveiro e Coimbra, corregedor em Viseu e provedor em Viana do Lima; Henrique Henriques Quaresma de Almeida, filho do antecedente, ambos de Arrancada, juiz de fora em Lafões, ouvidor em Azeitão, provedor em Castelo Branco e, finalmente, desembargador; José Joaquim Rodrigues de Bastos, natural do Moutedo, conselheiro, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, juiz, deputado, Intendente Geral da Polícia da Côrte e Reino, distinguindo-se ainda como escritor de mérito; (Dic. Geográfico de Portugal e Dic. de Eduardo Noronha); e outros mais varões, cujas lembranças tornariam demasiado extensa esta informação, que não deve ultrapassar o espaço que lhe foi destinado.

Possui uma fábrica de cardagem e fiação de la para malha com manufactura desta, ocupando numerosos operários, mulheres em maior vulto, e pensam seus proprietários em acrescê-la com peneação de larga envergadura; e mais bem montada serraria de madeira com bem apetrechada officina de carpintaria e serrallaria, cujo motor acciona ainda as mós de alto rendimento de um moinho de milho. Dois mestres-de-obra, com o necessário operariado, incumbem-se de construções, tanto rurais como urbanas, a que dão sempre o melhor acabamento.

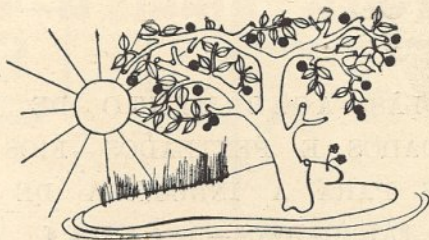
É pobre de natureza a terra de Valongo do

Vouga, que o não são mais, na quasi totalidade, os estratos geológicos de que derivam. Assim, temos a poente da Freguesia o arenito vermelho triádico, magro, salvo naqueles termos em que se mostra consociado a maior percentagem de argila ferruginosa dotada de alguma cal, onde o contacto do ar lhe permite esboroar-se facilmente, dando origem a solos de mediana fertilidade. Em manchas mais ou menos amplas aflora, a caminho do nascente, a areia amarela, dita de formação pliocênica, ligada também a maior ou menor quantidade de coloide argiloso, da qual derivam e provieram pobres terras para a cultura, mas onde medra pujantemente o pinheiro bravo. No grande vale predominam as aluviões modernas; assentando estas, todavia, em camada de barro bastante compacto, e nem sempre contando espessura capaz, mostram-se frias, ácidas e pouco criadoras, e amesquinhas ainda pela vermíela, que raro é o ano em que nos milharais não occasiona consideráveis estragos. A sul da Freguesia, sobre as mesmas areias e também cobrindo já xistos argilosos antecâmbrios, estendem-se aluviões antigas, bastante arenadas, óptimo meio para o pinheiro marítimo, que, como nas areias amarelas, semelhantemente cresce com notável velocidade. A parte leste da área paróquia é constituída por xistos argilosos, com veios extremamente endurecidos e foliáceos, o todo atravessado por mancha silúrica com belas aflorações quartzitosas, em torno das quais, de onde em onde, se accumularam as cargas trazidas pelas águas selvagens, dando origem a restritas extensões de terreno em que distintamente sobressaem as essências florestais.

O arvoredo que povoa os montes agrestes, venados de quartzo branco, e os planaltos aluviônicos, é constituído principalmente pelo já referido pinheiro bravo (P. Pinaster Alt.) e pelo eucalipto (E. globulus Labill.), sobreiro (Q. suber L.), carvalho roble (Q. Robur L.), carvalho negral (Q. Toza Bosc.), robínia (R. Pseudo-acácia L.), austrália (A. melanoxylon R. Br.), mimosa (A. dealbata Link), pinheiro manso (P. Pinea L.), cedro do Buçaco (C. lusitânica Miller), e cipreste (C. sempervirens L.). A manta baixa está representada sobretudo pelas diversas urzes, os tojos molar, arnal, cabeçudo e negro ou de forno (Genista triacanthos Brot), a carqueja, o rosmaninho, os sargaços fulvo e róseo dos montes, e outros arbustos menos frequentes; e como herbácea, alastra no pinheiro de mais de 10 anos, nos terrenos pobres, a erva carneira (Festuca ampla Hack). Das pomareiras, cultiva-se a macieira, a pereira, a ameixeira, o pessegueiro, o damasqueiro, a cerejeira e a nespereira do Japão; mas, salvo a macieira, nenhuma mais encontra em Valongo favorável ecologia na maioria dos anos. A laranjeira tende a desaparecer, que somente já nos sítios mais abrigados consegue resistir aos gelos do Inverno. A cultura arvense faz-se principalmente

pelo milho, a batata, o trigo, a aveia, a cevada, o feijão e o fradinho. Dos cereais, o que mais regulares colheitas produz é a aveia, pena sendo que amplamente não possa ser aproveitado o respectivo cariopse na alimentação humana. O milho é um mal necessário. Sua produção, nas pobres terras de Valongo, mal paga os granjeiros que lhe andam adequados; mas é imperioso cultivá-lo, porque é a base da alimentação do homem e o pilar do penso bovino durante o Inverno, principalmente quando decorre este por demais áspero. As ervagens, verdes ou fenadas, proveem basilaramente da aveia, centeio, cevada, azevém, erva molar, trêvo encarnado, serradela e monda e bandeira de milho; as palhas dos cereais ditos praganosos servem nas empalhadas, que são mistura de ervas verdes com as mesmas palhas serrotadas a ministrar aos bovinos, que os gados cavalari e asinino bem as comem estremes. Há numerosas oliveiras na Freguesia, árvores que muito carinho merecem ao lavrador, pois na apanha dos frutos desde afastado tempo aboliu a vara selvagem. Frutificam bisanualmente, salvo desfavoráveis condições meteorológicas aquando da fecundação em anos de florada, produzindo cargas quasi sempre satisfatórias. Em anos de safra, dois lagares — um na Freguesia e outro distante apenas de algumas dezenas de metros de seu limite — funcionam de 45 a 60 dias com moagem de várias toneladas diárias, cada um, de azeitona oriunda da própria Freguesia e de mais três vizinhas. A vida tem larga cultura, representando um dos grandes esteios da economia valonguina, pelos braços que ocupa e pelo valor dos seus produtos. Os pobres terrenos de areia e xisto, embora à custa de muito trabalho e repetidas adubações, sustentam vinhas e latadas que produzem frutos dadores de vinhos palhetes, com gradação alcoólica que vai de nove a onze graus, e mesmo mais, acidez tartárica entre cinco e oito gramas, e extracto seco de dezoito a vinte cinco gramas por litro, aquela e este, com patente melhoria nos anos

de pequena produção. Não sofrendo, pela maior parte, os mostos mais de doze horas de fermentação no lagar, vai esta concluir-se nas vasilhas, em processo lento e relativamente baixa temperatura, e, por isso, a acidez volátil nos vinhos resultantes conta-se normalmente por cinco a sete decigramas por litro. Vinhos de típico paladar e ricos em anidrido carbónico, cuja existência os técnico enólogos teimam em considerar característica de produtos inacabados, mas de que o consumidor se lembra sempre com saúde quando algum bebe com o prazer da picante fricção daquele gás na mucosa bucal, têm hoje muitos apreciadores, e, por isso, sua exportação se faz já em relativo grande volume. Tem a cultura da batata havido largo desenvolvimento conquistando ano a ano maior parcela nas atenções do lavrador, muito concorrendo a exportação do valioso tubérculo para a subida económica e, portanto, social da Freguesia. Ainda a cultura do trigo vem chamando cada dia mais intensamente os cuidados da Lavoura, sobretudo naquelas terras de regadio, onde é possível consociar-lhe o milho verdeal, cuja sementeira se pratica quando começa aquêle a emborrachar. A floresta é, todavia, ainda a espinha dorsal da economia valonguina, pela grande exportação de lenha e carvão que em cada ano dela se faz. Pode mesmo afirmar-se que, desde há uns dezassete anos a esta parte, trouxe sensível melhoria à vida do povo. Era, para trás daquêles anos, vasta ainda a área do baldio; área que por grandes retalhos cada verão a labareda tisnava e deixava em lamentável desnudo. Uma iniciativa feliz de povoamento resinoso logo despertou a emulação e, em breve a maior parte da vasta extensão alimentava o bravo pinheiro, que representa agora mais dilatada riqueza, não só pela árvore em si, mas também pelo copioso trabalho que proporciona a limpeza do respectivo chão e a abundância de estrumes que dela deriva. Havia desemprego outrora, hoje só não trabalham em Valongo os preguiçosos.



TELEFONE 5

Empresa Industrial de Arrancada, Limitada

CARPINTARIAS DE TODOS OS GÉNEROS — SERRAÇÃO
 — CERRALHARIA MECANICA — MOAGEM — EXPORTAÇÃO
 ————— DE MADEIRAS E CARPINTARIAS —————

ARRANCADA DO VOUGA

TELEFONE 5

António Pereira Vidal & Filhos, L.^{da}

FIAÇÃO DE LÂS — ACABAMENTO DE FIOS PARA
 TRICOT CARDADOS E PENTEADOS — FIOS CARDADOS
 E PENTEADOS PARA A INDÚSTRIA DE MALHAS E
 — :: — :: — TAPEÇARIAS — MALHAS — :: — :: —

ARRANCADA DO VOUGA

António Pereira Vidal

FAZENDAS, FERRAGENS, MERCEARIAS
E MIUDEZAS—ADUBOS PARA TODAS AS
CULTURAS

ARTIGOS FUNERÁRIOS

ARRANCADA DO VOUGA

CASA COUTINHO

MERCEARIAS, CEREAIS, FAZEN-
DAS, VINHOS E LENHAS

José Simões Coutinho

TELEFONE 3

ARRANCADA DO VOUGA

Eugénio Fernandes Gomes

COM ESTABELECIMENTO DE MER-
CEARIA, FAZENDAS E MIUDEZAS.
ADUBOS E MUITOS OUTROS AR-
TIGOS COMO VINHOS, AGUAR-
DENTES E SAL

BEBIDAS VÁRIAS

VALONGO DO VOUGA

Quinta da Lomba

VINHO DE MESA



Marca registada

**REGIÃO DO VALE DO MARNEL
ARRANCADA**

Adjuto de Almeida Matos, Suc.^{or}

COM

MERCEARIA, FAZENDAS, MIUDEZAS
E MAIS ARTIGOS—VINHOS FINOS
E COMUNS

ARTIGOS FUNERÁRIOS



ARRANCADA DO VOUGA

A

QUEM

VIAJA

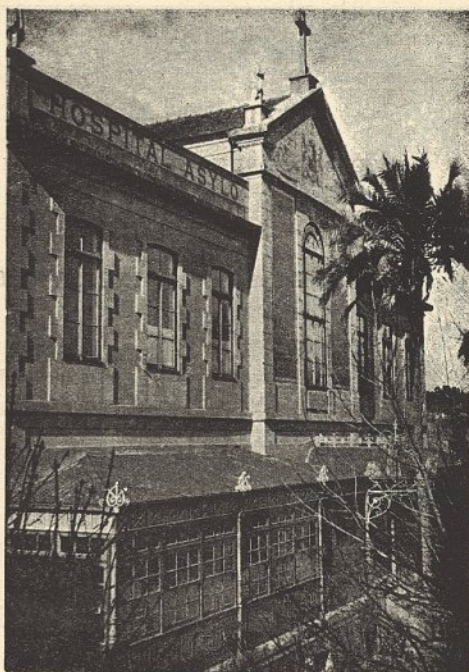
Não saia do país sem levar
o **Manual do Viajante em
Portugal**, valiosa e instrutiva
publicação para o viajante.
Contém mapas e plantas
suficientes para o turista
estudar o que de bom tem
o seu país. À venda em
todas as livrarias do país e
na redacção da *Gazeta dos
Caminhos de Ferro*, Rua
da Horta Sêca, 7—LISBOA

Agueda

Hospital-Asilo

Conde de Sucena

Pelo Dr. FAUSTO LUIZ DE OLIVEIRA



AGUEDA—Fachada principal do Hospital-Asilo Conde de Sucena

QUEM visitar Agueda para a observar em todos os seus aspectos, têm forçosamente de perder um dia, pelo menos, a estudar o seu óptimo e grandioso Hospital. Com efeito, estabelecimentos deste género encontram-se em quasi tôdas as vilas e centros urbanos do país, mas só com raridade se nos depara um hospital com o desenvolvimento e acção como o que vemos em Agueda.

Respiquemos um pouco de história: O Hospital de Agueda, hoje chamado «Hospital-Asilo Conde de Sucena» é antiquíssimo, como antiga é a vila de Agueda, datando,

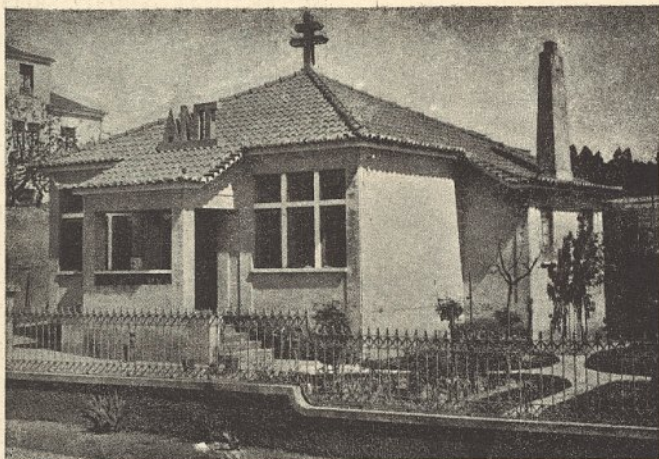
pelo menos, dos primórdios da nacionalidade. Documentos do século XV comprovam-nos a existência, nessa época, pelo menos, da então denominada «Albergaria de Agueda».

A respeito da sua história, encontra-se no Tompo do Hospital o registo de uma lenda interessantíssima: a rainha Santa Isabel, logo após a morte do marido, El-Rei D. Denis, iria em direcção ao norte, talvez em peregrinação a S. Tiago, e diz-se que no regresso, ao atravessar as terras do campo fronteiro ao rio, e passando em frente ao Hospital, doou a este uma terra lavradia,

muito estreita e comprida, da largura da passagem da Santa Rainha, conforme reza a lenda. E a verdade é que ainda hoje, naquêlo sítio, as terras são muito compridas e estreitas.

Com a criação das Misericórdias, essa obra admirável da Rainha D. Leonor, o Hospital de Agueda aparece-nos perfeitamente identificado, ao mesmo tempo que é organizado o tombo das suas terras e das suas edificações.

O actual e magestoso edificio do hospital de hoje foi construído a expensas do primeiro Conde de Sucena, grande benemérito do concelho, que só teve a auxiliá-



AGUEDA — Dispensário Anti-Tuberculoso «Dr. Benjamim Camossa»

lo nesta sua liberalidade o produto da venda do velho hospital, que ficaria na parte baixa da vila. (Estas notas, de ordem histórica, as respigamos nós da monografia «Hospital de Agueda», da autoria do Excelentíssimo Conde da Borralha).

*

Antes de ser aberto ao público, já o actual hospital serviu de sanatório militar durante a anterior grande guerra. Em 1922, porém, uma senhora das mais ilustres da vila, a Excelentíssima Senhora D. Maria Joana Soares de Cabedo, dando satisfação aos seus sentimentos de caridade e desejos de bem-fazer, pediu ao primeiro Conde de Suceña a abertura ao público do Hospital, inauguração que teve lugar nêsse mesmo ano. Esta senhora esteve á sua

frente e o administrou com a maior dedicação até 1927, data em que chegaram, a pedido do Sr. Dr. António Brêda, as irmãs de S. Vicente de Paulo, as quais ainda hoje o administram. Foi o próprio Dr. Brêda que as foi buscar a Paris, tendo sido as primeiras daquela instituição religiosa que foram introduzidas em Portugal.

A vida e progresso do Hos-

pital muito devem também a uma senhora que já não é dêste mundo — D. Sofia Coimbra— e a um filho dêste concelho recentemente falecido nos Estados Unidos da América do Norte — Padre Mateus Abrantes. Logo de início se formou uma comissão angariadora de donativos, constituída pelos Senhores Conde da Borralha, Dr. António Brêda e Joaquim de Melo. Foram recolhidos valiosos donativos, atingindo cifras importantes as subscrições abertas nas nossas colónias e no Brasil, onde se deve destacar o grande benemérito Carlos Costa. Foi com o produto destas subscrições que se adquiriu tôda a aparelhagem do Raio X, num montante superior a 200 contos.

O actual edificio do Hospital é constituído por dois corpos: o fronteiro, de dois



AGUEDA — Edifício da Câmara Municipal e Jardim



AGUEDA — Monumento e Jardim

andares, onde se encontram instaladas farmácia, secretaria, consultórios, serviços de Raios X, salão nobre e capela. A fachada, com 28 metros de frente, é magestosa, aformoseada com arruamentos ajardinados, confinando com a Estrada Nacional Lisboa-

Pôrto, por altos gradeamentos e espaçoso portão. O corpo retro lateral, num comprimento de 75 metros, compreende a secção de isolamento para doenças infecciosas, quartos de asilados, cozinha, arrumações (rés-do-chão), enfermarias e salas de

curativos (1.º andar), salas de operações de grande cirurgia e quartos particulares (2.º andar).

As duas enfermarias — de homens e de mulheres — têm capacidade para 60 doentes. Os quartos particulares são em número de 20.

Em volta do Hospital, em espaçosa cêrca, acham-se instaladas capoeiras, casas de arrumações, lavanderia, hortas, pomar, etc.. Possui também uma capela mortuária.

Ao lado do Hospital achase edificada uma casa que foi doada pelo actual Conde de Sucena, destinada a creche, que assim quiz continuar a grandiosa obra de seu Pai — o primeiro Conde de Sucena. Esta obra, porém, encontra-se por completar, por falta de verba.



AGUEDA — Praça Conselheiro Mário de Melo

Agueda--A Linda

P o r A N T Ó N I O S E R Ê N O

FOI sempre, creio eu e também creio ser de «bom tom» a uma gentileza responder com uma graça gentil e sincera.

Pediram-me para dizer alguma coisa da minha terra, vila florida da Beira Litoral e que os poetas alcunharam, e, na verdade assim é, de «Agueda—A Linda»!... Quem a não conhece não sabe a beleza que ela encerra!... O rio de margens bucólicas passa-lhe quási ao centro. A casaria em anfiteatro parece —ninguém o pode negar!... —a Coimbra das tradições, das serenatas, dos fados, das tricanas lindas, desempoeiradas que na voz do fado sentido e bem cantado quantas vezes sentem o élo dum abraço e o beijo quente dum estudante!...

Mas, na semelhança, Agueda é Coimbra. Não tem a Quinta das Lágrimas, apontada na História, mas tem coisas dignas de se ver. E vejamos então:

—A poucos quilómetros do Pôrto e ainda menos de Coimbra, ela existe com as suas pompas de uma admirável pujança. Campos férteis de milho, noras a soluçar regando êsses campos verdes, duma beleza

sem par, o rio a cantar entre os salgueiros verdejantes e as lavadeiras ao bater a roupa ensaboada na sua «tripeça» a cantarem, ou melhor, a quererem acompanhar a balada sonora, ritmo de alma que o rio vai gemendo!...

Agueda, não é por ser a minha terra, mas é digna de ser vista!... Quiz, em boa hora o fez, e com o patrocínio dum meu conterrâneo e amigo ilustre — o Conde de Agueda — que para isso trabalhou com tôda a sua alma, com todo o seu coração de aguedense, que a muito ilustre Direcção da Companhia dos C. de F. do V. V. nos mimosiasse com um caminho de ferro. Para mim não quero, seria até um êrro grãve, não lhe ligar a importância merecida!...

Quero apenas mostrar àqueles que a não conhecem e que o Vale do Vouga após sacrifícios com as suas linhas bem montadas, os serviços regulados e o seu «controle», com uma uniformidade sempre raros, quiz dizer, talvez sem o saber, como o disse o meu saudável amigo João Castela, pai querido do meu dileto amigo Armando:

— Agueda é o País!... E eu, deixai-me

esta vaidade, pobre vaidade de quem está no declínio da vida, acompanho esse velho amigo na frase proferida e que sentidamente lhe safu do coração!...

Mas querem saber o que é Agueda?

É fácil, mas mesmo muito fácil. É visitá-la. Meios bons de transporte, caminhos de ferro e camionetes a boas horas. Visitai, com olhos de ver, Agueda, e direis depois assim:

— Bendita hora em que eu lá fui!...

Terra industrial e comercial com um jardim moderno, com parques na Borralha, dos Ex.^{mos} Senhores Condes da Borralha e Sucena, e na vila, mesmo ao centro, o de Alta Vila — pertença da Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Melo Corga. O Dispensário Anti-Tuberculoso, dirigido com superior competência pelo meu querido amigo, bom companheiro da casa da República de Tomar, n.º 3 — o Dr. António Gomes da Costa, que só bem sabe fazer aos doentes que a êle vão apresentar os seus males. A Escola Industrial e Comercial «Madeira Pinto», sob a direcção do illustre professor e architecto José Maria de Vasconcelos, com um corpo docente perfeito, e ainda a Escola Central de Sargentos, elemento que quiz trazer o bem máximo a esta terra, à minha Agueda.

Podem todos esquecê-la mas eu nunca.

Por tantas gentilezas, ao seu Comandante, com o maior respeito, o agradecimento de Agueda e dos pequeninos da Sopa Escolar. Que a benção de Deus caia sôbre a Escola!...

E o Orfeão e os Bombeiros? Dignos duma terra culta. A Fábrica do Outeiro de louças artísticas, dirigida superiormente pelo seu proprietário e grande amigo dos pobres, António de Sousa Carneiro.

A Cerâmica Aguedense de Guerra & Cruz, as industrias de ferragem que no País marcam pela sua perfeição, na execução. Mas temos mais! O comércio tem estabelecimentos dignos da terra. A sua apresentação marca, não só pela sua limpeza como pela maneira como os géneros estão expostos ao público. Apeetece ao visitante um café, uma cerveja, uma laranjada

e... tudo isso aparece na Casa Santos, onde também podem ser servidos os melhores vinhos da região, bem como os pastéis de Agueda. A Pensão, pertencente ao mesmo proprietário, tem uma sala de jantar tão boa que sem querer mentir é na província um modelo. E a pensão Candieiro? Só vendo!... Admirável em tudo!...

Farmácias com técnicos experimentados e atenciosos e com um ambiente de limpeza que nos atrai.

Quiz deixar para o fim e para aconselhar ao forasteiro que não deixe de visitar duas fábricas de serração dignas da terra, mas sobretudo que não deixe de ir ver o Hospital Conde de Sucena, dirigido superiormente por um grande Médico, um cirurgião illustre, um grande mestre, orgulho da nossa terra e deixai-me dizer... orgulho de Portugal inteiro: O Dr. António Brêda.

Visitai Agueda, o Vale do Vouga está às ordens e depois de uns dias de estágio e bebendo as águas do famoso «Botareu» e talvez vós tereis que dizer, visitantes amigos, tenho que partir a «Telha» daquela água que vos prende!...

Wladimiro de Matos Ala

EXECUTA CALÇADO PELOS ÚLTIMOS MODÉLOS



Á G U E D A

PENSÃO COMERCIAL
de **JOAQUIM FERREIRA DE MOURA**
Ótimos quartos — Boa mesa — Máxima higiene — Recibe excursões

Á G U E D A

PENSÃO CANDIEIRO de Joaquim Ferreira Tavares
Boa mesa — Quartos amplos — Asseio e conforto — Cozinha à portuguesa
Prefira os vinhos desta casa

TELEFONE, 1

AGUEDA

MANUEL RACHÃO
CASA DE VINHOS, PETISCOS E VÁRIAS BEBIDAS

S E R N A D A

V. Ex.^a deve tirar o seu retrato e fazer as suas ampliações na

F O T O G O M E S
DE ANTÓNIO PEREIRA GOMES | Retratos coloridos em todos os géneros
Rua Dr. António Brêda | Jardim: Ferreira Tavares
AGUEDA | ALBERGARIA-A-VELHA



Vista aérea da Sernada



Linha, estrada e Vouga pouco adiante da Sernada

Amaro, Limitada

Fábrica de Ferragens para Móveis e Construções



Rua Dr. António Brêda — AGUEDA (PORTUGAL)

Tele } fone 45
 } gramas VALENTE DE ALMEIDA

Joaquim Valente de Almeida

(Casa fundada em 1911)

Fábrica de Ferragens para Móveis e Construção

Á G U E D A — (P O R T U G A L)

TELEFONE 28

FÁBRICA CERÂMICA

Guerra & Cruz, L.^{da}

TELHA MARSELHA, EMINIUM (MOURISCA), TEJOLOS
DE TODAS AS QUALIDADES E REFRACTARIOS

A G U E D A

SERRAÇÃO E CARPINTARIA A VAPOR

DE

Fernando Ribeiro Guerra

Fabricação de molas para prender roupa

ÁGUEDA—PORTUGAL

TELEFONE N.º

Manuel de Almeida Abrantes

ARMAZÉM DE BICICLETES E ACESSÓRIOS

A G U E D A

Telefone 44

Telegramas SIS

Silva & Irmão, Suc.^{res}

FÁBRICA DE FERRAGENS

Ferragens para Móveis, Construção e Interiores

A G U E D A — P O R T U G A L

Tele (fone 31
gramas Ferragens Reünidas

FERRAGENS PARA CONSTRUÇÃO E MOBILIÁRIO
Ferragens Reünidas de Águeda, L.^{da}

Sede — Rua Dr. António Brêda — **ÁGUEDA** — (PORTUGAL)

FIRMAS ASSOCIADAS:

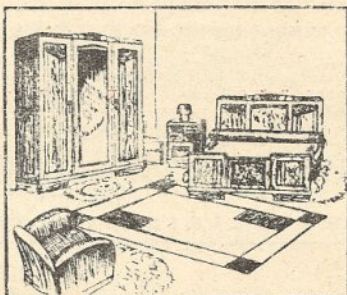
A. SILVA NETO — DUARTE & CRESPO, L.^{da} — SANTOS & DIAS, L.^{da}

MARZENARIA RINO
DE ARMANDO DE ALMEIDA RINO

Mobílias comple-
tas e móveis
avulso — Conser-
tos e restauração
de móveis

PEÇAM OR-
ÇAMENTOS

PRAÇA CONDE
DE SUCENA
ÁGUEDA



CASA SANTOS

Telefone 34 — ÁGUEDA

CAFÉ E PENSÃO

Pastelaria fina e Regional — Os melhores vinhos
da Região — Serviço de Excursões, Portos d'Honra
e Copos d'Água — O melhor e mais bem localizado.
Primoroso serviço de Almoços e Jantares

Miniaturas em Olarias Artísticas
(FABRICO DE ÁGUEDA)



CASA VULCANO

DE
Manuel Caetano Henriques

Fundada em 1921 — Ampliada em 1934

Telefone 14

COMÉRCIO E FABRICAÇÃO DE ACESSÓRIOS
PARA BICICLETAS

Ponte do Campo — **ÁGUEDA**

SERRAÇÃO SANTO ANTÓNIO

DE
Archanjo de Figueiredo

«SERRAÇÃO AVULSA»

Á G U E D A

Tele (fone N.º 30
gramas Urbano Sucena

A. F. Sucena, Irmão

ARMAZENISTA DE MERCEARIA
Unico depositário dos Adubos «Sapeco»

MERCEARIAS, PAPELARIA, LOUÇAS,
VIDROS, MÓVEIS, COLCHOARIA E
OUTROS ARTIGOS

A G U E D A

FÁBRICA DO **Outeiro**

DE
António de Sousa Carneiro

LOUÇAS E AZULEJOS DECORATIVOS —
LOUÇA DE PÓ DE PEDRA — LOUÇAS
SANITÁRIAS E PARA USO DOMÉSTICO

PREMIADA EM DIVERSAS EXPOSIÇÕES

TELEFONE 41

ÁGUEDA

GARAGEM MODERNA

DE JOSÉ RODRIGUES NOVO & C.^A, L.^{DA}

Alugam-se automóveis e camionetes para todos os pontos do País

VENDE ÓLEOS E COMBUSTÍVEIS — ATENDE CHAMADAS A QUALQUER HORA — PREÇOS MÓDICOS

ÁGUEDA

Telefone 23

JOAQUIM FRANCISCO DE OLIVEIRA, L.^{DA}

Sede — Avenida Dr. Joaquim de Melo — ÁGUEDA — Telefone 15

ESCRITÓRIOS CENTRAIS EM COIMBRA

ALUGUER DE: Automóveis, Camionetes de carga e Auto-Carros de Luxo para passeios e excursões. Garagem de Recôlha, Óleos e Gasolinas

Carreiras diárias de AUTO-CARROS entre Pôrto, Penafiel, Amarante, Vila Real, Régua, Armamar e S. Cosmado — Pôrto, S. João da Madeira, Águeda, Anadia, Coimbra, Pombal e Leiria — Coimbra, Bussaco, Santa Comba Dão, Tondela e Viseu — Coimbra, Foz do Dão e Santa Comba — Viseu, Campo de Besteiros e Caramulo

Serviço combinado com Capristano & Ferreira, L.^{da} — PORTO-LISBOA e J. M. da Fonseca, L.^{da} — COIMBRA-VIDE

FILIAIS: Pôrto-R. Rodrigues Sampaio, 159-Telef. 6954 — Coimbra-R. da Sofia, 149-Telef. 3559 — Leiria-R. Dr. Correia Mateus-Telef. 246 — Viseu-Largo General Carmona

AGÊNCIAS EM TODAS AS LOCALIDADES DO PERCURSO DAS SUAS CARREIRAS

Carreira PORTO-COIMBRA-LEIRIA-LISBOA

	A	A	C	B	B		B	B	C	A	A
PORTO P.		7,35	12,15	17,00	18,30	LISBOA P.			7,00		
S. João da Madeira »		8,35	13,15	18,00	19,30	Tôrres Vedras »			8,50		
Oliv.* de Azemeis »		8,50	13,30	18,51	19,50	Caldas da Rainha »			10,28		
Albergaria-a-Velha »		9,26	14,06	18,15	20,27	Nazaré »			11,15		
Águeda »		10,01	14,41	19,26	21,00	Alcobaça »			11,40		
Anadia »		10,39	15,19	20,04		Batalha »			12,20		
Mealhada »		10,55	15,35	20,20		LEIRIA Ch.			12,40		
COIMBRA Ch.		11,35	16,15	21,00					13,15	15,00	18,20
		8,00	12,45	16,30		Pombal »			14,00	15,45	19,05
Condeixa »		8,30	13,15	17,00		Condeixa »			14,45	16,30	19,50
Pombal »		9,15	14,00	17,45		COIMBRA Ch.			15,15	17,00	20,20
LEIRIA Ch.	10,00	14,45	18,30						9,10	15,35	17,10
		15,25							9,50	16,15	17,50
Batalha »		15,45				Anadia »			10,10	16,35	18,06
Alcobaça »		16,30				Águeda »	7,40	10,49	17,14	18,44	
Nazaré »		17,11				Albergaria-a-Velha »	8,10	11,19	17,44	19,14	
Caldas da Rainha »		17,24				Oliv.* de Azemeis »	8,45	11,55	18,20	19,50	
Tôrres Vedras »		18,55				S. João da Madeira »	9,00	12,10	18,35	20,15	
LISBOA Ch.		20,40				PORTO Ch.	10,00	13,10	19,35	21,05	

A — Efectuam-se diariamente. B — Não se efectuam aos Domingos. C — Nos percursos Pôrto-Coimbra e vice-versa não se efectuam aos Domingos.

Telefone 50

Telegramas ANTERO VARANDA

FÁBRICA DE TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

ANTERO FERNANDES VARANDA

Armazenista de: CAFÉ, CHICÓRIA, CEVADA, ESPECIARIAS, CONSERVAS, CONFEITARIAS, ETC.

Distribuidor de: CERVEJAS E LARANJADAS (Invieta) C. U. F. Portuense

ÁGUEDA

SALÃO
APRESENTA:

AS mais lindas PERMANENTES
ZÊLO científico nas aplicações
UMA especialidade de descolorações
LINDOS penteados artísticos

R. Ferraz de Macedo ÁGUEDA

Telefone 52

João Ferreira Vidal

FERRAGENS E TINTAS

Á G U E D A

PANIFICAÇÃO BIJOU
de M. RIBEIRO DA SILVA & IRMÃO
(Sucessores de ANTONIO RIBEIRO DA SILVA)

*Merccaria e cereais — Pão de todas as qualidades,
Doce, Centeio e Milho — Fôrmas para Sandviches,
Rosquinhas de manteiga e bolachinhas de água
e sal — Especialidade em Regueifa de Agueda*

Rua Ferraz de Macedo ÁGUEDA

PENSÃO BEIRA ALTA

A Proprietária: MARIA LUDOVINA DA SILVA

Serviço de Pensão, Refeições avulso e Dormidas,
Comida caseira, preparada com o máximo asseio
— OS MELHORES VINHOS DA REGIÃO —

PEDE-SE E AGRADECE-SE UMA VISITA
SERNADA DO VOUGA

Rosa do Carmo Baptista

COM

Estabelecimento de Fazendas Brancas, Lanifícios e Chales

Á G U E D A

J. SIMÕES DIAS

Armazém de mercearias, legumes, cereais e farinhas
— Adubos, Sulfato de Cobre e Enxôfres —

Sub-Depositário da Companhia União Fabril

Depositário das Águas de Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas e da Sociedade Central de Cervejas
AGENTE DOS PRODUTOS DA SACOR

Á G U E D A Telefone 22

José Jacinto Ribeiro

CHALES, LANIFÍCIOS, FAZENDAS BRANCAS,
SÊDAS, MODAS E MIUDEZAS

Á G U E D A

Guerra, Lucas & Irmão, L.^{da}

COM

Oficina de Fundição de Metais

ÁGUEDA ASSEQUINS

União Comercial de Agueda

ESCADA & FIGUEIREDO, L.^{DA}

Estabelecimento de Ferragens, Tintas, Louças e Vidros

Agentes do cimento LIZ — Tinta WALPAMUR e de diversas
Companhias de Seguros — Depositários da importante Fáb-
rica de Móveis de Freamunde — Completo sortido de
camas e colchões

ÁGUEDA Telefone 38

Afonso Lopes Correia

Estabelecimento de Merccaria, Miudezas, Chá e Café

DETENTOR DA BOMBA DA GASOLINA SHELL

FORNECEDOR DE OVOS

Á G U E D A

ANTÓNIO DE ALMEIDA

Passagens e passaportes — Lanifícios e Chales

CASA DA ESQUINA (Em frente à ponte)

Telefone 20 ÁGUEDA (Portugal)

Barão do Souto do Rio, S.^{res} L.^{da}

Secções } Armazém: Merccarias, Cereais e outros artigos
Retalho: Merccaria, Cereais, Miudezas e Calçado

Correspondentes Bancários e de Seguros

AGÊNCIA DA SHELL Telefone 29

Á G U E D A

J. J. Thomaz Coelho, Sobrinho

Estabelecimento de ferragens e cutelarias nacionais e estrangeiras

Sortimento de serras, Limas e Ferramentas de Carpinteiro

Estanqueiro de pólvora do Estado. Depositário de cimentos e vidraça

Praça Conde de Sucena ÁGUEDA



Benjamim Camossa & Irmão, Suc.^{or}

(CASA FUNDADA EM 1804)

Fazendas de Lã, Seda e Algodão, Chales, Modas, e Miudezas

Correspondentes dos Bancos Português do Brasil,
Pinto & Souto Maior e José Henriques Tota; Ltd.

Agente da Companhia de Seguros GARANTIA.

Á G U E D A



AVEIRO — Canal Central da Cidade

AVEIRO — A Cidade da Ria

P o r E D U A R D O C E R Q U E I R A

EMBRAM-SE, certamente!... O Vouga nasce na Serra da Lapa — informava a cantilena, cem vezes matraqueada, nos longínquos tempos da escola de todos nós — e vem desaguar à ria de Aveiro.

Brota das fragas, humilde e límpido, saltita e corre entre penhascos, sulca a vereda incerta, cava nos montes o leito agreste e, perdido o ímpeto e a irrequietude, transmuda a rudeza em suavidade; engrossa, explana e bucoliza-se. Serpeia em curvas caprichosas, propicia os haustos húmidos ao arvoredo viridente, oferenda a tóda a vegetação côr e frescura. Como é destino irrevogável dos rios, encaminha-se para o mar, e de passo, embeleza as margens, enfeita-as de verdura, realça a paisagem — mas oculta-se na profundidade dos seus vales.

Não alcança volumosos caudais, nem a imponên-

cia dos vastos estuários; mantém-se discreto, modesto, quasi timorato das suas belezas, num feminino recato avêso a tóda a ostentação. E ao acercar-se de seu termo, esconde-se ainda entre o arvoredo, avança sem ruído, cauteloso e lento, como se não desejasse suscitar atenções.

Entretanto, o mar, por misteriosa simpatia, prefere-o entre os demais, vai ao seu encontro, invade as terras onde estabelecerá a rota final — numa homenagem perene de eleição. O preito do mar ao rio Vouga, contestem-no embora os positivos homens de ciência, é a ria de Aveiro.

* * *

A Aveiro cabe, por antonomásia, a designação de «Cidade da Ria». Pela ria se distingue, a ria lhe im-

prime o carácter inconfundível e a sulca de canais e abraça, depois de, como a uma flôr aquática, sempre sedenta e sempre viçosa a ter criado.

É inteiramente um fruto da ria: na sua génese e na sua história, nas grandezas e no infortúnio, no desafogado do aspecto que as adulterações sucessivas da urbanização não conseguiram deturpar, na luminosidade cintilante, oftálmica — efeito aditivo do espelho sol nas águas da laguna — nos costumes e nas actividades. A ria deu-lhe o ser e a seiva nutriente, mas jámais lhe permite a emancipação, pois perpetuamente o cordão umbilical materno, lhe levará o alimento de que carece. Viverá sempre dela e com ela, na íntima solidariedade de um comum destino, tanto nas crises depauperantes como nos períodos de próspero vigôr.

A dependência da cidade do condicionalismo físico da laguna está sobeja e flagrantemente demonstrada. A água salgada também nestes dois seres se comporta como um vital sôro fisiológico. Se abunda e circula, e irriga todos os órgãos de actividade e exerce uma indispensável acção de saneadora fagocitose, a riqueza surge de par com a saúde. Se, pelo contrário, estagna e apodrece, perde a salinidade e se abandona à população miasmática, dá-se o célebre resvalar para o estado patológico e a indigência.

Cotejem-se os números em relação com as condições da barra. A circulação franca e livre traduz-se, após um largo período de crescente prosperidade, em 14.000 almas, com 2.500 fogos, nos primeiros quartos do século de quinhentos.

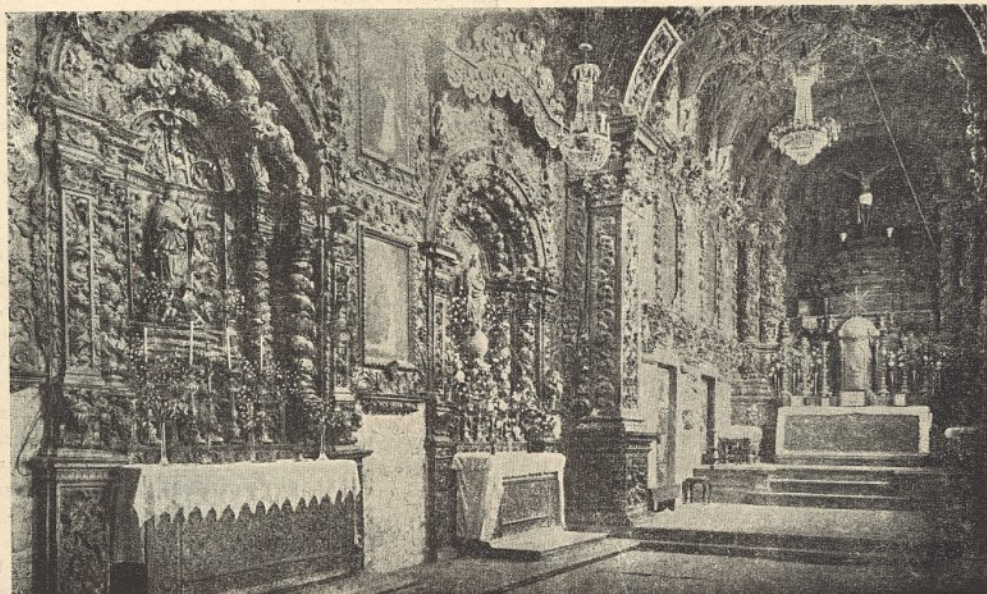
Regista-se, contudo, por 1575, uma primeira crise

das comunicações do mar com a laguna e a linha ascendente de progresso sofre a inicial interrupção. Aveiro entra numa fase de declínio que durante dois séculos se acentua, até atingir limites extremos na insanidade, na miséria dos habitantes e das ruínas, na desesperadora impotência de salvar-se dum deperecimento pertinaz. A população da vila atinge ainda em 1685, a cifra dos dez mil, mas em 1736 estava reduzida a pouco mais de metade. Trinta e um anos depois, subsistindo agravadas as condições da barra errante e deficiente, computa-se em 4.400, e orça apenas pelos 3.500, em 1797.

A abertura da *Barra Nova* em 1808 e a sua fixação determinaram o ressurgimento de Aveiro.

Dê então em diante, garantida a livre comunicação com o oceano e a regularidade do regime de marés, readquire, com a laguna, a vitalidade, remoça e entra em nova era de crescimento. Não alcançou ainda o relativo esplendor de outrora, porque se atrazou de dois séculos e houve de reedificar-se integralmente, mas já o censo lhe atribue população superior à do apogeu. Então, porém, suportava confrontos com grandes núcleos populacionais, que hoje a sobrepujam a ponto de nem sequer poderem ser tomadas como termo de comparação.

Acalenta, porém, uma fundada esperança para reasumir mais relevante posição entre as suas pares — o seu pôrto. A primeira fase das obras concluiu-se com os melhores auspícios e os resultados patenteiam-se iniludivelmente, mais em particular na maior amplitude das marés, na produção do sal e no impulso sofrido pela indústria bacalhoeira — duas das maiores rique-



AVEIRO — Interior da Igreja de Jesus

zas regionais. A segunda fase foi já incluída no novo plano portuário. O grande anseio dos aveirenses deve tornar-se um facto dentro de breves anos e Aveiro entrará, a largos e seguros passos, numa época de franco desenvolvimento e voltará a disfrutar a vida intensa do tráfego marítimo regular e constante — tão considerável no século XVI, quando a vila armava cem navios, que forçara a suspender o toque do «sino da ronda» e a conservar abertas as portas da vila contíguas ao canal, para franquear, a todas as horas, as entradas e saídas.

No entanto o movimento da laguna, graças às beneficiações a que esta tem sido sujeita pelas entidades a que se encontra afecta, cresce sempre, em cêrca de uma centena e meia de canais praticáveis. Certamente não se utiliza já hoje a via fluvial, de Aveiro a Ovar, como, quando ainda não há um século, se pretendia seguir viagem para o Pôrto ou mais para o norte do País. Mas as mercadorias movimentadas em cento e tantos cais e desembarcadouros — compreendendo pescado e sal, bajunça e junco, moliço e adubos químicos, produtos industriais e agrícolas — exceedem talvez um milhão de toneladas em cada ano.

Êste tráfego importantíssimo, com tudo quanto representa de actividades com origem na própria ria, denota uma notável operosidade e pujança económica. Os números surpreenderão quem estiver menos familiarizado com a região. Mas só os barcos «moliceiros» — os mais típicos de quantos sulcam a ria, pela sua arquitectura original e pelos expressivos e coloridos painéis que os ornãm — contam-se por oitocentos, aproximadamente. E empregam-se na frota de transporte não menos de duzentos e cinqüenta «mercanteis» e mais de quinhentas embarcações de diferentes características na pesca e outras occupaões.

Elevam-se as velas brancas no horizonte, menos alvas e mais altas que os montes de sal, e alegra-se a ria; ao mesmo tempo representam labor e são como um atavio, o mais harmónico com a natureza da paisagem.

* * *

A ria não conferiu apenas à cidade a sua fisionomia singular. Imprimiu também carácter à gente e determinou costumes e tradições. O tempo ou as circunstâncias através dêle creadas destruíram alguns e enfraqueceram as manifestações de tantos outros. O etnólogo e o folclorista, porém, aqui encontrarão ainda larga matéria de estudo e o visitante atento atraentes motivos de pitoresco.

Conserva-se o aprumado porte do marnoto, gahardo dentro da sua opa rica, exacto e impecável no ar solene com que se apresenta nas procissões, as mais pomposas e requintadas do país, homem do povo e cidadão, modesto mas livre — que na verticalidade das varas do pálio coloca mais alto o sentimento da sua devoção e afirma uma atitude para o trato de seu semelhante.

Sua filha, a tricana, mantém a linha patricia e a gracilidade proverbiais da sua classe, a despeito da tendência cada dia mais clara de abandonar o vestuário de seu uso característico e do maleável poder de adaptação ao cosmopolitismo das esferas sociais mais bafejadas da fortuna.

A salineira, quasi desaparecida hoje, ainda mostra algum antigo chapéu de aba larga a protegê-la das escorrências salitrosas dos pesados cestos de sal que conduz à cabeça, e o avental de serguelha próprio da faina.

E nas marinhas, com os tradicionais processos de amanho e os utensílios consagrados pela experiência secular, os tsnados trabalhadores das salinas vestem também as típicas «manaias». O homem da ria, pescador ou moliceiro — senão propriamente aveirense, ao menos da laguna — continua a agasalhar-se no amplo «gabão» de capuz, porventura a mais característica peça da indumentária regional.

Os «parceiros» das entregas dos Ramos, pelo Natal e o Ano Novo, recrutam-se, na generalidade, nos homens dessas camadas, e alguns dos santos venerandos ou das invocaões da Virgem com mais devotado culto mantêm-se através do tempo, entre os de maior relação com as profissões dos mordomos.

S. Cristovão atravessou as águas a vau para transportar o Menino Jesus: o merecido pão bento não falta no dia fixado. Fecha a safra das marinhas, e a Senhora das Febres — quantas reminiscências suscita êste nome dos tempos de sezónismo endémico, — celebra-se na sua ermida com animados festejos. Chega a Senhora dos Navegantes e despovoa-se Aveiro — um feriado que só não aproveitam os burocratas que têm ponto a assinar.

Na capela do Senhor das Barrocas — talvez o mais interessante exemplar architectónico da cidade e sem dúvida o mais desprezado — «arrefecida a piedade», como há muito notou um poeta local, apenas alguns «ex-votos» atestam a antiga devoção, e na capela da Nossa Senhora da Alegria, erecta nos tempos de maior prosperidade pelos pescadores, que lá mantinham rendosa confraria, a festividade anual é um páldo reflexo das de uma época longínqua.

Não pretendem estas breves linhas inventariar as tradições, os elementos de riqueza, os motivos de atracção, os monumentos ou edificios de relêvo, os vultos egrégios ou as obras de valia artística que a cidade possui. Confinam-se, e fugidamente, a um único aspecto, o mais peculiar e caracterizador.

Aveiro, como em 1708, quando o padre Carvalho da Costa publicou a sua «Corografia Portuguesa», mostra-se «por tôda a parte desabafada e alegre». E se, comparativamente, não pode, do mesmo modo, classificar-se, sem pretenciosismo, de «habitação jucunda», nem dará lugar ao receio, nos nobres da antiga vila tornado «usual provérbio, de que se não soubesse em Lisboa o que Aveiro era, para que os grandes, que naquela Côrte ficavam» a não escolhes-

sem para moradia, conta numerosos elementos citadinos dignos de aprêço.

Sobretudo a realçam os seus canais e além de todas prevalece a impressão da luz e da água. O grande cartaz, o que atrai e prende, espalha o seu nome e lhe dá o prestígio, é a ria. Aos seus benefícios de natureza económica fizemos rápida alusão, integrámo-la, ainda que passageiramente, na paisagem inconfundível, e poderíamos ainda salientar o seu papel no recreio da população e na prática dos desportos náuticos, em que os aveirenses, nela encontrando um inexcedível campo de preparação, e estímulo, lograram posição marcante. A ria é um assunto inexgotável...

* * *

Aveiro, a cidade da ria, justamente merece ainda a vulgarizada designação de «princesa do Vouga».

São para Aveiro as últimas estrofes, e as mais pre-



AVEIRO — Margens do Vouga

ciosas, da écloga recitada pelo rio na sua jornada de encantamento, como a ela se destina a fanfarra de luz que em tôda a extensão da laguna a glorifica.

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS — LOUÇAS ARTÍSTICAS, SANITÁRIAS E DOMÉSTICAS

ALELUIA & ALELUIA

FÁBRICA ALELUIA — R. CANAL DA FONTE NOVA } TELEFONE 22
 FÁBRICA GERCAR — RUA DAS OLARIAS }
 AVEIRO

Agente em Lisboa:

MÁRIO FORJÓ GOMES

Rua do Amparo, 25-1.º

Agente no Pôrto:

JOAQUIM SOUSA

Galeria de Paris, 96



N.º 15-B, alt. 36,5 cm.

N.º 76-A, alt. 53 cm.

N.º 28-C, alt. 24 cm.

O QUE O VISITANTE DEVE VER EM A VEIRO

«Não é pelas suas riquezas artísticas que Aveiro se distingue: levam-lhe a palma nêsse ponto muitas outras cidades portuguesas... O que imprime a esta cidade um ar inconfundível, o que plenamente justifica a extensa fama da sua beleza é a situação privilegiada que disfruta à beira da ria do seu nome, dessa ria, que tem cinqüenta mil hectares de superfície líquida e que tão generosamente lhe dá graça, riqueza e frescura». Estas linhas do grande poeta Eugénio de Castro, exprimindo aliás, uma flagrante verdade, não denegam a existência de alguns exemplares arquitectónicos e artísticos dignos de apreço dos visitantes.

O *Museu Regional*, que actualmente está recebendo importantes obras de beneficiação, possui valiosas colecções de arte. No *Convento de Jesus*, onde o museu foi instalado depois da proclamação da República, merece particular atenção, além da igreja pelo precioso lavor da sua talha doirada, o sumptuoso tumulo — primorosa joia em mosaico de mármore, do século XVI — onde jaz a excelsa filha do rei D. Afonso V, a *Princesa Santa Joana*, que nêste convento se fez monja e morreu.

A uns escassos metros do convento fica a *Igreja de S. Domingos*, em cujo adro se encontra um belo cruzeiro em estilo gótico, dos fins do século XV.

O portal da igreja data de 1719. No interior podem observar-se algumas obras de reconhecido valor artístico. Junto à igreja vêm-se os últimos restos das muralhas com que o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra e Regente do Reino, fortificou a antiga vila, no século XV.

Seguindo para poente encontrará o turista o *Jardim Público* e *Parque Municipal*, a que foi dado o nome do famoso príncipe que correu «as sete partidas do mundo» — retiro muito aprazível e bem cuidado, com recintos para a prática do ténis; patinagem, basquete-bal e futebol. Contíguo, fica o *Hospital da Misericórdia*, magnificamente instalado.

Regressando ao centro da cidade, passa-se na Praça de Marquês de Pombal, onde se encontram os

edifícios do *Governo Civil* — agora em reconstrução, em consequência dum violento incêndio — a moderna *Estação dos Correios e Telégrafos* e a *Igreja das Carmelitas*, espécime muito interessante pela sua talha doirada e azulejos setecentistas.

Depois, na Praça da República, vêm-se os edifícios do *Liceu Central*, os *Paços do Concelho*, a estátua do grande tribuno José Estevão, glória aveirense, e a *Igreja da Misericórdia*, da época filipina, digna de ser admirada.

Descendo a rua de Coimbra, chega-se ao *Canal Central*, cuja visita até ao *Canal das Pirâmides* é de recomendar.

No comêço da ampla avenida que liga o centro da cidade à Estação dos Caminhos de Ferro, ver o *Monumento aos Mortos da Grande Guerra*, de bela feição artística.

Para poente fica o característico *Bairro Piscatório*, cheio de simplicidade mas de beleza e côr, onde se encontram os tipos mais castiços da região.

O visitante não deve deixar de percorrer êste bairro, passear ao longo do Canal de S. Roque onde se nota sempre um intenso labor. Pode-se atravessar êsse canal por uma pequena ponte e ir, junto às *Marinhas de Sal* (em laboração apenas nos meses de verão) até à ponte de S. Gonçalo, junto ao Canal das *Pirâmides*. Passando o *Rocio*, volta-se de novo ao centro da cidade. Nêste local realiza-se, de 25 de Março a 12 de Abril, a «Feira de Março». Muito interessante e de notável beleza pictural é a «feira dos barcos», que se realiza em 25 de Março, pela manhã, no canal central.

É também digna de visita a *Capela do Senhor das Barrocas*, belo exemplar de estilo barroco, de forma octogonal, situada no extremo norte da cidade.

Características de belo sabor local, em Aveiro, são as suas procissões (Cinzas, Passos, etc.) e festas populares; os seus cais e canais, a indústria do sal, a cerâmica artística e de construção; os seus afamados dôces, especialmente os deliciosos ovos moles; as caldeiradas regionais, à pescador, hábilmente con-

feccionadas com peixe da Ria, são de molde a satisfazer o mais exigente apreciador.

* * *

Magnífico e interessante centro de excursões é Aveiro.

Temos de citar, em primeiro lugar, a sua extensa Ria, onde se aprecia nos dias de trabalho, uma extraordinária animação. Um passeio pela ria, numa manhã calma e de sol, nas lanchas da carreira, até *S. Jacinto*, (campo de aviação marítima, obras da barra) ou um pouco mais longe, para norte, utilizando as confortáveis lanchas da Comissão de Turismo, até o *Praião da Torreira* — larga bacia lagunar de horizontes encantadores — constitui um espectáculo cheio de beleza que jámais esquecerá.

Para fazer uma ideia mais rápida da ria (pequena ideia no entanto), pode-se ir até às praias da *Barra e Costa Nova* (12 quilómetros) pela estrada que, seguindo pelo sul o canal central da cidade, atravessa a ria e a povoação da *Gafanha*.

Na Barra visitar o magnífico farol, de 60 metros de altura. Da varanda superior, divisa-se uma linda e surpreendente vista panorâmica de largos horizontes. No regresso pode-se, na altura da *Gafanha*, cortar

para o sul e, através da Mata Nacional, ir até *Ilhavo* onde merece visita-o seu interessante Museu Etnográfico; e um pouco mais além, à *Vista Alegre*, para visitar a importante fábrica de porcelana.

Um outro percurso interessante, para se apreciar o pitoresco das ridentes margens do Vouga, faz-se seguindo a estrada até *Angeja* (10 quilómetros) ou, melhor, seguindo a estrada de *Águeda* até à *Ponte da Rata* (sobre o *Águeda*, afluente do Vouga) e, aí, seguir a estrada camarária que corta à direita, junto à ponte, até *Requeixo*, para se admirar a imensa variedade de paisagem que oferece a *pateira de Fermentellos* — extensa lagôa, admirável de beleza, formada pelo rio *Águeda*. Voltando para trás, novamente pela estrada de Aveiro, corta-se à direita, em *S. João de Loure*, atravessa-se a ponte sobre o Vouga, e, depois, caminhando para poente, segue-se para *Angeja* e daqui para Aveiro.

A excursão pela estrada de turismo Aveiro-Viseu é de extraordinária beleza e encanto. Pode-se, no trajecto, visitar as serranias de Sever do Vouga (*Arestal*, *Minas do Braçal*) e as das *Talhadas*, de aspecto grandioso.

O mesmo se pode dizer das serranias de *Macieira* de *Cambra* e de *Arouca*, aonde se chega por *Oliveira* de *Azemeis*.



CERÂMICA AVEIRENSE

DE

Viuva de JOÃO PEREIRA CAMPOS

CANAL DE S. ROQUE

Telefone 51—AVEIRO

DEPÓSITO NO PÓRTO:

RUA DO BONFIM, 117—Telefone 6740



(Stand que na Feira Exposição de Março obteve o 1.º prémio)

Telha e tejos de diversos tipos
Telha tipo «PORTUGUÊS»

(Esta telha cobre como a de Marselha, sem o emprêgo de argamassa,
e imita perfeitamente a antiga telha mourisca, ou de canudo)

TEJOLOS DE BARRO VERMELHO E REFRACTÁRIO

CERÂMICA ORNAMENTAL
E TÔDA A ESPÉCIE DE CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO

TELEFONE 244

LACTICÍNIOS DE AVEIRO, Limitada

A V E I R O

TELEFONE 41

TELEGRAMAS: MOAGENS

Companhia Aveirense de Moagens

MOAGEM DE CEREAIS — DESCASQUE DE ARROZ
—— FARINHAS PARA GADO ——

Praça de Luis Cipriano

AVEIRO

ANS BROUJET

TELEFONE 81

Lau & Filhos Sucessores, L.^{da}

ARMAZENS DE MERCEARIAS, CEREAIS E AZEITES
— BACALHAUS NACIONAIS E ESTRANJEIROS —

Avenida Central

AVEIRO

Boia & Irmão

Fabricantes de Máquinas industriais e aparelhos marítimos.
Reparações em máquinas e motores terrestres e marítimos

SOLDADURA ELÉCTRICA E A AUTOGÉNEO

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

Fabricantes de Máquinas para Serrações e Carpintarias Mecânicas

RUA DO PARAÍSO

AVEIRO

TELEFONE 146

Chapelaria COSTA

FABRICANTE
DE CHAPÉUS
E BONÉS

COSTA

VENDAS POR JUNTO
— E A RETALHO —

EXPORTAÇÕES PARA
O CONTINENTE,
ILHAS E COLÓNIAS



Avenida Dr. Lourenço Peixinho

AVEIRO

Tele } gramas: Viúva António Cruz — Aveiro
 } fono: 90

Viúva de António da Cruz Bento Júnior

NEGOCIANTE DE PESCADO E SAL

Sucessor das firmas:

JOÃO DA CRUZ BENTO

ANTÓNIO DA CRUZ BENTO

ANTÓNIO DA CRUZ BENTO & FILHOS

E JOÃO DA CRUZ BENTO & IRMÃO

A V E I R O

— SAL REFINADO —

«ESTRÊLA DO MAR»

PARA MESA E COSINHA — QUALIDADE SEM RIVAL
PELO SEU FABRICO ESPECIAL — EM QUANTIDADES
PARA AS INDÚSTRIAS DE MANTEIGAS E ALIMENTÍCIAS



Empresa Refinadora de Sal, L.^{da}

A V E I R O

Telefone 25

Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos

S. A. R. L. - AVEIRO

CAPITAL 2.700 CONTOS

Fundada em 1896

Tele { gramas CAMPOSFILHOS-Aveiro
fone 108

Três grandes prémios de Honra na Exposição Industrial de Lisboa
em 1932-33. — Grande Prémio na Exposição Colonial do Pôrto em 1934

MEDALHA DE PRATA

Rio de Janeiro — 1918

MEDALHA DE OURO

Rio de Janeiro — 1923

MEDALHA DE OURO

Exp. Int. de Barcelona — 192

A maior e mais esmerada fabricação de todos os produtos cerâmicos para construções. Telha tipo Marselha, Sucesso, «CAMPOS», cobrindo esta pelo sistema da de Marselha sem o emprêgo de argamassa e imitando perfeitamente a antiga telha de canudo (modelo e marca registados). Tejolos vermelhos de todos os formatos. TEJOS E PEÇAS REFRACTARIAS PARA ALTAS TEMPERATURAS, barro refractário, TUBAGEM DE GRÉS e todos os acessórios para saneamento, botijas, vasilhas para ácidos, potes e garraões, peças para corrente de alta tensão, bacias, retretes, lavatórios, etc., etc.

Depósito no Pôrto: R. SÁ DA BANDEIRA, 382-Telef. 4674 — Depósito em Lisboa: LARGO DO CALVÁRIO, 3 — Telef. 81 672
Depósito em Braga: Rua CANDIDO DOS REIS, 75 a 79-Telefone 124 — Sucursal: Alvarães (Minho)

Telefone 54

Tele { gramas: Testa
{ fone: 26

Construções Navais

SERRAÇÃO

ANTÓNIO MÓNICA

GAFANHA—AVEIRO

(PORTUGAL)

Testa & Amadores

FERRAGENS E MERCEARIAS

AGENTES BANCARIOS

E

DEPOSITÁRIOS DA «SHELL»

A V E I R O

Telefone 40

Telefone 104

Paula Dias & Filhos, L.^{da}

(FUNDIÇÃO AVEIRENSE)

*Fundição de Ferro e Bronze, Serralharia
Mecânica e Civil—Construção e Reparação
de Máquinas*

Jacinto Rebocho

NEGOCIANTE DE SAL

A V E I R O

RUA DIREITA, 35

A V E I R O

Tele { fone 32
gramas NAIÁ PACHECO

Manuel da Naia Pacheco

NEGOCIANTE DE PESCADO E SAL

AVEIRO

Douza & Irmãos

SERRAÇÃO, MOAGEM E CARPINTARIA



Construtores de Carros de Bois



AVEIRO — Eírol

Telefone 134

Severim Duarte

AGENTE DEPOSITÁRIO DE:

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

— I — I — **FÁBRICA DAS ANTAS** — I — I —

Empresa de Cimentos de Maceirã, Lda.

— I — I — **«SACOR» e «CIDLA»** — I — I —

AVENIDA CENTRAL — AVEIRO

LUZOSTELLA

FABRICA DE LIXAS E OUTROS PRODUCTOS

Premiada com a Medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-23 — Grande Prémio de Honra e Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa 1932

LIXAS de tôdas as qualidades para tôdas as indústrias em PAPEL E VIDRO, PAPEL E ESMERIL — PANO BRANCO E ESMERIL — PANO BRANCO E VIDRO — PANO AZUL TRANÇADO EXTRA E CARBORUNDUM — PANO AZUL TRANÇADO E ELECTRO KORUNDUM — PAPEL E CARNET, discos e outros formatos especiais para máquinas lixadoras.

PÓ LUZOSTELLA producto de 1.ª qualidade em latas de 500 e 250 gramas para limpeza de talheres.

COLAS de alta resistência para a indústria de carpintaria e marcenaria, pintura e decorações.

ESMERIL em todos os grãos e para tôdas as indústrias — Granulações especiais para a construção de pedras para descasque de arroz. Fornecemos o verdadeiro e puro esmeril de NAXOS.

Ferreira & Irmão, Sucessores, Limitada

AVEIRO

AVEIRO

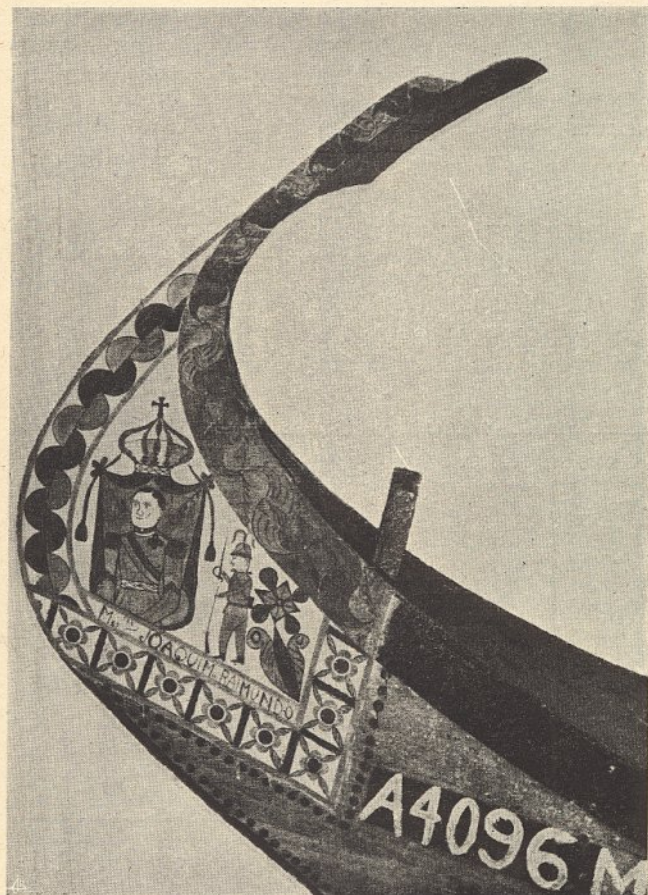
«PEQUENA HOLANDA EM PLENO
CLIMA E LUZ OCIDENTAIS»

ANTÓNIO ARROIO

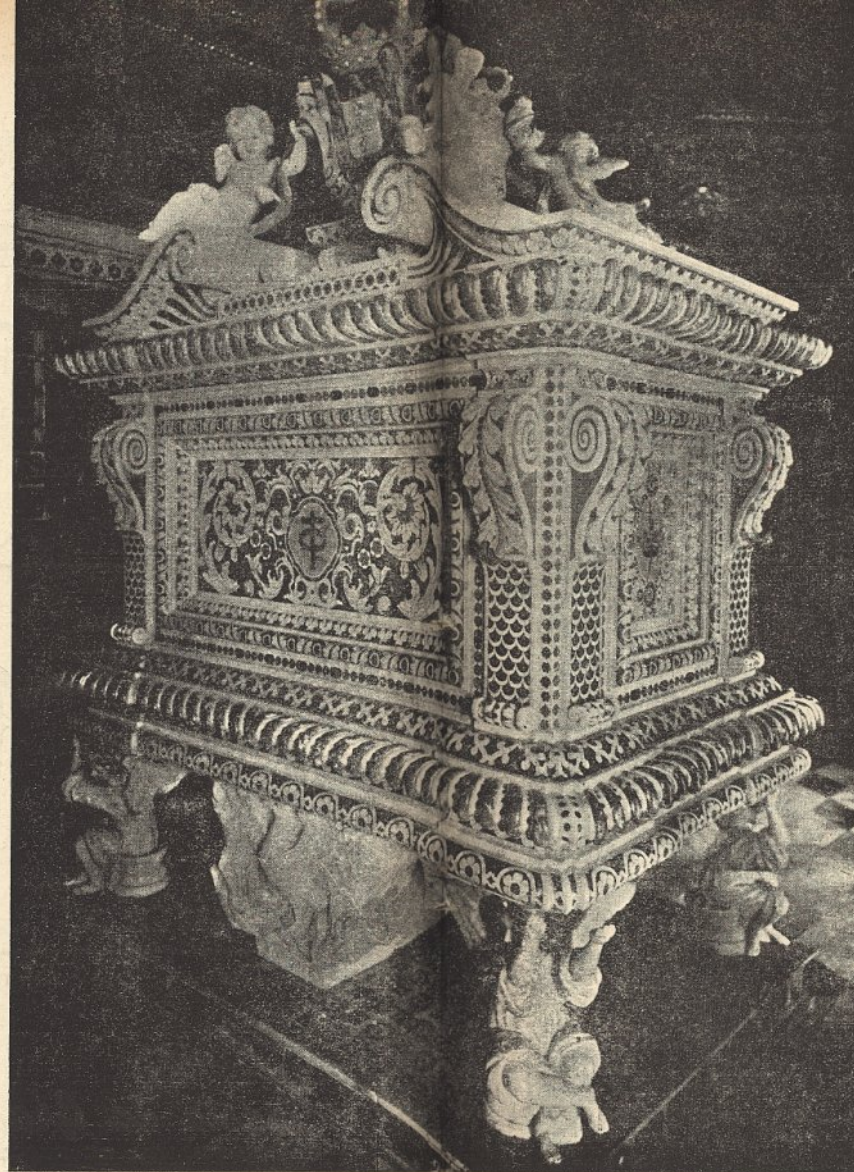
VISITE AVEIRO E ADMIRE :

A SUA RIA-MARAVILHA DE LUZ E CÔR
O SEU MUSEU
O MAGESTOSO TÚMULO DA PRINCEZA SANTA JOANA
A ESBELTEZA DAS SUAS TRICANAS

<p>A MÓLDUREIRA DE <i>António M. Costa</i></p> <p>Fábrica de Molduras, Espelhos, Porte-retratos e Artigos de novidade para bazar</p> <p>AVENIDA CENTRAL AVEIRO</p> <p>Telefone 258</p> 	<p>Telefone 150 End. Teleg. — GARAGE AVENIDA-AVEIRO</p>  <p>Estação de Serviço Gasolina e Óleos Automóveis e Motocicletas Camions Acessórios</p> <p>Auto-Comercial de Aveiro, Limitada GARAGE AVENIDA Estação de Serviço Móvel AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO AVEIRO</p>
<p>Telefone 27 End. Teleg.: MARIA GRAÇA PAULA</p> <p><i>Maria da Graça Paula</i> NEGOCIANTE DE PESCADO E SAL Gerente: Domingos da Graça Paula</p> <p>PRAÇA DO PEIXE AVEIRO</p>	<p>Banco Regional de Aveiro S. A. R. L.</p> <p>CAPITAL } Autorizado — Esc. 4.000.000\$00 } Emitido — Esc. 2.000.000\$00</p> <p>Transferências e Cobranças C/Correntes em Moeda Portuguesa Saques sobre o País Depósito à Ordem e a Prazo</p> <p>TELE } GRAMAS: REGIONAL } FONE: 31</p> <p>Empréstimos sobre penhores de Ouro, Prata e Joias</p> <p>RUA COIMBRA — PRAÇA LUIZ CIPRIANO — AVEIRO</p>
<p>Telef. 34 End. Tel. Francisco Ventura — Aveiro</p> <p>Francisco Ventura, Suc.^{res} NEGOCIANTES DE PEIXE E SAL COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES</p> <p>9, Praça do Peixe, 9-A — AVEIRO</p>	<p><i>Armazém de Malhas e Miuderas</i> ATOALHADOS</p> <p>REVENDEDORES DOS TACÕES E SOLAS DE BORRACHAS DAS AFAMADAS MAR- CAS: Bravo, Abelha, Farol, Palhaço, Zeca e Jape</p> <p>Armazens Vieira Avenida Dr. Lourenço Peixinho TELEFONE 156 AVEIRO</p>



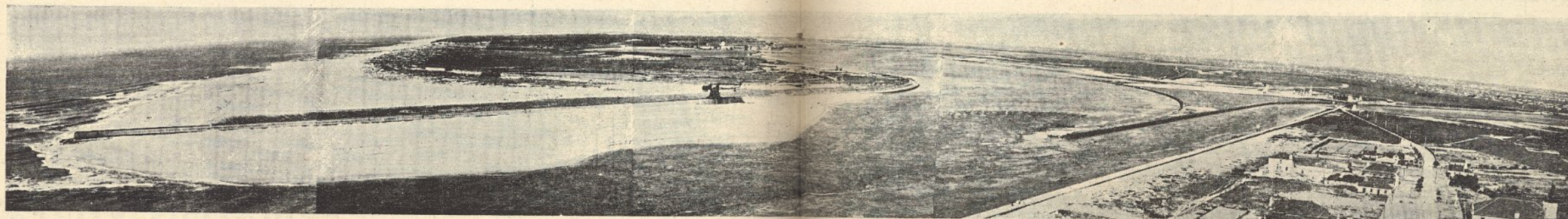
AVEIRO — Barge Moliceiro



AVEIRO — Túmulo de Santa Joana



AVEIRO — Aspecto da Ria



AVEIRO — Um aspeto geral da Ria

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

S. A. R. L.

CAPITAL	Autorizado — Esc.	4.000.000\$00
	Emitido — Esc.	2.000.000\$00

Transferências e Cobranças
Saques sôbre o País

Cobranças e Pagamentos
C/Corrente em Moeda Portuguesa
Depósitos à Ordem e a Prazo

TELE { gramas: REGIONAL
fone: 31

RUA COIMBRA — PRAÇA LUIZ CIPRIANO — AVEIRO

João Luiz Ferreira d'Abreu

MERCEARIAS, FAZENDAS, VINHOS
ADUBOS QUÍMICOS E CEREAIS
PADARIA DE PÃO DE MILHO

EIXO AVEIRO

TELEFONE 210

End. Teleg.: JOSÉ PINHO NASCIMENTO — Aveiro

José de Pinho Nascimento

NEGOCIANTE DE PEIXE E SAL
COMISSÃO E CONSIGNAÇÃO

Praça do Peixe AVEIRO

VASSOURARIA AVEIRENSE
de QUINTINO & DELFIM

Fábrica de Vassouras e Escovas de Piassaba
—:— Malas e artigos de Viagem, etc. —:—

Avenida Bento de Moura, 30 AVEIRO — (Portugal)

Telefone 175

Mário da Silva Lourenço

Malhas, Miudezas e Cafés

Avenida Dr. Lourenço Peixinho AVEIRO

Farmácia Aristides de Figueiredo

PENSOS, ESPECIALIDADES NACIONAIS
E ESTRANGEIRAS — ARTIGOS DE
BORRACHA

EIXO AVEIRO

ALBINO MIRANDA, L.^{DA}

Mercearias, Louças, Vidros e Miudezas — Artigos de Caça
— Papeleria, Chá e Café — Depositário dos Tabacos de
—:—:—:—:—:— A TABAQUEIRA —:—:—:—:—:—

AVEIRO TELEFONE 45

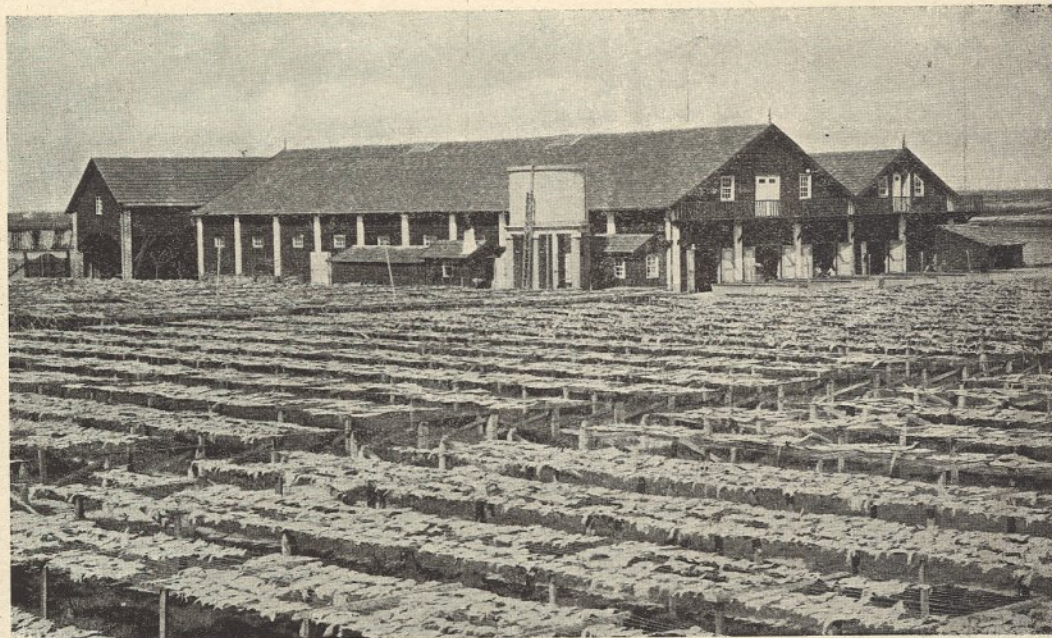
VIÚVA DE BRUNO DA ROCHA
Proprietária da **PENSÃO AVENIDA**

Bens quartos e boa sala de jantar
Cabine Telefónica 128 Largo da Estação — AVEIRO

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CARPINTARIA MECÂNICA
DE **VIÚVA DE JAIME RODRIGUES**

Largo do Conselheiro Queiroz — AVEIRO

Telefone 50



GAFANHA — Seca do Bacalhau

A grande actividade dos estaleiros de Manuel Maria Bolais Mónica

SÃO conhecidos entre nós os estaleiros de Manuel Maria Bolais Mónica. Situado no lugar da Cale da Vila, parte industrial da Gafanha da Nazaré, ocupam uma área de cerca de 15.000 m².

Foram sempre os maiores na construção naval em madeira, devendo muito em breve alinhar entre os primeiros do país, na construção de navios de ferro e aço, para o que o seu proprietário está autorisado superiormente, estando já em transações com casas estrangeiras para o fornecimento de máquinas. Algumas destas encontram-se já nos seus estaleiros e outras nas Alfândegas.

Nestes estaleiros estão a ser construídos 3 barcos para a pesca do bacalhau, de cerca de 750 toneladas, e um de 150 toneladas, para a pesca do alto.

Tem ainda, quasi pronto a ser lançado à água, o navio a motor «TREVO I», de ferro, que foi totalmente reconstruído nos seus estaleiros. Este navio, quando veio para se fazer a obra, carregava cerca de 170 toneladas. Agora deve ficar com uma capacidade de carga de 650 toneladas.

Grandes armazens e oficinas para as novas instalações estariam construídas, se não houvessem surgido vários embaraços, dificuldades de vária ordem, que têm causado grandes prejuizos e desgostos a este laborioso industrial.

Mas estamos convencidos de que tudo se resolverá por bem, sem prejudicar uma indústria de tao alto interesse nacional e regional.

Basta dizer que nos seus estaleiros trabalham cerca de 400 operários, distribuidos por todas as classes e categorias.

Nos seus estaleiros foi construída a maior parte dos navios de madeira para a pesca do bacalhau, entre os quais o «NOVOS MARES», «BRITES», «AVIZ» e «PRIMEIRO NAVEGANTE», etc., além de vários navios para o estrangeiro.



Vista aérea do local onde se encontram situados os estaleiros de Manuel Maria Bolais Mónica



PORTO — Vista parcial da cidade

Fábrica de Encerados da Restauração, L.^{da}



Rua da Restauração, 132

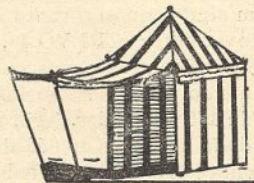
Telefone, 15771 — Pôrto



Encerados, Capas e Fatos de Oleado



*Toldos, Barracas e Guarda-sóis
para Praia, Jardim e Campo
Grande e variado sortido de
Cadeiras*



Companhia Industrial Resineira

S. A. R. L.

FÁBRICAS
SANTA COMBA DÃO (Gare)
(Beira Alta)

E
CAMPANHÃ-PORTO

ESCRITÓRIO
Rua de Santa Catarina, 17-2.º
PORTO

Telefones | P. B. X. 7921-7922
| Rede do Estado, 21

Os serviços BOSCH
— montados com fer-
ramental de precisão
e dirigidos por técni-
cos especializados —
prestam uma assistên-
cia técnica de absoluta
confiança. Prestando
todo o cuidado aos
Equipamentos Electri-
cos do seu carro evita
despesas supérfluas

Estações de Serviços

BOSCH



Avenida Duque de Loulé, 112-120
LISBOA

Rua Firmeza, 312
PORTO

António Pinto de Mesquita, L.^{da}

CASA FUNDADA EM 1906

METAIS-FERRAMENTAS

53, Rua dos Caldeireiros, 61
Telefone, 4863 P. E. X.

PORTO

13, Rua do Almada, 17
Telefone, 103

COMPANHIA MINEIRA DO NORTE DE PORTUGAL

EMPRESA MINEIRA DE SABROSA, L.^{DA}

S. A. R. L.

Rua Barão de Nova Sintra, 119

P Ó R T O

TELEFONES { 5837 - 5867
5819 - 587
4369



S. João da Madeira

RUA OLIVEIRA JÚNIOR

Telefone 6

Pôrto

AV. DOS ALIADOS, 9-3.º

Telefone 4239

TODOS OS ARTIGOS PARA A INDUSTRIA DE CHAPEUS: CARNEIRAS, FORROS, FITAS, FUMOS, PÊLOS, ETC.. ETC.

DECALCOMANIAS (transfêres) PARA USO DAS INDUSTRIAS DE CURTUMES, LANIFÍCIOS, MALHAS E TECIDOS DIVERSOS

**MOVIMENTOS INDUSTRIAIS
POR CORRENTE
RENOLD**

ECONOMIA DE FORÇA - ECONOMIA DE ESPAÇO
Supressão absoluta de resvalamentos. Longa duração

DESNATADEIRAS ALFA-LAVAL

MANUAIS E MECÂNICAS
NORMAIS E ANTI-ESPUMOS
DE 45 a 5.000 LITROS POR HORA

MOTORES ELÉCTRICOS A
GAZ POBRE, A ÓLEOS, ETC.

GRUPOS MOTOS - BOMBAS PARA REGA
E OUTROS FINS

HARKER, SUMMER & C.^A, L.^{DA}

152-R. José Falcão-156 14-L. Corpo Santo-18
P O R T O L I S B O A

José F. Magalhães & C.^a, L.^{da}

F E R R O - A Ç O S

239, RUA DO ALMADA, 241

P o r t o

TELE (fone, 5851
gramas: FERROAÇOS

Corporação Internacional de Seguros

S. A. R. L.

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL DA

LEGAL & GENERAL ASSURANCE SOCIETY, LTD.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Avenida dos Aliados, 54-2.º — P O R T O

Telefones 1374-1384 — Telegramas CORPINSUR

COLECCÃO «PORTUGUESA»

VOLUMES PUBLICADOS

- | | | | |
|--|--------|---|--------|
| 1 — Amores no Campo (romance), por Sarah Beirão | 12\$50 | 12 — Uma Alma de Mulher (romance), por Arminda Fortes | 12\$50 |
| 2 — Serões da Beira (contos), por Sarah Beirão | 12\$50 | 13 — Perfil do Marquês de Pombal por Camilo Castelo Branco | 12\$50 |
| 3 — Amor de Perdição (romance), por Camilo Castelo Branco | 12\$50 | 14 — A Morgadinha dos Canaviais (romance), 1.º vol., por Júlio Diniz | 12\$50 |
| 4 — A Tentadora (romance), por Arminda Fortes | 12\$50 | 15 — A Morgadinha dos Canaviais (romance), 2.º vol., por Júlio Diniz | 12\$50 |
| 5 — A Rosa do Adro (romance), por Manuel Maria Rodrigues | 12\$50 | 16 — O Ciúme (romance), por Arminda Fortes | 12\$50 |
| 6 — Micaela (romance), por Arminda Fortes | 12\$50 | 17 — História de uma vida (romance), por Maria Henriques Osswald | 12\$50 |
| 7 — Sózinha (romance), por Sarah Beirão | 12\$50 | 18 — Surpresa Bendita (romance), por Sarah Beirão | 12\$50 |
| 8 — Nocturnos (poesias), por Gonçalves Crespo | 12\$50 | 19 — Maria Luiza (romance), por António Ferreira | 12\$50 |
| 9 — Os Fidalgos da Torre (romance), por Sarah Beirão | 12\$50 | 20 — Fidalguinha da Levada (romance), por Alexandre Malheiro | 12\$50 |
| 10 — As Pupilas do Senhor Reitor (romance), por Júlio Diniz | 12\$50 | | |
| 11 — Miniaturas (poesias), por Gonçalves Crespo | 12\$50 | | |

Cada volume com encadernação própria 25\$00

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO PAÍS
EDIÇÕES DA:

LIVRARIA SIMÕES LOPES

DE DOMINGOS BARREIRA

LIVRARIA, PAPELARIA, MATERIAL ESCOLAR, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÃO

119, Rua do Almada — Telefone 1721 — P O R T O (Portugal)

Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

por FRANCISCO TORRINHA
Belamente Encadernado

30\$00

Com as alterações ortográficas de harmonia com o último Vocabulário da Academia das Ciências

FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES

DIOGO BARBOT & C.^A, L.^{DA}
 RUA S.^{TO} I. DE FONSECA, 366 - PORTO

BARBOLUX

O MELHOR ESMALTE PORTUGUÊS



para sua tranquilidade:
 equipe o seu carro com VIDRO DE SEGURANÇA
 de **A BISALIA, L.^{DA}**
 FABRICA DE ESPELHOS E LAPIDACÃO DE CRISTAL
 Rua páios: manuel. 40 - PORTO - telef. 4225
 e atenção: imitações... decepções!...



DROGARIA

MEGRE & C.^A, L.^{DA}

Produtos químicos e industriais — Especialidades farmacêuticas

ARTIGOS PARA PIROTECNIA, ETC.

PERFUMARIAS

DEPOSITÁRIOS DOS ALVAIADES, VERNIZES,
 SECANTES E TINTAS PREPARADAS MARCA

«MEGRE»

Rua das Flores, 26 a 30
 Telefone 541 — Telegramas «ERCEM»

Porto

Drogaria Moura, Limitada

(FUNDADA EM 1851)

97-Largo de S. Domingos — PORTO

Telefones 414 e 417 P. B. X.

DROGAS, TINTAS, PRODUTOS QUÍMICOS
 E ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Depositários gerais de **BRANCO DE TITANE**

UM EXCLUSIVO MUITO IMITADO MAS
 NUNCA IGUALADO

Depositários Gerais no Norte do País das TINTAS Nito-celulosicas
 «PROXLIN», da Acme White Lead and Color
 Werks, de Newark — U. S. A.

TUDO

PARA O AUTOMOBILISMO

O MAIS COMPLETO SORTIDO EM ACES-
 SÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS, CAMINHÕES
 E CAMINHETAS — SEMPRE A MELHOR
 — QUALIDADE AOS MELHORES PREÇOS —

AUTO-OMNIA

LIMITADA

Praça da Liberdade, 23 PORTO

Empresa de Transportes L'Eclair, L.^{da}

Rua da Fábrica, 5-1.º — PORTO

Telefone 631 — End. Teleg. SILREIS

TRANSPORTES INTERNACIONAIS
 TERRESTRES E MARÍTIMOS

Agentes e correspondentes em todos
 os portos e fronteiras e em França,
 Suíça, Alemanha, Inglaterra, etc.

MÁQUINAS DE ESCREVER IMPERIAL (FABRICO INGLEZ)

Agentes gerais para Portugal **BLACKETT & C.^A, L.^{DA}** Rua da Nova Alfândega, 22 — PORTO

Sempre em stock todos os artigos de escritório: Fitas, Papel químico, Stencils, Duplicadores, etc., etc., etc.

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

40 ANOS DE ACTIVIDADE

RECEBEMOS, do respectivo Conselho de Administração, o Relatório e Contas — correspondente ao 40.º exercício e relativo ao ano de 1943 — da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela, apresentado em Assembleia Geral de 26 de Setembro dêste ano.

Estamos, pois, em presença dum relatório da gerência com o qual se encerram quarenta anos de actividade da prestigiosa Companhia.

Como se vê do Parecer do Conselho Fiscal, assinado pelos seus membros, srs. engenheiros José Duarte Ferreira, dr. Pedro Manuel de Almeida Lima e D. António de Almeida Correia de Sá (Lavrado), as contas do relatório, bem como o respectivo balanço, são dignos de aprovação.

O Conselho de Administração tem trabalhado dedicada e inteligentemente, «consequindo um aumento de receitas, apesar das dificuldades de tóda a ordem causadas pela guerra».

Verifica-se, efectivamente, pelo exame das contas, que se obteve um novo aumento

nas receitas de exploração, as quais atingiram a importante cifra de 52.463.540\$41, ou seja mais 7.450.899\$89 do que no ano transacto, aumento representado por 879.977\$63, em passageiros; 5.811.146\$52, em mercadorias G. V. e P. V.; e 759.775\$74, em diversos.

E o facto é tanto mais digno de registo quanto se verifica, pelos mapas apresentados, que as despesas ordinárias não se elevaram na mesma proporção.

No Fundo de Renovações encontramos inscrito um saldo de 47.951.530\$06 para 1944.

Vemos ainda pelo Relatório que, durante a gerência de 1943, continuaram os trabalhos de Experiência de Colonização que a C. C. F. B. está realizando em Angola. Os trabalhos da variante Lengue-S. Pedro também têm prosseguido, encontrando-se relativamente avançada a construção da plataforma.

Pelo exposto se vê que a Administração da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela continua fiel às suas brilhantes tradições.

ENGENHEIRO CANCELA DE ABREU

A CABA de ascender ao alto cargo de Ministro das Obras Públicas e Comunicações o distinto Engenheiro sr. Augusto Cancela de Abreu, ilustre membro do Conselho Directivo da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. É, pois, com justificado jubilo e orgulho que referimos hoje, em lugar de honra, tão auspicioso facto e tributamos ao sr. Engenheiro Cancela de Abreu as nossas homenagens. Muitos são os títulos que impõem o o ilustre homem público à consideração de todos os portugueses.

Entre outros cargos importantes tem exercido os de chefe de gabinete do ministro do Comércio e Indústria, eng.º Sebastião Ramires; vice-presidente da delegação portuguesa da Camara de Comércio Internacional e da sua comissão executiva; da Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses; delegado do Governo junto do Grémio de Comércio de Exportação de Vinhos. Tomou parte, entre outros, no 1.º Congresso Nacional de Engenharia, em 1931; Congresso Internacional de Caminhos de Ferro do Cairo, em 1933; Conferências semestrais tráfego franco-hispano-português e 1.º Congresso da União Nacional. Em 1938, foi ao Brasil, em missão especial, com os srs. eng.ºs Araujo Correia e Sebastião Ramires, para estudar a intensificação do comércio com aquêlê país. Voltou lá, anos depois, com o prof. dr. Luiz Cincinato da Costa, para concluir importantes acordos comerciais.

Deputado à Assembleia Nacional nas duas primeiras legislaturas, o sr. eng.º Cancela de Abreu afirmou-se um parlamentar brilhante, pelo critério e inteligência com que estudava os problemas e os debatia. Ali apresentou várias moções, que mereceram aprovação unanime e um aviso-prévio sobre comunicações postais, telegráficas e telefónicas entre Portugal e o Brasil, que teve larga repercussão.

Em Outubro de 1935 foi, como delegado de Portugal, com o sr. eng.º Araujo Correia, tomar parte na Conferência Internacional Parlamentar de Comércio, pronunciando um notável discurso que mereceu à Imprensa inglesa elogiosas referências.

Sub-director da Sociedade Estoril, passou a director da mesma empresa em 2 de Novembro de 1941, motivo por que renunciou o seu mandato de

deputado. Foi presidente da comissão concelhia da U. N. de Lisboa, e membro da comissão executiva do mesmo organismo, onde desenvolveu larga acção.

O sr. eng.º Augusto Cancela de Abreu é natural da Anadia, onde nasceu em 1895. Frequentou o antigo Liceu da Lapa, de onde passou para o Instituto Superior Técnico, a fim de tirar o curso de engenheiro civil. Fez parte, como official miliciano de artilharia, do C. E. P., em França, sendo louvado pela sua acção em campanha.

É comendador da Ordem de Cristo.

Dadas as invulgaes qualidades do sr. eng.º Cancela de Abreu, é de esperar que a sua actividade, à frente dum dos mais importantes departamentos do Estado, como é o Ministério das Obras Públicas e Comunicações, se afirme como até aqui se tem verificado em diversas missões e outros sectores da vida pública.

A sua acção, por exemplo, como director da Sociedade Estoril, pode classificar-se de modelar e servir de exemplo na alta direcção da complexa actividade ferroviária.

A sua competência técnica, o seu saber, a sua iniciativa, o seu superior critério há muito que designavam o sr. eng.º Cancela de Abreu para a missão de que foi agora investido.

No Ministério das Obras Públicas foi encontrar a brilhante tradição da obra do seu eminente e malgrado antecessor. Estamos certos que o sr. eng.º Cancela de Abreu a continuará com a energia e o saber que lhe são peculiares e o têm imposto à consideração de todos.

Fazendo votos pelas melhores prosperidades no desempenho do seu novo e elevado cargo, a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* apresenta a S. Ex.ª, mais uma vez, rendida homenagem de admiração e respeito.



Engenheiro CANCELA DE ABREU

CARLOS D'ORNELLAS

Regressou de terras de Espanha, onde fez uma prolongada vilegiatura de 30 dias, o nosso presado director Carlos d'Ornellas, que já retomou os seus trabalhos na direcção da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* e na revista de Turismo *Viagem*.

Caminhos de Ferro Coloniais

BENGUELA

A Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela estabeleceu uma «Fazenda Padrão» nos terrenos que para a «experiência da colonização europeia» foram reservados por Portaria n.º 3.925, de 18 de Fevereiro de 1942.

Porque na referida Fazenda investiu valores, cuja garantia só pode considerar efectiva obtendo a concessão da parcela que a compreende, requereu a sua concessão no regime de aforamento, depois de ter sido desanexada da reserva de que faz parte.

Considerando que é legítimo o pedido e que da desanexação e concessão inconveniente algum resulta, o governo geral da colónia determinou:

1.º É desanexada da área reservada para uso do Caminho de Ferro de Benguela, pela portaria n.º 3.925, de 18 de Fevereiro de 1942, a parcela de terreno com a área de 498,5450 haeres, confrontando pelo norte com terrenos do Estado, pelo sueste com a parcela n.º 1 do 1.º grupo de colonização, pelo sudoeste com a reserva do Estado para o Caminho de Ferro de Benguela e pelo noroeste com a parcela n.º 10 do 1.º grupo de colonização.

2.º É feita à Companhia do Caminho de Ferro de Benguela, sociedade anónima de responsabilidade limitada, a concessão provisória por aforamento, da parcela de terreno identificada no número anterior.

O ramal da Sociedade Estoril para o Estádio

Cessou há dias o serviço de via única na Cruz Quebrada, na linha da Sociedade Estoril, visto haverem sido concluídos os novos pontões para a ligação do ramal com o Estádio Nacional. Continuam as obras de modificação da estação.

ATENEU FERROVIÁRIO

Por absoluta falta de espaço só no próximo número a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* poderá referir-se à conferência do ilustre jornalista Leopoldo Nunes, intitulada «A música e o povo», que realizou na sede do Ateneu, no dia 28 do mês findo, assim como à apresentação da excelente banda, regida pelo seu iniciador e ilustre maestro Serra e Moura.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Há 50 anos

Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Outubro de 1894)

A primeira locomotiva feita em Portugal

Acabamos de assistir á experiencia da primeira machina locomotiva, inteiramente feita n'uma officina nacional.

É uma pequena locomotiva de via de 0^m.60, encomendada nas officinas da Empresa Industrial Portugueza para as importantes propriedades agricolas dos srs. Oliveiras no Novo Redondo, Angola.

A locomotiva com o seu pequeno tender pesa apenas 3 toneladas em vazio, ou 5 toneladas carregada.

Póde trabalhar com carvão ou madeira á pressão de 9 e meia atmospheras.

É de quatro rodas conjugadas e mais duas em *pivot* para as pequenas curvas, podendo inserever-se mesmo nas de 10 metros de raio e subir fortes rampas com 20 toneladas de carga.

A experiencia, a que a nossa *Gazeta* foi convidada, fez-se n'uma linha provisoria dentro do patio d'aquellas vastas officinas, funcionando a pequena machina com a maior perfeição,

D'ella daremos mais minuciosa descripção em um dos próximos numeros, limitando-nos por hoje a felicitar a Empresa Industrial pelo bom exito d'esta primeira prova.

A pequenez d'esta machina não quer dizer que não pudessemos já construir em Portugal locomotivas de grandes dimensões para via longa.

Outras machinas de não menor responsabilidade teem sahido já das officinas d'aquella Empresa, da Fundição do Ouro, no Porto, da Cooperativa Industria Social, e outras, e se dantes se julgava que não podiamos construir machinas de maior força, hoje, desde que os direitos pautaes fizeram olhar com mais interesse para a nossa industria metallurgica, já se vai provando que muitas e differentes machinas podemos produzir no paiz.

Linhas Portuguezas

De Valença a Monsão — Dizem collegas que se vai comear em breve a construcção de uma linha americana entre estes dois pontos.

É um grande melhoramento que muito desejamos ver realizado, mas para se construir a linha é necessario que ella esteja concedida e isso é que não nos consta que o esteja.

Beira, Africa. — Teem adiantado muito os trabalhos d'este caminho de ferro, e acham-se quasi concluidos na extensão ultimamente contratada de 43 milhas além do *terminus*. Começaram por isso já a despedir alguns trabalhadores.

Consta que além dos 190 kilómetros que, segundo o contracto celebrado este anno com o empreiteiro geral, devem ficar brevemente concluidos, a companhia pensa em continuar os trabalhos ao menos até á fronteira do nosso território, mas quando assim não seja, como no *terminus* ao kilometro 190 não existe boa agua potavel, a via ferrea será infallivelmente prolongada mais 8 milhas, até uma ribeira de excellente agua.

Ficarão este anno assentes 124 milhas de linha férrea pelo menos.

A Guerra

e os Caminhos de Ferro

CII

Numa furiosa ofensiva aérea de sete dias, as perdas infligidas aos transportes alemães foram: locomotivas postas fora de acção, 900; vagões destruídos, 1.800; carruagens avariadas, 6.200; vagões cisternas destruídos, 525; vagões de munições destruídos, 187. Há tempo que o 8.º comando de caças começou a executar o plano de completa destruição do sistema ferroviário alemão, no Norte da França e da Bélgica. Todas as vias férreas percorridas estavam desertas e dos parques ferroviários só existiam escombros. Ao escurecer alguns parques ferroviários e de mercadorias estavam cheios de locomotivas e vagões em chamas.

— «U. P.»—«R.», em telegrama de Roma, diz que 750 aviões pesados dos aliados, com base na Itália, atacaram, destruindo e avariando 10 pontes e 19 locomotivas.

— Tropas polacas e italianas conquistaram Frontone, na linha férrea Urbino-Fabriano.

A «R.» diz:

Entre 500 a 750 bombardeiros pesados atacaram em duas direcções—alvos em Munich e parques ferroviários em Larissa, na Grécia.

— Formações médias de bombardeiros pesados

continuaram a atacar comunicações do inimigo na Hungria e na Iugoslávia e parques ferroviários e pontes em ambos os países. Também os caças-bombardeiros realizaram um ataque a um centro ferroviário da Iugoslávia.

— Bombardeiros pesados continuaram com o ataque às comunicações alemãs, bombardeando duas pontes ferroviárias, que ainda não tinham sido atingidas, no curso superior do rio Tissa, em Kishore e Iizafured. Outros alvos foram Decreczen e Bekesca, parques ferroviários a Sueste de Budapeste, e a ponte ferroviária de Baja, através do Danúbio, 138 quilómetros ao Sul de Budapeste. Na Iugoslávia, os bombardeiros pesados alvejaram a ponte ferroviária de Novi Sad e fizeram um ataque a baixa altitude aos parques ferroviários de Osijeck.

— Foram atacadas comunicações ferroviárias na Hungria e diversos objectivos da Checo-Eslováquia, entre os quais os parques ferroviários de Hatvan e de Gyor, pontes em estradas e caminhos de ferro de Budapeste.

— Fortalezas Voadoras e Liberators bombardearam os parques ferroviários de Mainz e Colença.

— Os parques ferroviários de Trevires foram violentamente bombardeados por Marauders. Foi o segundo ataque deste tipo de aviões, em dois dias, ao sistema ferroviário e de transportes alemão.

— Caças e caças-bombardeiros bombardearam estradas e caminhos de ferro numa grande extensão da Holanda. Bombardeiros ligeiros e médios atacaram os parques ferroviários de Eschweiler, Duren e de Marzenich, na linha Aix-la-Chapelle-Colónia.

— Foi atacado o importante centro ferroviário



Soldado da Guarda Nacional Britânica, em serviço de vigilância às linhas férreas

de Rheydt, que fica a pouco mais de 3 quilômetros de Munchen-Gladbach. Reúnem-se ali duas vias férreas, uma vinda de Aix-la-Chapelle e outra de Colônia. Essas linhas seguem para Munchen-Gladbach, onde se ligam com a principal estrada do Ruhr para Venlo, na Holanda. Em Rheydt também estão instaladas grandes oficinas, capazes de fabricar 250 vagões ferroviários em cada vinte e quatro horas.

— Caças-bombardeiros atingiram objectivos ferroviários da região de Nancy, destruindo ou danificando muitas locomotivas e vagões. Bombardeiros médios, ligeiros e caças-bombardeiros alvejaram caminhos de ferro e canais da Holanda.

— O comunicado do Exército checo-eslovaco diz: «Na Eslováquia oriental, poderosos grupos de patriotas flagelam as comunicações alemãs e húngaras, por via férrea e estradas, na área de Sabinov, Presov e Humenne.

— Formações médias de bombardeiros pesados, com escoltas de caças, atacaram parques ferroviários na Alemanha e na Silesia polaca, assim como pontes ferroviárias e de estradas do Norte da Itália.

Bombardeiros médios alvejaram pontes ferroviárias no vale do Pó. Caças-bombardeiros e caças atacaram linhas férreas e pontes. Aparelhos da

aviação dos Balcãs bombardearam caminhos de ferro na Iugoslávia.

— Foi suspenso o tráfego ferroviário entre a Eslovénia, o noroeste da Iugoslávia e a Itália. O facto deu-se em consequência dos ataques constantes dos patriotas às linhas ferroviárias.

— Poderosas formações de bombardeiros pesados, com escolta, concentraram os seus ataques nas comunicações ferroviárias dos Balcãs. Entre os objectivos encontram-se quatro pontes de caminho de ferro e quatro parques ferroviários na Hungria e Iugoslávia.

— O Q. G. das Fôrças Checo Eslovacas, na Eslováquia, anuncia que se tem travado violenta luta com as divisões alemãs SS à entrada ocidental do vale de Vah que domina as comunicações por estrada e por linha férrea, com os Balcãs. Outras formações estão atacando a cidade húngara de Ljcenec, noutra linha férrea, que liga Berlim a Budapeste.

— A aviação aliada do Mediterrâneo, num ataque combinado de bombardeiros pesados e médios, visou parques ferroviários e pontes das vias de comunicação, que abastecem as tropas alemãs. Desmantelaram nove pontes, num raio de 130 quilômetros, à volta de Milão.



Combóio blindado alemão, camuflado de maneira a não ser reconhecível do ar

PART E  OFICIAL
 MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Direcção Geral de Caminhos de Ferro

O «Diário do Governo», n.º 206, 2.ª série, de 4 de Setembro, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, ouvida a Direcção Geral de Caminhos de Ferro, que sejam aprovadas as seguintes contas de liquidação de garantia, apresentadas pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro, todas referentes ao 1.º semestre do ano de 1944 (período decorrido de 1 de Janeiro a 30 de Junho):

De Mirandela a Bragança, entrando a mencionada Companhia nos cofres do Estado com a quantia de 1.276.23, como liquidação de garantia;

De Tua a Mirandela, entrando nos cofres do Estado a mencionada Companhia com a quantia de 11.238\$62, como liquidação de garantia;

De Santa Comba a Viseu, entrando a mencionada Companhia com a quantia de 8.886\$78, como liquidação de garantia.

O «Diário do Governo» n.º 190, 2.ª série, de 16 de Agosto, publica o seguinte:

Repartição de Exploração e Estatística

Em conformidade com o disposto no artigo 2.º do decreto-lei n.º 27.665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho de 8 do corrente de S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações, o projecto do novo 1.º aditamento ao complemento à tarifa de despesas acessórias, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, pelo qual são alterados os preços para concessão de terrenos para depósito de mercadorias nas estações.

O «Diário do Governo» n.º 202, 2.ª série, de 30 de Agosto, publica o seguinte:

Em conformidade com o disposto no artigo 2.º do decreto-lei n.º 27.665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho de 22 do corrente, de Sua Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações, o projecto de aditamento à classificação geral de mercadorias, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, pelo qual são alterados os preços de transporte, segundo a tarifa especial interna n.º 1, de pequena velocidade, a gorduras e carnes conservadas.

O «Diário do Governo» n.º 204, 2.ª série, de 1 de Setembro, publica o seguinte:

Em conformidade com o disposto no artigo 3.º do decreto-lei n.º 27.665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho desta Direcção Geral de 28 de Agosto, o projecto de aviso ao público, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, anulando o aviso ao público n.º 832, que restringe as remessas de lenhas e de madeiras destinadas ao Cais do Rêgo.

O «Diário do Governo» n.º 207, 2.ª série, de 5 de Setembro, publica o seguinte:

Em conformidade com o disposto no artigo 2.º do decreto-lei n.º 27.665, de 24 de Abril de 1937, foram aprovados, por despachos de S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações, os seguintes projectos, apresentados pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses:

De aditamento à classificação geral de mercadorias, pelo qual são alterados os preços aplicáveis, segundo a tarifa especial interna n.º 1, de pequena velocidade, aos transportes de diversos produtos destinados à alimentação de animais;

De aditamento à classificação geral, pelo qual são alterados os preços aplicáveis, segundo a tarifa especial n.º 1, de pequena velocidade, aos transportes de café em bruto, moído ou torrado.

O «Diário do Governo» n.º 232, 2.ª série, de 4 de Outubro, publica o seguinte:

Em conformidade com o disposto no artigo 2.º do decreto-lei n.º 27.665, de 24 de Abril de 1937, foram aprovados, por despacho de 26 do mês findo, de S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Comunicações, os seguintes projectos, apresentados pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro:

De aditamento à classificação geral de mercadorias, pelo qual são alterados os preços aplicáveis, segundo a tarifa especial interna n.º 1, de pequena velocidade, ao transporte de areia, saibro, azeite, óleo de mendobi, bagaço de azeitona e seus resíduos, produtos resinosos e diversas rubricas de carvão vegetal e de sal;

De aditamento à classificação geral de mercadorias, pelo qual são alterados os preços aplicáveis, segundo a tarifa especial interna n.º 1, de pequena velocidade, ao transporte de açúcar, bacalhau seco, gorduras, carnes conservadas e seus derivados e ressalga.

O «Diário do Governo» n.º 190, 2.ª série, de 16 de Agosto, publica o seguinte:

Repartição de Estudos, Via e Obras

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que Rogério Vasco Ramalho, director geral de caminhos de ferro, ou, no seu impedimento, Mário Dias Trigo, engenheiro chefe da 1.ª Repartição, outorgue, em nome do mesmo Ministro, no con-

Quereis dinheiro?

JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51
LISBOA

Sempre Sortes Grandes!

trato a celebrar com Gregório José Lourenço, para a troca de 3:596 toneladas por 4:500 toneladas de sucata a exportar para Espanha ao abrigo do acôrdo comercial luso-espanhol.

O «Diário do Governo» n.º 203, 2.ª série, de 31 de Agosto, publica o seguinte:

Tendo a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses comunicado que se acha em condições de poder ser aberta à exploração a concordância norte da linha férrea de leste com a linha de Vendas Novas na Estação de Setil: manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que uma comissão, composta dos engenheiros Mário Dias Trigo, Luiz da Costa e Armando Pires Tavares, proceda à vistoria da referida concordância.

O «Diário do Governo» n.º 207, 2.ª série, de 5 de Setembro, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o

parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, de 22 de Maio, de 1931, aprovar, para efeito do artigo 7.º do mencionado decreto, o projecto, elaborado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, do desvio do caneiro de Bemfica, entre os quilómetros 3:778 e 4:170 da linha férrea de Lisboa a Sintra e Tôrres.

O «Diário do Governo» n.º 230, 2.ª série, de 2 de Outubro de 1944, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, de 22 de Maio de 1931, aprovar, para efeitos do artigo 7.º do mencionado decreto, os seguintes projectos:

De uma variante entre os quilómetros 275,400 e 276,367,50 da linha férrea do Sul e de um cais e respectivo caminho de acesso a construir na estrada de S. Marcos.

Pela presente portaria fica anulada e substituída, para todos os efeitos, a portaria de 15 de Dezembro de 1942, publicada no «Diário do Governo» n.º 296, 2.ª série, de 19 do mesmo mês;

O projecto, elaborado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, de abrigo para passageiros, a construir no apeadeiro de Águas Santas, na linha férrea do Minho.

Casas - Travassos

R. da Dalma, 43 -- Rossio, 42-43

L I S B O A

AS MAIS AFORTUNADAS NA
VENDA DE PRÉMIOS GRANDES
DA

LOTARIA NACIONAL PORTUGUESA

TRAVASSOS

SÍMBOLO DA SORTE

ESPECTÁCULOS

CARTAZ DA SEMANA

CINEMAS

EDEN — 15,30 e 21,50 — «A hora antes do amanhecer».

COLISEU — Às 20,45 e 23 — «Há festa no Coliseu».

OLIMPIA — Das 14 às 24 — «Frenteira em chamas».

PARQUE MAYER — Divertimentos, atracções, etc.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição de animais.

VINHO DO PÔRTO

À venda em todos os hotéis, restaurantes e bars de primeira ordem
GRAHAM'S PORT

Guilherme Graham Júnior & Ca.

Rua dos Fanqueiros, 7—LISBOA Rua dos Clérigos, 6—PORTO

T. S. F.

Aparelhos das primeiras marcas de categoria, novos e usados, a pronto e com grandes facilidades de pagamento
REPARAÇÕES ECONÓMICAS E GARANTIDAS

J. ALEXANDRE

R. Rafael de Andrade, 18, 1.º

L I S B O A

Termas de S. Pedro do Sul

para tratamento de reumatismo,
sífilis, laringites e rinofaringites

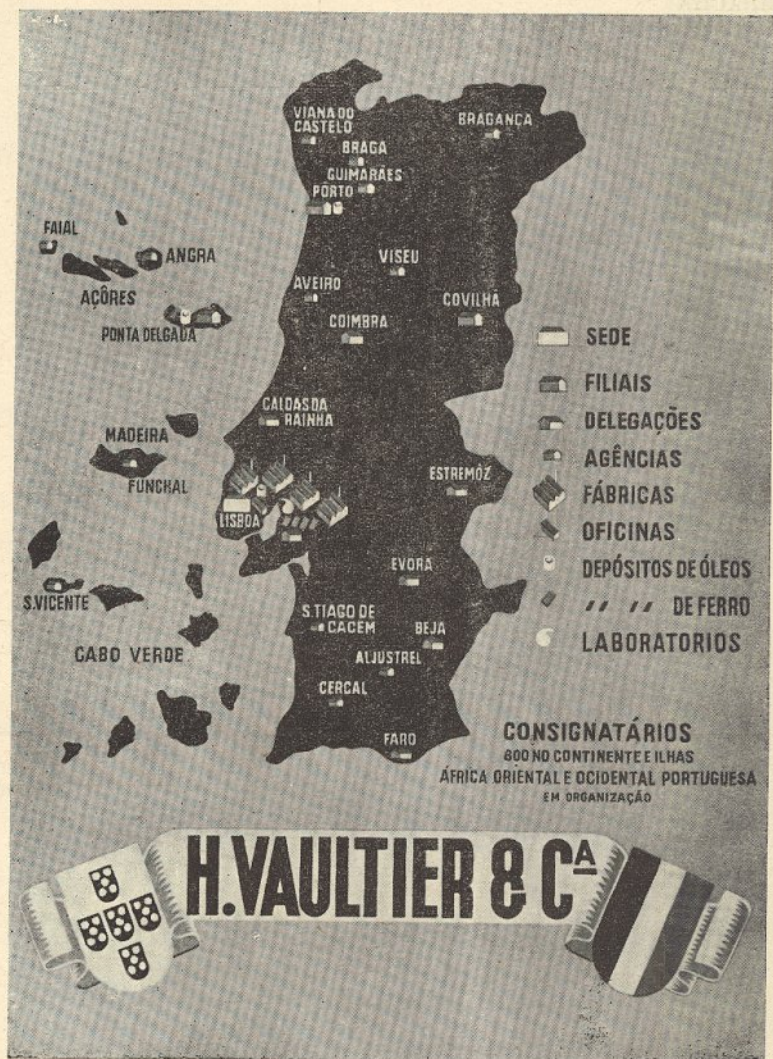
PALÁCIO HOTEL

UM DOS MELHORES HOTEIS DO PAÍS

LUXO — CONFÔRTO E ESMERADO SERVIÇO
DIÁRIAS DESDE 50\$00

O PALÁCIO HOTEL, situado em pleno coração da formosa região do Vale do Vouga, e dispondo dos mais modernos requisitos de comodidade, é o lugar ideal para REPOUSO E TURISMO.

Serviço especial de automotoras na linha do Vale do Vouga, ligando em Aveiro com os rápidos Lisboa e Porto.



CASA FUNDADA EM 1897

MOTORES DE EXPLOSÃO. BOMBAS. CORREIAS DE TRANSMISSÃO. EMPANQUES DE TODAS AS QUALIDADES. BORRACHA INDUSTRIAL. FERRO PARA BETÃO E VIGAS. AÇOS ESPECIAIS. ARTIGOS DE PULVERISAÇÃO. MATERIAL DE INCENDIO. MATERIAL AGRICOLA, DE MOAGEM E DESCASQUE DE ARROZ. LUBRIFICANTES «EAGLOIL» E «ESSOLUBE»

AMIANTO
 BORRACHA
 CORREIAS
 ÓLEOS DA MARCA «VALADOIL»
 SÊDAS SUISSAS PARA PENEIROS
 MARCA «DUFOUR»
 PNEUMATICOS DAS MELHORES MARCAS
 PARA AUTOMOVEIS
 PUADOS BELGAS PARA CARDAS
 CARTÃO «KLINGERIT»-VIDROS «KLINGER»
 CALÇOS «KLINGER» PARA TRAVÕES

Telegramas VALADEIRO

VALADAS, L.^{DA}

ESCRITÓRIO	{	C. DO MARQUÊS D'ABRANTES, 1 A 5	}	LISBOA
		TELEFONES: P. B. X. 6 2112-6 3114		
ARMAZÉM	{	C. DO MARQUÊS D'ABRANTES, 27, 29 E 31	}	LISBOA
		AV. PRESIDENTE WILSON, 68, 70 E 72		

FILIAIS {

- PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 73, 75 e 77 — Telefone 739
- COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 31 e 33 — Telefone 103
- BEJA — Rua de Mertola — Telefone 159
- EVORA — Praça do Geraldo

}

TELEFONES { LISBOA, 6 3622
 MOGOFORES, 2

Adriano, Martins & Costa, L.^{da}

ESTANCIA DE MADEIRAS E TODOS OS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

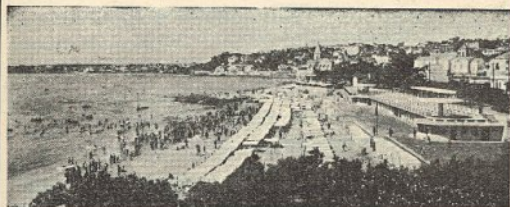
FÁBRICAS DE SERRAÇÃO E MOAGEM

EM

CANCELA (SANTA COMBA DÃO) — OLIVEIRA DE FRADES

Rua Campo de Ourique, 75

LISBOA



Estoril

COSTA DO SOL

a 23 quilómetros de Lisboa

A mais elegante praia do País

TODOS OS DESPORTOS

Golf, Tennis, Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL

Elegante e confortável

HOTEL DO PARQUE

Completamente modernizado

HOTEL DA ITÁLIA (Monte Estoril)

Serviço esmerado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico
— Análises Clínicas — Ginástica — Cultura Física

TAMARIZ

Magníficas esplanadas sobre o mar — Res-
taurante — Bars

PISCINA

SALA DE ARMAS

ESCOLA DE EQUITAÇÃO

«STANDS» DE TIRO

PARQUE INFANTIL

CASINO aberto todo o ano

CINEMA — CONCERTOS — FESTAS — DANCING —
RESTAURANTE — BARS — JOGOS AUTORIZADOS

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

Telegramas: CARROCERIAS

Telefone 2 7533

Auto Carrocerias, L.^{da}

GERENTES } Manuel R. Munhá
Agostinho R. Munhá

Agentes exclusivos da DITZLER COLOR COMPANY-DETROIT U. S. A.
A maior fábrica do mundo de tintas para automóveis

Rua Eugénio dos Santos, 117, 1.
LISBOA

COMBATA O ATRITO
E A SUA ACCÃO DESTRUIDORA.
A DEPRECIACÃO, AS REPARA-
CÕES, O GASTO EXCESSIVO
E AS PARAGENS FORÇADAS,
EVITAM-SE EFICAZMENTE COM A
LUBRIFICAÇÃO RACIONAL

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

Empresa Progresso Industrial

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Fabricação Mecânica de Parafusos de toda a
espécie, Porcas, Anilhas, Rebites, Escáspulas,
Tirefonds, etc.. Material de Fixação para Ca-
minhos de Ferro, Telégrafos e Telefones

Premiada nas Exposições Industriais: Pôrto, 1887; Lis-
boa, 1888 e 1893; Universais de Paris, 1880 e 1900;
S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1908; Lisboa 1932-33

23, 25, 25-A-R. das Fontainhas, 27, 29-LISBOA (Alcântara)

Telefone 8 1238

Telegramas «Progadura»

PAPELARIA

CARLOS

DE CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

RUA AUREA, 36 — LISBOA

TELEFONE 2 0244

Variadíssimo sortido de artigos para ESCRITÓRIO



CARAND'ACHE

*Não diga
desejo um lapis
diga antes: quero um
Carand'ache*

Lisboa:
Dunkel & Arlunes Lda
Rua Augusta 56
Telef. 24251

Porto:
Carlos Dunkel
Rua do Bom Jardim 81
Telef. 1013

**Fosforeira
Portuguesa**

FÁBRICA EM ESPINHO
SEDE EM LISBOA

AGENTES EM
TODOS OS
CONCELHOS

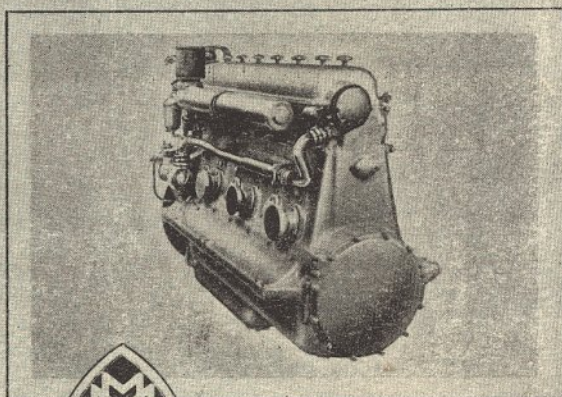
FÓSFOROS:
C A S T E L O
G A M A
P O R T U G U E S E S
(CAIXINHAS DE 80 FÓSFOROS)



MALA REAL INGLEZA (ROYAL MAIL LINES, LTD.)

Continuam regularmente as carreiras para Madeira, Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, e Buenos Aires, e no regresso da América do Sul para Vigo, Coruña, Cherbourg, Boulogne, Southampton e Londres. Todos os paquetes desta antiga Companhia têm as mais modernas condições de conforto e segurança. Agentes para passagens e carga: Em Lisboa: Para os paquetes da classe «A» James Rawes

& Co. Rua Bernardino Costa, 47-1.º Telefones: 25252-3-4. Para os paquetes da classe «H» E. Pinto Basto & Ca. Lda. Avenida 24 de Julho, 1-1.º Tel-fones: 46001 (4 linhas). No Porto: Tait & Co. Rua Infante D. Henrique, 19 Telefone: 7.



Motor Diesel de 6 cilindros tipo G 56 h, 250 CV,
n = 1500 r.p.m.

Maybach

ACCIONAMENTOS PARA AUTOMOTORAS

MAYBACH - MOTORENBAU · G · M · B · H · FRIEDRICHSHAFEN

Representante geral para Portugal: SOCIEDADE DE ENGENHARIA
MICHAELIS DE VASCONCELLOS S. A. R. L. LISBOA, Rua Fialho de Almeida, 1

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE EM LISBOA:

Direcção e Escritório: RUA DOS FANQUEIROS, 278, 2.

Telefones: Direcção 2 3623 — Escritórios 2 2331 — Estado 188



DEPÓSITOS:

Lisboa — RUA DOS FANQUEIROS, 270 a 276 — Telefone 2 2332

Pôrto — RUA PASSOS MANUEL, 49 a 51 — Telefone 117

Endereço Telegráfico: PELPRADO

Sociedade Anónima Brown, Boveri & C.^{ia}

BADEN—SUISSA

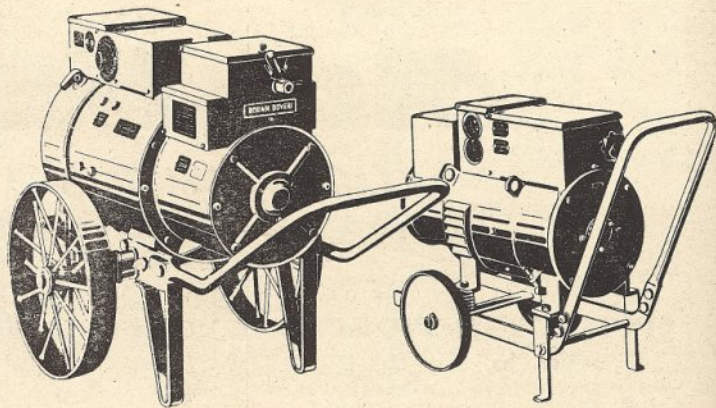
A firma que instalou o maior número de kilowatts nas Centrais Eléctricas Portuguesas—A firma que montou o maior número de turbinas a vapor em Portugal.

Representante Geral para Portugal e Colónias:

EDOUARD DALPHIN

ESCRITÓRIO TÉCNICO:

Rua de Passos Manoel, 191-2.º—PORTO



Grupos transportáveis para a soldadura eléctrica pelo arco em corrente contínua de 80-160 A e 240-300 A

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

SÉDE EM LISBOA
LARGO DO QUINTELA, 3
COMITÉ DE LONDRES:
PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros
1.347. Distância do Lobito à região mi-
neira da Katanga: Quilómetros 1.800



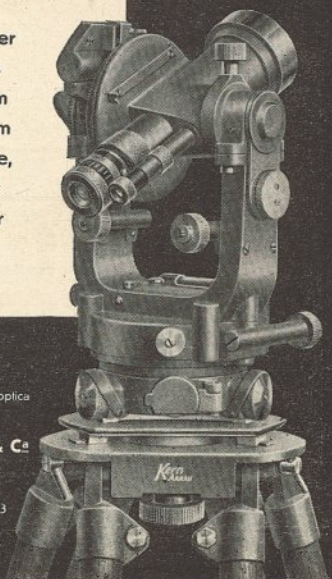
Não revela somente, quem oferece um elegante ramo de flores. Também na escolha de cada peça e concepção dos seus trabalhos V. Ex. dá uma prova de BOM GOSTO.

OS ATELIERES GRÁFICOS
BERTRAND IRMÃOS, L. DA
PRIMA PELA QUALIDADE
DOS SEUS TRABALHOS
FIXE BEM
trabalhos de
FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA
BERTRAND (IRMÃOS), L. DA
Trav. de Condessa de Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 21168 - 21222

Os novos Teodolitos de circulo duplo

Kern
AARAU
(Suíça)
DK

permitem obter
os melhores
resultados em
medições, com
mais facilidade,
mais rapidez
e com menor
esforço



KERN & Cia. S. A.
AARAU (Suíça)

Fabrica de mechanica fina e optica

Representantes:

CARLOS GOMES & C.
Lda.

LISBOA

Aparado 658 - Telef. 21143

TINTURARIA Cambournac

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12
TELEFONE 2 6415

Sucursal no Pôrto: RUA DE S.ª CATARINA, 380
Oficinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades
rivalizando com as dos fabricantes
ingleses, alemães, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como
fato feito ou desmanchado — Encarrega-se de reexpedição pelo ca-
minho de ferro ou qualquer outra via — Limpa pelo processo
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem
serem desmanchados — Os artigos de lã, limpos por este pro-
cesso, não e-tão sujeitos a serem atcados pela traça

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telef. 2 6519

Dr. Armando Narciso — Medicina, coração e pulmões — às 6 horas
Dr. Bernardo Vilar — Cirurgia geral e operações — às 5 horas
Dr. Miguel de Magalhães Rins e vias urinárias — à 1 hora
Dr. Correia de Figueiredo — Pele e siliis — às 6 horas
Dr. R. Loff — Doenças nervosas, electroterapia — às 5 horas
Dr. Mário de Mattos — Doenças dos olhos — às 2 horas
Dr. Mendes Bello — Estômago, fígado e intestinos — às 4 horas
Dr. Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 3 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — às 3 horas
Dr. Silveira Nunes — Doenças das crianças — às 5,30 horas
Dr. Armando Lima — Bóca e dentes, próte e — às 2 horas
Dr. Aleu Saldanha — Ruio X — às 4 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — às 4 horas

ANÁLISES CLÍNICAS

Mármore de Sousa Baptista, L.^{da}

29, Praça do Município, 30—LISBOA

Casa especializada em fornecimentos de mármore com os mais escolhidos e variados desenhos para entradas de edifícios, escadarias, casas de banho, cozinhas, W. C., cantarias modestas e artísticas, etc.

Também é especializada em artigos sanitários, para o que tem sempre em depósito grandes quantidades de banheiras esmaltadas de todos os fabricantes, louças sanitárias de todos os tipos e modelos, válvulas, torneiras, prateleiras para adorno e utilidade, esquentadores, tampos, armários e tudo o que mais se torna necessário para conforto desde a casa modesta à mais sumptuosa

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Telefone 2 7643

A QUEM VIAJA

Não saia do país sem levar o **Manual do Viajante em Portugal**, valiosa e instrutiva publicação para o viajante. Contém mapas e plantas suficientes para o turista estudar o que de bom tem o seu país. À venda em todas as livrarias do país e na redacção da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Rua da Horta Sêca, 7—LISBOA

COMPANHIA EUROPÉA DE SEGUROS

Capital: 3 MILHÕES DE ESCUDOS



End. Teleg. EUROPÉA

TELEFONE: 2 0911

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO
PARA O SEGURO DE MERCADORIAS E BAGAGENS

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

SEDE: RUA DO CRUCIFIXO, 40—LISBOA

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreira rápida da Costa Oriental

SAIDAS mensais regulares, com escala por *Funchal, S. Tomé, Saizaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique* e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em *Luanda* ou *Lourenço Marques*.

Carreira rápida da Costa Ocidental

SAIDAS mensais regulares, com escala por *S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Nov. Redondo, Lobito e Benguela* e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em *Luanda*.

Carreira da Guiné

SAIDAS de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12 horas, com escala por *Funchal, S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama*.

Carreira do Brasil

para *Rio de Janeiro e Santos* com escala por *Funchal e S. Vicente*.

Escritórios, LISBOA—Rua do Instituto Virgílio Machado, 14
(Rua da Alfândega) Telex. 2 0651
PORTO—Rua Infante D. Henrique, 9—Tel. 2542

Thomaz da Cruz & Filhos, Ltd.^a

Armazéns de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO

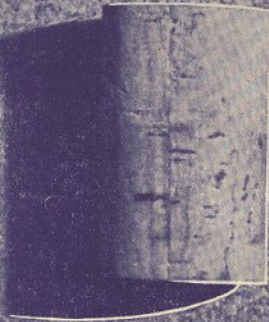
CAIXOTARIA

DOCA DE ALCANTARA
LISBOA

Sêdo para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO—PORTUGAL
TELEFONE PRAIA 4

Escritórios—L. DO STEPHENS, 4-5—LISBOA
Telegramas: SNADEK—LISBOA Telefone: 2 1868



ROLHAS

TODAS AS ESPECIALIDADES
ESMERADO ACABAMENTO

DISCOS

APRESENTAÇÃO
IRREPREENSIVEL

Empresa Industrial de Paços de Brandão, S. da



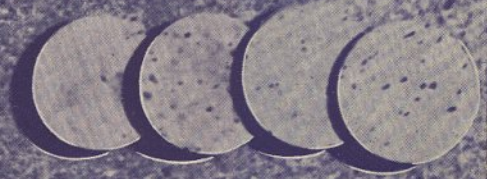
PAÇOS DE BRANDÃO · PORTUGAL

CORKS

FOR ALL PURPOSES
A FAIR FINISH

DISCS

FOR CROWN CONCERNS
ACCURATE SIZES



• BOUCHONS PHARMACIE •



FACHADA DO CASINO À NOITE

Grande Casino de Espinho e Palácio Hotel

COM LUXUOSAS E MODERNÍSSIMAS INSTALAÇÕES

A 18 quilómetros do Porto — Salão Nobre, «Bar», Restaurante,

«Dancing» — Aberto de 1 de Junho a 30 de Novembro

ZONA DE JÔGO E TURISMO

VARIEDADES: — GRANDIOSO PROGRAMA DE FESTAS

TRÊS ORQUESTRAS

*O CASINO DE ESPINHO É O MAIS ALEGRE E CONCORRIDO
A PRAIA DE ESPINHO TEM O MELHOR CLIMA DO PAÍS*

PRAÇA DE TOIROS DE ESPINHO

SENSACIONAIS PROGRAMAS DURANTE A ÉPOCA TAUROMÁQUICA
— COM OS MELHORES ARTISTAS PORTUGUESES E ESPANHÓIS —